



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

Expressão gráfica com suporte digital e analógico na Educação Pré-Escolar: Contributos para o desenvolvimento das competências gráficas e expressivas na Educação Pré-escolar

Rita Alexandra Dias Xavier Farromba Ribeiro Martins

Orientadores

Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira

Professor Doutor Henrique Manuel Pires Teixeira Gil

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira, Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco e do Professor Doutor Henrique Teixeira Gil, Professor Adjunto da Unidade Técnico-Científica de Ciências Sociais e Humanas da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Abril 2022

Composição do júri

Presidente do júri

Maria Madalena Amaral Veiga Leitão

Professa Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Professor Doutor Carlos Manuel Folgado Barreira

Professor Associado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (Arguente)

Professor Doutor Henrique Manuel Pires Teixeira Gil

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Orientador)

Dedicatória

Às minhas estrelas avó, avô e pai que demasiado cedo partiram. A minha avó que sempre quis que eu continuasse os meus estudos e ao meu querido pai, um pilar muito importante na minha vida e que infelizmente partiu demasiado cedo. Sei que vocês estão orgulhosos de mim e se consegui concluir os meus estudos foi graças a vocês que nunca me deixaram baixar os braços. Estejam onde estiverem, sei que estão orgulhosas de mim e daquilo que consegui alcançar. A vocês o meu muito obrigada.

Amo-vos eternamente

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Luís de Camões

Agradecimentos

“Só existem dois dias no ano que nada pode ser feito. Um se chama ontem e o outro se chama amanhã, portanto hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver.”

Dalai Lama

Um trabalho de mestrado é uma longa viagem, que inclui um prémio, mas também inúmeros desafios, tristezas, incertezas, alegrias e muitos percalços pelo caminho. Quando se recomeça os estudos depois de 10 anos de os ter concluído, não é uma tarefa fácil. Durante este tempo muita coisa mudou, eu cresci e tornei-me numa mulher mais responsável, comecei a trabalhar, casei e tive duas filhas lindas.

Trilhar este caminho só foi possível com o apoio, energia e força de várias pessoas, a quem dedico especialmente este projeto de vida.

Desta forma quero começar por agradecer à minha mãe, uma mulher guerreira que sempre acreditou em mim e que nunca me deixou desistir, foi ela que sempre me incentivou e ajudou para eu voltar a estudar e concluir o mestrado que eu tanto queria.

O Hugo o meu querido marido, que tantas vezes teve que ficar para segundo e terceiro plano, pois eu não conseguia ter mais tempo para ele. Mas mesmo assim, nunca desistiu de nós e sempre me incentivou a continuar.

À minha Beatriz a minha vida, uma criança que se sentava ao meu lado no computador, enquanto eu realizava os meus trabalhos da ESE, ela ficava ali ao meu lado a estudar e a realizar também os seus trabalhos de casa. Ela sempre disse que eu ia conseguir e que um dia a mãe dela seria educadora como a sua Eliane.

À minha Sofia que tantas vezes teve que ir comigo para as aulas na ESE, pois tinha acabado de nascer e não se podia afastar da mãe. Mas mesmo sendo uma recém-nascida, sempre se portou bem e até parecia que percebia o quanto era importante para mim estar ali com ela. Desculpa se por vezes ficavas a chorar na cama, pois querias que a mãe te adormecesse, e eu sem tempo para o fazer tinha que pedir ao pai para me substituir.

Desta forma quero agradecer à minha família, por nunca terem deixado de acreditar, por sempre me ajudarem, pelos valores e pela educação que me transmitiram. Obrigada por todo o carinho que sempre me transmitiram, nos bons momentos e nos momentos menos bons. Sem vocês isto não seria possível.

Quero agradecer à Dr.^a Paula Plácido, por sempre me ter apoiado para eu continuar os estudos e ter sido sempre tão compreensiva comigo. À minha diretora Catarina Morgado, por sempre ter conseguido articular os meus horários de estudo com os horários de trabalho, sempre me ajudou e sempre se demonstrou interessada em saber como me estavam a correr os estudos.

Às minhas colegas de trabalho, obrigada e desculpem se por vezes ficaram sobrecarregadas devido aos meus horários. Com vocês aprendi muito e muitos desses ensinamentos pude por em prática quando realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada. De todas as colegas há uma que tenho que ressaltar, a minha educadora Tânia Nunes, aquela pessoa que não é apenas uma colega, mas sim uma grande amiga, que sempre me ajudou, incentivou e que sempre esteve presente para me ajudar e ouvir nos momentos mais difíceis. Sempre que te pedi ajuda, tu fizeste-o com um sorriso no rosto, obrigada.

Tenho ainda que agradecer aos meus meninos do Centro Infantil Alberto Trindade, com quem já trabalho há 7 anos. Obrigada por todos os mimos, beijinhos e abraços que me foram dando durante todos estes anos e que continuam a dar ainda hoje. Sei que para vocês também não foi fácil a minha ausência e os horários que tinha que fazer para poder estar presente tanto nas aulas na ESE como na prática supervisionada.

À Professora Doutora Cristina Pereira, pois sem me conhecer decidi aceitar orientar-me nesta minha aventura e por sempre se ter demonstrado disponível e interessada. O seu incentivo e os conhecimentos que me transmitiu foram muito importantes.

Ao Professor Doutor Henrique Gil, muito obrigada por ter aceite fazer esta caminhada comigo e ter aceite ser meu orientador. Foi uma pessoa que sempre se mostrou disponível e com vontade de ajudar. Nós três, de mãos dadas conseguimos percorrer este longo caminho, que por vezes demonstrou ter espinhos, mas nunca nenhum de nós deixou a mão do outro. Por isso o meu mais sincero obrigada.

Ainda dentro da Escola Superior de Educação, existe uma pessoa fantástica a quem devo muito. Ela foi a pessoa que me ajudou a entrar nesta aventura do mestrado, que me ajudou a ler e a entender as leis para que pudesse reingressar na ESE. Sem ela eu não estaria a concluir esta fase dos meus estudos. Minha querida professora e amiga Dolores Alveirinho, você é uma pessoa fantástica e quem tiver o privilégio de poder cruzar-se consigo na sua vida, de certeza que se torna numa pessoa muito melhor. A professora demonstrou que tem uma grande força interior e que nada a consegue abalar e que mesmo nos momentos mais difíceis nunca se esqueceu de mim. Obrigada e que a vida lhe corra sempre muito bem.

À minha colega Mariana Proença por sempre me ter ajudado e nunca me ter negado nada. Sem ti este trabalho teria sido mais difícil de concluir, pois sempre me apoiaste e demonstraste uma grande ajuda. Obrigada pelas nossas tardes e noites de trabalho, muitas vezes fora de horas. Por vezes tinhas que esperar que eu chegasse do trabalho ou que adormecesse as minhas filhas para podermos começar a trabalhar. Nem todas as pessoas estariam dispostas a isso, mas tu nunca te importaste com os meus horários e sempre me ajudaste com um sorriso nos lábios. Obrigada

Aos professores supervisores das Práticas Supervisionadas em Educação Pré-Escolar Professora Doutora Maria José Infante e do Ensino do 1º Ciclo do Ensino

Básico, Professor Doutor António Pais e às Educadoras Cooperantes da Prática de Ensino Supervisionada por toda a disponibilidade, experiência e ensinamentos partilhados. Com a vossa ajuda pude crescer e aperfeiçoar a minha postura como futura Educadora de Infância ou simplesmente como atualmente Ajudante de Ação Educativa.

Para terminar quero dizer muito obrigada a todas as crianças e pais envolvidos neste projeto, pois sem eles não teria sido possível de realizar. Com a ajuda de todos consegui realizar este meu sonho. Obrigada do fundo do meu coração.

O Pequeno Príncipe

Menino pequeno, perdido no mundo
sozinho e cercado de imagem e ilusão,
vagando, vagando sem número e data,
descobre a verdade no meio do chão.

Descobre na terra, de olhos pr'o céu,
pequeno menino perdido e sozinho,
reinados de estrelas, de sóis e de flores,
poemas ficados na cruz de um caminho.

Menino pequeno, sozinho encontrou
prazer escondido de olhar e sonhar
viver e cantar, beijar e reinar,
deitar e chorar, num berço de ar

Menino tão só, perdido e pequeno
que veio do céu, que acaba no mar,
com um sopro retira, do chão, essa gente
e ensina que é fácil ter asa e voar

Menino sozinho, no mundo perdido
Menino perdido, pequeno e querido.

Antoine de Saint-Exupéry

Resumo

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB lecionado na ESECB, elaborou-se o presente Relatório de Estágio que decorre da apresentação e reflexão sobre a Prática Supervisionada na Educação Pré-Escolar. Faz parte integrante deste Relatório uma investigação-ação relativa ao desenho infantil em suporte digital e em suporte analógico desenvolvida nesse contexto, junto de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. O seu objetivo central é compreender o contributo dos dois tipos de suporte para o desenvolvimento das competências gráficas e expressivas em crianças que frequentam a educação pré-escolar.

O interesse por esta temática surgiu do facto das TIC estarem cada vez mais presentes na vida das crianças, sendo importante compreender como estas ferramentas podem promover competências expressivas e grafo-motoras, para além de proporcionarem experiências lúdicas e prazerosas.

A metodologia que suportou a realização do estudo foi a investigação-ação, tratando-se de um estudo de cariz qualitativo, sendo usadas como técnicas de recolha de dados a observação participante, as notas de campo, gravações áudio, fotografias, as entrevistas semiestruturadas à orientadora cooperante e às restantes educadoras de apoio, os inquéritos por questionário aos encarregados de educação.

As atividades de implementação da expressão gráfica com recurso ao suporte digital bem como ao suporte analógico decorreram em três sessões de intervenção em contexto educativo numa sala de crianças dos 3 aos 5 anos.

Através da análise dos dados recolhidos e da sua triangulação foi possível evidenciar que as crianças desenvolveram competências de expressão gráfica tendo descoberto as potencialidades das ferramentas digitais associadas a essa atividade.

As potencialidades de cada suporte foram realçadas durante toda a PSEPE e sempre que se realizava este tipo de atividades, no final as crianças demonstraram uma maior abertura para o desenho digital pois perceberam que este tinha muito mais potencialidades do que aquelas que conheciam. O fato de pedirem para enviar para os pais ou para imprimir, demonstrou algumas destas potencialidades.

Os dados obtidos através das entrevistas semiestruturadas às três educadoras de infância do jardim de infância permitiram compreender a forma como encaram as atividades de expressão gráfica em formato analógico, bem como a utilização das TIC como recurso pedagógico. Podemos também compreender a importância que cada uma dá ao desenho e qual a intenção com que realizam esta atividade tão enriquecedora para as crianças.

De acordo com os dados obtidos através dos inquéritos por questionário realizados aos encarregados de educação, podemos conhecer os hábitos que as crianças têm na utilização do computador, bem como as suas motivações e os seus

interesses relativamente aos desenhos digitais e aos desenhos analógicos quando estão fora do ambiente escolar, ou seja, nas suas casas.

O presente Relatório de Estágio e a investigação constituem o culminar de uma etapa muito importante e repleta de aprendizagens, experiências, e autorreflexão que me permitiu estabelecer uma relação entre a teoria e a prática.

Palavras chave

Educação pré-escolar, expressão gráfica, suporte digital e analógico, competências expressivas e grafo-motoras.

Abstract

Within the scope of the master's degree in Preschool Education and Teaching of the 1st CEB taught at ESECB, this Internship Report was prepared, resulting from the presentation and reflection on Supervised Practice in Preschool Education. An investigation into child design in digital and analogue media, developed in this context, with children between the ages of 3 and 6, is an integral part of this Report. Its central objective is to understand the contribution of the two types of support to the development of graphic and expressive skills in children who attend preschool education.

The interest in this theme occurred from the fact that ICTs are increasingly present in children's lives, and it is important to understand how these tools can promote expressive and graphomotor as well as providing entertaining and enjoyable experiences.

The methodology that supported the performance of the study was research-action, being a qualitative study, being used as techniques of data collection participant observation, field notes, audio recordings, photographs, semi-structural interviews with the cooperative counselor and the other support educators, questionnaire surveys of those in charge of education.

The activities to implement graphic expression using digital support as well as analogue support took place in three intervention sessions in an educational context in a room for children aged 3 to 5 years.

Through the analysis of the collected data and its triangulation, it was possible to show that the children developed graphic expression skills and discovered the potential of digital tools associated with this activity.

The potential of each instrument was enhanced throughout the PSEPE and whenever such activities were carried out, in the end the children showed a greater openness to digital drawing because they realized that this had much more potential than those they knew. The fact of asking to send to parents or to print, demonstrated some of these potentialities.

The data obtained through semi-structured interviews with the three kindergarten teachers of the kindergarten allowed us to understand how they view graphic expression activities in analog format, as well as the use of ICT as a pedagogical resource. We can also understand the importance that each one gives to drawing and the intention with which they perform this enriching activity for children.

According to the data obtained through questionnaire surveys to those responsible for education, we can find out what habits children have in using the computer, as well as their motivations and interests in relation to digital drawings and analog drawings when they are outside the school environment, that is, at home.

This Internship Report and research are the culmination of a very important stage full of learning, experiences and self-reflection that allowed me to establish a relationship between theory and practice.

Keywords

Pre-school education, graphic expression, digital and analog support, expressive and graph-motor skills.

Índice

Capítulo I- Desenvolvimento das Práticas Supervisionadas.....	4
1-Contextualização e desenvolvimento da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar	5
1.1- Caracterização do contexto educativo.....	7
1.1.1- Caracterização socio-económico-cultural e potenciais recursos educativos do meio	7
1.1.2- A instituição.....	9
1.1.3- Caracterização da Instituição.....	10
1.1.4- A sala	10
1.1.5- Espaço exterior.....	17
1.1.6- O grupo de crianças	18
2-Desenvolvimento da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar ..	20
2.1- Organização e desenvolvimento da prática supervisionada em Educação Pré-Escolar	20
2.2- Registos de observação participante.....	22
2.2.1- Primeira semana de observação participante	22
2.2.1.1- Dia 19 de outubro de 2020	22
2.2.1.2- Dia 20 de outubro de 2020	23
2.2.2- Segunda semana de observação participante.....	25
2.2.2.1- Dias 26, 27, 28 e 29 de outubro de 2020	25
2.3- Prática Pedagógica Individual.....	30
2.3.1- Atividades e reflexão da 1º semana - 9 a 13 de novembro de 2020	30
2.3.2- Atividades e reflexão da 2º semana - 17 a 19 de novembro de 2020	35
2.3.3- Atividades e reflexão da 3º semana - 24 a 27 de novembro de 2020	39
2.3.4- Atividades e reflexão da 4º semana - 2 a 3 de dezembro de 2020	44
2.3.5- Atividades e reflexão da 5º semana - 9 a 11 de dezembro de 2020	48
2.3.6- Atividades e reflexão da 6º semana - 15 a 17 de dezembro de 2020	52

2.3.7- Atividades e reflexão da 7ª semana - 5 a 7 de janeiro de 2021	56
2.4- Reflexão global da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar	57
Capítulo II- Caracterização da Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico	59
1-Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico	60
Capítulo III - Enquadramento Teórico	63
1- As tecnologias digitais e a aprendizagem	64
1.1- As TIC em contexto de Educação Pré-Escolar	67
1.2- Aplicações digitais educativas	69
1.3- Programas de desenho	71
2. A expressão gráfica e as crianças	74
3. Etapas da expressão gráfica das crianças	77
3.1- Perspetiva de Georges-Henri Luquet	80
3.1.1- Fase do realismo fortuito	80
3.1.2- Fase do realismo falhado	82
3.1.3- Fase do realismo intelectual	83
3.2- Perspetiva de Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain	84
3.2.1- Fase das garatujas	85
A- Garatuja desordenada	85
B- Garatuja ordenada ou controladas	86
C- Garatuja com atribuição de nome	87
3.2.2- Fase pré-esquematismo	88
3.2.3- Fase esquematismo	89
3.2.4- Fase realismo	90
3.3- Perspetiva de Lev Semyonovitch Vygotsky	91
3.3.1- Etapa simbólica	91
3.3.2- Etapa simbólico - formalista	91
3.3.3- Etapa formalista	91
3.3.4- Etapa formalista plástica	92
3.4- Perspetiva de Jean Piaget	92
3.4.1- Fase da Garatuja	92
A- Garatuja desordenada	92

B- Garatuja Ordenada	93
3.4.2- Fase Pré-Esquematismo.....	93
3.4.4- Fase do Realismo	94
3.4.5- Fase Pseudo-Naturalismo.....	95
Capítulo IV - Enquadramento Metodológico	96
1- Identificação e justificação do tema	97
1.1- Definição da questão-problema e objetivos da investigação	98
1.2- Local, participantes e amostra da investigação.....	99
2- Metodologia.....	99
2.1- Procedimentos metodológicos.....	99
2.2- Procedimentos éticos e legais.....	101
2.3- Técnicas / instrumentos de recolha e análise de dados.....	102
2.3.1- Observação participante	103
2.3.2- Notas de campo e registo fotográfico.....	103
2.3.3- Entrevistas.....	104
2.3.4- Representações gráficas das crianças	104
2.3.5- Registo áudio.....	105
2.3.6- Questionários.....	105
2.3.7- Triangulação de dados.....	105
Capítulo V - Recolha, análise e interpretação dos dados	106
1- Descrição das Sessões de Intervenção.....	107
1.1- Calendarização das sessões.....	108
1.2- Desenvolvimento das sessões	108
Sessão introdutória (20/11/2020).....	108
1º Sessão de intervenção (25/11/2020).....	109
2º Sessão de intervenção (09/12/2020).....	112
3º Sessão de intervenção (03/12/2020) e (15/12/2020).....	119
2- Reações das crianças durante a implementação das atividades.....	129
3- Apresentação e análise da entrevista semiestruturada realizada à Orientadora Cooperante e as restantes educadoras de infância.....	131
3.1- Questões relacionadas com a caracterização pessoal e profissional	131
3.2- Questões relacionadas com a opinião pessoal em relação à utilização das TIC na educação pré-escolar	132

3.3- Questões relacionadas com a opinião em relação às variáveis em estudo (Expressão gráfica com suporte analógico).....	133
3.4- Questões relacionadas com a opinião em relação às variáveis em estudo (Expressão gráfica com suporte digital).....	140
4- Apresentação e análise dos dados obtidos nos inquéritos por questionários realizados aos Encarregados de Educação	147
4.1- Questões relacionadas com a caracterização pessoal do seu educando	147
4.2- Questões relacionadas com o desenho em suporte digital	148
4.3- Questões relacionadas com o desenho em suporte analógico	151
5- Triangulação dos dados obtidos	155
Capítulo VI - Considerações finais.....	157
1- Considerações finais	158
2- Limitações da investigação	162
3- Sugestões para futuras investigações	163
Referências Bibliográficas	164
Apêndice A- Planificação semanal da PSEPE	170
Apêndice B- Guião de Entrevista à Orientadora Cooperante e Educadoras de Apoio.....	196
Apêndice C- Questionários aos Encarregados de Educação.....	200
Apêndice D- Transcrição integral da entrevista semiestruturada realizada à Orientadora Cooperante	204
Apêndice E- Transcrição integral da entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Apoio A.....	211
Apêndice F- Transcrição integral da entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Apoio B.....	217

Índice de figuras

Figura 1- Rua de acesso ao jardim de infância (Fonte: Google Maps).....	7
Figura 2- Instituição (Vista aérea) (Fonte: Google Maps).....	8
Figura 3- Jardim de Infância	9
Figura 4- Escadas de acesso ao piso superior.....	10
Figura 5- Espaço da casinha das bonecas.....	10
Figura 6- Cantinho da garagem	11
Figura 7- Biblioteca.....	11
Figura 8- Móvel com as caixas do material de cada criança.....	12
Figura 9- Sala com meios audiovisuais.....	12
Figura 10- Janelas com ventilação e iluminação natural.....	12
Figura 11 - Espaço de trabalho.....	13
Figura 12- Móvel com vários jogos	13
Figura 13- Espaço para arrumação e limpeza	13
Figura 14- Paredes das salas	14
Figura 15- Expositores de cortiça	14
Figura 16- Sala de apoio.....	15
Figura 17- Zona de acesso ao piso superior	15
Figura 18- Cacifos das crianças	15
Figura 19- Sala de arrumos.....	15
Figura 20- Instalações sanitárias crianças.....	16
Figura 21- Refeitório	16
Figura 22- Ginásio	16
Figura 23- Caixa de areia	17
Figura 24- Horta.....	17
Figura 25- Espaço calcetado.....	17
Figura 26- Crianças a brincar na zona exterior.....	27
Figura 27- Atividade de colagem e recorte.....	27
Figura 28- Jogo das cadeiras	28
Figura 29- Dramatização do Halloween	29
Figura 30- História da Maria Castanha.....	32
Figura 31- Exploração dos frutos do outono	32
Figura 32- Pintura do assador	33
Figura 33- Magusto	33
Figura 34- Desenho do magusto a carvão	34
Figura 35- Observação de imagens, visualização da palavra escrita, divisão silábica e contagem do número de palmas	37
Figura 36- Decoração de letras	37
Figura 37- Lavagem correta das mãos	38
Figura 38- Maqueta da máscara e máscaras em tecido	39
Figura 39- Percurso de obstáculos	41
Figura 40- Desenho do vírus visto pelas crianças.....	42
Figura 41- Realização do desenho virtual do SARS-COV-2 “visto” pelas crianças	42

Figura 42- Elaboração da maquete do vírus.....	44
Figura 43- Visionamento da história digital "A história do pai natal"	45
Figura 44- Adivinhas.....	46
Figura 45- Coroas de Natal	47
Figura 46- Realização dos postais de Natal.....	50
Figura 47- Desenho da história O Natal Especial da Família Neve”	51
Figura 48- Árvore de Natal coletiva	52
Figura 49- Presépio	52
Figura 50- Corrida a três pés	54
Figura 51- Jogo Pai natal manda.....	54
Figura 52- Receita filhoses	55
Figura 53- Crianças a ajudar a realizar as filhoses.....	55
Figura 54- Ícone do Paint.....	71
Figura 55 - Aplicação de edição de imagem - Paint.....	71
Figura 56- Ecrã de trabalho do Paint.....	72
Figura 57- Ferramentas do Paint (Fonte: Gonçalves (2006, p.64)).....	73
Figura 58 - Desenho da fase realismo fortuito (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.182))	81
Figura 59- Desenho da fase realismo falhado ou incapacidade sintética (fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.182)	82
Figura 60- Desenho da fase do realismo intelectual (fonte: (Bombonato e Farago, 2016, p.183)).....	83
Figura 61- Garatuja desordenada feita por uma criança de dois anos e meio (fonte: Brittain e Lowenfeld (1977, p. 118))	86
Figura 62- Garatuja controlada feita por uma criança de três anos (Fonte: Brittain e Lowenfeld (1977,p. 121))	87
Figura 63- desenho de uma criança de 4 anos (Fonte: Melo, (sd, p. 11)).....	88
Figura 64- Desenho de uma criança de 7 anos em situação espontânea (fonte: Melo, (sd, p. 13))	89
Figura 65- Figuração Realista. Criança de 10 anos, que desenhou a parte que mais gostava do seu jogo do vídeo (fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.189)).....	90
Figura 66- Garatuja desordenada (fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.190)	92
Figura 67- Garatuja ordenada (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.191)).....	93
Figura 68- Desenho Fase esquematismo (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.192))	94
Figura 69- Desenho fase realismo (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.192))....	94
Figura 70- Fase Pseudo Naturalismo, criança pensando (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.193)).....	95
Figura 71- Espiral de ciclos da investigação-ação (Fonte: Coutinho et al., 2009, p.366).....	100
Figura 72- Sessão introdutória do programa Paint	109
Figura 73- Análise comparativa dos desenhos da criança A	110
Figura 74- Análise comparativa dos desenhos da criança B	111

Figura 75- Análise comparativa dos desenhos da criança C.....	112
Figura 76- Análise comparativa dos desenhos da criança A.....	114
Figura 77- Análise comparativa dos desenhos da criança B.....	116
Figura 78- Análise comparativa dos desenhos da criança C.....	117
Figura 79- Análise comparativa dos desenhos da criança D	118
Figura 80- Poema utilizado na atividade.....	120
Figura 81- Análise do desenho da criança A	121
Figura 82- Análise do desenho da criança B	122
Figura 83- Análise do desenho da criança C.....	123
Figura 84- Análise do desenho da criança D	124
Figura 85- Análise do desenho da criança A	125
Figura 86- Análise do desenho da criança B	126
Figura 87- Análise do desenho da criança C.....	127
Figura 88- Análise do desenho da criança D.....	128

Índice de gráficos

Gráfico 1- Idades das crianças	18
Gráfico 2- Situação profissional dos encarregados de educação	18
Gráfico 3- Sexo dos Educandos.....	148
Gráfico 4- Idade dos educandos	148
Gráfico 5- Dados sobre os utilizadores do computador em casa.	148
Gráfico 6- Dados sobre o número de vezes que utiliza o computador.....	149
Gráfico 7- Atividades realizadas no computador	150
Gráfico 8- Quantidade de desenhos realizados.....	152
Gráfico 9- Material utilizado na realização dos desenhos	152

Lista de tabelas

Tabela 1- Horário da PSEPE	7
Tabela 2- Distribuição da PSEPE	21
Tabela 3- Cronograma das sessões de intervenção	108
Tabela 4- Tabela de análise de conteúdo relativa à questão colocada sobre a formação profissional colocada às Educadoras de Infância.....	132

Lista de Quadros

Quadro 1- Atividades realizadas na 1º semana de intervenção.....	30
Quadro 2- Atividades realizadas na 2º semana de intervenção.....	35
Quadro 3- Atividades realizadas na 3º semana de intervenção.....	39
Quadro 4- Atividades realizadas na 4º semana de intervenção.....	44
Quadro 5- Atividades realizadas na 5º semana de intervenção.....	48
Quadro 6- Atividades realizadas na 6º semana de intervenção.....	53
Quadro 7- Atividades realizadas na 7º semana de intervenção.....	56
Quadro 8- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “Na sua opinião, as TIC são uma mais-valia na educação pré-escolar?”.....	132
Quadro 9- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “o que pensa da expressão gráfico-plástica na educação de infância?”.....	133
Quadro 10- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “quando elabora as planificações tem a preocupação de integrar o desenho como atividade?”.....	134
Quadro 11- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “recorre ao desenho como atividade orientada ou livre?”.....	135
Quadro 12- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “sente que as crianças se envolvem com as atividades relacionadas com o desenho?”.....	136
Quadro 13- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “com que finalidade recorre ao desenho na sua sala de atividades?”.....	136
Quadro 14- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, a expressão gráfica desenvolve a criatividade nas suas crianças? Porquê?”.....	137
Quadro 15- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “quem escolhe os materiais”.....	139
Quadro 16- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, o suporte analógico potencializa o desenvolvimento das suas crianças?”.....	140
Quadro 17- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “com que finalidade utiliza o computador?”.....	141
Quadro 18- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “as suas crianças costumam utilizar o computador?”.....	142
Quadro 19- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “qual a finalidade com que utilizam o computador?”.....	143
Quadro 20- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “qual a frequência com que as suas crianças utilizam o computador e porquê?”.....	143
Quadro 21- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “Quais os programas que as crianças costumam utilizar?”.....	144
Quadro 22- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, o suporte digital potencializa o desenvolvimento das suas crianças?”.....	145
Quadro 23- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, acha que as suas crianças desenharam no computador de forma espontânea?”.....	145

Quadro 24- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, qual o motivo que pode levar as suas crianças a gostarem mais de desenhar no computador?”	146
Quadro 25- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, acha que estes recursos de trabalho resultam?”	146
Quadro 26- Análise de conteúdo relativa à questão, “prefere que o seu filho desenhe no papel ou no computador? Justifique a sua opinião”	154

Índice de Apêndices

Apêndice A- Planificação semanal da PSEPE.....	170
Apêndice B- Guião de Entrevista à Orientadora Cooperante e Educadoras de Apoio	196
Apêndice C- Questionários aos Encarregados de Educação	200
Apêndice D- Transcrição integral da entrevista semiestruturada realizada à Orientadora Cooperante.....	204
Apêndice E- Transcrição integral da entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Apoio A.....	211
Apêndice F- Transcrição integral da entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Apoio B.....	217

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AEC - Atividades de Enriquecimento Curricular

EAA- Educadora Apoio A

EAB- Educadora Apoio B

EC - Educadora cooperante

EE - Encarregados de Educação

ESE - Escola Superior de Educação

ESECB – Escola Superior de Educação de Castelo Branco

JJ – Jardim de Infância

ME - Ministério de Educação

NE - Necessidades Educativas

NEE – Necessidades Educativas Específicas

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PSEPE - Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

QB - Quanto Baste

RM - Rita Martins

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UC - Unidade Curricular

UCPSEPE - Unidade Curricular Prática Supervisionada em Educação Pré-escolar

1- Introdução

O presente relatório de estágio surge no âmbito da obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco que constitui também um elemento de avaliação da unidade curricular de Prática Supervisionada em Educação Pré-escolar inserida no plano de estudos do mesmo. Durante a PSEPE realizámos uma investigação com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos.

Este documento resulta da investigação sustentada pelo estágio pedagógico realizado na educação pré-escolar bem como de toda uma revisão de literatura sobre a problemática central deste relatório, a expressão gráfica com suporte digital e analógico na educação pré-escolar: contributos para o desenvolvimento das competências gráficas e expressivas na educação pré-escolar.

As Tecnologias de Informação e Comunicação têm apresentado uma grande evolução e estão cada vez mais presentes na nossa sociedade e cada vez mais cedo na vida das crianças em diversas vertentes e com várias finalidades. Nas escolas e nos jardins de infância as TIC tornam-se um recurso fundamental pois apresentam um grande potencial para serem utilizadas em contexto de sala de atividades, tendo em conta as vantagens que apresentam para o processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, optámos por um estudo que tendo como suporte o papel do desenho no desenvolvimento global da criança, pretendeu promover competências expressivas e grafo-motoras através da experimentação do desenho em formato digital e analógico.

O desenho infantil é, muitas vezes, visto como uma forma de distrair as crianças quando não estão ocupadas a realizar outras atividades, ou seja, é visto como uma forma de ocupar o tempo. Cabe ao educador / professor modificar esta forma de pensar e alterar esta realidade, o desenho deve ser visto como uma fonte de criação artística e de comunicação, através do qual as crianças podem exteriorizar os seus pensamentos e sentimentos a partir do traço e expressando as suas conceções sobre o mundo.

Para a realização desta investigação-ação, optámos por integrar duas vertentes fundamentais no desenvolvimento e aprendizagem das crianças criando assim uma investigação sobre a expressão gráfica com suporte digital e analógico na educação pré-escolar. Nesta escolha também teve influência a experiência profissional, uma vez que sou ajudante de ação educativa num jardim de infância da cidade e onde as TIC não são muito valorizadas pelas educadoras de infância e onde o desenho tem um papel fundamental, então tivemos curiosidade em juntar estas duas vertentes e estudar qual o impacto que teriam na vida destas crianças.

Para respondermos à questão-problema formulada, a expressão gráfica com suporte digital e analógico na educação pré-escolar: contributos para o desenvolvimento das competências gráficas e expressivas na educação pré-escolar, foi necessário definir vários objetivos: Promover a utilização das tecnologias digitais

no âmbito da expressão gráfica numa sala de atividades de um Jardim de Infância com crianças de 5 /6 anos; registar a reação das crianças face à realização dos desenhos nos dois suportes; analisar as opções digitais utilizadas pelas crianças nos seus desenhos digitais; observar quais as ferramentas mais utilizadas no desenho digital e analisar a competência expressiva dos desenhos em suporte digital e em suporte analógico.

Ao longo do desenvolvimento deste projeto realizámos uma investigação-ação tratando-se de um estudo de cariz qualitativo. Para a recolha de dados utilizámos diferentes técnicas, a observação participante, as notas de campo, gravações áudio, fotografias, as entrevistas semiestructuras à orientadora cooperante e às restantes educadoras de apoio e os inquéritos por questionários aos Encarregados de Educação.

Este projeto de investigação foi desenvolvido durante a Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar (PSEPE) numa sala de educação pré-escolar, com crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, num jardim de infância de Castelo Branco.

O presente Relatório de Estágio encontra-se dividido em seis capítulos.

O capítulo I refere-se ao desenvolvimento das Práticas Supervisionadas em Educação Pré-Escolar (PSEPE), no qual é caracterizado o contexto educativo (caracterização socio-económico-cultural e potenciais recursos educativos do meio, a instituição e a sua caracterização, a sala de atividades, o espaço exterior e o grupo de crianças), a organização e desenvolvimento da prática supervisionada, a observação participante e a prática pedagógica individual.

O capítulo II refere-se à caracterização da Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico, mais concretamente a uma reflexão da minha experiência profissional.

O capítulo III está relacionado com o enquadramento teórico no qual é feita a revisão de literatura sobre as tecnologias digitais e a aprendizagem nomeadamente em contexto pré-escolar, fazemos referência a algumas aplicações digitais educativas e falamos sobre o programa de desenho utilizado, o Paint. Neste mesmo capítulo ainda falamos sobre a expressão gráfica e as crianças e as etapas da expressão gráfica das crianças segundo vários autores importantes.

No capítulo IV expomos as opções metodológicas. Realizamos uma identificação e justificação do tema e evidenciamos a questão-problema, bem como os objetivos que lhe estão inerentes. Neste capítulo abordamos a metodologia da investigação, referindo os procedimentos éticos e legais, bem como os instrumentos, métodos e técnicas de recolha e análise de dados (observação participante, notas de campo e registo fotográfico, entrevistas, representações gráficas, questionários e triangulação de dados), utilizados ao longo do projeto de investigação.

O capítulo V refere-se à recolha análise e tratamento dos dados onde realizamos a descrição da sessão introdutória e das três sessões de intervenção realizadas, as

reações das crianças durante a implementação das atividades, apresentação e análise da entrevista semiestruturada realizada à orientadora cooperante e as restantes educadoras de apoio, apresentamos e analisamos os dados obtidos nos inquéritos por questionários realizados aos encarregados de educação e através da triangulação dos dados obtidos.

Por último, no sexto capítulo apresentaremos as considerações finais deste projeto de investigação, onde expomos as conclusões obtidas através da operacionalização da presente investigação, de forma a averiguar se todos os objetivos foram alcançados e se foi possível dar resposta à questão-problema, ainda enumeramos as limitações deste estudo investigativo e as sugestões para futuras investigações.

No final, apresentamos as referências bibliográficas referidas e em apêndice juntam-se exemplos de materiais pedagógicos utilizados no decorrer das práticas e outros materiais considerados mais relevantes.

Capítulo I- Desenvolvimento das Práticas Supervisionadas

1-Contextualização e desenvolvimento da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Durante o segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico foram realizadas duas práticas de ensino supervisionadas. A prática supervisionada (estágio) é muito importante para o desenvolvimento e amadurecimento do futuro profissional da educação, segundo (Molinari, 2013), o estágio possibilita uma relação entre a teoria e a prática, conhecer a realidade da profissão, a compreensão daquilo que tem estudado e começa a fazer a relação com o cotidiano do seu trabalho.

A aprendizagem é muito mais “eficiente quando é obtido através da experiência”. A mesma autora citando Cury (2003, p.55) “educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos dececionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração”.

O estágio é considerado como uma libertação profissional, pois este valoriza o desenvolvimento profissional e cognitivo das pessoas envolvidas na relação de ensino aprendizagem. Desta forma, surge a necessidade de formar um profissional crítico e reflexivo que exerça a sua profissão com base na realidade e no desenvolvimento dos seus alunos.

Na primeira parte deste capítulo do relatório de estágio apresentamos o modo como organizamos e desenvolvemos a prática supervisionada em educação pré-escolar que teve início a 19 de outubro de 2020 e estava estipulado terminar a 29 de janeiro de 2021, num jardim de infância do Agrupamento de Escolas da nossa cidade. Devido à atual pandemia que estávamos a viver, a COVID-19, as escolas e os jardins de Infância tiveram que encerrar mais cedo e eu tive mesmo que abandonar o meu estágio também mais cedo devido ao facto de ter contraído a referida doença. Assim, a minha prática supervisionada terminou a 5 de janeiro de 2021.

Na segunda parte do capítulo apresentamos o modo como eu realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico (PES 1.ºCEB), realizada no 2.º semestre. Como eu já tinha a licenciatura em Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, concluída no ano de 2009, neste estabelecimento de ensino, esta parte do trabalho foi realizada tendo por base a minha experiência académica e profissional. Em termos académicos foram 4 anos de licenciatura pré Bolonha e experiência profissional foram cerca de 5 anos como professora titular de turma, num colégio particular na Costa da Caparica.

A educação pré-escolar tal como está estabelecido na Lei-Quadro (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), destina-se às crianças entre os 3 anos e a entrada na escolaridade obrigatória, sendo considerada como “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”.

Apesar da legislação do sistema educativo (Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar) incluir apenas a educação pré-escolar a partir dos 3 anos, não abrangendo a educação em creche, considera-se que esta é um direito da criança.

A PSEPE desenvolveu-se em dois momentos diferentes: o momento de observação e o momento de implementação. O momento de observação diz respeito à contextualização e à observação, do grupo de crianças com que iríamos trabalhar, bem como todo o meio envolvente, educadoras e funcionárias inseridos no mesmo. Relativamente à implementação, este correspondeu à planificação e implementação de variadas atividades lúdicas e didáticas, com o objetivo principal de proporcionar às crianças novas aprendizagens, criativas e estimulantes de forma a proporcionar novos conhecimentos e bons momentos de aprendizagem.

De acordo com o programa da unidade curricular de PSEPE, era pretendido que durante os três meses de estágio fossem aprendidos objetivos tais como:

- Identificar variáveis processuais promotoras da qualidade da instituição em análise.
- Analisar projetos curriculares elaborados com base nas orientações curriculares.
- Observar, detalhadamente, a ação pedagógica do Educador.
- Elaborar instrumentos de recolha de dados para a conceção, implementação e avaliação da práxis pedagógica.
- Desenvolver estratégias de promoção do desenvolvimento e aprendizagem das crianças.
- Desenvolver competências de observação, planificação, ação, avaliação e comunicação.
- Saber trabalhar em equipa com a comunidade educativa.
- Conceber, realizar e avaliar experiências educativo-pedagógicas, fundamentando as suas propostas.
- Realizar a adequação curricular como resposta às NEE.
- Desenvolver uma atitude reflexiva.
- Conhecer formas de gerir e organizar o tempo, o espaço e os materiais.
- Desenvolver e/ou participar em projetos de investigação-ação.

Como já tínhamos referido, a PSEPE decorreu num Jardim de Infância, que pertence ao Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva, com o horário indicado na Tabela 1. O grupo onde foi realizada a investigação pertencia à única sala existente neste jardim de infância com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. O grupo tinha um total de 22 crianças (dados a 12/11/2020), 8 raparigas e 14 rapazes. Este grupo era muito pouco assíduo.

Tabela 1- Horário da PSEPE

2º feira	3º feira	4º feira	5º feira	6º feira
8:30 / 12:15	9:05 / 12:15	9:05 / 16:45 (hora almoço das 13 às 14 horas) Hora de planificação e reflexão das 14:45 às 16:45	9:05 / 12:15	9:00 / 12:15h
3 h 45m	3h 10m	6h 40 m	3h10m	3 h 15 m

1.1- Caracterização do contexto educativo

O jardim-de-infância situa-se no bairro do Castelo, na Rua Nova, oferecendo um conjunto de instalações e equipamentos de qualidade, onde o conforto e a adequação de espaços, a tecnologia e a estética se associam, constituindo-se como uma mais-valia no processo educativo.

1.1.1- Caracterização socio-económico-cultural e potenciais recursos educativos do meio

O bairro do Castelo, situa-se na Encosta do Castelo dos Templários e caracteriza-se, como todas as zonas históricas, por ruas estreitas e muito íngremes (Figura 1) que ao contrário de tempos mais remotos fervilhavam de gente que se dedicava ao comércio dos mais variados ofícios daí o nome das suas ruas: rua dos ferreiros, rua dos oleiros, rua dos peleteiros entre outras.

Hoje esta zona histórica da cidade encontra-se esquecida pela autarquia. A sua população está envelhecida, as casas muitas delas estão abandonadas e a necessitar de profundas obras que se adaptem aos novos tempos e que possam ser habitadas pelos mais jovens. A juntar-se a isto acresce ainda o número elevado de moradores de etnia cigana que muitas vezes perturba a normalidade do bairro.

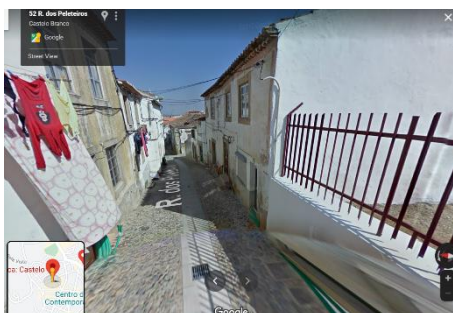


Figura 1- Rua de acesso ao jardim de infância (Fonte: Google Maps)

Situada entre a Rua Nova e a Rua dos Peleteiros podemos encontrar o jardim de infância, um edifício que beneficiou de obras de melhoramento em 2008/2009 tendo-se mantido apenas a fachada, (Figura 2). O edifício é composto por várias salas de atividades e de apoio, biblioteca e um refeitório.

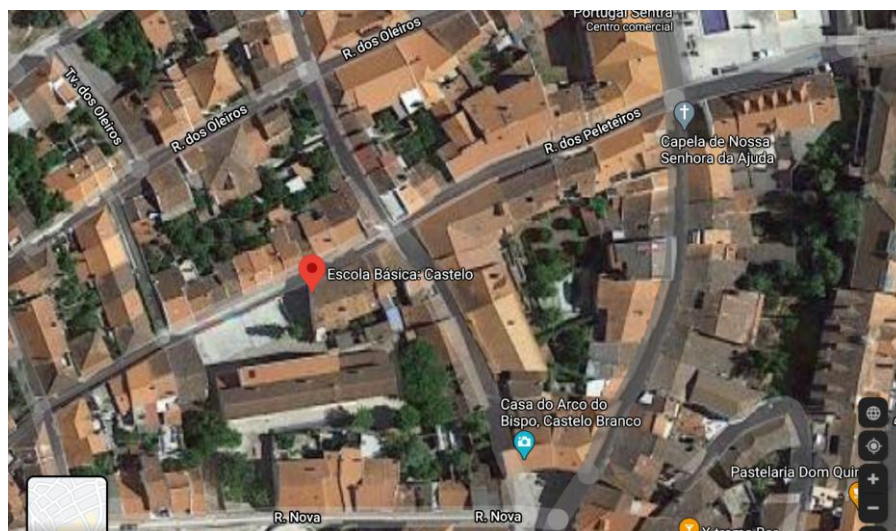


Figura 2- Instituição (Vista aérea) (Fonte: Google Maps)

A Instituição localizava-se perto de vários espaços considerados como potenciais recursos educativos, predominando construções antigas, alguns espaços verdes e algumas instituições, espaços de lazer e de cultura, tais como:

- Castelo dos Templários
- Centro de interpretação do bordado de Castelo Branco
- Arquivo municipal (solar dos Motas)
- Solar dos Cardoso / Palácio dos Barões de Castelo Novo
- Museu Cargaleiro
- Torre do Relógio
- Palácio dos Viscondes de Portalegre
- Edifício e igreja da Santa Casa da Misericórdia
- Capela da nossa Senhora da Ajuda
- Miradouro do museu Cargaleiro
- Praça de Camões

Através do contacto com os espaços acima referidos, estes são facilitadores para a aquisição de novas aprendizagens e desenvolvimento de diversas competências, para além de interligar o contexto envolvente com o próprio jardim de infância.

1.1.2- A instituição

O jardim de Infância (Figura 3) foi, juntamente com o jardim de infância do Bloquinho, um dos primeiros jardins de infância oficiais da cidade de Castelo Branco. Desde 2013 que faz parte do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva e funciona numa das salas da escola do primeiro ciclo, o que faz desta uma escola integrada.



Figura 3- Jardim de Infância

As obras de requalificação levadas a cabo pela Câmara Municipal de Castelo Branco, em 2009 fez com que esta escola, embora seja um edifício do estado novo, apresente ótimas condições física, oferecendo um conjunto de instalações e equipamentos com qualidade, onde o conforto, a adequação dos espaços, a tecnologia e a estética se associam, constituindo-se como uma mais-valia no processo educativo. O Jardim de infância não é exceção, não só tem, boas condições físicas como também materiais.

De acordo com o Projeto Educativo, (2018-2021), o agrupamento de escolas pretende assumir uma cidadania empenhada, ser uma instituição prestadora de serviços educativos, dentro do quadro legal e normativo a que está sujeita, implementando soluções adaptadas à comunidade que serve, propondo-se responder às suas necessidades e expectativas, criando oportunidades para todos e assumindo-se como agente de mudança. É um agrupamento capaz de receber todos os públicos e de se organizar para nele cada um encontrar uma resposta adequada e uma oportunidade. Um agrupamento capaz de detetar as diferenças potenciadoras de uma comunidade escolar mais rica, que assente a sua riqueza na diversidade.

O agrupamento de escolas pretende criar cidadãos dotados de valores estruturantes da nossa sociedade e das necessárias competências que conduzem ao seu desenvolvimento integral.

Os valores do Agrupamento assentam em três grandes áreas: Qualidade, Integração e Cidadania.

1.1.3- Caracterização da Instituição

O edifício onde está situado o jardim de infância, é composto por sete salas de aula, atualmente funcionam duas salas como 1º ciclo e uma sala como pré-escolar, uma sala de apoio, uma sala de apoio socioeducativo, uma sala como ginásio e outra como sala de audiovisuais. Dispõe ainda de biblioteca e de refeitório

De acordo com o projeto educativo, (2018-2021), o jardim de infância apresenta valores bastante significativos no que toca à qualidade das instalações e dos equipamentos, tendo o valor de 5 no espaço interior, valor 4 no espaço exterior, 5 no refeitório e 5 na climatização.

A caracterização desta instituição foi feita tendo em conta a consulta do Projeto Educativo da Instituição, bem como o Despacho Conjunto n.º 268/97, de 25 de agosto.

O edifício é constituído por dois pisos, no rés-do-chão é onde existem as salas em funcionamento tanto do ensino pré-escolar como do primeiro ciclo, o refeitório, casas de banho e a sala de arrumos. No primeiro andar está em funcionamento a sala de informática, a sala que funciona como ginásio e ainda uma sala de arrumação. No centro de cada piso encontramos uma escadaria, (Figura 4.)

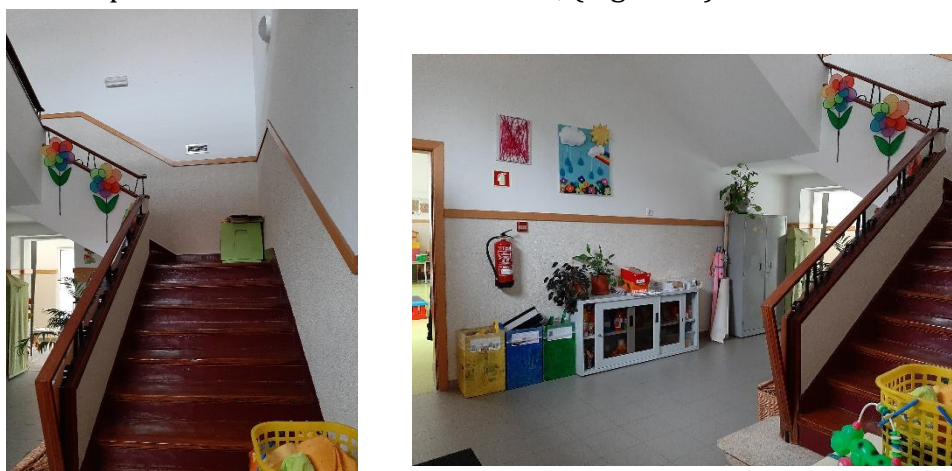


Figura 4- Escadas de acesso ao piso superior

1.1.4- A sala

O espaço da sala de atividades está organizado de modo a facilitar a movimentação e a autonomia de todo o grupo. Desta forma, tem ao dispor das crianças vários cantinhos, o cantinho da casinha, (Figura 5), onde as crianças poderão brincar ao faz de conta.



Figura 5- Espaço da casinha das bonecas

Na garagem, (Figura 6) as crianças têm à sua disposição vários carros, motos e várias garagens.



Figura 6- Cantinho da garagem

Quando alguma criança quer “ler” uma história, pode facilmente deslocar-se até à biblioteca (Figura 7) e escolher o seu livro. Neste momento os livros ao dispor das crianças não são muitos, pois devido à Covid-19, os mesmos têm que ser desinfetados após cada utilização. Uma das educadoras de infância de tempos a tempos realiza a troca desses mesmos livros por outros que estejam desinfetados e guardados em outro local do jardim de infância.



Figura 7- Biblioteca

Na sala ainda se encontra à disposição do grupo um móvel com caixas identificadas com o nome da cada criança e onde se encontram alguns materiais de uso diário, nomeadamente lápis de cor, lápis de cera, tesoura, (Figura 8). Estas caixas estão numa zona de fácil acesso por todas as crianças, o que faz com que cada uma, de forma autónoma, possa retirar utilizar e voltar a guardar a sua caixa.



Figura 8- Móvel com as caixas do material de cada criança

A sala de atividades está de acordo com o estipulado no Despacho Conjunto n.º 268/97, de 25 de agosto que permitia a utilização e visionamento de meios audiovisuais e o obscurecimento total da sala protegendo da luz solar, (Figura 9). Esta sala possui várias janelas, que possibilitam uma ventilação e iluminação natural (Figura 10), possui ainda ar condicionado, que permite o aquecimento e arrefecimento da sala, dependendo da altura do ano.



Figura 9- Sala com meios audiovisuais

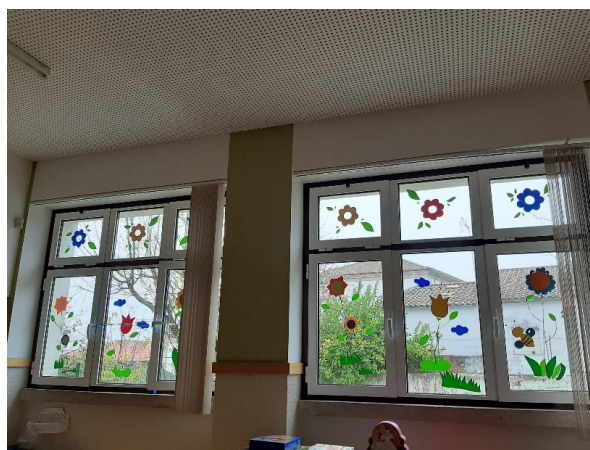


Figura 10- Janelas com ventilação e iluminação natural

Na sala de atividades podemos também encontrar o espaço de trabalhos, com mesas e cadeiras que podem facilmente serem deslocadas, (Figura 11), um móvel com vários jogos (Figura 12) e ainda um espaço para arrumação e limpeza, (Figura 13).



Figura 11 - Espaço de trabalho



Figura 12- Móvel com vários jogos



Figura 13- Espaço para arrumação e limpeza

As regras de utilização dos espaços foram conversadas e elaboradas em conjunto com todas as educadoras de infância e o grupo de crianças.

O pavimento das salas é confortável, resistente, lavável, antiderrapante e não reflete o som. As suas paredes são laváveis e de cores claras, tal como o teto, exceto uma parede que é sempre de cor escura, (Figura 14).



Figura 14- Paredes das salas

Em relação às paredes da sala, estas permitiam a fixação de expositores verticais e quadros, existindo paredes com expositores de cortiça onde são afixados os trabalhos realizados pelas crianças, (Figura 15).



Figura 15- Expositores de cortiça

Podemos encontrar ao lado da sala de atividades uma outra sala (Figura 16) que funciona como sala de apoio. É um espaço onde podemos encontrar os jogos e os materiais que não estão a ser utilizados, mas que facilmente se podem ir buscar, sempre que seja necessário. Funciona também como sala de reuniões das educadoras de infância. A meio destas duas salas, existe uma zona com vários móveis de arrumação e o acesso às escadas para o piso superior, (Figura 17).



Figura 16- Sala de apoio



Figura 17- Zona de acesso ao piso superior

Junto à sala de atividades podemos encontrar os cacifos de cada criança (Figura 18) e ainda uma sala de arrumos (Figura 19). As instalações sanitárias para as crianças, (Figura 20) também se encontram neste espaço e são destinados à higiene pessoal de cada criança e possuem equipamentos fixos como sanitas, lavatórios, toalheiros, espelhos e suportes para o papel higiénico. Todos estes objetos foram colocados à altura das crianças, possui ainda uma base de chuveiro e água quente aquecida por painéis solares.



Figura 18- Cacifos das crianças



Figura 19- Sala de arrumos



Figura 20- Instalações sanitárias crianças

Quanto ao refeitório, (Figura 21) este espaço é destinado às crianças que frequentam o Pré-Escolar, mas também para as crianças do primeiro ciclo realizarem as suas refeições. As refeições são servidas de forma escalonada e os dois ciclos de ensino nunca se encontram dentro da instalação. A refeição é confeccionada no exterior e apenas aqui é servida. As mesas e cadeiras são adaptadas às crianças.



Figura 21- Refeitório

No piso superior podemos ainda encontrar uma sala que funciona como ginásio (Figura 22) e onde podem ser realizados jogos, peças de teatro e exercícios de atividade física.



Figura 22- Ginásio

1.1.5- Espaço exterior

O espaço exterior, prolongamento do espaço interior, permite realizar atividades informais e vivências de situações intencionalmente planeadas, mas também permite a realização de brincadeiras livres. Este espaço possui uma caixa de areia, (Figura 23) uma horta, (Figura 24) e ainda um espaço calcetado para que se possa brincar com diversos materiais como bolas, carros, elástico, etc, (Figura 25).



Figura 23- Caixa de areia



Figura 24- Horta



Figura 25- Espaço calcetado

1.1.6- O grupo de crianças

Para a caracterização do grupo foi utilizada a consulta documental das fichas individuais das crianças, complementada com informações recolhidas junto da orientadora cooperante.

O grupo de crianças da única sala do jardim de infância era constituído até ao dia 12 /11/2020 por 22 crianças, sendo destas 14 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. As suas idades estavam compreendidas entre os três e os cinco anos.

Este grupo é bastante multicultural e pouco assíduo, o que faz com que seja sempre uma incógnita o número de crianças que vão estar presentes. No dia 12 / 11/ 2020, uma criança deixou de frequentar o jardim de infância, tendo o número total passado para 21 crianças. A frequência média diária durante a PSEPE foi de cerca de 8 / 10 crianças.

Das 22 crianças, oito têm três anos, três têm quatro anos e onze têm cinco anos, (Gráfico 1). No que diz respeito às Necessidades Educativas (NE), nenhuma das crianças do grupo apresentava sinais de NE, sendo que também não havia nenhuma suspeita referente a esta condição. O grupo é orientado pela orientadora cooperante e por duas educadoras de apoio.

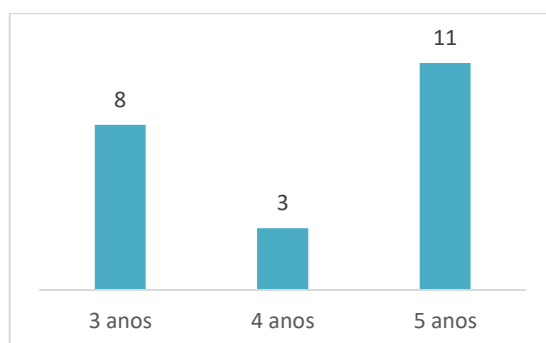


Gráfico 1- Idades das crianças

Das vinte e duas crianças constituintes do grupo, 11 já frequentavam a Instituição, sendo que as restantes a frequentam pela primeira vez.

Relativamente à estrutura familiar do grupo a maioria das crianças vive com os pais, verificando-se alguns casos que só vivem com um dos progenitores. A nível profissional, 6 encarregados de educação não responderam, 9 estão desempregados e os restantes 7 têm diferentes ocupações profissionais, (Gráfico 2).



Gráfico 2- Situação profissional dos encarregados de educação

Das 22 crianças inscritas, eu só consegui conhecer 16 e algumas delas apenas vieram ao jardim de infância uma vez, durante toda a minha prática supervisionada.

Apenas uma criança não almoça na instituição e o lanche é da responsabilidade da instituição em parceria com as Caritas. As Caritas ajudam com a entrega de fiambre, queijo, manteiga e doce, o pão é aquele que as crianças têm direito e que vem com o almoço e o leite é da responsabilidade do Ministério da Educação, e está de acordo com o Decreto-Lei n.º 223/2006 de 13 de Novembro.

O grupo não apresenta dificuldades de relacionamento entre eles nem com os adultos presentes e demonstram satisfação em trabalhar e brincar com outras crianças, proporcionando assim a constante interação entre adultos e crianças. São bastantes afetuosos e companheiros uns dos outros, sempre que algum precisa de ajuda, todo o grupo se apressa a ajudar.

São todos bastante independentes na sua higiene pessoal e quase todos controlam os esfíncteres. É um grupo bastante divertido e enérgico e que gosta de contar as novidades trazidas de casa. Também posso acrescentar que é um grupo que não é muito assíduo ao jardim de infância o que faz com que sejam sempre muito instável o número de presenças e a participação nas atividades.

2-Desenvolvimento da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Neste ponto apresentamos o desenvolvimento da PSEPE. Para isso, destacamos a sua organização, bem como apresentamos e refletimos sobre as duas etapas que a constituíram, a observação e a intervenção pedagógica.

2.1- Organização e desenvolvimento da prática supervisionada em Educação Pré-Escolar

A minha prática supervisionada em educação pré-escolar foi realizada, como já referido, num jardim de infância da cidade de Castelo Branco e ao contrário da maioria das minhas colegas, a mesma foi realizada individualmente e não em par pedagógico. Para realizar a PSEPE, tivemos que reunir com as educadoras de infância e a professora da Unidade Curricular Prática Supervisionada em Educação Pré-escolar para delinear alguns objetivos que teriam que ser atingidos. Estes encontravam-se definidos e descritos no programa da referida disciplina.

Para uma melhor organização do nosso tempo e trabalho, foi-nos entregue logo no início das aulas um guião com a especificação de cada semana de trabalho. A PSEPE teve uma duração de 290 horas, tendo estas sido distribuídas 270 horas para o estágio e 20 horas para o trabalho de campo. A carga horária estava distribuída de segunda-feira a sexta-feira, mas nem todos os dias eram destinados ao trabalho no jardim de infância, existindo alguns dias destinados a atividades/aulas na Escola Superior de Educação.

A PSEPE foi composta por duas etapas: período de observação e período de intervenção pedagógica. Durante as primeiras três semanas decorreu o período de observação participante, a intervenção pedagógica teve a duração de sete semanas. A calendarização pode ser verificada através da Tabela 2.

Tabela 2- Distribuição da PSEPE

3 semanas de observação participante

19 a 20 de outubro de 2020

26 a 29 de outubro de 2020

2 a 5 de novembro de 2020

7 semanas de intervenção pedagógica individual

9 a 13 de novembro de 2020

16 a 19 de novembro de 2020

23 a 27 de novembro de 2020

2 a 3 dezembro de 2020

9 a 11 de dezembro de 2020

15 a 17 de dezembro de 2020

5 a 8 de janeiro de 2021

Para poder realizar a minha prática pedagógica individual, existiram algumas etapas obrigatórias, todas as semanas, tinha que realizar uma reunião com a orientadora cooperante, onde me era indicado quais os conteúdos a desenvolver na semana seguinte. De seguida, realizava e entregava uma planificação semanal onde constava de forma detalhada quais as atividades que eu propunha, os materiais que iria utilizar, quais as áreas de conteúdo, conteúdos e aprendizagens que pretendia promover com aquelas atividades.

Esta planificação era entregue à orientadora cooperante que após a sua análise, discutia comigo alguns pormenores que não estivesse tão de acordo com o que ela pretendia que fosse trabalhado por mim no decorrer daquela semana. Depois a planificação era enviada à equipa de supervisão que também a analisava e me dava o seu feedback.

A orientadora cooperante sempre se mostrou aberta a todas as atividades que eu propunha e também sempre me deu total apoio e ajuda na realização de todas as atividades.

Para finalizar implementava as atividades propostas e no final de cada dia refletia com a orientadora cooperante acerca dessas mesmas atividades, de forma a que o seu feedback, me pudesse ajudar a melhorar algum aspeto e também na elaboração da minha reflexão semanal, onde evidenciávamos os pontos fortes e a melhorar e em que medida aquelas atividades contribuíram para o desenvolvimento das aprendizagens pretendidas para o grupo.

2.2- Registos de observação participante

Quando começamos a PSEPE iniciamos por observar como funcionava o jardim de infância e como este se organizava para que pudéssemos caracterizar da melhor forma o contexto educativo. Para esta caracterização foi feita a apresentação de toda a comunidade educativa e foram ainda analisados alguns documentos oficiais da instituição. Nestas semanas de observação conseguimos conhecer algumas das características e rotinas das crianças com que iríamos desenvolver as atividades. Como este grupo era muito pouco assíduo, estas semanas de observação foram muito importantes pois permitiu não só recolher muitos dados importantes para a nossa prática no futuro, bem como, conhecer melhor o meio e as crianças com que iríamos trabalhar nos próximos meses.

Ao longo do dia ia registando no meu diário de bordo todos os aspetos importantes observados, as atividades que a orientadora cooperante estava a realizar bem como alguma questão ou dúvida que ocorressem. No final de cada dia, realizava uma reflexão individual onde explicava como tinha sido o dia, quais as atividades realizadas e todas as dúvidas ou curiosidades recolhidas.

As semanas de observação assumiram um papel fundamental, pois permitiram recolher, organizar, reunir e compreender dados essenciais para a intervenção pedagógica.

2.2.1- Primeira semana de observação participante

2.2.1.1- Dia 19 de outubro de 2020

Atividades observadas:

- ✓ Jogos de mesa
- ✓ Apresentação
- ✓ Brincadeira no espaço exterior
- ✓ Higiene
- ✓ Jogo coletivo “frutas e legumes”

Reflexão:

No primeiro dia em que desloquei até ao jardim de infância, a professora da Unidade Curricular Prática Supervisionada em Educação Pré-escolar foi comigo. Quando chegamos, fomos recebidas pelas educadoras de apoio. A orientadora cooperante não estava presente e neste dia apenas estavam presentes no jardim de infância 10 crianças.

Quando chegamos, as crianças estavam sentadas nas mesas a fazerem jogos. A educadora B, pediu à ajudante de ação educativa, para ficar um pouco com as crianças, enquanto nós fazíamos a nossa reunião. Na reunião a professora da UC, explicou no que consistia o meu estágio, como seria a sua realização e duração.

Seguidamente as educadoras foram mostrar-nos as instalações. Após a reunião a professora da UC foi embora e eu fiquei no jardim de infância para realizar a minha observação.

Quando regressamos à sala onde as crianças estavam a brincar, a educadora de apoio B apresentou-me às crianças e disse-me o nome de cada uma. Como já estavam um pouco impacientes por estarem ali sentadas, as crianças pediram para ir lá para fora brincar. Então lá fomos nós para o exterior brincar com bolas, carros, correr, mexer na terra e apanhar folhas. Neste espaço, as crianças brincaram livremente e sempre muito alegres. Eu consegui interagir e brincar com algumas crianças, que facilmente me aceitaram nas suas brincadeiras.

O jardim de infância tem, então, aqui um papel fundamental, deve proporcionar às crianças momentos nos quais possam brincar livremente no exterior e também deve dinamizar diversas atividades orientadas neste espaço.

Quando a brincadeira no exterior terminou, todos se sentaram nas escadas de acesso ao jardim de infância para tirar as pedras / areias dos sapatos. Antes de regressarem à sala de atividade todas as crianças foram fazer a sua higiene.

Quando entramos na sala, as cadeiras estavam dispostas em semicírculo e no centro estava uma mesa. Em cima dessa mesa havia 3 círculos feitos com corda e de cores diferentes, um era amarelo, o outro verde e o último vermelho. Ao lado havia duas caixas com muitos legumes e frutas de diferentes cores. A educadora de apoio A pediu a uma criança para se levantar e colocar dentro do círculo verde 3 legumes verdes. Depois pediu a outra criança para colocar 3 alimentos vermelhos no círculo vermelho e ainda pediu a uma terceira criança, que tirasse 1 legume e duas frutas amarelas e que colocasse dentro do círculo amarelo.

Eu não pude ver a conclusão da atividade, pois já estava na hora de eu ir embora, uma vez que teria de ir trabalhar. Posso dizer que fui muito bem recebida quer pelas crianças quer pelas educadoras e que me senti muito bem neste primeiro dia de PSEPE.

2.2.1.2- Dia 20 de outubro de 2020

Atividades observadas:

- ✓ Higiene
- ✓ Jogos de mesa
- ✓ Lanche da manhã
- ✓ Acolhimento (diálogo sobre a minha presença)
- ✓ Jogo “Lourenço, Lourenço aqui vai o lenço, Lourenço, Lourenço aqui fica o lenço”.
- ✓ História “Pinóquio”
- ✓ Diálogo sobre a história
- ✓ Desenho do boneco

Reflexão:

Neste meu segundo dia de observação participante quando cheguei ao jardim de infância, a maior parte das crianças também tinha acabado de chegar. Neste dia apenas estavam presentes 9 crianças e à medida que iam chegando as educadoras de apoio iam ajudando a despir os casacos e a vestir os bibes.

De seguida foram para a sala de atividades onde escolhem qual o jogo que queriam realizar. Neste dia com algumas crianças a educadora de apoio B, fingiu que não sabia qual era o jogo que a criança estava a pedir, fazendo assim, “uma brincadeira de adivinhas”.

Educadora: Qual a cor da caixa?

Criança: Azul.

Educadora: Qual a forma? (direitinha, redonda)

Criança: Quadrada.

Só depois é que deu o jogo à criança.

Para dar continuidade ao dia, a educadora de apoio A, perguntou a todas as crianças o que tinham comido ao pequeno almoço. De seguida a orientadora cooperante deu uma bolacha a cada criança referindo que a bolacha era redonda, uma criança depressa disse que tinha a forma de um círculo. Todos sentados nas mesas comeram a referida bolacha e ainda comeram um bocado de broa de mel, daquelas que o Capuchinho Vermelho levava à avozinha, no final todos beberam água. Cada criança tem o seu próprio copo, que se encontra identificado com o seu nome.

A atividade seguinte teve início com um diálogo sobre a minha presença. Para as crianças eu já não era uma pessoa estranha à sala, mas alguém que já fazia parte daquele grupo. Para a realização desta conversa, a orientadora cooperante sentou as crianças num semicírculo e nós as duas estávamos no centro. Como as crianças estavam um pouco fartas de estarem sentadas, a educadora levou o grupo até ao ginásio onde realizou o jogo “Lourenço, Lourenço aqui vai o lenço, Lourenço, Lourenço aqui fica o lenço”. Como nem todas as crianças conheciam o jogo, primeiramente foi necessário explicar as regras do mesmo. As crianças que demonstraram maior dificuldades na realização do jogo, as educadoras de apoio ajudavam, realizando o jogo com elas, de forma a que todas as crianças pudessem jogar, o jogo foi repetido várias vezes.

De acordo com Rodrigues, (2017, p. 2) citando Oliveira, as atividades lúdicas, nomeadamente o jogo não deve ser consideradas apenas uma diversão ou um prazer para preencher os tempos livres, devem sim, ser consideradas um auxiliar educativo e uma forma de motivar a criança para a aprendizagem. Toda a aprendizagem pressupõe algum tipo de motivação.

A manhã continuou com uma história, a orientadora cooperante pediu para todas as crianças se sentarem nas cadeiras, para esconder os braços e colocar os ouvidos alerta. A história era a do Pinóquio, mas esta tinha alguns pormenores um pouco diferentes:

“O boneco deitava a língua de fora”

“O boneco pegou num livro para ir para a escola, mas não foi e foi antes para o circo”.

“O grilo disse que ele se estava a portar mal, porque não tinha ido para a escola”

Com estas alterações, a orientadora cooperante pretendia reforçar a importância de irem sempre à escola e que esta é muito importante para o desenvolvimento de todas as crianças, pretendia também reforçar as diferenças entre ser um boneco e ser uma criança / menino de verdade. As crianças referiram que o boneco é um brinquedo; é de borracha; não fica doente; não vê; não ouve e não fala. Já os meninos têm cabelos de verdade; têm de trazer roupa para a escola (não podem vir despidos); ficam doentes; conversam; comem; poder ver, falar e ouvir.

Para concluir a manhã, a orientadora cooperante mostrou um Pinóquio de madeira e falou das suas características, falou do nariz, do chapéu, na cabeça que era redonda, dos olhos, da boca, do pescoço das pernas e dos pés. Concluiu dizendo que “hoje o Pinóquio veio à escola” e que agora cada menino tinha de ir para a sua respetiva mesa fazer o desenho da história. O boneco foi colocado em cima de um móvel para que cada criança pudesse ver como ele era feito.

A primeira semana da PSEPE teve como objetivo a observação participante do trabalho realizado pela orientadora cooperante bem como das educadoras de apoio. Estes dois primeiros dias foram bastante importantes para criar uma boa relação com o grupo bem como com todas as educadoras da sala.

Durante estes dois primeiros dias, foi possível observar e conhecer a rotina do grupo e participar nas atividades desenvolvidas pela orientadora cooperante. Como o número total de crianças não era muito elevado, tornou possível uma maior abertura da orientadora cooperante para dialogar comigo, pois tinha mais tempo disponível.

De uma forma geral, esta semana foi muito importante, pois permitiu conhecer o grupo de crianças com que iria trabalhar bem como algumas das suas rotinas e ainda consegui observar as estratégias utilizadas pela orientadora cooperante para desenvolver atividades ou resolver situações imprevistas que pudessem ocorrer.

2.2.2- Segunda semana de observação participante

2.2.2.1- Dias 26, 27, 28 e 29 de outubro de 2020

Esta semana de observação participante teve a duração de 4 dias e onde foram realizadas diversas atividades pela orientadora cooperante.

Todos os dias eram realizadas as atividades de rotina diária, onde as educadoras de apoio realizavam a receção das crianças, de seguida eram dados alguns jogos e todo o grupo realizava esses jogos na sala de atividades. Antes da orientadora cooperante iniciar as suas atividades matinais, existia sempre um período de acolhimento onde era dado água e bolachas ou outro alimento que existisse na instituição.

Algumas das atividades realizadas pela orientadora cooperante durante esta semana foram:

- ✓ Jogo do bichinho
- ✓ Visionamento de fotografias do próprio grupo
- ✓ Música – Os olhos da Marianita / O balão do João
- ✓ Recorte e colagem
- ✓ Jogo das cadeiras
- ✓ Leitura do livro “Não faz mal ser diferente” de Todd Parr
- ✓ Jogo “O chefe manda”
- ✓ Jogo “Fitinha azul”
- ✓ Ficha sobre sequências temporais
- ✓ Brincadeira livre
- ✓ Santorinho e Halloween
- ✓ Desenho de coisas assustadoras

Reflexão:

No primeiro dia e após as atividades diárias de higienes e jogos livres nas mesas a orientadora cooperante iniciou o dia com uma breve conversa sobre porque não podemos estar todos sentados bem juntinhos e porque não podemos dar abraços e beijos. Uma criança foi até ao centro e contou quantas crianças estavam presentes, de seguida, contou quantos eram meninos e quantas eram meninas. A atividade de contagem do número de crianças era uma rotina diária muito importante, pois através desta, a orientadora cooperante alertava para a importância da presença no jardim de infância e no quanto era importante e fundamental estar sempre presente. Como este grupo era muito pouco assíduo, esta atividade era muito importante e realizada sempre de forma a motivar para a importância do jardim de infância.

Após o diálogo algumas atividades e algum diálogo a orientadora cooperante falou sobre as características externas e internas de cada menino e para concluir cantaram duas canções, “os olhos da Marianita” e “o balão do João”. Como ainda faltava algum tempo para o almoço, foram todos brincar para o exterior. Diariamente o grupo solicitava que fossem brincar para a zona exterior do jardim de infância, (Figura 26) mas o que é brincar?

Ganhão (2017, p. 16), citando Pais (1989 p. 5) brincar “[...] é uma actividade essencial à vida infantil, saber brincar é para a criança saber viver e o acesso ao brinquedo é, pois, um direito inalienável”. O brincar é um processo muito importante para o desenvolvimento da criança, visto que é a fase mais importante do desenvolvimento infantil.



Figura 26- Crianças a brincar na zona exterior

Através do brincar as crianças entre os dois e os seis anos experimentam necessidades irrealizáveis através do brinquedo e da atividade lúdica.

“A criança tem direito à educação, que deve ser gratuita e obrigatória, pelo menos nos graus elementares. Deve ser-lhe ministrada uma educação que promova a sua cultura e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões mentais, o seu sentido de responsabilidade moral e social e tornar-se um membro útil à sociedade. O interesse superior da criança deve ser o princípio directivo de quem tem a responsabilidade da sua educação e orientação, responsabilidade essa que cabe, em primeiro lugar, aos seus pais. A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a actividades recreativas, que devem ser orientados para os mesmos objectivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos”. Declaração dos Direitos da Criança, 1959.

No segundo dia de observação desta semana, para além das já referidas atividades diárias, o grupo realizou recorte. Todos estavam a recortar, até aqueles que tinham mais dificuldades em pegar corretamente na tesoura. A finalidade daqueles recortes, era de representarem a sua família e colocar-lhes alguns acessórios de roupa que fizessem falta, como por exemplo, roupa; botas; sapatilhas; óculos; saia; relógio; etc, (Figura 27)



Figura 27- Atividade de colagem e recorte

Uma outra atividade realizada neste dia, e que nós consideramos muito importante é a leitura de histórias. A orientadora cooperante de uma forma muito expressiva realizou a leitura do livro “Não faz mal ser diferente” de Todd Parr. Mas o

que é ler? De acordo com Santos (2000, p.21) "Nos dias de hoje quando prenunciamos a palavra ler, surge na nossa consciência a ideia da capacidade que o indivíduo tem de interpretar, fazer inferências, analisar criticamente e compreender o conteúdo de um texto". Já para Barros (2000, p. 49), "ler é ser capaz de decifrar uma mensagem codificada por um interlocutor ausente".

Hoje em dia todos os educadores de infância, devem dar importância ao ato de ler, porque a leitura permite a construção de sentidos que transpõe o domínio linguístico. Por isso é que se considera que quanto mais se ler na sala de atividades para as crianças, mais estas desenvolvem as suas competências linguísticas, culturais e estéticas e cada vez mais se demonstram recetivas aos estímulos que lhe são lançados.

Antes de terminar este dia de observação participante ainda foi realizado o jogo das cadeiras, (Figura 28) como nem todo o grupo conhecia o jogo, pois havia crianças que quase não iam ao jardim de infância, a orientadora cooperante demonstrou como se realizava. O jogo teve início e uma menina mais pequena estava com algumas dificuldades em realizá-lo, então a educadora de apoio fez o jogo a dar a mão a essa menina, na vez seguinte, foi um próprio colega que a procurou, deu-lhe a mão e ajudou-a na realização do jogo. Como foi bonito e importante ver a interajuda entre as crianças.



Figura 28- Jogo das cadeiras

No decorrer desta semana existiram muitas atividades motivadores e inspiradoras para mim como futura profissional da Educação, uma das atividades que achamos importante reforçar foi a atividade relacionada com o Santorinho e o Halloween.

Quando chegou à sala de atividades, a orientadora cooperante sentou todo o grupo no chão e no centro colocou um pano cor de laranja. Começou por conversar sobre os meninos que não tinham comida e que estavam doentes. De seguida, ensinou-lhes a palavra TRADIÇÃO. Primeiro fê-lo a bater as palmas nas sílabas e depois pediu a cada criança que repetisse a palavra também a bater as palmas.

A orientadora cooperante com o auxílio da educadora de apoio A, fizeram uma pequena dramatização, (Figura 29) de como antigamente se ia pedir o santorinho e do que era dado, para terminar, reforçou que com o auxílio das bolsas de pano se pedia o santorinho e era recebido castanhas, nozes, rebuçados e às vezes uma moeda.

O santorinho é uma tradição de Portugal, mas há tradições de outros países, então a orientadora cooperante, colocou um pano preto em cima do pano cor de laranja e reforçou que aquelas são as cores representativas de outra tradição, e com a adição de novos tecidos, cores e acessórios o grupo conseguiu dizer que era o Halloween. Através destes objetos, foi criado um ambiente mágico que mostrou como se pode viver o Halloween.



Figura 29- Dramatização do Halloween

A segunda e terceira semana de observação da PSEPE decorreu sempre de uma forma tranquila, uma vez que as crianças já estavam habituadas com a minha presença. Senti sempre que estava integrada dentro do grupo e fui muito bem aceite por todas as educadoras. As crianças desde muito cedo que se acostumaram à minha presença e eu também me fui apercebendo de algumas “tipologias” comportamentais, das crianças do grupo.

Posso aferir que ao longo destas três semanas de observação onde também tive alguns momentos de participação, foram vários os momentos que me permitiram viver variadas situações e experimentar algumas atividades bastante pertinentes e que considero benéficas para a minha prática como futura Educadora de Infância. Estas situações permitiram-me crescer a nível profissional, mas também a nível pessoal.

Estas semanas tiveram uma grande importância, pois além de me permitirem um grande contacto com o grupo e com as suas rotinas, também me possibilitou a consulta de vários documentos importantes, como o Projeto Educativo da Instituição, as fichas individuais do grupo, entre outros, para caracterizar o contexto educativo em que está inserida a minha instituição e o meu grupo de crianças.

Para que a observação participante seja realizada, é necessária elaborar instrumentos de registo de forma a reunir dados que sejam necessários e importantes. Parente refere que

“Efetuar observações e registar o que se vê e o que se ouve propicia a recolha de evidências. Ao escrever o que observa e o que ouve o observador cria um registo sobre o qual pode refletir mais tarde, comparar com outros registos realizados ao longo do tempo e, ainda, partilhar e contrastar com outros adultos e com a família da criança” (Parente, 2012, p.7).

2.3- Prática Pedagógica Individual

Neste tópico serão apresentadas as várias atividades realizadas durante o período da PSEPE, sendo feita uma síntese dessas mesmas atividades e das respetivas reflexões.

Quando se realiza uma planificação para a Educação Pré-Escolar, devemos proporcionar às crianças um ambiente promotor de desenvolvimento e aprendizagens significativas e diversificadas (OCEPE, 1997). Desta forma, quando realizava as minhas planificações tentava sempre planificar atividades nas diferentes áreas de conteúdo, bem como articula-las, utilizando sempre que possível materiais e espaços diferentes. As planificações apresentadas de seguida, são o reflexo do trabalho desenvolvido ao longo da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar.

Todas as semanas de intervenção foram antecedidas de uma planificação de atividades, aceites pela orientadora cooperante e enviadas semanalmente à equipa de supervisão. No final de cada semana, realizava uma reflexão, onde evidenciava os pontos fortes e os pontos em que teria que melhorar, e referia ainda em que medida aquelas atividades tinham contribuído para o desenvolvimento do meu grupo de crianças.

A estrutura das planificações ficou à responsabilidade de cada estagiária, não existindo, por isso, um modelo a seguir. A título de exemplo, apresento uma planificação semanal da PSEPE (Apêndice A). As planificações eram semanais, contudo essas planificações desdobravam-se em planos diários.

2.3.1- Atividades e reflexão da 1ª semana - 9 a 13 de novembro de 2020

A minha primeira semana de prática pedagógica foi um misto de emoções. Se por um lado estava com muita vontade de colocar em prática muitos conhecimentos adquiridos anteriormente, por outro lado o nervosismo era muito. Esta semana de PSEPE foi de segunda-feira a sexta-feira e as atividades realizadas foram as que se encontram no quadro seguinte, (Quadro 1). O tema central trabalhado foi o Outono, Magusto e as suas tradições e Covid e a cidadania.

Quadro 1- Atividades realizadas na 1ª semana de intervenção

Dia de intervenção	Atividades realizadas
9/11/2020	Conversa inicial na manta Preenchimento do placar das presenças Flanelógrafo (história da Maria Castanha) Reprodução da história pelas crianças Desenho temático – Desenho da Maria Castanha

10/11/2020	Conversa inicial na manta Preenchimento do placar das presenças Conversa sobre o dia anterior Mostrar frutos do Outono Canção das castanhas Copiar a palavra CASTANHAS Pintura de um assador Pintura e construção de um cartucho de castanhas
11/11/2020	Conversa inicial na manta Preenchimento do placar das presenças Magusto na escola Desenho temático (magusto)
12/11/2020	Conversa inicial na manta Preenchimento do placar das presenças Conversa sobre a alimentação Pirâmide dos alimentos Pintar / desenhar os alimentos
13/11/2020	Conversa inicial na manta Preenchimento do placar das presenças Conversa sobre a alimentação Jogo da colher Vamos almoçar saudável

Reflexão da 1º semana - 9 a 13 de novembro de 2020

A minha primeira semana de implementação de um modo geral correu bem, consegui sempre realizar as atividades que tinha planeado, contudo, tive necessidade de alterar a sua ordem na sexta feira por uma questão de estratégia. Todas as minhas atividades tiveram início por volta das 9:45, pois como por norma existe sempre um número muito reduzido de crianças, tenho sempre necessidade de esperar que chegue o maior número possível de crianças. Também a minha orientadora cooperante só chega ao jardim de infância às 9:30.

Na segunda feira a história da Maria Castanha, (Figura 30) foi apreendida pelo grupo pois quando pedi para recontar a história todos o conseguiram fazer. Segundo Pimentel, (2017, p. 11) citando Mata, (2008) “A leitura de histórias é uma atividade muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica”.

De acordo com as OCEPE (1997, p.70) “As histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas ou inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens [...] suscitam o desejo de aprender a ler”.



Figura 30- História da Maria Castanha

Para a maioria das crianças a história da Maria Castanha era uma novidade e o grupo conseguiu adquirir algum conhecimento através da mesma. Foi ainda solicitado que realizassem o desenho da história e a maioria conseguiu reproduzir alguns aspetos importantes da história que eu tinha referido.

Na terça-feira iniciei o dia com o reconto da história por parte das crianças e ainda realizei um diálogo. Na minha opinião, o diálogo no jardim de infância é bastante importante, pois assim posso aumentar o vocabulário das crianças, mas também fazer uma avaliação daquilo que foi aprendido ou não pelo grupo.

As crianças precisam de oportunidades para conversar, o que requer tempo e espaço por parte do adulto para a ouvir e para falar com ela.

Para dar seguimento ao dia, apresentei vários frutos do outono, todo o grupo, teve oportunidade de explorar cada um dos frutos, (Figura 31). Assim, puderam sentir, cheirar, comparar e até mesmo saborear algumas frutas do outono como diospiro, marmelo, noz, castanha, amêndoa e romã. Eu achei esta atividade muito enriquecedora, pois as crianças não aprenderam só o nome dos frutos ou não viram só a sua imagem, elas puderam sentir a sua pele ou casca, saber como se podia comer, explorar cada fruto utilizando vários sentidos.



Figura 31- Exploração dos frutos do outono

A música “Ah, ah, ah, minha castanhinha”, foi facilmente aprendida e todos os dias, várias vezes ao dia, o grupo cantava. Eles cantavam quando era solicitado por mim, mas também quando simplesmente se lembravam. Na pintura do assador, (Figura 32) algumas crianças perguntavam para que serviam as castanhas e quando realizavam a carimbagem ficavam admirados com o resultado final. Na pintura do fogo, muitos diziam que a tinta estava fria e vazia coegas, mas todos gostaram bastante de pintar com as mãos.

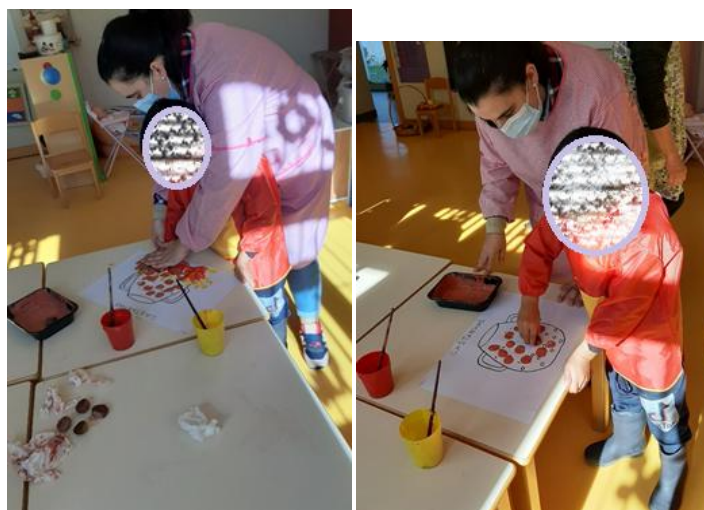


Figura 32- Pintura do assador

No dia de são martinho o magusto, (Figura 33) foi o ponto alto do dia, o grupo estava bastante admirado a aprender como se fazia a fogueira, a sentir a folha do pinheiro (caruma) e a descobrir como se assavam as castanhas.



Figura 33- Magusto

Para Coelho, (2015 sp), o contacto com a natureza permite que as crianças se apropriem de experiências positivas, o que leva a um condicionamento do seu comportamento perante a natureza, sensibilizando-os para os problemas ambientais.

Todas as crianças puderam sentir o calor que vinha do fogo e o cheiro da fogueira, no final, todas puderam ter uma castanha quente e assada nas mãos. Eles estavam bastante contentes por verem e poderem provar as castanhas. Na parte da tarde

realizaram um desenho, (Figura 34) sobre tudo o que tinham visto, mas desta vez o desenho não foi feito com o tradicional lápis, foi realizado com paus de carvão e depois pulverizados com laca do cabelo. No regresso a casa, todos levaram o cartucho de castanhas que tinham elaborado.



Figura 34- Desenho do magusto a carvão

Continuamos a falar da alimentação, deixamos as castanhas e o magusto e passamos a falar da pirâmide dos alimentos e dos frutos que constituem cada um dos patamares da pirâmide. Neste dia, antes de começar a falar da pirâmide, todo o grupo teve a oportunidade de ir ao refeitório ver como se fazem papas de carolo e ainda puderam tocar e cheirar os alimentos que foram utilizados na confeção deste doce tradicional.

Como esta atividade não estava prevista na minha planificação, tive que recorrer a uma pedagogia do momento e arranjar uma forma de a introduzir na manhã. Não tive dificuldade em o fazer, pois através do diálogo consegui despertar a curiosidade e o interesse do grupo pelo que se estava a passar no refeitório e que nós iríamos ver.

Relativamente a esta temática, Campos (2017) refere que os hábitos alimentares saudáveis devem inserir-se de forma natural no dia-a-dia das crianças, mas estes devem também ser adquiridos através da observação, da educação em contexto familiar como escolar, dando bastante importância ao papel da família.

Quando tiveram de pintar / desenhar os alimentos da pirâmide, todo o grupo se mostrou bastante empenhado e com vontade de realizar um bonito trabalho. No final obtivemos trabalhos muito bem elaborados.

Para terminar a semana, tive a presença da professora da Unidade Curricular de PSEPE no meu jardim de infância para realizar uma observação. Devo dizer que ao início me senti um pouco nervosa, mas com o avançar das atividades depressa me esqueci daquela presença e apenas me dediquei inteiramente ao meu grupo. Neste dia, tive que fazer uma pequena troca na ordem de uma atividade, pois primeiramente preferi realizar o jogo de movimento e assim o grupo libertar a sua

energia e depois realizar as atividades mais calmas e que requeriam uma maior concentração.

A atividade “vamos almoçar saudável”, foi bastante gira, o grupo conseguiu cortar os alimentos que quis comer e elaborar pratos saudáveis. O resultado final ficou bastante engraçado.

As atividades planificadas para a semana foram realizadas, a grande maioria delas em grande grupo, mas algumas das atividades foram realizadas de forma individual ou em pequenos grupos. Durante todas estas atividades as crianças mostraram-se muito interessadas e empenhadas

De um modo geral posso dizer que o grupo conseguiu aprender os conteúdos que eu pretendia, foram bastante participativos e empenhados. Esta primeira semana de PSEPE correu bastante bem, foi uma semana um pouco desafiadora, mas que com o passar dos dias fui ficando cada vez mais à vontade com o grupo. Durante toda a semana houve sempre a colaboração da orientadora cooperante em tudo o que era necessário, havendo uma grande cooperação entre a estagiária e a orientadora cooperante. Esta colaboração permitiu um maior à vontade e segurança na execução das atividades.

2.3.2- Atividades e reflexão da 2ª semana - 17 a 19 de novembro de 2020

A segunda semana de intervenção pedagógica teve como tema principal o Outono e cuidados a ter com a nossa higiene. Com recurso ao Quadro 2 é possível observar quais as atividades delineadas para a exploração destes temas.

Quadro 2-Atividades realizadas na 2ª semana de intervenção

Dia de intervenção	Atividades realizadas
17/11/2020	Conversa inicial na manta Preenchimento do placar das presenças Jogo “que linda falua” Diálogo Divisão silábica Decoração da letra
18/11/2020	Preenchimento do placar das presenças Conversa inicial na manta Leitura e exploração do livro “Atchuuu! O guia completo de boas maneiras” de Mij Kelly e Mary Mcquillan

Música

Regras de higiene

Preenchimento do placar das presenças

Conversa inicial na manta

19/11/2020

Cuidados que devemos ter para não apanhar covid 19

Maqueta da máscara

Mascara de tecido

Reflexão da 2º semana - 17 a 19 de novembro de 2020

De um modo global, a minha semana correu bem, cada dia que passa sinto-me mais à vontade para trabalhar e brincar com o grupo. As crianças têm-me aceite muito bem assim como todas as educadoras presentes. A maior dificuldade continua a ser o reduzido número de crianças e o facto de nunca saber quantas crianças vou ter em cada dia de prática. Na quinta-feira foi o dia em que mais crianças estiveram presentes no jardim de infância e foram 13. Nunca em nenhum dia de observação nem de prática tive tantas crianças. Será que para a semana vai ser igual? É sempre uma incógnita.

Posso dizer que o meu trabalho foi recompensado, pois quando fazia pequenas perguntas sobre o que tínhamos feito ou falado, a maioria das crianças conseguiam-me ir respondendo. Sempre os senti motivados e nunca achei que eles estavam desinteressados em me ouvir ou em fazer algum trabalho. A atividade que menos os motivou, foi a leitura do livro "Atchuuu! O guia completo de boas maneiras" de Mij Kelly e Mary Mcquillan", pois a meio da história já sentia o grupo mais inquieto e agitado.

Segundo Mata (2008, p. 78) "A leitura de histórias é uma atividade muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica."

Todos os dias desta minha semana de prática tiveram início com as habituais atividades de rotina, ou seja, as crianças conforme iam chegando lavavam as mãos e podiam escolher entre jogos, livros ou a garagem. Quando o grupo já estava um pouco mais "composto" eu dava as bolachas e todas as crianças bebiam água. No final desta atividade de rotina, todos se sentavam numa cadeira junto ao quadro para realizarmos o preenchimento do placar das presenças.

O jogo "que linda falua" foi realizado no ginásio e todo o grupo gostou bastante de o realizar. Antes de iniciar o jogo, deixei que todas as crianças corressem livremente pelo ginásio de forma a libertarem as suas energias. Repetimos o jogo duas vezes e todos estavam muito contentes por o estarem a realizar. A orientadora cooperante era a maquinista do comboio e uma das educadoras de apoio também participou. Eu

fui a primeira a ficar apanhada para assim poder ajudar na escolha dos frutos por parte das crianças.

Como afirmam Silva et al. (2016, sp):

A realização de jogos é de extrema importância para o desenvolvimento das crianças pois estas desenvolvem as suas capacidades motoras e expressivas, apropriando-se também do espaço que as rodeia. Assim, este é um recurso educativo bastante útil, visto ser apresentado como uma atividade atrativa e também devido ao facto de ter em conta tanto os interesses, como as emoções e as propostas das crianças.

A atividade de observação de imagens, visualização da palavra escrita, divisão silábica e contagem do número de palmas, (Figura 35) correu bem. Todas as crianças estavam empenhadas e até as mais pequenas (3 anos) faziam um esforço para conseguir contar as palmas que batiam.

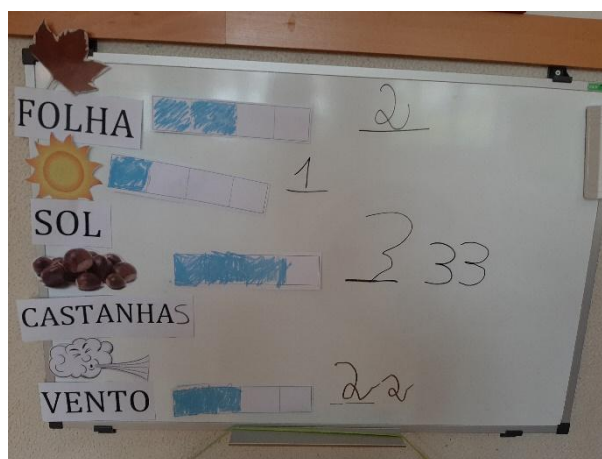


Figura 35- Observação de imagens, visualização da palavra escrita, divisão silábica e contagem do número de palmas

A última atividade do dia 17 de novembro foi a decoração de letras (Figura 36) que juntas formavam as palavras TEMPO e OUTONO. Algumas crianças conseguiram identificar a letra que lhes calhou e diziam que era do nome deles. Foi uma atividade bastante gira e importante para desenvolver a destreza manual de algumas crianças, uma vez que tinham de partir folhas em pedaços bem mais pequenos para depois os podem colar na respetiva letra. O resultado final foi agradável e servirá para realizar um painel de trabalhos sobre o outono para expor na sala de atividades.



Figura 36- Decoração de letras

A exploração dos objetos que necessitamos para uma correta higiene foi uma atividade muito motivadora para todas as crianças. Todas queriam retirar o objeto, dizer o seu nome e qual a sua função. Quando lhes pedi para fazer a associação do objeto com a imagem das regras, todos o conseguiram fazer sem dificuldades.

No dia 18 de novembro a orientadora cooperante sugeriu que eu demonstrasse como se deve lavar corretamente as mãos, (Figura 37). Então quando todo o grupo estava sentado nas cadeiras de frente para o quadro, eu fiz a seguinte atividade:

Coloquei umas luvas descartáveis.

Coloquei umas gotas de tinta de guache (sabão) nas mãos.

Demonstrei como se devem lavar as mãos fazendo todos os gestos que se devem fazer.

Todo o grupo fazia ao mesmo tempo que eu os gestos que eu estava a fazer.

Todos verificaram se as minhas mãos estavam castanhas (que queria dizer bem lavadas).

Retirei as luvas e voltei a repetir esta lavagem das mãos.

O grupo fez comboio e fomos até à casa de banho onde eu lavei as mãos e todos verificaram se já não havia vestígios de tinta, ou seja, de micróbios.

Todas as crianças lavaram as mãos



Figura 37- Lavagem correta das mãos

A atividade da realização da maquete e da máscara (Figura 38) foi muito engraçada, pois com a ajuda das educadoras de infância presentes nós conseguimos criar as máscaras que cada criança queria para si e que tinha desenhado. Esta atividade era um mini projeto que no final poderá ser incluído no projeto final do Agrupamento de Escolas sobre a Covid-19. Cada criança fez o desenho de como gostaria que fosse a sua máscara e nós com tecidos, linhas, lã, fios, tentamos reproduzir num pedaço de tecido aquilo que eles desenharam no papel. No final de todas as máscaras concluídas, cozemos um elástico para assim as podermos utilizar nos futuros passeios pela nossa cidade. Todas as máscaras no seu interior têm um filtro, para proteger as crianças contra esta doença.

Desta forma, e no meu ponto de vista, consegui cumprir com tudo o que tinha planeado, as crianças estavam sempre bastante felizes e empenhadas e acho que consegui atingir os objetivos que tinha estipulado para todo o grupo.



Figura 38- Maqueta da máscara e máscaras em tecido

2.3.3- Atividades e reflexão da 3ª semana - 24 a 27 de novembro de 2020

A terceira semana de prática pedagógica teve novamente como tema principal o Outono, Magusto e algumas tradições e Covid-19 e cidadania. Esta semana teve a duração de quatro dias (de terça-feira até sexta-feira) e para uma melhor compreensão das atividades elaboradas podemos explorar o Quadro 3.

Quadro 3- Atividades realizadas na 3ª semana de intervenção

Dia de intervenção	Atividades realizadas
24/11/2020	Atividades livres Lanche da manhã Higiene Preenchimento do placar das presenças. Contagem do número de crianças Conversa sobre o dia anterior, a máscara e o passeio que realizaram Passeio pela cidade (Observação de montras, luzes e objetos alusivos ao natal.)
25/11/2020	Atividades livres Lanche da manhã Higiene Preenchimento do placar das presenças. Contagem do número de crianças Conversa sobre o percurso de obstáculos

Entoação de Músicas

Desenho temático em suporte analógico - realizar o desenho do vírus SARS-COV-2 “visto” pelas crianças

Desenho temático em suporte digital - realizar o desenho do vírus SARS-COV-2 “visto” pelas crianças

26/11/2020

Rotinas diárias

Visionamento de imagens de vírus no computador

Acolhimento

Desenho temático em suporte analógico - realizar o desenho do vírus SARS-COV-2 com as características decididas pelas crianças

Desenho temático em suporte digital - realizar o desenho do vírus SARS-COV-2 com as características decididas pelas crianças

Modelagem com plasticina

27/11/2020

Rotinas diárias

Acolhimento

Diálogo

Visionamento de uma história sobre um vírus mal comportado

Construção do nosso vírus em 3D

Reflexão da 3º semana - 24 a 27 de novembro de 2020

No dia 24 de novembro depois das rotinas diárias realizadas dei início ao acolhimento onde realizamos o preenchimento do placar das presenças, a contagem do número de crianças e onde ainda fizemos uma espécie de jogo para que o grupo pudesse ver outra forma de contarmos o número de crianças presentes através da contagem do número de lápis. Aproveitando os lápis realizamos vários conjuntos de acordo com as cores existentes. Com esta atividade consegui relembrar um pouco mais as cores e os números através da contagem e representação gráfica.

O processo de desenvolvimento do sentido de número é progressivo, sendo que contar implica saber a sequência numérica, mas também fazer correspondência termo a termo. Assim em situações de junção de dois conjuntos as crianças começam por contar a quantidade de objetos de cada conjunto, juntam os dois e recontam todos os objetos do conjunto resultante.

No dia 25 de novembro o percurso de obstáculos correu muito bem, todo o grupo percebeu como este se iria realizar e soube esperar pela sua vez para poder participar. Todos quiseram repetir o percurso e no final todos ajudaram a arrumar.

“A Educação Motora, no jardim de infância, deverá proporcionar experiências e oportunidades desafiantes e diversificadas, em que a criança aprende: a conhecer e a usar melhor o seu corpo, criando uma imagem favorável de si mesma; a participar em formas de cooperação e competição saudável; a seguir regras para agir em conjunto; a organizar-se para atingir um fim comum, percebendo que pode ganhar ou perder, aceitando e ultrapassando os insucessos”. (OCEPE, 2016, p. 43).

No percurso de obstáculos (Figura 39) cada criança teria que percorrer um caminho passando por vários obstáculos. Para poderem chegar ao final, teriam que saltar com os pés juntos, andar de pernas abertas, não pisar os obstáculos, andar seguindo diferentes direções, etc. Para poderem realiza-lo corretamente, tinham que ter alguma perícia e cuidado quando o estavam a realizar.

“Na educação pré-escolar, a criança já possui algumas aquisições motoras básicas, tais como andar, correr, transpor obstáculos, manipular objetos. Partindo destas aquisições, serão criadas situações em que a diversificação de formas de utilizar e de sentir o corpo deem lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo voluntário desse movimento — iniciar, parar, seguir vários ritmos e várias direções. A exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos vários segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao espaço exterior, esquerda, direita, em cima, em baixo, etc, (OCEPE, 2016, p. 45).



Figura 39- Percurso de obstáculos

O desenho do vírus visto pelas crianças, (Figura 40) desenvolveu competências expressivas e a forma como nos podemos exprimir, cada criança teve que colocar no papel aquilo que ia na sua cabeça e a forma como viam aquele ser minúsculo e desconhecido. Houve quem o fizesse verde, outros laranjas, outros azuis (demonstra que cada um o imagina de uma cor diferente), uns eram redondos, outros eram muitas linhas, outros eram uns círculos dentro de outros círculos. Cada criança imaginou e conseguiu realizar o desenho do seu vírus.



Figura 40- Desenho do vírus visto pelas crianças

Segundo as OCEPE, (2016, p. 47):

“na educação artística, a intencionalidade do educador é essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com diversas manifestações artísticas de diversas épocas, culturas e estilos, de modo a incentivar o seu espírito crítico perante diferentes visões do mundo”.

De acordo com Alencar (2007, pg. 48), “a criatividade não é algo que acontece por acaso, podendo ser deliberadamente empregada, gerenciada, desenvolvida, cabendo à escola maximizar as oportunidades de expressão da criatividade nos processos de ensino e aprendizagem”

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, art. 5.º), um dos objetivos da educação pré-escolar é “desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a actividade lúdica”.

Após terem feito o desenho com recurso a papel, solicitei a duas crianças que o realizassem utilizando agora um suporte digital, (Figura 41). No início demonstraram alguma dificuldade, mas após uma breve explicação das funções disponíveis no programa Paint, as crianças realizaram o seu desenho sem grande dificuldade. Quando perguntei a uma delas onde tinha gostado mais de desenhar ela respondeu que no computador.



Figura 41- Realização do desenho virtual do SARS-COV-2 “visto” pelas crianças

A tecnologia, em particular o computador, pode ser usada para construção do conhecimento, pois oferece inúmeras possibilidades de aprendizagem sobre o mundo envolvente.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar:

“(...) as novas tecnologias de informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente (...)” Esta situação verifica-se com muitas crianças que, hoje em dia, têm acesso e estão familiarizadas com os computadores em casa, tornando-se premente a sua integração em contexto de sala de aula e, de uma forma geral, em todas as atividades letivas. “ (...) a utilização dos meios informáticos a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de várias situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário” e o qual “ (...) pode ser utilizado em expressão plástica e expressão musical, na abordagem ao código escrito e na matemática (...)” (OCEPE, 1997 p.72)

Nesta minha semana de trabalho com o grupo, realizei ainda uma atividade onde cada criança teria que modelar o seu vírus recorrendo a plasticina. A maioria das crianças demonstra gostar muito de brincar com esta massa de modelar e apresentaram trabalhos bastante originais. Segundo as OCEPE (1997, p. 58), “tendo em conta o desenvolvimento motor de cada criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global, mas também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo”.

A atividade de visionamento da história virtual do vírus mal comportado, foi aceite pelas crianças como mais uma forma de ouvir e ver histórias, elas perceberam que não é só os livros que têm esta função, mas que podemos também utilizar o nosso computador para o fazer.

“A leitura de histórias é uma atividade muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica” (Mata, 2008, p. 78).

A atividade da maquete e construção do nosso vírus (Figura 42), foi realizada em conjunto com todo o grupo. Após termos decidido qual a sua cor, a sua forma, e como o poderíamos construir a turma foi dividida em pequenos grupos e cada grupo foi realizar uma atividade diferente. Uns foram brincar para a casinha das bonecas, outros para a garagem, outros para os legos e alguns foram realizar jogos para as mesas de atividades. Duas crianças de cada vez, foram chamadas para virem ajudar na realização e pintura do nosso vírus. Este trabalho só foi possível fazer, pois a turma conseguiu trabalhar em equipa, respeitar as opiniões dos outros e respeitando a sua vez para vir realizar as tarefas que eu ia pedindo.



Figura 42- Elaboração da maquete do vírus

Para concluir, posso dizer que foi mais uma semana muito gratificante pois o empenho com que realizaram todas as atividades era visível na alegria das crianças e eu também fui conseguindo superar as minhas dificuldades para assim me tornar numa melhor pessoa e futura educadora de infância. Este grupo tem características muito próprias o que faz com que o trabalho diário seja sempre um desafio para mim.

2.3.4- Atividades e reflexão da 4ª semana - 2 a 3 de dezembro de 2020

Durante o decorrer desta semana, a temática central abordada estava relacionada com o Natal. As atividades desenvolvidas ao longo desta semana encontram-se no Quadro 4.

Quadro 4- Atividades realizadas na 4ª semana de intervenção

Dia de intervenção	Atividades realizadas
02/12/2020	Atividades livres Preenchimento do placar das presenças. Contagem do número de crianças História digital “A história do pai natal” Adivinhas Explorar as palavras das adivinhas (sino; pai natal; presépio; pinheiro; estrela; anjo; presente) Picotagem de bolas de natal
03/12/2020	Atividades livres Lanche da manhã Higiene Diálogo Aprender e declamar um poema sobre o natal Elaborar uma Coroa de natal

Reflexão da 4ª semana - 2 a 3 de dezembro de 2020

Esta semana de intervenção foi bastante curta tendo sido de apenas dois dias. Iniciei a abordagem ao natal e às tradições que se costumam realizar nesta quadra festiva. Para iniciar esta temática, mostrei e explorei uma história sobre o pai natal. Esta figura é sempre conhecida das crianças e desperta muito interesse e motivação.

A história digital (Figura 43) foi uma atividade que o grupo gostou muito, estavam muito concentrados a ouvir a história, mas também a ver as imagens. Quando lemos histórias costumamos fazê-lo utilizando um livro, mas também é importante diversificar o suporte e o computador é uma fonte bastante motivadora e diversificada.



Figura 43- Visionamento da história digital "A história do pai natal"

A era digital trouxe um infinito de facilidades, a internet aproximou-nos do resto do mundo, colocou à nossa disposição uma quantidade de conhecimentos e informações imensas. A leitura de histórias é importante porque segundo as novas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016, pg.64), "A aprendizagem da linguagem oral e escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo que se começa a desenvolver muito precocemente e não somente quando existe o ensino formal".

Quando realizei a atividade sobre as adivinhas, (Figura 44) no início as crianças não estavam a perceber muito bem como funcionava. Não conseguiam dar a resposta à adivinha e diziam coisas completamente fora do contexto. Acho que isto aconteceu, pois, o grupo estava um bocado desatento. Tive que voltar a explicar e ler a adivinha uma duas ou três vezes e depois lá conseguiram perceber e no final todas as adivinhas foram descobertas. Acho que quando voltei a explicar e eles começaram a perceber como funcionava "aquele jogo", as crianças começaram a ficar mais motivadas.



Figura 44- Adivinhas

“A motivação produz não só a melhor aprendizagem e desempenho, mas também mais confiança em si próprio e maior satisfação no trabalho. Por isso deverá ser valorizada nos contextos escolares não apenas como meio, mas também como fim em si mesma. Assim, é importante desenvolver nas crianças a capacidade de se auto motivarem, tanto mais quanto a escola de hoje tem de preparar um conjunto heterogéneo de alunos para uma vida autónoma e produtiva” (Lemos, 2005, p. 193).

Na aprendizagem do poema a maioria das crianças conseguiu aprender e recitar a primeira quadra, nas restantes quadras foi necessário a intervenção do adulto pois esqueciam-se de alguma palavras. Estas atividades são boas para desenvolver a linguagem, mas também para treinar a memória nas crianças.

Segundo Botelho (2017, pg. 18):

“... experiências ao nível da Poesia seja através de construção de poemas, de declamações, fornecendo momentos de descontração de alegria de aprendizagens, sem o compromisso racional. Desta forma, encontrar formas de aproximar as crianças aos textos poéticos deve ser o desafio de todos os professores. A relação existente entre a oralidade e a escrita dos textos poéticos apresenta-se como um aspeto para a aprendizagem da língua e o desenvolvimento da escrita”.

A atividade de colagem de massas, (Figura 45) para a elaboração da coroa de natal, foi outra atividade realizada onde se desenvolveu a motricidade fina, mas onde também se desenvolveu a criatividade, pois cada criança pode escolher a massa que queria utilizar, mas também a forma como a utilizar. Houve crianças que fizeram padrões, outro colocaram a massa sem qualquer tipo de regularidade, alguma tiveram cuidado para não deixar espaços livres.



Figura 45- Coroas de Natal

Segundo as OCEPES:

“As crianças já sabem e são capazes de fazer, do seu prazer em explorar, manipular, transformar, criar, observar e comunicar, para proporcionar experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas que ampliam a expressão espontânea das crianças e garantem o direito de todas no acesso à arte e à cultura artística ... Quando deixamos que uma criança tenha acesso a materiais de uso utilitário ou reutilizáveis “(tecidos, cartão, objetos naturais, papéis diversos, latas, fios, para serem integrados e redefinidos a partir de novas funcionalidades e significados, o que permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis. A multiplicidade e diversidade de todos estes possíveis materiais exigem uma organização cuidada, que facilite o acesso e utilização autónoma por parte das crianças, incentivando o desenvolvimento da capacidade expressiva de cada criança e do grupo”, (2016 pg. 47-49).

Quando planifiquei o desenho temático, sobre o poema, pretendia que o grupo representasse a forma como via aquilo que estava descrito no poema. Através deste tipo de desenho a criança faz uma representação da sua visão sobre o mundo, os seus medos, vontades e as suas realizações, sendo, portanto, uma forma através da qual a criança revela como se relaciona com o meio ambiente. O desenho promove as competências sociais da criança, dado que, ao partilhar, mostrar e discutir sobre o desenho, com o seu grupo de amigos e com os adultos à sua volta, começa a construir competências sociais que lhe permitirão viver em sociedade, interagindo com os intervenientes da mesma, “sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia”, Ministério da Educação, (2007, p. 51).

Todas as semanas realizo atividades da rotina diária, a importância atribuída a cada momento da rotina: acolhimento, alimentação, higiene, tempo de grupo, tempo de trabalho, dependerá da intencionalidade com que a realizo, pode ser para esperar que cheguem mais crianças, pode ser para desenvolver a autonomia a uma criança quando lhe peço para arrumar os jogos, pode ser para motivar alguma criança para a realização de alguma atividade.

Segundo Oliveira-Formosinho (1998) desenvolver uma rotina é transformar o tempo num “tempo de experiências educacionais ricas e interações positivas” (p.71), neste sentido a aquisição de rotinas torna-se muito importante para a criança, na fase

inicial do seu desenvolvimento. Proporciona novas experiência de aprendizagens a todos os níveis, como o 6 desenvolvimento da autonomia, regras e responsabilidade e, acima de tudo, transmite à criança o sentimento de segurança e confiança, fundamentais ao seu bem-estar e ao seu desenvolvimento, quer seja ela a nível social, cognitivo e motor.

2.3.5- Atividades e reflexão da 5ª semana - 9 a 11 de dezembro de 2020

A quinta semana de prática pedagógica teve novamente como tema principal o nosso natal, alguns costumes e tradições. Esta semana teve a duração de três dias (de terça feira até quinta feira) e para uma melhor compreensão das atividades elaboradas podemos explorar o Quadro 5.

Quadro 5- Atividades realizadas na 5ª semana de intervenção

Dia de intervenção	Atividades realizadas
9/12/2020	Rotinas diárias Preenchimento do placar das presenças Contagem do número de crianças Análise da Capa, contracapa e guardas do livro “O Natal Especial da Família Neve” de Stella Gurney Leitura e exploração da história “O Natal Especial da Família Neve” de Stella Gurney Conversa sobre a história Entoação da canção “Tenho uma boneca, assim, assim...” Construção plástica de postais de Natal Desenho da história
10/12/2020	Rotinas diárias Preenchimento do placar das presenças Contagem do número de crianças Identificar e explorar um pinheiro Entoação e coreografia da canção “Pinheirinho, pinheirinho” Aprendizagem e recitação da quadra de natal Construção plástica Árvore de Natal coletiva
11/12/2020	Rotinas diárias Preenchimento do placar das presenças Contagem do número de crianças

Entoação da canção “Tenho uma boneca, assim, assim...”
e da canção “Pinheirinho, pinheirinho”

Construção de um pai natal

Pintura de um presépio

Reflexão da 5ª semana - 9 a 11 de dezembro de 2020

Esta minha semana de prática foi dedicada à elaboração de trabalhos alusivos ao natal e que serviram para decorar não só a nossa sala de atividades, mas também outras zonas do jardim de infância.

No dia 9 de dezembro tive a visita da professora Unidade Curricular de PSEPE que veio fazer uma supervisão direta. Neste dia consegui cumprir o plano que tinha imaginado e estruturado e penso que de um modo geral o dia correu bem. A exploração do livro “O natal especial da família neve” foi o ponto de partida para a minha semana e foi utilizada de forma a introduzir novamente a temática do Natal. Durante a exploração da capa, contracapa e da lombada todo o grupo se mostrou bastante interessado e participativo. Algumas crianças conseguiram adivinhar uma parte do título do livro.

Durante esta semana o grupo aprendeu as letras e as melodias de duas canções diferentes. No início estavam um pouco envergonhados e não se sentiam muito à vontade para cantar quer a música “Tenho uma boneca, assim, assim” quer a música “Pinheirinho, pinheirinho”, mas com o passar dos dias e depois de algum treino, já quase todas as crianças conseguiam cantar sem a música original.

“A abordagem à Música no jardim de infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança” (OCEPES, 2016, p. 54)

A Educação Pré-Escolar considera que a música tem um papel primordial na formação de crianças e na aquisição de competências e aprendizagens, pois a música é capaz de transmitir inúmeros sentimentos, como por exemplo: alegria, melancolia, violência, calma entre outros. A música é considerada a linguagem universal, é um meio de comunicação em todo o mundo e entre todas as pessoas. Ainda dentro da barriga das mães, os bebés já ouvem e já conseguem reconhecer a voz dos pais, após o nascimento os pais instintivamente ligam-se aos filhos através da música. Adormecem e acalmam as crianças com canções de embalar, brincam e interagem com canções e rimas divertidas.

Quando realizamos a atividade dos postais de natal (Figura 46) para os pais, eu levei vários modelos e deixei cada criança escolher aquela que pretendia fazer. Com o facto de haver várias opções de escolha, eu permiti que as crianças pudessem pensar e dizer o que queriam fazer e não ser mais uma atividade planeada e escolhida só por mim.



Figura 46- Realização dos postais de Natal

As atividades de artes visuais permitiram, entre outras coisas, desenvolver a motricidade fina do grupo. Algumas crianças, nomeadamente as mais novas, ainda demonstram algumas dificuldades na utilização da tesoura e em realizar recorte orientado. Embora tenham alguma dificuldade estas nunca desistem e estão sempre com vontade de experimentar e de recortar.

A motricidade fina está relacionada ao desenvolvimento dos músculos menores do corpo, dentre os quais estão os das mãos e dos dedos. Ao desenvolver tal habilidade as crianças são capazes de realizar movimentos mais delicados e precisos que podem implicar, por exemplo, no modo como elas pegam no lápis e na pressão que usam na escrita.

Segundo o Ministério da Educação (1997, p. 58) a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas, e cada uma das crianças, aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo. O desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do Jardim de Infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objetos.

Quando pedi ao grupo que me realizassem um desenho (Figura 47) sobre a história que tinham ouvido, para além de desenvolver o desenho, a criatividade a forma de desenhar, consegui também ficar a perceber melhor quais os conteúdos da história que cada criança conseguiu adquirir, e que de alguma maneira, achou importante salientar através do seu desenho. Já consigo verificar um melhoramento a nível do desenho, as crianças estão cada vez a desenhar melhor (desenhos mais perceptivos), a realizar mais detalhes e também a ter mais cuidado com a sua apresentação. O facto de eu escolher diferentes suportes e materiais de desenho, também é motivador e ao mesmo tempo torna a experiência de desenhar mais enriquecedora para o grupo.



Figura 47- Desenho da história O Natal Especial da Família Neve”

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016, p.48) podemos verificar que:

“A organização do espaço e dos materiais da sala, a sua diversidade, qualidade e acessibilidade são também determinantes para as oportunidades de exploração e criação das crianças no domínio da educação artística. (...) As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação. Assim, é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos (papel de diferentes dimensões e texturas; tintas de várias cores; diferentes tipos de lápis como pastel seco, carvão, etc, barro, plasticina e outros materiais moldáveis; etc.)”

Nas atividades de artes visuais ainda realizamos nesta semana a construção de uma árvore de natal coletiva, (Figura 48). Cada criança decorou um triângulo que estava cortado numa folha de papel verde brilhante e à sua disposição tinha diversos materiais que pôde escolher e colar. No final construímos uma árvore de natal que ficou exposta na sala de atividades.



Figura 48- Árvore de Natal coletiva

No final desta semana, ainda realizaram a pintura e colagem de papeis para realizarem um presépio, (Figura 49). Esta atividade não foi concluída por todas as crianças, porque as mais pequenas (3 anos) demoraram muito tempo e não conseguiram concluir dentro do tempo que eu tinha estipulado. Esta atividade foi depois concluída pela orientadora cooperante e pelas educadoras de apoio da sala durante o período da tarde.



Figura 49- Presépio

2.3.6- Atividades e reflexão da 6ª semana - 15 a 17 de dezembro de 2020

Durante o decorrer desta semana, a temática central abordada estava relacionada com o Natal. Através desta explorou-se a história "Babushka" de Sandra Ann Horn. Foi uma semana que teve a duração de três dias de prática pedagógica e de um modo geral correu bastante bem. Para uma melhor compreensão das atividades elaboradas podemos explorar o Quadro 6.

Quadro 6-Atividades realizadas na 6º semana de intervenção

Dia de intervenção	Atividades realizadas
17/11/2020	Leitura e exploração do livro “Babushka” de Sandra Ann Horn Jogo dos sentimentos Carta ao Pai Natal Fazer o desenho da história “Babushka” Desenho digital de natal
18/11/2020	Confecção de Filhoses jogo tradicional “Corrida a três pés” Massa de pão
19/11/2020	Jogo das Adivinhas Rapsódia de músicas natalícias Postal de natal para os pais

Reflexão da 6º semana - 15 a 17 de dezembro de 2020

Esta foi a última semana do ano de 2020 e a última dedicada ao natal. Nesta semana iniciei com a leitura e representação da história “Babuska”. Esta não é uma história tradicional sobre o natal, mas é uma história que este grupo de crianças gosta bastante e que pediu. Sim, esta semana a história não foi escolhida por mim, mas sim por algumas crianças. Durante a representação e exploração da história, todo o grupo estava bastante interessado e concentrado, foi muito gratificante ver a forma como estas crianças estavam recetivas com a história que eu estava a contar.

Como na história são referidos vários sentimentos eu aproveitei para realizar um pequeno jogo com as crianças referindo e imitando vários sentimentos. Algumas crianças foram bastante espontâneas na realização dos sentimentos, outras não quiseram participar no jogo.

Aproveitando o tema do natal e visto a minha investigação ser sobre o desenho digital, esta semana, algumas crianças do grupo realizaram alguns desenhos no computador. Esta atividade foi realizada individualmente e apoiada por mim, quando a criança estava a realizar o desenho comigo, as restantes estavam a realizar brincadeiras livres.

As crianças necessitam muito de se mexer e libertar energia, no jardim de infância as atividades de educação física são bastante importantes e enriquecedora para o desenvolvimento das crianças, assim, sempre que posso, realizo atividades onde as crianças possam correr, saltar, andar, imitar. O jogo “corrida a três pés”, (Figura 50) podia ter sido mais interessante se neste dia estivessem mais crianças presentes no

jardim de infância. Neste dia apenas estavam presentes 5 crianças e uma delas não quis realizar o jogo. O facto de o número de crianças ter sido tão reduzido fez com que só pudéssemos realizar duas equipas e o jogo só se realizou três vezes. As crianças que o realizaram estavam contentes e na segunda vez que o realizaram, já perceberam que nem sempre ganha quem é mais rápido, mas sim quem tem mais cuidado na sua realização. No final todos se divertiram e retiraram alguma coisa de boa deste jogo.



Figura 50- Corrida a três pés

O jogo “o pai natal manda”, (Figura 51), é bastante conhecido das crianças e quase todas pedem para o realizar. O pai natal estava sentado numa cadeira e dava instruções que todo o grupo realizava sem protestar. Depois de duas ou três instruções, o nosso pai natal escolhia quem o iria substituir. Aqui realizavam diversos exercícios de expressão e comunicação.



Figura 51- Jogo Pai natal manda

Na atividade da realização das filhoses, iniciei por explicar e mostrar a receita, (Figura 52) explorar cada um dos ingredientes e no final é procedemos à realização da massa das filhoses.

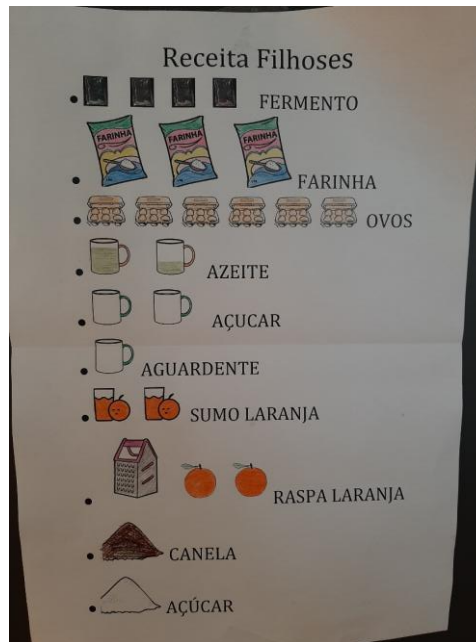


Figura 52- Receita filhoses

Como neste dia, o número de crianças presentes era bastante reduzido, esta atividade foi realizada em conjunto com as crianças das duas salas do 1º Ciclo. Algumas crianças puderam ajudar na realização das filhoses, algumas crianças puderam partir os ovos, outras deitaram o açúcar, outras crianças ajudaram a deitar a farinha e o azeite, e a massa foi amassada pela orientadora cooperante, (Figura 53).



Figura 53- Crianças a ajudar a realizar as filhoses

Na parte da tarde a sala de atividades foi transformada numa cozinha e procedemos à confeção das filhoses. Esta atividade foi da responsabilidade das educadoras de infância e das professoras do 1º ciclo do ensino básico e eu estive encarregue de brincar e ajudar as crianças. Ao lanche todas as crianças comeram uma filhó e quando foram para casa, puderam ainda levar uma outra filhó para poderem partilhar com a família.

A maior dificuldade que senti nesta semana foi o reduzido número de crianças presentes, o que fez com que nem sempre pudesse fazer as minhas atividades como tinha planeado. A atividade que mais gostei de fazer foi as filhoses, pois senti uma grande alegria nas crianças, existiu uma partilha de conhecimentos, um avivar de recordações natalícias e um cheiro que me encheu o coração.

2.3.7- Atividades e reflexão da 7ª semana - 5 a 7 de janeiro de 2021

A última semana de desenvolvimento de atividades estava relacionada com a temática os reis magos e o inverno. As atividades propostas para esta semana encontram-se enumeradas no Quadro 7. Esta não seria a última semana de PSEPE, mas por motivos de saúde, não planificamos nem implementamos mais nenhuma semana.

Quadro 7- Atividades realizadas na 7ª semana de intervenção

Dia de intervenção	Atividades realizadas
05/01/2021	Atividades livres, lanche da manhã, higiene, preenchimento do placar de presenças, contagem do número de crianças. Dramatização de – “Assim foi o meu natal” Conversar sobre o natal de cada criança Realizar um desenho em suporte analógico sobre como foi o natal de cada criança
06/01/2021	Atividades livres, lanche da manhã, higiene, preenchimento do placar de presenças, contagem do número de crianças. Realizar o jogo “O rei manda” História digital “A história dos reis magos” O bolo rei, a sua origem, como é feito, exploração e prova de um bolo rei Coroa dos Reis Magos Elaboração da coroa dos reis
07/01/2021	Atividades de rotinas diárias e acolhimento Corrida de Camelos

Visionamento da história “Três reis a caminho de Belém”, numa “televisão de antigamente”

Desenho em suporte digital e analógico dos três reis magos

Brincar livremente com os jogos da sala

Brincar nos cantinhos

Brincar com plasticina

Reflexão da 7ª semana - 5 a 7 de janeiro de 2021

Esta minha semana de intervenção nem chegou a começar, no dia 4 de janeiro ainda frequentei as aulas na Escola Superior de Educação, mas ao final da noite recebi uma notícia de um caso positivo para a Covid-19 próximo de mim.

Como meu dever de imediato contactei a linha de saúde 24 que me mandou ficar de isolamento e realizar o tão conhecido teste à Covid-19. Nesse mesmo dia, contactei a minha orientadora cooperante e informei-a de que na terça feira não poderia estar presente na PSEPE pois iria realizar o teste. No final do dia a notícia chegou e o teste tinha dado positivo. De imediato contactei a professora da Unidade Curricular Prática Supervisionada em Educação Pré-escolar e a orientadora cooperante, para lhes comunicar do resultado, e do facto de que não poderia ir para o Jardim de Infância. Desta forma e com muita pena minha, já não pude colocar em prática esta minha semana de intervenção.

2.4- Reflexão global da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

A Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar foi uma etapa muito importante e enriquecedora para que a estagiária pudesse se desenvolver como futura profissional na área da educação. As primeiras semanas corresponderam à observação participante e permitiram adquirir várias aprendizagens sobre o grupo com que se desenvolveu inúmeras atividades, possibilitou a criação de uma boa relação com as crianças e facilitou a integração com a comunidade educativa da instituição em causa.

Nestas semanas de observação participante conseguimos absorver muita informação e conhecimentos através da observação da orientadora cooperante e das educadoras de apoio. Aprendeu-se alguns jogos e algumas técnicas que não conhecíamos, conseguimos desenvolver a nossa expressividade quando se conta uma história e pudemos ver como funcionava um jardim de infância que pertencia ao setor público.

As semanas de observação foram muito importantes para que a estagiária se pudesse libertar, conhecer as crianças, aprender a lidar com cada uma delas e fazer com que elas a vissem como mais uma educadora de infância que tinham na sala.

O grupo aceitou muito bem a estagiária, foi sempre muito receptivo ao que lhe era dito e sempre respeitou as indicações que lhe eram dadas. Este grupo era muito heterogêneo em termos de participação e adesão ao jardim de infância. Era um grupo com quem era fácil falar, mas não era fácil fazê-los falar, eles gostavam de ouvir e eram interessados, mas por vezes pouco participativos.

A segunda fase que correspondeu à intervenção pedagógica, seria a estagiária a realizar a planificação de todas as atividades e a realizar a sua execução, no final da semana seria efetuada a reflexão sobre a forma como todo o trabalho tinha sido realizado, bem como as reações das crianças. A reflexão tinha uma grande relevância, pois permitia refletir sobre o que tinha sido feito, propondo melhorias e alterando o que ainda podia ser feito para melhorar.

No início existiu muita dificuldade em planificar e preparar toda a semana de atividades, mas com o passar do tempo e com ajuda de todos os professores supervisores as dificuldades foram ultrapassadas e o desempenho foi crescendo gradualmente. As planificações semanais mostraram ser muito importantes pois estabeleciam a sequência das atividades selecionadas por nós e serviam também como um mapa que permitia uma melhor organização mental para a estagiária que as estava a colocar em prática, podendo ser alteradas a qualquer momento em prol do interesse do grupo. As atividades que foram planificadas e realizadas foram sempre ao encontro dos objetivos da orientadora cooperante. Todas as sugestões e pedidos que foram sendo colocados, sempre foram aceites e colocados em prática.

Relativamente ao desenvolvimento curricular sempre se teve em conta os documentos da instituição e do grupo e ainda durante os meses de prática pedagógica, diversificámos e trabalhámos todas as áreas de conteúdo, domínios e subdomínios das OCEPE.

Em relação ao estudo do contexto, foi muito importante tê-lo feito logo no início da PSEPE, pois assim ajudou bastante na execução das atividades com o grupo. No que se refere ainda à intervenção pedagógica podemos também referir que, graças ao feedback dado sempre pela orientadora cooperante e pelas educadoras de apoio e através ainda da sua ajuda foi possível conhecermos novas estratégias ou utilizar estratégias mais indicadas para a realização das atividades, de forma a torna-las mais apelativas e motivadoras para o nosso grupo de crianças.

Sintetizando e realizando uma retrospectiva daquilo que foi o percurso de desenvolvimento da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, podemos referir que foi uma experiência bastante gratificante e positiva, trabalhámos de forma dinâmica com o grupo e em todas as rotinas das crianças. Conseguimos desenvolver várias atividades dinâmicas e motivadoras superando sempre as dificuldades. Consideramos que a PSEPE foi um período muito positivo e permitiu um grande crescimento a nível profissional e pessoal.

Capítulo II- Caracterização da Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

1-Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

O ponto que se segue diz respeito à Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico (PES 1.º CEB), prática esta que eu não realizei no presente ano letivo.

Como já tinha obtido anteriormente uma licenciatura em Professores do Ensino Básico - 1º Ciclo e após vários anos como professora titular de turma num colégio particular, nós em conjunto com outros docentes da ESE, decidimos que apenas teria que ser feita uma reflexão sobre a minha experiência profissional como professora titular de turma, bem como, de toda a minha experiência profissional adquirida quando realizei a minha prática supervisionada em 1º ciclo nos anos letivos de 2005 a 2009.

No ano de 2005 iniciei na Escola Superior de Educação de Castelo Branco a minha licenciatura em Professores do Ensino Básico-1º Ciclo, tendo a mesma terminado em julho de 2009.

A UC do quarto ano da minha licenciatura, foi a mais trabalhosa e gratificante para mim como futura professora do Primeiro Ciclo. Durante todo o ano os professores foram me ajudando e preparando para poder colocar em prática tudo o que tinha aprendido nos anos em que estudei na ESE. Nesse ano fiquei a estagiar na Escola Afonso de Paiva com uma turma de segundo ano. O meu grupo era constituído por três elementos e cada semana de prática pedagógica um dos elementos era responsável por lecionar as aulas e as duas outras colegas ficavam a dar algum apoio que fosse necessário ou se fosse caso disso, poderiam mesmo lecionar no lugar de alguma colega. Embora eu só fosse a responsável pela prática de 3 em 3 semanas, todas as semanas tinha que ajudar a planificar e a realizar todos os materiais que fossem necessários para a respetiva unidade curricular.

Posso dizer que foi um ano muito cansativo, mas muito gratificante. Quando eu terminava um dia de estágio e sentia que aquelas crianças tinham aprendido alguma coisa comigo, eu sentia-me muito realizada, sentia que naquele dia tinha sido importante para aquelas crianças e que no futuro delas, toda a informação apreendida iria ajudar a alcançarem os seus objetivos pessoais e profissionais.

Três meses após o término da minha licenciatura, concorri a um estágio profissional em contexto de trabalho do Instituto de Emprego e Formação Profissional que iniciei a 16 de outubro de 2009 até ao dia 15 de outubro de 2010, num colégio de ensino particular e coletivo na Costa da Caparica. Durante este meu ano de estágio eu era a responsável por uma turma com crianças que frequentavam desde o primeiro ano até ao quarto ano de escolaridade. Quando o meu estágio terminou, assinei quase de imediato um novo contrato de trabalho assim, a 20 de outubro de 2010 integrei a referida empresa com um contrato de trabalho sem termo, que apenas terminou a 2 de abril de 2014 por extinção do posto de trabalho, provocada pela necessidade de reestruturação da empresa.

Durante estes cinco anos a minha categoria profissional era de professora do 1º Ciclo do Ensino Básico, contudo eu tinha várias outras funções bastante diferentes. Enquanto professora titular de turma do primeiro ao quarto ano, era responsável por tudo o que tinha a ver com a aprendizagem das crianças, tinha que planificar e preparar todas as aulas, realizar o projeto educativo de sala e de escola, preparar e realizar todos os materiais necessários às aulas e era também responsável por tudo o que dizia respeito aos meus alunos.

Em relação às planificações, eu realizava uma planificação mensal onde de uma forma muito sucinta dizia o que queria trabalhar naquele mês, depois todas as semanas realizava uma planificação semanal, que era feita de acordo com a planificação mensal e ajustada a cada semana e depois de uma forma muito detalhada realizava uma planificação diária. Nesta última eu explicava de forma muito detalhada tudo o que iria trabalhar nesse dia, as estratégias que iria utilizar e quais os objetivos que eu pretendia. Se nesse dia fosse realizar alguma ficha, a mesma também constava na minha planificação. As planificações mensais e diárias eram sempre quatro, uma para cada ano de escolaridade, a planificação diária era apenas uma, mas dividida pelos quatro anos de ensino.

Quando havia uma visita de estudo era eu que tinha que organizar a visita, arranjar meio de transporte, pedir autorização aos pais, orientar no dia da visita e levar tudo o que era necessário para a realização da mesma. Nas festas temáticas ou de final de ano, era a meu cargo que ficava a decoração da escola, preparação dos fatos, ensaiar as crianças e orientar tanto as crianças como os pais. Tinha uma grande responsabilidade, pois tudo de bom ou de menos bom que acontecia era responsabilidade minha.

Para além do trabalho de professora do 1º ciclo eu desempenhei outras funções, tomava conta das crianças nos intervalos e no final das aulas, preparava e cozinhava a alimentação das crianças, fazia algumas das compras que eram necessárias e realizava ainda as ementas semanais. O transporte de algumas crianças até à sua respetiva casa, por vezes também era realizado por mim. Acompanhava algumas crianças até à piscina municipal, onde tinham a actividade extracurricular de natação e aos campos de ténis para as aulas de ténis. Nos meses de verão e durante 15 dias, levava as crianças até à praia, onde a minha função era de vigiar no areal e acompanhar dentro de água.

Neste colégio ainda tinha que ajudar as minhas colegas a tomar conta e a tratar das crianças do jardim de infância, assim, era também responsabilidade minha vigiar e orientar todas as crianças dos 3 aos 5/6 anos de idade. Este trabalho era feito depois do meu horário letivo, uma vez que todas as crianças brincavam e tomavam as refeições juntas. Como era um colégio bastante pequeno, com cerca de 30 ou 40 crianças e com muita falta de funcionárias e recursos, muitas vezes as tarefas das outras colegas tinham que ser realizadas por mim, deste modo, desde muito cedo que comecei a ter contacto com crianças do Jardim de Infância e do Primeiro Ciclo.

Durante todos os anos em que trabalhei nesta instituição, sempre fui muito bem recebida, eramos uma família. As minhas colegas, as crianças e os pais faziam parte “da minha família” da Costa da Caparica. Todas estas experiências que vivi fizeram-me crescer e aprender muito. Adorei lá trabalhar e ainda hoje tenho pena de ter deixado aquele colégio.

Capítulo III - Enquadramento Teórico

1- As tecnologias digitais e a aprendizagem

Para que possa haver um desenvolvimento notório a nível educacional é bastante importante que o educador de infância/professor possam ter formação ao nível das tecnologias digitais. A mudança acontece muito rapidamente e se o educador quer ser inovador e utilizar estas ferramentas para poder tirar mais vantagens na aquisição de aprendizagens significativas, terá de estar apto a trabalhar com elas e a tirar o máximo de benefícios na sua utilização. Os professores necessitam de adquirir uma formação específica e contínua, que lhes permita desenvolver práticas inovadoras na sala de aula/atividades, a partir das tecnologias digitais, e dar resposta às necessidades exigidas pelos educandos.

O papel do educador é escolher estratégias e atividades que vão fomentar a utilização e aprendizagens das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Segundo Santos (2010) é importante referir que não são muito vistas práticas onde o grande papel do educador seja a utilização das tecnologias. Isto pode acontecer devido à sua pouca disponibilidade pessoal ou à sua falta de formação. Então, é importante que o educador esteja motivado e envolvido no desenvolvimento tecnológico e social e que tenha formação nessa área.

Tanto nos jardins de infância como nas escolas de 1.º ciclo do ensino básico, devem os educadores e professores escolher a tecnologia adequada para a utilizar, de forma proveitosa no desenvolvimento das aprendizagens e saberes. Não basta ter equipamentos e internet de banda larga, as escolas devem ter acesso à informação para proporcionar aos alunos novas formas de interpretação, de desenvolvimento, de trabalho e de pesquisa de conteúdos para que, deste modo, se tornem mais autónomos, participativos e capazes na realização dos trabalhos que lhes são pedidos no dia-a-dia.

As crianças começaram, cada vez mais cedo a aceder e a contactar com diversos meios tecnológicos (televisão, computador, telemóveis, entre outros), que lhes proporcionam variados tipos de informação. Nos últimos anos, as TIC tornaram-se numa realidade incontornável na vida em sociedade. De facto, vivemos atualmente na sociedade do conhecimento, baseada na construção de competências funcionais e interpessoais, na qual as TIC se assumem como instrumentos de desenvolvimento de capacidades, atitudes e aptidões. Nos dias de hoje, a criança não aprende unicamente na escola e através do professor. As TIC assumem, cada vez mais, um papel ativo na aquisição de variados tipos de saberes e, neste sentido, o objetivo da escola passará por “cultivar uma atitude, racional e crítica, analisando as possibilidades e limites dos computadores e dos programas existentes, sabendo ainda como os utilizar” (Miranda, 2000, p. 31).

O facto de num único suporte de comunicação estar presente todo o tipo de informação, desde os tradicionais documentos até às imagens, áudios e vídeos, representa a característica fundamental destas tecnologias (multimédia), constituindo um conjunto de recursos que, quando integrados entre si, podem

proporcionar processos de comunicação e aprendizagem nas mais diversas áreas. Atualmente as tecnologias estão presentes de forma muito natural no quotidiano das crianças, não sendo exceção, no meio educativo. Desta forma, as técnicas de ensino e de aprendizagem que potenciam o uso das TIC oferecem grandes oportunidades e potencialidades na inovação dos métodos motivando as crianças neste processo. Assim, se por um lado, os usos das TIC permitem a construção de materiais educativos que otimizam as estratégias pedagógicas, por outro, permitem a diversificação dos métodos de ensino.

Atualmente, as tecnologias são imprescindíveis na educação das crianças, elas vivem em constante contacto com as tecnologias, mas por vezes temos que questionar se o estarão a fazer da forma mais correta. Nem sempre o seu uso é sinónimo de aprendizagem. De acordo com Souza e Meira (2014) muitas escolas/jardins de infância, ainda não têm computadores suficientes para as necessidades de todas as crianças, embora muitas vezes exista um computador e acesso à internet, há muitos casos onde o seu uso é restrito à professora/educadora e não pode ser acedido pelas crianças. Com base nos Recursos Tecnológicos das Escolas 2019/2020, podemos reforçar que a evolução do número de computadores nas escolas e nos jardins de infância tem sido bastante notória, o que vem reforçar a ideia que as tecnologias estão cada vez mais presentes na nossa vida escolar.

Desta forma, será muito importante implementar metodologias que favoreçam a integração das TIC no processo de ensino das crianças, de modo que elas contribuam para a formação integral das crianças. As crianças têm muita curiosidade, vontade de conhecer e interagir com os recursos tecnológicos e quando lhe é dada a oportunidade, usam a tecnologia com facilidade. Do ponto de vista de Mattos (2012), os alunos têm muita curiosidade em interagir com a tecnologia, recurso que se for trabalhado de forma inteligente pelo adulto, pode auxiliar também na construção e apropriação do conhecimento. Mattos (2012) reforça ainda a ideia de que o computador é favorável à obtenção de melhores resultados, encoraja a aplicação de conhecimentos, favorece o raciocínio, a análise crítica e pode melhorar as formas de expressão.

Na perspetiva de Ilharco (2008, p. 148):

“A cultura eletrónica da televisão por cabo, do vídeo, dos videojogos, dos DVDs, da internet, dos iPods, do MP3, dos telemóveis, está a alterar a forma como trabalhamos, como nos relacionamos uns com os outros, como desfrutamos dos momentos de lazer, como entendemos o que nos rodeia”.

As TIC podem tornar-se num grande auxiliar educativo devido às suas vantagens e potencialidades pedagógicas. Estas fazem parte do dia-a-dia das crianças. Os computadores, tablets e outras tecnologias são ferramentas para serem utilizadas, quando adequadas e relevantes. Perregil (2020, p.94) citando Amante, (2011) “sendo a sua utilização cada vez mais presente na rotina familiar, é impossível refutar o contributo que os media podem dar no enriquecimento dos contextos de

aprendizagem”. No contexto educativo a maneira como se utiliza o computador pode ocorrer de diferentes maneiras, como recurso ou ferramenta, como máquina de comunicar e como máquina de ensinar, (Duarte, 2012, p.14).

O uso das TIC nas escolas e jardins de infância pode facilitar as atividades desenvolvidas no dia a dia tanto pelos alunos, como pelos professores, seja em uma pesquisa didática ou na comunicação entre eles. Proporcionando novos caminhos para o ensino, criando melhores condições no processo de aprendizagem. É possível uma maior aproximação dos alunos e professores, pois ambos aprendem juntos, também aproxima pais e responsáveis da escola. Quando todos trabalhamos para atingir os mesmos objetivos, todos aprendemos, quer sejamos professores, alunos, pais ou restante comunidade educativa.

As TIC despertam a curiosidade, mas não apenas isso, elas proporcionam um maior interesse nos alunos, uma nova forma de pensar, de comunicar, de ajudar o próximo, estudar e aprender. A utilização de tecnologias nas salas de atividades, “só se transforma em aprendizagem quando os educadores de infância as utilizam corretamente a nível pedagógico, são integradas no ambiente de aprendizagem e no seu currículo, passando este a ser mais uma ferramenta, equiparada aos livros, jogos, pinturas, entre outros”, (Brito e Dias, 2020, p.6).

Na perspectiva de Spodek (2010, p. 568): “Os computadores, tal como os lápis de cor ou os blocos para construções, são ferramentas para aprender ou resolver problemas”. É importante questionar, não o que os diferentes meios de comunicação fazem às nossas crianças, mas sim aquilo que nós podemos fazer para encorajar as crianças a fazer com cada um deles.

De acordo com Brito (2011), citado por Perregil (2020, p. 95):

“Ao equacionar o ambiente educativo tradicional do pré-escolar, em que as atividades desenvolvidas (conversas em grande grupo, pintura, desenho, dramatizações, histórias) e os materiais utilizados (jogos, livros, areias, barro, desperdícios) pretendem estimular de uma forma equilibrada o desenvolvimento sócio-afectivo, físico, intelectual e social das crianças, também não podemos descurar a importância da introdução/utilização das TIC nas salas do jardim-de-infância, como recursos indispensáveis na construção dos saberes (ser, estar, fazer)”.

O uso das TIC permite “a exploração de situações que de outra forma, seria muito difícil ou mesmo impossível de realizar. Proporcionam ainda a professores e alunos a utilização de recursos poderosos bem como a produção de materiais, de qualidade muito superiores aos convencionais” (Freitas, 1992 p. 28). Quando utilizamos o computador dentro da nossa sala de aula ou na sala de atividades, em conjunto com todos os outros recursos, como o quadro, o giz, os livros, os jogos e todo o material utilizado em expressão plástica, este pode ser uma ferramenta muito importante e útil para o professor na transmissão de informação aos alunos e na promoção da sua expressividade e comunicação.

Vários estudos demonstram que ao nível das competências verbais, o computador não inibe o desenvolvimento da linguagem, segundo Amante, (2007), de acordo com a sua pesquisa, a investigação tem revelado que:

- Os jogos de computador encorajam a produção de discurso mais complexo e fluente (Davidson & Wright, 1994);
- As crianças são estimuladas a usar a linguagem, sobretudo quando utilizam programas abertos que encorajam a exploração e a fantasia, como no caso dos programas de desenho, fazendo relatos enquanto desenham, deslocam objetos, ou “escrevem” (Clements & Nastasi, 2002);
- As crianças contam histórias mais elaboradas acerca dos desenhos realizados em computador (Clements & Nastasi, 2002);
- A interacção com os computadores estimula a comunicação verbal e a colaboração entre as crianças (Crook, 1998a, 1998b; Drogas, 2007) e proporciona situações de conflito sócio-cognitivo propiciadoras de aprendizagem (Amante, 2003, 2004a);
- A estimulação de vocalizações em crianças com perturbações na fala tem também sido demonstrada (McCormick, 1987, cit. por Van Scoter et al., 2001).

Nos dias de hoje, a utilização das TIC é imprescindível, quer para os professores / educadores quer para os alunos / crianças. A sociedade cada vez mais recorre a que todos os agentes educativos se envolvam na criação de espaços virtuais de aprendizagem. As crianças que utilizam os computadores demonstravam diferenças ao nível da motricidade, ao nível cognitivo, linguístico, matemático, mais colaborativas, melhorando a sua socialização, (Amante, 2003).

As tecnologias de informação e comunicação atualmente fazem parte de um meio de comunicação fundamental, meio este, onde não só é possível transformar a informação como também partilhá-la, através do envio de mensagens, documentos, vídeos, etc., esteja a pessoa em qualquer parte do mundo. É importante que sejamos educados a lidar com estas tecnologias, estando conscientes das suas potencialidade e benefícios bem como dos seus perigos.

1.1- As TIC em contexto de Educação Pré-Escolar

Um dos objetivos da Educação Pré-Escolar é permitir às crianças uma aprendizagem ativa. Ou seja, criar condições ou contextos para experimentar, construir, brincar, escrever, discutir, entre outros. Desta forma, ao introduzir o computador no jardim de infância não significa vê-los como um fim em si mesmo, mas como um instrumento para usar na descoberta e ajudar as crianças nas suas experiências. Tarefas simples como desenhar, escrever textos, pesquisar na internet, são suficientemente ricas e complexas e permitem o desenvolvimento de várias

habilidades que ajudam na resolução de problemas, levando a criança a aprender através da tentativa-erro.

Conhecer e utilizar as TIC em idade pré-escolar é muito importante, pois permite que as crianças desenvolvam diferentes, capacidades, competências e aprendizagens. De acordo com Amante (2007, p.3) “as crianças pequenas mostram-se confortáveis e confiantes ao usarem computadores e revelam várias competências na sua utilização “. Quando utiliza um computador ou um tablet, as crianças desenvolvem destrezas táteis, auditivas e visuais. Também desenvolve competências derivadas dos programas, jogos ou até aplicações de caráter didático. Ou seja, o uso das tecnologias permite e acompanha o desenvolvimento cognitivo das crianças. Do ponto de vista de Perregil (2020, p. 98) “as TIC podem ser meios de trabalho, de pesquisa, de produção, de comunicação, que irão colaborar no desenvolvimento do cidadão desde o jardim-de-infância”.

Brito (2010, p. 3) citando Costa, (2007), “nos dias de hoje, o computador surge como um objeto com que a criança começa a contactar deste muito cedo, o que cria condições para a forte ligação que se estabelece entre a criança e a máquina”

O contato desde cedo, mas sempre supervisionado pelo adulto, de um computador, um telemóvel ou de outro dispositivo tecnológico, facilita e ajuda a aprendizagem das crianças. Perregil (2020, p. 98) citando Amante (2011) “analisa as várias perspetivas acerca dos prós e dos contra da introdução das TIC nas salas de pré-escolar e conclui que prevalecem os aspetos positivos e que num mundo digital é desejável que elas façam parte do quotidiano das crianças”.

É no jardim-de-infância que as crianças vão desenvolver comportamentos que as vão levar a níveis de desenvolvimento superiores. É neste espaço que as crianças saem da proteção familiar e começam a fazer as suas primeiras transições e a vivenciar a realidade fora do ambiente familiar. A educação de infância ao longo dos tempos tem vindo a ser considerada a etapa inicial da educação básica.

Assim sendo, tal como propõe Santos (2010, p. 3):

“Educar para uma acumulação de conhecimentos deixou de ser a grande finalidade da educação, apontando-se antes para a necessidade de proporcionar a cada indivíduo as condições que lhe permitem aproveitar e utilizar, do berço até ao fim da vida, todas as oportunidades que lhe oferecem no sentido de atualizar, aprofundar e enriquecer os seus primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em permanente mudança”.

Numa sala de jardim-de-infância o uso das TIC deverá constituir-se como um instrumento que as crianças utilizam como um meio cultural de que se apropriam, no sentido de realizar atividades que assumem significado real e que se inserem num contexto integrado e social de aprendizagem. Brito (2010, p. 4) “uma utilização adequada da tecnologia é aquela que permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar e implementar a globalidade dos objetivos curriculares”.

Na Educação Pré-Escolar existe o objetivo de proporcionar às crianças uma aprendizagem ativa. Ou seja, brincar, escrever, experimentar e discutir. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar mencionam que a utilização dos meios informáticos na Educação Pré-Escolar podem ser desencadeadores de variadas situações de aprendizagem. Brito (2011, p. 6) citando Spodek (2010), “os computadores estão a ser gradualmente integrados nos programas de educação de infância (...) a existência nas salas de atividades e a preocupação dos educadores a utilizar o computador como um método de aprendizagem para as crianças.” Ainda segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, os meios tecnológicos não devem ser só utilizados pela criança de forma consumidora, ou seja, ver filmes, realizar consultas, ver imagens, mas igualmente de forma produtora, ou seja, registar, criar imagens, fotografias, alargando assim os seus conhecimentos e perspetivas da realidade. Desta forma, deverão ser promovidas as seguintes aprendizagens: “Reconhecer os recursos tecnológicos do seu ambiente e explicar as funções e vantagens; utilizar diferentes suportes tecnológicos nas atividades do seu quotidiano, com cuidado e segurança; desenvolver uma atitude crítica perante as tecnologias que conhece e utiliza”, (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 53).

Assim sendo, tal como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p. 72):

“As novas tecnologias da informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente”, e, “a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário”

Integrar as tecnologias no jardim-de-infância faz com que as crianças tenham novas formas e experiências de aprendizagem. Quando aplicadas de forma apropriada, as tecnologias podem desenvolver capacidades cognitivas e sociais, devendo ser utilizadas como uma de muitas outras opções de apoio à aprendizagem. É importante a familiarização da criança desde a idade pré-escolar, com as tecnologias quer pela relevância educativa das experiências que lhes pode proporcionar, quer porque estas fazem parte inquestionável do mundo que a rodeia. Neste sentido, são ainda proporcionadas as primeiras experiências que conduzam à aquisição de competências digitais que a atual sociedade já requer de todos os cidadãos.

1.2- Aplicações digitais educativas

Não só os programas informáticos mais utilizados pelos adultos (Word, Paint, Powe-Point) e que são também muito uteis e adequados para serem utilizados pelas crianças, mesmo aquelas que estão a frequentar o jardim de infância, o educador tem a função de selecionar alguns outros programas, que sejam educativos e que possam ser utilizados igualmente pelas crianças. Desta forma, a escolha de programas

educativos é muito importante. Autores como Davis e Shade (1994), Haugland e Wright (1997), Ramos (2005) defendem mesmo que a qualidade do software é determinante no desenvolvimento de experiências de aprendizagem adequada sendo, por outro lado, uma tarefa que assume particular dificuldade dado o mercado estar inundado de programas que se clamam de educativos, graficamente muito atrativos, mas que, quando explorados se revelam decepcionantes. Desta forma e de acordo com Amante (2007, p. 56), as crianças parecem beneficiar da utilização de aplicações que:

- Apresentem características abertas que encorajem a exploração e a imaginação, por oposição aos programas muito estruturados do tipo exercício e prática;
- Sejam amigáveis e intuitivas, ou seja, fáceis de usar, apresentando menus e ícones figurativos facilmente associáveis à sua função;
- Sejam flexíveis, permitindo responder a diversas necessidades e objetivos educacionais, orientadas para o sucesso, fornecendo feedbacks positivos e pistas que, se necessário, guiem a criança;
- Atribuem à criança um papel ativo, solicitando reações, escolhas, exploração, tomada de decisões, realização de atividades;
- Sejam multissensoriais, atraentes, interativas, mas não se reduzam a um espetáculo de sons, música, cores e movimento, sem conteúdo e relevância;
- Sejam orientadas para a resolução de problemas, indo ao encontro de necessidades reais e dos interesses da criança;
- Estabeleçam relação com a vida real, sem renunciar à fantasia;
- valorizem a diversidade, étnica, cultural, ou outra, permitindo às crianças estabelecerem pontos de identificação com os conteúdos;
- Disponibilizem informação adicional aos adultos, sobre objetivos do programa, idades adequadas, sugestões de acompanhamento da actividade, e ainda indicações relativas à instalação e resolução de eventuais problemas.

Atualmente a internet está bastante presente é um meio que muito pode ajudar os adultos e as crianças, contudo temos que ter cuidado pois nem sempre os sites podem ser adequados às crianças e até mesmo ao adulto. Segundo Carvalho (2006, p.1): “É preciso distinguir um site fiável de um site que não o é. Há indicadores que ajudam a identificar a qualidade de um site e, em particular, de um site educativo”. Cabe ao Educador / professor ajudar as crianças nas escolhas desses mesmos sites, temos que ser nós a distinguir o trigo do joio na Web. Quando se trata de um site educativo, temos que ter em conta os “princípios básicos estruturais, de navegação, de orientação, de design e de comunicação”, mas também temos que ter em conta que um site educativo deve “motivar os utilizadores a quererem aprender, a quererem

consultar e a quererem explorar a informação disponível”. Para que isto aconteça um site educativo deve integrar atividades variadas. (Carvalho, 2006, p.7). A variedade das atividades não tem apenas a ver com o tipo de atividades que apresenta, mas também com a sua complexidade. Estas devem motivar um diferente leque de crianças/alunos. Estas atividades devem atender a diferentes capacidades, competências e estilos de aprendizagem, proporcionando diferentes graus de dificuldades. Atualmente, saber identificar os indicadores de qualidade de um site educativo é algo muito importante, dada a crescente importância da Web como recurso informativo.

1.3- Programas de desenho

O computador pode ser utilizado para fazer contas, escrever texto, navegar na internet, jogar, mas também pode ser utilizado para realizar ou editar imagens. É possível construir uma imagem, ou editar uma imagem obtida com uma máquina fotográfica ou um scanner. Uma imagem não é mais nada do que um documento, mas em vez de ser um texto é formado por uma imagem.

Atualmente temos ao nosso dispor vários programas de desenho e pintura, entre os quais queremos salientar o *Paint*. Este programa informático está integrado no sistema operativo Windows e é caracterizado por ser de fácil acesso, pois é um programa que faz parte do pacote de software da maioria dos computadores, (Figura 54).



Figura 54- Ícone do Paint

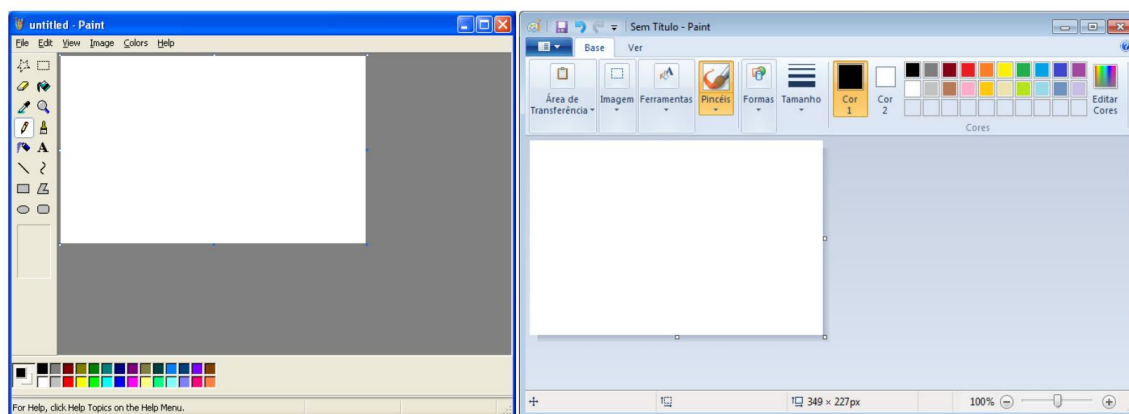


Figura 55 - Aplicação de edição de imagem - Paint

O Paint apresenta dois tipos diferentes de apresentação ao utilizador no Windows XP e no Windows 7, (Figura 55). No primeiro existe um estilo menu e barra de ferramentas onde as funções estão visualmente ao dispor da criança, já no Windows 7, apresenta um estilo de agrupamento de barras de ferramentas onde o aspeto é alterado de acordo com o espaço disponível. Embora os comandos tenham permanecido com funcionalidades idênticas, o Paint do Windows XP é mais fácil de utilizar pelas crianças em idade de pré-escolar, pois as funções disponíveis estão apresentadas todas no ecrã e as crianças não têm que andar a abrir funções para escolher aquilo que pretendem. Têm um acesso mais intuitivo e direto àquilo que pretendem utilizar, pelo que será o Paint incluído na versão no Windows XP a nossa escolha.

De acordo com Gonçalves, (2006, p. 63), o Paint (Windows XP) é constituído por cinco zonas distintas: barra de menus, barra de ferramentas (referida no programa como caixa de ferramentas), barra de visualização e escolha de cores (caixa de cores), barra de status (barra de estado) e área de desenho, (Figura 56).

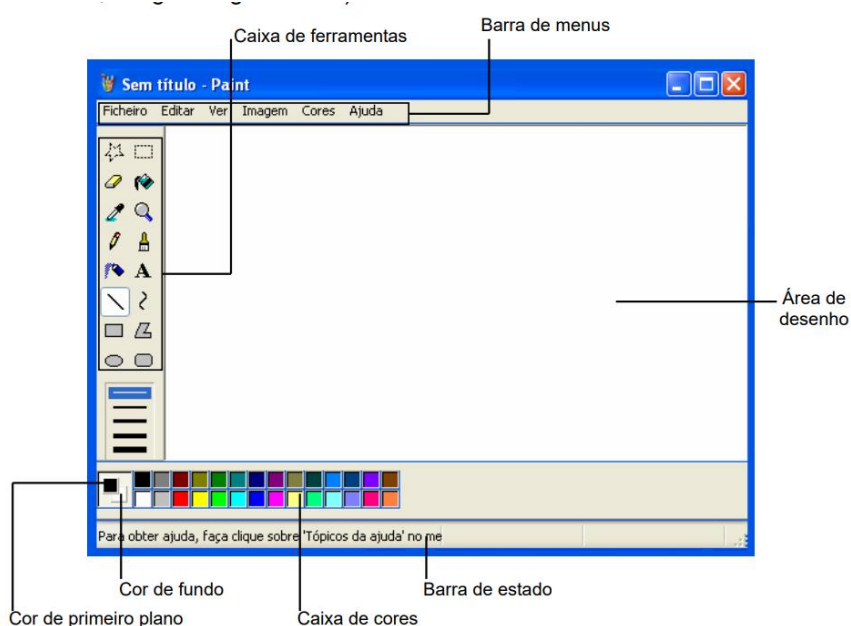


Figura 56- Ecrã de trabalho do Paint

Segundo Gonçalves, (2006), quando utilizamos o Paint, na barra de menu estão presentes as opções de execução de tarefas, trabalho com ficheiros e formatações, que por sua vez estão divididos por áreas de ação: ficheiro, editar, ver, imagem, cores e ajuda. Na caixa de ferramentas, podem ser escolhidas as várias opções de trabalho, tanto de desenho como de escrita (Figura 57). Quando necessitamos de utilizar qualquer botão da barra de ferramentas, estas encontram-se de forma bastante simplificada, pois está representado através de uma figura e quando paramos o cursor (rato) em cima de uma imagem da barra de ferramentas, imediatamente aparece o nome desta e qual a sua descrição.

ÍCONES	DESCRIÇÃO DOS ÍCONES
	Seleccionar de forma livre: selecciona de forma livre uma parte da imagem para mover, copiar ou editar.
	Seleccionar: selecciona uma parte rectangular da imagem para mover, copiar ou editar.
	Borracha/apagar cor: apaga uma parte da imagem utilizando a borracha com a forma seleccionada.
	Preencher com cor: preenche uma área com a cor de desenho actual.
	Escolher cor: escolhe uma cor da imagem para o desenho.
	Lupa: altera a ampliação.
	Lápis: desenha uma linha de forma livre com um pixel de largura.
	Pincel: desenha utilizando um pincel com a forma e o tamanho seleccionados.
	Aerógrafo: desenha utilizando um aerógrafo do tamanho seleccionado.
	Texto: insere texto na imagem.
	Linha: desenha uma linha recta com a largura seleccionada.
	Curva: desenha uma linha curva com a largura seleccionada.
	Rectângulo: desenha um rectângulo com o estilo de preenchimento seleccionado.
	Polígono: desenha um polígono com o estilo de preenchimento seleccionado.
	Elipse: desenha uma elipse com o estilo de preenchimento seleccionado.
	Rectângulo arredondado: desenha um rectângulo arredondado com o estilo de preenchimento seleccionado.

Figura 57- Ferramentas do Paint (Fonte: Gonçalves (2006, p.64))

A caixa de cores permite-nos escolher qual a cor que pretendemos para o nosso trabalho, a mesma pode exibir 28 cores em simultâneo. No lado esquerdo da barra podemos encontrar duas cores sobrepostas em que a superior é a cor de primeiro plano e a cor inferior é a cor de fundo, a cor do papel.

A área de desenho é a área onde o trabalho pode ser realizado e que está delimitada pelas várias barras ou caixas de trabalho.

A utilização deste software é bastante fácil o que faz com que as crianças desde a idade de pré-escolar tenham facilidade de utilizar este programa sem grande ajuda de um adulto. É também um software de fácil acesso uma vez que faz parte integrante do sistema operativo Windows e, por isso, se pode encontrar na maioria dos computadores, tal como referido e sustentado anteriormente.

Quando uma criança utiliza o computador para realizar um desenho, ela explora não só diversas ferramentas, como também desenvolve a sua imaginação, fantasia e criatividade. A exploração e a criação do desenho no computador levam a que as crianças diversifiquem a actividade de desenhar. O computador não deve substituir nenhum instrumento de expressão plástica ou contacto com os materiais. Deverá ser mais um instrumento/recurso, com potencialidades específicas, ou seja, mais um

instrumento ao lado dos outros que poderá ser mobilizado para completar e/ou complementar atividades realizadas em suporte analógico.

Nas crianças em idade pré-escolar, o desenho é uma das principais atividades realizadas e, na maior parte das vezes, recorre aos lápis de cor, lápis de cera, marcadores, pincéis, tintas e uma folha. Cabe ao educador proporcionar às crianças novos meios, novas ferramentas ou instrumentos, com que também possa desenhar. A actividade no programa de desenho Paint, vai exigir da criança uma adaptação e aprendizagem, pois a folha de papel passa a ser o ecrã do computador, o lápis ou pincel passa a ser o rato e desta forma permitirá escolher um conjunto de ferramentas, tais como desenhar, escolher a espessura das linhas, pintar com a cor desejada, apagar, fazer formas geométricas, entre outras. Quando se realiza um desenho utilizando o computador, a criança está a realizar um trabalho que implica aprendizagem e adaptação, já que exige alguma precisão e um bom controlo manual, fazendo apelo a algumas noções básicas de lateralidade como direita/esquerda, para cima/para baixo.

Quando se realiza um desenho no computador, todas as experiências são reversíveis, enquanto experimenta, a criança desenha e apaga não deixando marcas, não estragando o papel. É possível a alteração de cores assim como é com facilidade e rapidez com que uma grande área pode ser pintada. O suporte digital tem algumas vantagens em relação ao suporte analógico uma vez que as crianças têm liberdade total para usar as folhas de papel, tendo possibilidade de copiar parte de um desenho de outro autor e inseri-lo no seu trabalho. Outra ferramenta que pode ser muito útil e motivante para as crianças é a impressão dos trabalhos produzidos pelas mesmas. Realizar um trabalho e logo de seguida poder imprimi-lo e mostrar a todas as pessoas, pode ser muito motivador. Quando não se quer imprimir, pode-se simplesmente enviar por email e desta forma, com uma grande rapidez, o trabalho da criança deixou de estar só naquele ecrã daquele computador e viajou até ao outro lado do mundo.

2. A expressão gráfica e as crianças

A criança, quando está a brincar, deixa a sua marca pois inventa jogos, conta histórias, dança e canta. Quando está a desenhar, ela constrói um espaço à sua volta como se fosse um jogo de faz de conta, onde o desenho vai ser algo com que possa brincar. Não há nada melhor para se conhecer uma criança, do que ouvindo e falando com ela, no entanto em crianças mais pequenas, com um desempenho linguístico ainda elementar, a observação do seu comportamento, onde se inclui o jogo e a expressão gráfica, é uma das estratégias centrais para a conhecer e interagir com ela.

Bels, (2013, p.2), citando Piaget e Inhelder, (2001, sp.) considera que “o desenho é uma forma de representação que supõe a construção de uma imagem bem

distinta da perceção". O que a criança desenha não é a reprodução daquilo que ela vê, nem da imagem mental que ela tem do objeto, é sim a construção gráfica que ela possui naquele momento. Desta forma, não é aconselhável, o adulto interferir, direcionar nem mesmo dar desenhos acabados para uma criança, pois isso poderá inibir a autoexpressão e projetar na criança a incapacidade de desenhar.

De acordo com Gonçalves (1991, p. 26) “desenhar não é apenas representar o que se vê, mas também representar o que se sente e se imagina. Desenhar é também mostrar o que se quer ver, tocar, cheirar, saborear e ouvir”.

O desenho infantil é considerado como a atividade gráfico-plástica mais utilizada no período da infância, sendo uma expressão integrada do desenvolvimento motor, perceptivo, cognitivo e emocional da criança. A expressão gráfica da criança para alguns adultos é muitas vezes considerada sem nexos, no entanto para a criança é um ato de satisfação e com sentido. Mauzinho (2014, p. 17), citando Sousa, (2003, sp). é de opinião que: “O desenho é uma das mais antigas manifestações expressivas do ser humano que se conhece”.

Mas se falamos de desenho, não será importante saber a definição desta palavra tão ampla. Segundo o dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora desenho é a representação das coisas e dos seres, ou até mesmo das ideias, por meio de linhas e de manchas, a lápis, a tinta; objeto desenhado.

De acordo com Andrade (2005, p.46), citando Ferreira (1988, p.210):

“Desenho é a representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas, com objetivo lúdico, artístico, científico ou técnico; a arte é a técnica de representar com lápis, pincel, pena, etc. um tema real ou imaginário, expressando a forma e geralmente abandonando a cor, traçado, risco, projeto plano, forma, feitio, configuração”.

Já para Moreira, (1984, p. 26) citado por Andrade, (2005, p. 46) “Desenho é o traço no papel ou em qualquer superfície, mas também a maneira como a criança concebe o seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe”.

Montessori nas suas obras dá um grande destaque ao desenho, orientando para a educação sensorial. A mão é preparada para realizar exercícios com diversos materiais no sentido de desenvolver a parte motora facilitando atividades como o desenho. “O desenho trata-se, antes, de uma espécie de escrita feita de imagens, enquanto a criança não pode ainda exprimir as ideias e os sentimentos que se formam nela sobre o meio e sobre as coisas que as impressionam” (Andrade, 2005, p. 47, citando Montessori, 1965, p. 268).

As crianças, desde muito cedo, iniciam o processo de expressão gráfica. São riscos simples que começam a desenvolver o interesse da criança, quando esta passa a identificar as diferentes formas produzidas com materiais plásticos como papel, canetas, lápis de cera ou tinta, entretanto, muitas vezes produz grafismos a partir de materiais invulgares como alimentos, pedrinhas, objetos de cozinha enquanto brinca.

Quando falamos de grafismo, a criança atravessa etapas que favorecem a aprendizagem no desenho, algumas crianças de forma mais precoce outras apresentando um desenvolvimento mais tardio. Cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem, suas habilidades e interesses, seguindo um processo individual e contínuo. É importante referir que a expressão artística infantil contribui para o desenvolvimento da personalidade, da autonomia, da autoconfiança, da criatividade, da concentração, da imaginação e da flexibilidade diante de diversas situações.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), o desenho faz parte das Artes Visuais. “As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação”

Cada criança é diferente e estas diferenças dependem do potencial e do ambiente em que está inserida. Contudo, cada realização gráfica da criança constitui uma etapa natural do seu crescimento, com vantagens e desvantagens, com entusiasmo e desgostos.

Sousa, (2018, p. 54), citando Lowenfeld, (1977, sp,) é a própria criança que deve determinar o momento em que deseja relacionar as suas pinturas ou desenhos com o mundo que a rodeia. O mais importante é que a criança não fique frustrada com as suas descobertas e experiências. Pode-se dizer que o desenho é uma linguagem capaz de possibilitar a representação da realidade e do imaginário de uma criança, o esboço gráfico pode desenvolver a criatividade, proporcionar autoconfiança, ampliar a bagagem cultural e facilitar o processo de sociabilidade.

Através do desenho, a criança expressa o seu pensamento, retirando do objeto o que quer mostrar. Desta forma, ela representa no desenho o que conhece e não tanto o que vê. Quando a criança representa, ou tenta representar, algo que não está presente, ela faz uso de uma imagem mental. A representação confunde-se com o pensamento num sistema de conceitos ou esquemas mentais, ela reduz-se à imagem mental ou a recordação-imagem, isto é, a evocação simbólica das realidades ausentes, Piaget, (1971). O conhecimento representado pelo grafismo é o resultado da recordação que a criança tem do objeto e o desenho expressa a sua evolução mental.

A imaginação e a criação são competências naturais nas crianças, contudo exigem contextos e ferramentas adequados para a sua expressão e desenvolvimento. Nesse sentido, a educadora de infância deve estimular essas capacidades e desenvolver o sentido estético nas crianças, criando as oportunidades e disponibilizando os utensílios necessários à expressão de cada criança. O desenho/expressão gráfica é uma atividade prazerosa para a maioria das crianças, permitindo a expressão da sua visão sobre o mundo e sobre si própria. A utilização de diferentes materiais e suportes pode potenciar a aprendizagem de diferentes conteúdos de uma forma criativa e lúdica, pelo que a utilização das potencialidades da expressão gráfica através do suporte digital pode organizar-se como uma mais valia para a criança.

O desenho pode muitas vezes tornar-se no “espelho” do estado de espírito da criança, porque através dele, podemos perceber o que a criança pensa, deseja, sente, o que a deixa inquieta, alegre ou triste. O desenho é considerado como uma forma original de pensamento e expressão de emoções. O desenho constitui para a criança uma forma de brincar, não se preocupando com a perfeição técnica da sua brincadeira. Ao desenhar a criança expressa os seus sentimentos, o seu pensamento e as suas vivências, fazendo a interpretação do mundo, além de estimular a inteligência, desenvolve a linguagem e o pensamento lógico.

O desenho é um meio que possibilita à criança expressar graficamente os seus sentimentos, a sua compreensão do mundo em que está inserida, bem como forma de expressão a sua imaginação e criatividade. Todas as crianças devem ser incentivadas pelo adulto a desenhar, pois este faz parte integrante do desenvolvimento infantil.

Durante a infância as crianças passam por diversas fases de desenvolvimento, cada uma dessas fases tem características próprias e cabe ao adulto observar para melhor compreender a fase em que cada criança está inserida.

3. Etapas da expressão gráfica das crianças

Quando falamos das etapas da expressão gráfica onde as crianças se encontram, não podemos esquecer que embora todas as crianças passem por estas etapas em idades semelhantes, não há duas crianças que façam a sua evolução de forma idêntica. Não são fases estreitamente delimitadas, pois variam no momento do aparecimento, na duração e inclusivamente na clareza com que se manifestam. Os estádios de desenvolvimento não devem ser analisados de uma forma estática e normativa, sendo, contudo, uma referência para nos ajudar a apoiar as crianças nas suas aprendizagens e a estarmos conscientes dos seus possíveis interesses e necessidades.

A criança antes de começar a representar situações concretas, usa a imitação, ou seja, ela imagina as coisas e depois apresenta os seus primeiros traços fazendo uma comparação entre o real e o imaginário. “Para compreender o verdadeiro significado dos rabiscos infantis, devemos nos esforçar o mais possível, para nos colocarmos no lugar da criança” (Lowenfeld e Brittain, 1997, p. 95).

Ao desenhar a criança conta a sua história, os seus pensamentos, as suas fantasias, os seus medos, as suas alegrias e tristezas. Ela transmite através do desenho o que de melhor ou pior lhe aconteceu. Contudo, apesar de o desenho ser uma forma de representação espontânea, nem sempre as crianças têm as mesmas oportunidades de explorar e experimentar diversos tipos de materiais. “Os desenhos de uma criança são o reflexo do seu desenvolvimento geral e não uma evolução baseada em técnicas de desenho” (Sousa, 2003b, p. 198). Deste modo, não é o desenho que se desenvolve, mas sim, a criança.

Tendo em conta que cada criança é diferente, também o seu ritmo de aprendizagem, as suas habilidades e os seus interesses serão únicos, seguindo uma

ordem continua e individual. Desta forma, é importante ressaltar que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da personalidade, autoconfiança, autonomia, criatividade, concentração e imaginação. Tendo em conta todas estas características é muito importante que tanto os pais como os educadores / professores, tenham conhecimento das etapas de expressão gráfica para que possam conhecer e compreender melhor este processo criativo a fim de estimularem as crianças adequadamente. Será de importância vital para o crescimento e para o desenvolvimento da criança se ela tiver a oportunidade de expressar-se livremente através de sua arte, demonstrando a sua personalidade.

Para ser mais fácil compreender o desenvolvimento das crianças, segundo os seus desenhos, teremos de recorrer a vários autores de diferentes épocas. Apesar de já ter sido mencionado, é importante referir que as faixas etárias são flexíveis. Entre esses autores destacam-se: Luquet, Lowenfeld e Brittain, Piaget e Vygotsky.

A criança quando adquire habilidade motora, inicialmente, passa a desenhar rabiscos e conforme o seu desenvolvimento avança o desenho também evolui. Enquanto desenha a criança experimenta diferentes traços, explora materiais e também brinca de faz-de-conta, podendo verbalizar narrativas que exprimem as suas capacidades imaginativas, as suas emoções, fantasias e vontades. Deste modo, amplia a forma de sentir e pensar sobre o mundo no qual está inserida.

“Quando a criança pinta, o mundo encolhe-se até às dimensões de uma folha de papel, a folha transborda os seus limites e torna-se o mundo. Não é mais uma superfície branca, mas sim um écran onde se desenrola uma aventura. A criança exprime-se: o seu passado torna-se atualidade e as suas aspirações realizam-se; é um jogo muito sério da criação plástica” (Stern, 1974b, p.59), citado por Mauzinho (2014, p. 7).

Considera-se que a capacidade de criação e imaginação das crianças é algo inato, nasce com elas, contudo, cabe ao educador / professor estimular essas capacidades e desenvolver o sentido estético para potenciar os atos criativos da criança.

As Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar referem que:

A Expressão Plástica enquanto meio de representação e comunicação pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo. Recriar momentos de uma atividade, aspetos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projetos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo. Servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido” (OCEPE, 1997, p. 62).

Tal como Mauzinho (2014) refere, é através do desenho que a criança se exprime, é como se fosse um jogo de criação gráfico-plástica no qual a criança sente prazer ao riscar uma superfície. Desta forma, tudo o que a criança desenha está relacionado com ela própria, mesmo na primeira fase em que ainda não são reconhecíveis nenhuns objetos. Desta forma, a expressão gráfico-plástica pode ser considerada

como a segunda linguagem da criança e ajuda-a a expressar-se, completando aquilo que não consegue exprimir verbalmente. O desenho pode, em diversas situações, tornar-se no “espelho” do estado de espírito da criança, porque traduz o que esta sente, pensa, deseja, o que a deixa inquieta, alegre ou triste.

Derdyk (1989) afirma que o desenho é um instrumento para os adultos compreenderem o pensamento da criança, visto ser o produto do que a criança vê, pensa e imagina.

Por sua vez, Lowenfeld (1977) reforça a importância do desenho para o desenvolvimento da criança, pois através do desenho a criança desenvolve a sua capacidade de se expressar, de representar o que sente ou vê e ao mesmo tempo desenvolve, igualmente, a sua criatividade.

Vygotsky (1988) atribui outras características ao desenho, uma delas é referente ao domínio do ato motor, o desenho é o registo da passagem do gesto à imagem, o desenho pode ser um precursor da escrita.

A criança quando efetua traços sobre uma superfície, está a efetuar movimentos do braço, da mão e dos dedos que são exercícios de treinamento que contribuem de um modo muito significativo para o desenvolvimento das suas capacidades de coordenação visuo-neuromotora.

Segundo Lowenfeld e Vygotsky, o desenho constitui um importante meio de diagnóstico e terapia infantil. A criança quando não se consegue exprimir ou comunicar através das palavras, pode utilizar o desenho como forma de expressão e comunicação.

O desenho é a expressão do sentir da criança. Nesse sentido, para que se possa compreender o seu significado deve-se observar e conhecer primeiro a realidade da criança e só depois partir para a interpretação do seu desenho.

De acordo com Afonso (2013, p. 73) citando Sousa (2003, p.193):

“há desenhos de pessoas e animais, efetuados por homens do paleolítico e neolítico em paredes e cavernas, que nos espantam pelas suas qualidades expressivas. Tanto eles como as crianças de hoje não se preocupavam com a perfeição técnica, mas com a representação expressiva, a sua tendência é mais de uma linguagem expressiva de sentimentos e pensamentos do que para a representação do real.”

À semelhança do que acontecia no paleolítico e no neolítico, também as nossas crianças não se preocupam com a perfeição das suas produções gráficas, mas sim com a expressividade representada nos objetos. Nos desenhos que realiza a criança expressa os seus sentimentos e pensamentos, ao invés da representação do real.

As etapas do desenho infantil não são classificadas da mesma forma por todos os autores, desta forma iremos esquematizar a perspetiva de alguns autores que, ao longo do século XX, contribuíram para a compreensão das etapas da expressão gráfica na criança, de acordo com a sequência evolutiva da sua motricidade e cognição:

3.1- Perspetiva de Georges-Henri Luquet

De acordo com Luquet (1974) o realismo é o termo que melhor caracteriza o desenho infantil pelo simples facto de a criança ser realista, ela pretende desenhar aquilo que vê. O desenho infantil pode ser figurativo, não figurativo ou, num sentido mais abrangente, geométrico. O desenho figurativo é quando as crianças desenhavam de forma espontânea, já o desenho geométrico é quando elas desenhavam por ver os outros a desenhar, mas que procuram imediatamente dar-lhes uma interpretação figurativa e reproduzem-nas de aí em diante só com esse significado. As crianças têm necessidade de desenhar objetos de que gostam na realidade.

Luquet considera o desenho um jogo ao qual a criança se entrega, jogo tranquilo com função lúdica, que pode exercer sozinha, manter ou abandonar. Para ele, assim como para Piaget, o desenho tem “finalidade sem fim”, é autotélico, não tem funcionalidade prática (Iavelberg, 2013, p. 37).

A criança quando desenha não se preocupa se este está perfeito ou não, para ela o seu desenho está feito perfeitamente e esta nunca tenta corrigi-lo, a criança desenha para se divertir. Contudo, o meio onde cada criança vive, pode influenciar o seu desenho, fazendo com que este sofra modificações nas suas características, ou seja, tem etapas, pois ao longo da sua idade a criança vai inserir-se numa fase específica, com características distintas.

Luquet estabeleceu quatro estádios para o desenho infantil: o realismo fortuito, que surge por volta dos 18 meses e que vai até por volta dos 24 meses, o realismo falhado, que vai dos 2 anos até por volta dos 3 anos e meio, o realismo intelectual, dos 3 anos e meio aos 8/9 anos e por fim o realismo visual, por volta dos 8/9 anos até, geralmente aos 12 anos.

Na perspetiva de Luquet, (1987, p.135), citado por Afonso (2015, p.79):

“O desenho infantil não mantém as mesmas características do princípio ao fim. Portanto, convém fazer sobressair o carácter distintivo das suas fases sucessivas. Se, como dissemos, o desenho é do princípio ao fim essencialmente realista, cada uma dessas fases será caracterizada por uma espécie determinada de realismo.”

3.1.1- Fase do realismo fortuito

O realismo fortuito inicia-se por volta dos dezoito meses e vai até aos dois anos, é a fase inicial da produção gráfica, o prazer é o ponto principal que faz a criança desenhar. Luquet acredita que a criança descarrega no desenho o seu desejo ao ver o adulto a fazer, ou seja, a criança visualiza o que os adultos fazem e tenta repetir da mesma maneira, sendo assim, ela desenha por imitação e repete por prazer. Ao elaborar o desenho a criança aplica-lhe uma interpretação, uma vez que o traçado

realizado não teve da parte da criança uma intenção representativa. Este ato ocorre sucessivas vezes, podendo um mesmo traçado ter diferentes interpretações.

A criança desenha linhas, uma vez que ainda não tem consciência de que o conjunto delas possa representar objetos e não atribui significado aos seus grafismos, simplesmente o faz pelo prazer que tem em repetir os gestos em função da atividade motora adquirida. De seguida a criança desenha sem intenção, porém, percebe semelhanças entre os seus traços e um objeto real. Por fim, surge a intenção, o desejo consciente de desenhar alguma coisa. Entretanto, a interpretação do desenho para a criança pode modificar-se de acordo com os significados atribuídos por ela.

Afonso (2015, p. 80), citando Luquet (1974, p.42) refere-nos que:

“A criança que acaba de fazer um desenho esquece não só o que quis fazer, mesmo sendo obra sua, e, iludida pela sua imaginação, toma com toda a sua boa-fé por objetos reais, assim como por simulacros por vezes informes ou até imagens, as suas próprias criações gráficas.”.

Nesta fase a criança ainda não tem uma capacidade gráfica, embora existam algumas semelhanças entre os traços que executa e os objetos que quer desenhar. A criança realiza desenhos espontâneos e irrefletidos, contudo, depois desta pequena evolução, podemos constatar que a criança evolui no sentido de que se verifica uma passagem de imagens involuntárias e irrefletidas para a reprodução de imagens planeadas. De acordo com esta ideia, Luquet (1974) considera que é possível identificar dois momentos distintos nesta fase. Num primeiro, a criança não consegue concretizar nenhuma semelhança entre o objeto que viu e o desenho que realizou, apesar de existir uma intenção prévia de reproduzir a imagem. Em relação ao segundo momento, a criança vai acrescentado pormenores nos seus desenhos, tendo em conta que existem algumas imperfeições, no entanto, ela sabe que se acrescentar ou retirar alguns elementos às suas produções gráficas, estas poderão resultar em novas semelhanças entre a imagem e objeto representado, Figura 58.

Luquet (1969, p.143) afirma que “consciente da sua faculdade gráfica, a criança exercita-a voluntariamente (...) anuncia frequentemente o desenho que vai fazer, antes de o executar”.

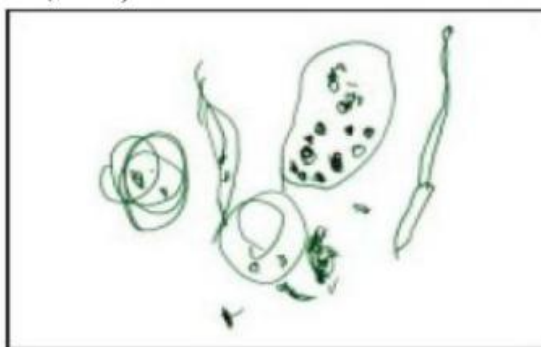


Figura 58 - Desenho da fase realismo fortuito (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.182))

3.1.2- Fase do realismo falhado

Relativamente à segunda fase, denominada de realismo falhado, a criança ao desenhar “quer ser realista, mas não chega a sê-lo” (Luquet,1969, p.147).

A fase do realismo falhado, normalmente ocorre entre os dois anos e os três anos e meio, nesta fase, a criança descobre a identidade forma–objeto. A criança quando desenha, tenta fazê-lo de forma realista, porém ainda não consegue assumir esta atitude, pois ainda apresenta algumas dificuldades a nível físico e psíquico, no que diz respeito ao controlo dos movimentos e à falta de atenção.

Luquet, (1969, p. 147) afirma que “O primeiro dos obstáculos que se deparam ao realismo é de ordem puramente física: a criança não sabe ainda dirigir e limitar os seus movimentos gráficos de modo a dar ao seu traçado o aspeto que quereria.”

Estas deficiências nos desenhos, que vão desaparecendo gradualmente, fazem com que inúmeros desenhos numa perspetiva inicial, sejam completamente incompreensíveis, não só pela falta de explicação por parte da criança, mesmo depois da explicação feita o desenho continua a não ser compreensível. Outro obstáculo com que a criança se depara é de ordem psíquica, resoluto do “tempo limitado e descontínuo da atenção infantil” (Luquet, 1969, p.148). Desta forma, a criança reproduz um número muito restrito de pormenores ou elementos efetivos do objeto desenhado, não pelo facto de os não conhecer, mas sim porque pretende desenhar os pormenores que naquele momento são mais importantes para si e acaba por se esquecer de colocar no seu desenho os elementos que na altura não têm qualquer importância para si própria, ou seja, a importância que um elemento tem, num determinado momento, fá-la esquecer-se de outro. “Esta imperfeição geral do desenho, característica essencial da fase do realismo falhado”, a qual também chamou de “incapacidade sintética, manifesta-se a propósito de diversas relações e em primeiro lugar nas proporções” (p.150-151), Figura 59

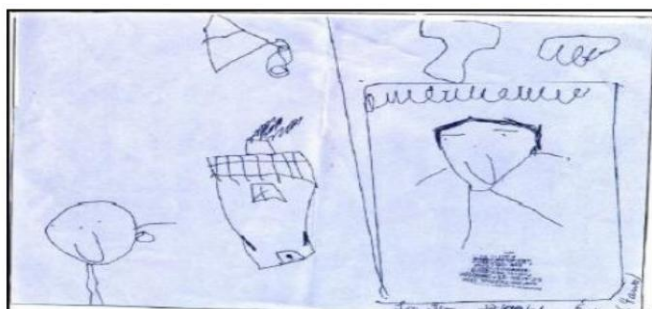


Figura 59- Desenho da fase realismo falhado ou incapacidade sintética (fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.182)

As desproporções acontecem com frequência e por diferentes razões, tais como “a imperfeição gráfica, a impotência da criança para interromper os traços no momento desejado (...) o espaço disponível do papel fará encurtar certos traços por falta de espaço ou, pelo contrário, fará alongá-los pelo horror ou vazio” (p.151). Por isso é normal observar o desenho de uma criança em que, por exemplo, o cabelo de um

boneco é maior que as suas pernas. A incapacidade sintética vai atenuando quando a “atenção da criança se torna menos descontínua” (Luquet, 1969, p.157).

3.1.3- Fase do realismo intelectual

Nesta fase as crianças adquirem as primeiras noções de perspetiva, distância e projeção. A criança consegue interligar diferentes pontos de vista, ou seja, ela ao desenhar fá-lo desenhando não só aquilo que se pode observar, mas tudo aquilo que existe para ela.

Na perspetiva de Luquet, (1969, p.159-160):

Uma vez superada a incapacidade sintética, já nada impede que o desenho infantil seja plenamente realista, isto é, que represente, ao mesmo tempo os pormenores do objeto representado, as suas relações recíprocas no conjunto constituído pela sua reunião. (...) esse realismo intelectual pode ser levado até ao ponto de reproduzir no desenho não só os elementos concretos invisíveis, mas mesmo os elementos abstratos que só têm existência no espírito do desenhador”.

Nesta fase o desenho infantil aparece em toda a sua extensão, contudo, este realismo não é igual à realidade do adulto, enquanto que para a criança é parecido se tiver todos os elementos reais, mesmo que sejam invisíveis do ponto de vista que é focado, para o adulto este deve ser como uma fotografia do objeto.

Nos desenhos, as legendas começam desde muito cedo a ser utilizadas pelas crianças, mesmo quando ainda não sabem escrever, “a criança, notando a imperfeição do seu desenho, julga esta adição indispensável para que os outros possam compreender o que quis representar” (Luquet, 1969, p.162). Se as crianças acrescentam as legendas é por dois motivos, ou “porque as vê nos seus livros de estudo, em imagens anteriores e por vezes nos desenhos que executou para os pais” ou então porque considera que “o nome do objeto é para a criança uma das suas características, um elemento essencial, tal como as suas diferentes partes (...) por vezes a necessidade de o inscrever não só nos seus desenhos, mas também em objetos reais, como para os complementar” (Luquet, 1969, p.163-164).

A criança, de forma deliberada e consciente, procura reproduzir o objeto, representando o que vê e também o que não está presente, isto é, torna transparentes partes de objetos que, a princípio, estariam encobertos, como órgãos sob a pele e móveis através da parede, Figura 60.



Figura 60-Desenho da fase do realismo intelectual (fonte: (Bombonato e Farago, 2016, p.183))

3.2- Perspetiva de Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain

Lowenfeld (1977, p.51) diz que “através da compreensão da forma, como o jovem desenha, e dos métodos que usa para retratar o seu meio, podemos penetrar no seu comportamento e desenvolver a apreciação dos vários complexos modos como ele cresce e se desenvolve”.

Lowenfeld (1977, p. 96) destaca que a criança aprende a imitar os traços que viu alguém a fazer e, para ajudá-la a aumentar a confiança nas suas possibilidades, os pais educadores e professores devem incentivar esse ato, objetivando o aumento da sua autoconfiança.

O autor refere ainda que não é fácil perceber onde uma etapa termina e a outra começa, já que o desenvolvimento deste processo é contínuo. Também as diferenças individuais da criança devem ser levadas em conta, isto é, nem todas as crianças passam de uma fase para outra na mesma época e da mesma forma.

Crianças entre dois e quatro anos devem usar materiais adequados a sua faixa etária, estando confortáveis no seu manuseamento. Assim sendo, tal como propõe Lowenfeld e Brittain (1977, s.):

“Papel, giz de cera, caneta hidrográfica, entre outros materiais, como sendo compatíveis às crianças dessa idade. Acima de quatro anos é indicado usar folhas coloridas, lápis-de-cor com a ponta mais grossa, canetas hidrográficas e no trabalho tridimensional oferecer argila e massa de modelar. Esses materiais podem contribuir no desenvolvimento das habilidades perceptivas”.

A criança quando adquire habilidade motora começa a desenhar rabiscos e, conforme o seu desenvolvimento avança, também o seu desenho vai evoluindo. Enquanto desenha, experimenta diferentes traços, explora materiais e também brinca ao faz-de-conta, podendo verbalizar narrativas que exprimem as suas capacidades imaginativas, as suas emoções, as fantasias e as vontades, ampliando a sua forma de sentir e pensar sobre o mundo no qual está inserida.

A primeira fase de desenvolvimento do desenho, segundo o autor, denomina-se de Garatuja, que acontece por volta dos dois aos quatro anos de idade. Nesta fase os desenhos apresentam rabiscos realizados ao acaso. A organização e o controle do traço são percebidos aos poucos por ela, havendo uma evolução gradativa que vai dos riscos às formas controladas.

A segunda fase denomina-se de pré-esquematismo, tem início por volta dos quatro anos e estende-se até aos sete. Aqui apresentam-se as primeiras tentativas de representação do real, a criança começa a desenvolver a consciência da forma dos objetos e transmite isso pelas imagens dos seus desenhos, embora as figuras ou objetos apareçam, ainda, de forma desordenada, podendo haver variações consideráveis nos seus tamanhos.

A terceira fase é o esquematismo e começa por volta dos sete anos, e pode ir até os nove anos. Nesse estágio, a criança desenvolve o conceito da forma e seus desenhos

simbolizam o que pertence ao seu meio, de maneira descritiva. A última fase é o realismo vai desde os nove anos até aos doze anos. Aqui ainda existe muita simbolização nos desenhos, mas a criança tem maior consciência a seu respeito, projetando-os nas suas produções.

3.2.1- Fase das garatujas

As crianças quando começam a desenhar, fazem rabiscos desordenados no papel que vão evoluindo para desenhos mais complexos e reconhecíveis pelas diversas pessoas. A maior evolução das garatujas surge entre os 18 meses e os 4 anos, quando conseguem realizar desenhos reconhecíveis visualmente e que são facilmente reconhecíveis mesmo sem a ajuda de quem os representou. As garatujas compreendem três etapas principais, as garatujas desordenadas, as garatujas controladas e as garatujas com atribuição de nomes. As crianças ficam surpreendidas quando se apercebem que o movimento da sua mão agarrada a um lápis deixa um risco ou sinal no papel que até então estava em branco. A criança irá desenvolver as suas garatujas em papéis que lhe sejam dados pelo adulto, caso contrário, ela irá utilizar outros suportes como móveis, paredes e o próprio corpo para satisfazer esta sua necessidade. Oferecer papéis de preferência brancos, folhas grandes, lápis de cera, pincéis grossos e tintas é dar oportunidade para que a criança se inicie no processo de expressão.

A- Garatuja desordenada

As garatujas desordenadas correspondem a simples traços realizados ao acaso pela criança, sem sentido, incontrolados e desordenados, as linhas desenhadas apresentam variações de comprimento e são realizadas em todas as direções. A criança rabisca sem planeamento prévio ou controle de suas ações. Nem sempre olha para a folha para desenhar, ultrapassa o limite do papel e utiliza vários métodos para segurar o lápis, pode ser usado preso no punho ou entre os dedos apertados. O pulso e os dedos não são usados para controlar o instrumento de desenho.

Nesta fase, as crianças ainda não possuem um controlo dos seus músculos, frequentemente só os movimentos mais largos é que são repetidos. Os movimentos representados dependem do tamanho de cada criança, o que para ela são movimentos grandes, para o adulto são o oposto, o que é normal dado à discrepância de estaturas. Na fase das garatujas descontroladas ainda não existe intenção de representação, ou seja, não é frequente ver a criança desenhar algo real, Figura61:

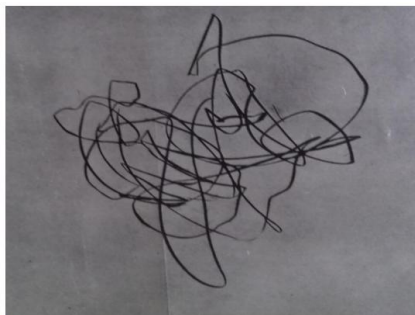


Figura 61- Garatuja desordenada feita por uma criança de dois anos e meio (fonte: Brittain e Lowenfeld (1977, p. 118))

De forma sistematizada podemos dizer que:

- A criança rabisca em diferentes direções (vertical e horizontal).
- Ora rabisca com traços fracos e concentrados, ora traços fortes e dispersos.
- Aparecem pequenos círculos ainda sem intenção, significado e expressão.
- Às vezes não saem de um mesmo lugar, até que furam o suporte.
- Outras vezes riscam uma folha inteira, misturando tudo que já experimentaram.
- Pode apresentar variações de cores nos seus desenhos, mas apenas como experimentação, dando preferência às mais fortes, que se tornam mais visíveis.

B- Garatuja ordenada ou controladas

A segunda etapa do desenho é a garatuja ordenada ou controlada, que corresponde à faixa etária dos dois anos. Nesta fase a criança descobre que existe ligação entre os seus movimentos e os traços que faz no papel, passando do traçado contínuo para o descontínuo. A aquisição do controlo visuo motor é muito importante, pois é quando a criança adquire o controlo visual sobre aquilo que produz. O lápis, muitas vezes, não sai do papel, pois a criança fica de tal modo concentrada que se debruça completamente sobre ele.

Aqui a criança já varia nas cores que utiliza e já preenche toda a folha com as suas garatujas, respeitando assim os limites da folha. Ainda realiza várias experiências relativamente à forma como segura o lápis, mas, por volta dos 3 anos já consegue segurá-lo quase como o adulto, Figura62.

Progressivamente, a criança vai aperfeiçoando as suas garatujas e percebe algumas relações entre aquilo que desenhou com alguma coisa do seu meio. “é a partir desta fase que o papel do adulto se torna mais importante, pois a criança começará a mostrar as suas garatujas e a falar sobre elas” (Brittain & Lowenfeld, 1997, s.p).

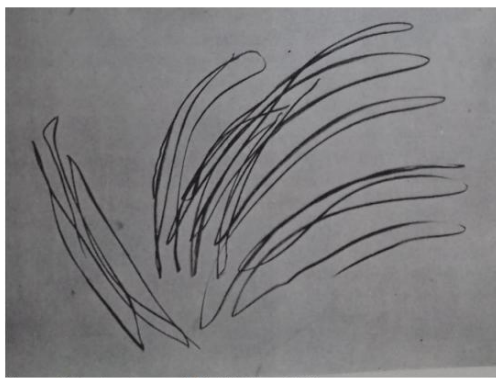


Figura 62- Garatuja controlada feita por uma criança de três anos (Fonte: Brittain e Lowenfeld (1977,p. 121))

De forma sistematizada a criança:

- Controla um pouco mais os seus movimentos.
- Transforma pequenos círculos em pessoas e animais, dando-lhes cabelos, olhos e membros (em geral braços).
- O desenho deixa de ser simples expressão motora e começa a representar coisas da sua realidade.
- Os membros destacam-se, mas não obedecem à posição correta, pois geralmente saem das orelhas ou do pescoço.
- Primeiro desenhavam os braços e depois as pernas como se fossem palitos.
- No rosto, olhos e a boca mostram em geral caricaturas alegres. Depois surgem os cabelos e o nariz.

C- Garatuja com atribuição de nome

Nesta última etapa da garatuja, a criança começa a fazer comentários verbais sobre o seu desenho e começa a dar nomes aquilo que desenhou. Para o adulto, aqueles traços não são perceptíveis, mas mesmo assim, isso indica uma transformação no pensamento da criança. Inicialmente ela ficava contente apenas com aquilo que desenhava, nesta fase, ela passou a ligar esses movimentos com o mundo à sua volta. Desta forma, deixa de se focar no desenho em si, ligando o resultado deste com algo que pensa ter representado. Nesta fase, a criança, muitas vezes, comunica o que vai desenhar, ela pode ter uma intenção inicial, mas durante a realização do desenho, o rabisco poderá ter atributos descritivos diferentes.

É importante salientar que os rabiscos e os traços realizados pela criança podem não ter qualquer significado para o adulto, mas para a criança têm sempre significado. Alguns traços e círculos podem parecer uma pessoa, mas os adultos não devem nunca insistir com a criança para dar nome às suas garatujas. Nesta fase, os adultos devem limitar-se a incentivar a criança a desenhar, mostrando aprovação nas suas produções gráficas e nunca criticar nem fazer exigências.

De forma sistematizada a criança:

- Faz nos seus desenhos outros elementos além da figura humana
- O desenho parece feito de rabiscos, mas tem um significado intrínseco, pois enquanto desenha, a criança fala e conta histórias, explicando os seus rabiscos.
- A flor e a casinha são desenhadas com frequência como uma expressão do lar ou da escola.
- A figura humana é mais completa com cabeça, tronco e membros com pés e mãos.

3.2.2- Fase pré-esquematismo

Aproximadamente entre os quatro e os seis anos, surgem as primeiras formas representativas mais próximas da realidade que as crianças produzem intencionalmente. Nesta fase os desenhos realizados pelas crianças são o resultado da evolução de um conjunto de linhas longitudinais e circulares, que num instante ganham forma facilmente reconhecidas. A criança faz relação entre o desenho, o seu pensamento e a realidade em que vive, Figura63.

Segundo Lowenfeld (1976), neste estágio as crianças desenhavam as figuras humanas e os objetos de acordo com o seu mundo, ou melhor, elas representam o que está em seu redor com uma intenção figurativa simbólica. Geralmente, a primeira figura que a criança desenha, é a figura humana, que normalmente está representada a cabeça através de um círculo e duas linhas verticais que representam as pernas. De acordo com a maturidade de cada criança, a figura humana pode surgir por vezes sem pernas ou sem braços, outras vezes podem surgir pormenores como as mãos e os dedos. Isto acontece porque cada criança é diferente e cada uma desenvolve-se segundo o seu ritmo e não segundo a sua idade.

Segundo Brittain & Lowenfeld (1977) a representação do ser humano vai evoluindo progressivamente. É nesta fase que os desenhos vão mudando constantemente, aparecendo novos símbolos.



Figura 63- desenho de uma criança de 4 anos (Fonte: Melo, (sd, p. 11))

De forma sistematizada a criança:

- Começa a representar coisas da sua realidade e a exprimir as suas fantasias.
- Desenha vários objetos ou o que imagina deles, sem proporção de tamanho e distância.
- Desenha o sol, em geral personificado, flores maiores que árvores, uma casa aqui, “eu” ali, tudo disperso no papel.
- Começa a utilizar o desenho como expressão do próprio pensamento.
- Não desenha o que vê, mas o que tem maior valor emocional ou carga afetiva para ela.
- O desenho da figura humana é bastante completo e variado.
- Não utiliza cores da realidade, mas as que mais gosta.

3.2.3- Fase esquematismo

A fase esquematismo tem início por volta dos 7 anos e vai até aos 9 anos. Nesta fase a criança desenvolve o conceito de forma. Os seus desenhos simbolizam e representam partes de seu meio e de si próprias de uma forma descritiva. O esquema humano será muito diferente de criança para criança, será muito individual e refletirá o desenvolvimento de cada criança.

As crianças já conseguem fazer relações de referências socioculturais, para desenharem casas, pessoas, animais, descobrindo a existência de uma ordem definida nas relações espaciais. “É neste período que aparece uma interessante característica dos desenhos infantis: a criança dispõe os objetos que está retratando numa linha reta, em toda a largura da margem inferior da folha de papel. Assim, por exemplo, a casa é seguida de uma árvore, à qual se segue uma flor que fica ao lado da pessoa que poderá ficar antes de um cão, que é a figura final do desenho” (Lowenfeld, 1977, p.55).

Ainda nesta etapa, podemos encontrar algo que as crianças adoram desenhar, figuras geométricas, principal característica deste estágio. É a partir deste que surge outro elemento marcante que é a sobreposição com transparência, o que faz com que seja possível ver os elementos dentro das casas, dos prédios, dos carros Figura64.

É também nessa etapa que a criança descobre que existe relação entre o objeto e a cor, o processo de evolução da criança está bem visível, podendo perceber que já consegue relacionar cores e formas de acordo com a sua realidade.



Figura 64- Desenho de uma criança de 7 anos em situação espontânea (fonte: Melo, (sd, p. 13))

De forma sistematizada a criança:

- Conquista do conceito “forma”.
- Os desenhos revelam realismo lógico (organização espacial) e descritivo (rico em detalhes).
- As figuras relacionam-se umas com as outras.
- Desenham a linha da terra e do céu dando maior distância entre os dois onde as coisas ocupam os seus lugares corretos
- A personagem aparece em lugar definido e os animais quase sempre de perfil.
- Preocupação em terminar o trabalho e colocar o próprio nome, em geral com letras maiúsculas.
- Representação num só desenho de vários aspetos impossíveis de serem vistos simultaneamente, por exemplo, quando o interior de uma casa é mais importante, recorrem ao desenho chamado transparência mostrando o que existe por trás das paredes, como se fosse visão de raio X.

3.2.4- Fase realismo

Nesta última fase do desenho identificada por Lowenfeld, a criança apresenta o seu desenho de forma detalhada, desenhando tudo o que vê. Nesta fase, a criança também percebe como pode ser parte integrante da sociedade, tendo já interiorizado um conjunto de regras sociais, apresentando, ao mesmo tempo, um pensamento mais objetivo e racional. A criança descobre o quanto é importante o trabalho coletivo e que trabalhar em grupo é mais proveitoso do que trabalhar individualmente.

A criança consegue distinguir o tamanho dos objetos, compreendendo que o que está à frente é maior e esconde o que está atrás e ainda vai além, utiliza sombras para dar acabamento, mas principalmente para dar noção de perspetiva e a figura humana consegue ser diferenciada pelos sexos, Figura 65.



Figura 65- Figuração Realista. Criança de 10 anos, que desenhou a parte que mais gostava do seu jogo do vídeo (fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.189))

3.3- Perspetiva de Lev Semyonovitch Vygotsky

Segundo a perspetiva de Vygotsky, o desenvolvimento do desenho realizado pelas crianças requer duas condições, a primeira é o controlo do ato motor, o desenho é o registo do gesto, passando posteriormente a constituir o domínio da linguagem, em que a verbalização é fundamental enquanto a criança desenha. Inicialmente a criança gesticula e o lápis regista esse mesmo gesto num papel. Relativamente à fala, primeiro a criança necessita de ver o desenho antes de o conseguir identificar, contudo, com o passar do tempo, a criança vai conseguindo verbalizar o objeto que pretende desenhar. A segunda condição fundamental é a relação com a fala existente no ato de desenhar. Vygotsky afirma que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica (1989).

O desenvolvimento da expressão gráfico-plástica infantil é dividido em quatro etapas, a etapa simbólica, a etapa simbólico-formalista, a etapa formalista e, por último, a etapa formalista plástica.

3.3.1- Etapa simbólica

Na Etapa Simbólica a figura humana é representada por “bonecos”, ou seja, de uma forma muito resumida, pois nesta fase as crianças não desenham tendo em conta o objeto real, mas sim os objetos que têm na sua memória e nunca se preocupam em representá-los de uma forma fidedigna.

3.3.2- Etapa simbólico - formalista

É nesta etapa que nos podemos aperceber de uma maior elaboração dos traços e das formas do grafismo infantil. É nesta fase que a criança começa a sentir necessidade de não se limitar apenas à enumeração dos aspetos concretos do objeto que está a desenhar, procurando estabelecer maior número de relações entre o todo e as suas partes.

Na etapa simbólico-formalista os desenhos das crianças ainda permanecem simbólicos, contudo já conseguimos perceber que a representação está mais próxima da realidade.

3.3.3- Etapa formalista

Na etapa Formalista as representações gráficas realizadas já são fiéis aos objetos reais que a criança observa, terminando assim com as representações simbólicas, presentes nas duas etapas anteriores.

3.3.4- Etapa formalista plástica

Na última etapa, ou seja, na formalista plástica já é visível um novo modo de desenho, pois a criança já desenvolveu a sua motricidade e o desenho deixou de ser uma atividade com fim em si mesma e passou a ser considerada como uma atividade criadora. A criança desenha para criar algo. Também podemos verificar, que as crianças começam a diminuir a frequência com que realizam um desenho. E quando o fazem é pelo simples prazer do ato criativo.

3.4- Perspetiva de Jean Piaget

Tendo por base a observação de inúmeras crianças incluindo dos próprios filhos, Piaget criou a teoria cognitiva para poder explicar como era o desenvolvimento cognitivo dos seres humanos. Com base nestas observações, dividiu-a em quatro períodos, correspondentes a quatro etapas do crescimento infantil. Os períodos definidos são o sensório motor (dos 0 aos 2 anos de idade), o pré-operatório (dos 2 aos 7 anos de idade), o operatório concreto (dos 7 aos 11 anos de idade) e operatório formal (11 anos em diante). Dentro destes períodos da Teoria Cognitiva, podemos encontrar as fases da evolução gráfica das crianças. Estas fases estão divididas em garatuja (ordenada e desordenada), fase do pré-esquematismo, fase do esquematismo e a fase do pseudo-naturalismo.

A perspetiva de Piaget sobre as etapas do desenho infantil tem aspetos coincidentes com a teoria de Luquet, pois ambos os autores nos dizem que a criança no seu primeiro período de vida, desenhava apenas por extremo prazer. Para Piaget a figura humana nessa fase ainda não tem significado, ou seja, ela é inexistente, as cores também têm um papel secundário não tendo interesse pelo mesmo, apenas pelo contraste.

3.4.1- Fase da Garatuja

A- Garatuja desordenada

A fase da garatuja, Figura 66 tem início entre o primeiro e o terceiro ano de vida da criança. Esta fase engloba dois estádios, o estádio sensório-motor, entre o primeiro e o segundo ano de vida da criança e o início do estádio pré-operatório.

A garatuja desordenada tem como característica a realização de movimentos amplos e desordenados, não havendo nenhuma preocupação com o desenho em si, pois a criança desenha várias vezes no mesmo local, nunca se preocupando com o que já foi desenhado anteriormente.



Figura 66- Garatuja desordenada (fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.190)

B- Garatuja Ordenada

A Garatuja Ordenada, Figura 67 tem como característica a realização de movimentos mais distantes e circulares, apesar de conseguir desenhar espirais. A criança não ultrapassa as margens da folha mesmo quando utiliza todo o espaço que tem ao seu dispor na folha, neste estágio ela não se preocupa com a posição, tamanhos ou ordem em que cada desenho está localizado e sim pelas formas.

A figura humana não tem uma forma concreta, apenas imaginária, a criança desenha o que pensa ou acha sobre um determinado objeto, ainda não existe relação fixa entre o objeto e a sua representação, embora nesta fase, a criança já diga o que esta a desenhar, mas o traço (risco) que agora é uma árvore no final do desenho passa a ser uma pessoa.

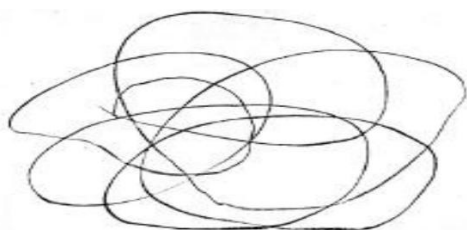


Figura 67- Garatuja ordenada (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.191))

3.4.2- Fase Pré-Esquematismo

Nesta fase, a criança começa a descobrir que existe uma relação entre o desenho, a realidade e o seu pensamento. Ao desenhar a criança recorre às suas emoções, mas também à sua imaginação, os objetos estão dispersos e não apresentam qualquer relação entre si. Os traços que executa e as cores que utiliza não têm qualquer relação com a realidade dependendo apenas do seu interesse emocional. Neste mesmo estágio surge o homem girino, figura que, por vezes, apresenta vários braços à volta do seu corpo.

3.4.3- Fase Esquematismo

A terceira fase do desenho infantil é o esquematismo que faz parte da fase das operações concretas (7 a 10 anos). Por esta altura a criança começa a criar esquemas representativos com configurações diferentes para cada objeto, já tem um conceito definido quanto à figura humana, contudo, ainda aparecem desvios do esquema como o exagero, a negligência e a omissão. Começa a utilizar a linha de base e descobre neste estágio a relação entre a cor e o objeto, podendo haver um desvio do esquema de cor expressa por experiência emocional. Surgem ainda fenómenos como a Transparência e o Rebatimento, Figura 68.



Figura 68- Desenho Fase esquematismo (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.192))

3.4.4- Fase do Realismo

A fase do desenho infantil denominada de Realismo, surge no final do Estádio das Operações Concretas. Nesta fase existe uma capacidade autocrítica pronunciada. Quando desenhavam as crianças já diferenciam a roupa das suas personagens consoante o género das mesmas, ainda na figura humana, aparece o abandono das linhas, Figura 69. Deixam de utilizar a linha base do caderno e começam a utilizar mais as formas geométricas de forma rígida e formal. No espaço é descoberto o plano e a superposição.



Figura 69- Desenho fase realismo (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.192))

3.4.5- Fase Pseudo-Naturalismo

A última fase do desenho infantil segundo Piaget é a fase do Pseudo-Naturalismo, fase das operações abstratas (10 anos em diante), aqui termina o desenho como atividade espontânea e inicia-se uma investigação da sua própria personalidade, nesta fase algumas crianças desistem de desenhar.

Tem como características o realismo, a objetividade, a profundidade, o espaço subjetivo e também o uso consciente da cor nos seus desenhos. No espaço já apresenta a profundidade ou a preocupação com experiências emocionais, na figura humana as características sexuais são exageradas, Figura70.

Assim, podemos dizer que o desenho contribui para o desenvolvimento pleno das crianças, sendo possível reconhecer algumas características que são comuns à maioria das crianças nas várias fases de desenvolvimento.



Figura 70- Fase Pseudo Naturalismo, criança pensando (Fonte: Bombonato e Farago, 2016, p.193))

Capítulo IV - Enquadramento Metodológico

1- Identificação e justificação do tema

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, foi desenvolvida a investigação “Expressão gráfica com suporte digital e analógico na educação pré-escolar: contributos para o desenvolvimento de competências gráficas e criativas na educação pré-escolar”, no decorrer da prática supervisionada em educação pré-escolar.

A escolha deste tema surgiu do facto de eu trabalhar num jardim de infância e de diariamente ver as crianças a desenhar, não só a pedido da própria educadora de infância, mas por iniciativa própria. Quase sempre esses desenhos eram realizados num suporte analógico e quase nunca em suporte digital. Desta forma, tivemos a curiosidade de saber porque as crianças não escolhiam e utilizavam um suporte digital para realizar esses mesmos desenhos.

No jardim de infância as tecnologias digitais estão quase sempre presentes nas salas de atividades, mas nem sempre estão disponíveis para serem utilizadas pelas crianças. No nosso entender seria mais enriquecedor deixar as crianças explorarem algumas dessas tecnologias e poderem, assim, através destas, desenvolver mais as suas capacidades expressivas.

Quando se pede a uma criança que realize um desenho, nem sempre é uma tarefa fácil para ela, enquanto muitas crianças gostam e sentem prazer ao realizar um desenho, existem outras crianças que apresentam muita dificuldade e que demonstram mesmo que aquela atividade é muito difícil e pouco motivadora para ela. O suporte digital pode ser um meio facilitador na realização dessa atividade, pois pode colmatar as dificuldades que a criança tem ao realizar um desenho. Se por algum motivo não consegue pegar corretamente num lápis, o uso do suporte digital pode ajudar a realizar o traço que pretende; se não consegue decidir qual a cor que quer utilizar para pintar um desenho, o suporte digital pode ajudar pois facilmente pode modificar a cor que pintou o desenho e pintar com uma nova cor. Se uma criança faz demasiada pressão no lápis ao desenhar ou ao pintar rasgando mesmo o suporte onde está a realizar o desenho, o computador pode ser um meio facilitador para ela, pois a força com que desenhar ou pinta é sempre a mesma e nunca há forma de rasgar o papel. Tanto o suporte digital como o suporte analógico são importantes para as crianças, temos é que retirar o maior proveito de cada um deles e proporcionar as crianças a melhor utilização de cada um deles.

Atualmente as tecnologias estão muito presentes no quotidiano das nossas crianças e até mesmo dos adultos, quase tudo o que nos rodeia é tecnológico e cabe-nos a nós adultos darmos a oportunidade das nossas crianças utilizarem essas tecnologias de forma mais proveitosa e enriquecedora. Desta forma, porque não propor uma atividade de desenho utilizando essas mesmas tecnologias? Se na nossa sala de atividades do jardim de infância existe um computador devemos incentivar as crianças a utilizá-lo, desta forma, achamos que poderá ser motivador e interessante

para a criança realizar essa atividade utilizando um diferente suporte, ou seja, o suporte digital.

A utilização do suporte digital não seria muito mais adequada para realizar a atividade de desenho? Este não poderá ser um suporte que ajudará as nossas crianças a desenvolver a sua imaginação e criatividade? Ou será o suporte analógico uma ferramenta mais acessível e motivadora para as crianças. Será mais fácil desenhar utilizando um computador ou a folha de papel ainda será o melhor meio?

1.1- Definição da questão-problema e objetivos da investigação

Recorrendo às Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar, podemos verificar a importância da educação artística e estética como imprescindível para o desenvolvimento global da criança e até como forma muito importante para a iniciação da leitura e da escrita. O educador de infância será o impulsionador desta forma artística, pois cabe a ele fomentar em todas as crianças o gosto e interesse pela expressão artística e no nosso caso mais concretamente sobre o desenho. O educador de infância tem um papel sempre muito ativo na vida e interesses das crianças, pois é através deste e dos seus ensinamentos que as crianças vão querer experimentar e aprender tudo o que a rodeia. Se o educador inculcar nas crianças que o desenho é uma forma de arte livre, expressiva que permite libertar as ideias e a criatividade, as crianças vão ter vontade de experimentar, vão querer mostrar que são capazes de desenhar e de transmitir as suas vontades e desejos através do desenho.

Decorrente do exposto, identificamos a seguinte questão de investigação: Será que a dinamização de atividades de expressão gráfica digital e analógica pode potenciar a expressividade das crianças manifestada por uma maior diversidade e qualidade dos seus elementos gráficos e narrativos?

Decorrente do problema, da revisão de literatura e das questões que fomos identificando, foi possível delimitar os seguintes objetivos a que queremos dar resposta com o desenvolvimento desta nossa investigação:

- Promover a utilização das tecnologias digitais no âmbito da expressão gráfica numa sala de atividades de um Jardim de Infância com crianças de 5 /6 anos.
- Identificar as competências de expressão gráfica apresentadas pelas crianças no desenho digital e no analógico.
- Registrar a reação das crianças face à realização dos desenhos nos dois suportes.
- Identificar os elementos gráficos e narrativos nos desenhos analógicos e digitais.
- Analisar as opções digitais utilizadas pelas crianças nos seus desenhos digitais.
- Observar quais as ferramentas mais utilizadas no desenho digital.

- Analisar a competência expressiva dos desenhos em suporte digital e em suporte analógico.
- Refletir sobre as potencialidades do desenho em suporte digital e em suporte analógico para o desenvolvimento da criança.

1.2-Local, participantes e amostra da investigação

A nossa investigação foi realizada num Jardim de Infância do concelho de Castelo Branco. Como já referido anteriormente é uma sala de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos onde a maior dificuldade é a falta de assiduidade dos participantes. A sala é constituída por 22 crianças, mas o número diário de presentes é bastante inferior e inconstante. Como não conseguimos ter um grupo presente e participativo, tivemos a necessidade de nos focar em apenas 4 crianças para realizarmos a apresentação e a discussão dos resultados. Desta forma selecionamos as crianças mais assíduas e participativas de entre todas para que a investigação pudesse ser efetivada.

2- Metodologia

2.1- Procedimentos metodológicos

Para podermos realizar um trabalho de investigação é essencial selecionarmos a metodologia mais adequada para a concretização dos nossos objetivos, desta forma e após todos os objetivos clarificados, o procedimento metodológico pelo qual nos guiámos está inserido na investigação-ação, seguindo uma metodologia qualitativa. Escolhemos este tipo de investigação pois a mesma permite-nos ser investigadores e ao mesmo tempo intervenientes.

A definição do conceito de investigação-ação é complexa pois pretende conciliar dois processos que, de acordo com as conceções investigativas mais tradicionais, são contraditórios: agir/intervir e investigar. Ao longo dos tempos, têm sido apresentadas várias definições de investigação-ação, as quais representam também conceções nem sempre coincidentes, sendo este considerado um “domínio heurístico em construção” (Máximo-Esteves, 2008, p. 22).

A investigação-ação apresenta dois planos, o plano de ação e o plano de investigação e dispõe de técnicas e instrumentos de recolha de dados que permitem analisar e conhecer a realidade. Nesse sentido, existem vários autores que apresentam a sua proposta de definição. John Elliot (1991), citado por Máximo-Esteves (2008, p. 18), afirma que “podemos definir a investigação-ação como o estudo de uma situação social no sentido de melhorar a qualidade da ação que nela decorre”. É importante o uso desta abordagem metodológica em educação, estreitamente

relacionada com a melhoria das condições de trabalho nas escolas, bem como a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

A investigação-ação pode ser esquematizada por meio de espirais ou ciclos de planificação, observação da ação e reflexão, contudo estes ciclos nem sempre estão bem articulados, mas eles são extremamente úteis como quadro metodológico para a planificação e a supervisão da investigação-ação. O primeiro passo é planificar, ou seja, elaborar um plano de ação para melhorar uma área identificada pelo estudante em estágio como prioritária para a intervenção, o estudante tem que ponderar estratégias/atividades possíveis de implementação e de aprofundamento de uma questão de investigação que as englobe e que conduza a ação delineada. A execução do plano acontece durante as aulas realizadas pelo estudante em estágio, agir envolve não só a operacionalização da estratégia/atividades delineadas para o processo de ensino-aprendizagem, mas também a recolha e a interpretação dos dados. Observar implica a monitorização do plano quando este se vai desenrolando, mas também a documentação das observações por meio de anotações, registo e respetivas escritas no diário do investigador, (Figura 71).

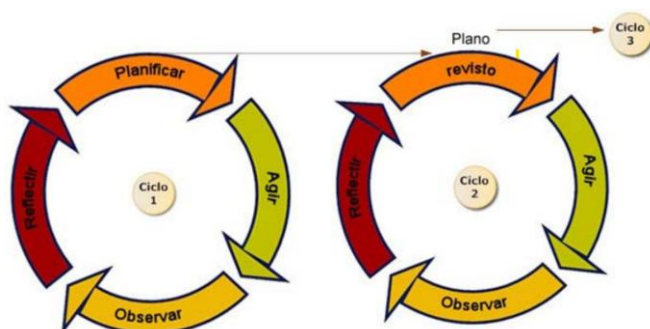


Figura 71- Espiral de ciclos da investigação-ação (Fonte: Coutinho et al., 2009, p.366).

De acordo com Coutinho et al. (2009, p. 362) a investigação-ação é caracterizada pelo “facto de se tratar de uma metodologia de pesquisa, essencialmente prática e aplicada, que se rege pela necessidade de resolver problemas reais”.

Altrichter et al (1996) afirmam que a investigação-ação tem como finalidade apoiar os professores para lidarem com os desafios e problemas da prática e para adotarem as inovações de forma refletida (Máximo-Esteves, 2008, p. 18). Segundo Máximo-Esteves (2008, p.82) pode definir-se investigação-ação “como um processo dinâmico, interactivo e aberto aos emergentes e necessários reajustes, provenientes da análise das circunstâncias e dos fenómenos em estudo.” A investigação-ação é constituída por diferentes fases, que não têm que ser operacionalizadas por uma ordem específica, pois ao mesmo tempo que estamos a investigar também estamos a operacionalizar, desta forma temos que estar abertos a reajustes que possam ocorrer.

No ponto de vista de Bogdan e Biklen (1994, p.292) “é um tipo de investigação aplicada na qual o investigador se envolve ativamente na causa da investigação”. Os autores acrescentam ainda que “consiste na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais.

McKerman (1998, p. 5) citado por Máximo-Esteves (2008, p.20),

“Investigação-ação é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação-ação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático – primeiro, para definir claramente o problema; segundo, para especificar um plano de ação, incluída a testagem de hipóteses pela aplicação da ação ao problema. a avaliação é efetuada para verificar e demonstrar a eficácia da ação realizada. Finalmente, os participantes refletem, esclarecem novos acontecimentos e comunicam esses resultados à comunidade de investigadores-ação. Investigação-ação é uma investigação científica sistemática e auto-reflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática”.

Desta forma, podemos concluir que a investigação-ação permite que o educador compreenda um determinado problema em contexto educativo e investigando estratégias contextualizadas consiga superá-lo, refletindo sobre a ação desencadeada e reformulando e ajustando de acordo com as observações realizadas.

2.2-Procedimentos éticos e legais

Na investigação de natureza social, o investigador tem que colocar a si próprio questões de índole ética associadas às perguntas até onde posso ir no decorrer do processo de investigação? Qual o uso que vou dar a tudo o que investiguei? As respostas têm a ver com os pilares epistemológicos.

No ponto de vista de Máximo-Esteves (2008, p. 106), “o pacto de confiança é uma espécie de contrato deontológico (...) tem de existir reciprocidade”, pois as pessoas quando aceitam falar da sua vida têm que confiar que o investigador não vai usar as informações recolhidas contra o próprio entrevistado.

No que respeita ao ponto de vista ético, a primeira atitude a tomar “é dar a conhecer a finalidade e os objetivos da investigação-ação aos participantes”. Garantir que nada do que possa ser dito durante a entrevista pode ser revelado, sem o consentimento dos participantes, “isto é, garantir a confidencialidade dos dados”. Direito à privacidade, “protegendo o anonimato dos intervenientes e recorrendo sempre a denominações fictícias”. Em alguns casos é um gesto mais simbólico do que efetivo. Nunca podemos esquecer que as questões de ética adquirem maior cuidado quando a investigação envolve crianças, o que é o nosso caso, (Máximo-Esteves 2008, p. 107).

Todas as investigações devem ter em conta os procedimentos éticos e legais que lhes estão associados, quando fazemos uma investigação na área da educação infantil e onde os participantes são crianças e não têm a capacidade de autorizar a sua participação, a mesma deve ser solicitada. Afonso (2015, p. 94), citando Cerisara,

(2004, p.50) “Considerando o facto de que as crianças não têm condições de autorizar ou recusar a sua participação nas pesquisas, é necessário recorrer à mediação com os pais com vista à autorização para que elas sejam sujeitas de investigação. No entanto, mesmo com autorização, outros problemas éticos permanecem: como tratar os nomes e os rostos das crianças? coloca-se o nome verdadeiro ou falso? E as fotos e as filmagens, quem autoriza?”

Posto isto, apresentámos e discutimos com a orientadora cooperante sobre o tema, os objetivos, as estratégias e atividades que pretendíamos implementar com o grupo de crianças. De imediato, foi-nos comunicado que no início do ano letivo, todos os encarregados de educação, teriam assinado um documento autorizando a recolha e partilha de informação quer com outros professores, estagiários ou pessoas envolvidas em atividades escolares. Desta forma, já não foi necessário, da nossa parte, realizar qualquer pedido nem à direção do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva nem aos encarregados de educação das nossas crianças.

2.3- Técnicas / instrumentos de recolha e análise de dados

Para podermos dar resposta aos objetivos delineados e à questão-problema, foi necessário recorrer a várias técnicas e procedimentos de recolha de dados, desta forma utilizamos observação participante no decorrer de toda a prática supervisionada, notas de campo recolhidas diariamente no jardim de infância, observações, registos áudios e fotográfico, entrevista semiestruturada à educadora cooperante e às duas educadoras presentes na sala em questão, inquéritos por questionário aos encarregados de educação dos alunos da sala e triangulação de dados.

Ao longo da prática supervisionada em educação pré-escolar, propusemos às crianças diversas atividades nas quais tinham que se exprimir graficamente tanto em suporte digital como analógico de forma a demonstrarem situações vivenciadas ou simplesmente desenhos livres que iam ao encontro dos temas abordados.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p.62): “A expressão plástica enquanto meio de representação e comunicação pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo. Recriar momentos de uma atividade, aspetos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projetos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo.”

2.3.1- Observação participante

Tal como Máximo-Esteves (2008, p. 87) refere, “a observação permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles aconteceram num determinado contexto”. A observação ajuda a compreender os contextos, assim como as pessoas que nele se incluem e as interações entre pares.

A observação é uma técnica importante num estudo como o nosso de natureza qualitativa, consiste em recolher informações “de modo sistemático, através do contacto direto com situações específicas” (Aires, 2015, p. 24-25), permitindo ao investigador ter uma visão mais completa do real num determinado contexto. De acordo com Máximo-Esteves (2008, pg.87), o contexto é “o conjunto das condições que caracterizam o espaço onde decorrem as ações e interações das pessoas que nele vivem”. Através da recolha de dados é possível ao investigador chegar à resposta do seu problema e, segundo Máximo-Esteves (2008, p. 87), “a regra de ouro para evitar a dispersão é a concentração da atenção nas questões formuladas”.

Bogdan e Biklen (1994) defendem que a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados nos estudos de natureza qualitativa. Este tipo de observação permite ao investigador inserir-se no meio que vai investigar e ter uma melhor interação criando laços e confiança com os participantes. A observação participante foi fundamental para a recolha de informação, o papel de “observadora” que representei foi redefinido dadas as circunstâncias da minha posição de estagiária, pois sendo uma participante ativa na sala, tornou-se impossível adotar uma postura apenas de “observadora”.

2.3.2- Notas de campo e registo fotográfico

Quando estamos envolvidos no dia-a-dia das crianças e queremos anotar todas as suas reações com o desenho, a utilização de notas de campo e de registos fotográficos facilita e introduz rigor na recolha de dados. De acordo com Bogdan & Biklen, (1994, p.150) as notas de campo constituem “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

As notas de campo complementam e organizam os dados recolhidos por observação, sendo um suporte onde se regista uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas que o investigador considere relevante para a investigação. Na opinião de Máximo-Esteves (2008, p. 88), as notas de campo caracterizam-se como “registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto, das pessoas (retratos), suas ações e interações (trocas, conversas), efetuados tematicamente, respeitando a linguagem dos participantes nesse contexto.” Bogdan e Biklen (1994, p.150) salientam também que “esta técnica de recolha de dados inclui ainda material reflexivo, isto é, notas interpretativas, interrogações, sentimentos, ideias, impressões que emergem no decorrer da observação ou após as

suas primeiras leituras”. As observações podem ser anotadas em dois momentos: quando ocorrem ou posteriormente (Máximo-Esteves, 2008).

Os registos fotográficos apresentam um papel igualmente importante, pois através destes podemos ter uma melhor percepção do trabalho realizado, auxiliando-nos na análise das estratégias, das atividades e das produções gráficas realizadas pelas crianças.

Uma das maiores vantagens das notas de campo e dos registos fotográficos é que a informação obtida não se perde e encontra-se sempre disponível. Outra vantagem é que o investigador pode sempre consultar as notas e rever os registos fotográficos e refletir sobre elas.

2.3.3- Entrevistas

A entrevista é uma das estratégias mais utilizada quando se realiza uma investigação educacional, a entrevista é uma conversa intencional e orientada, que implica uma relação pessoal entre o entrevistado e o entrevistador, onde ambos desempenham um papel fixo, ou seja, o entrevistador pergunta e o entrevistado responde.

Bogdan e Biklen (1994, p. 134), referem que “uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas (...), dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra”.

Quando se recorre à entrevista conseguimos ter uma interação direta, desta forma, devemos inicialmente realizar uma apresentação do investigador, de qual a finalidade da entrevista e qual o seu tema. No nosso caso, realizamos três entrevistas semiestruturadas, uma à orientadora cooperante do jardim de infância e ainda uma a cada uma das educadoras de apoio da mesma sala. Para a realização das entrevistas, formulamos uma série de questões que depois foram colocadas às entrevistadas, sendo que a ordem das questões é flexível, permitindo improvisar a pergunta, caso ocorra um imprevisto. Foi assim, construído um Guião de Entrevista (Apêndice B). A entrevista foi realizada durante a PSEPE, gravada em suporte áudio para que posteriormente pudéssemos realizar a análise e transcrição do seu conteúdo.

2.3.4- Representações gráficas das crianças

Durante todo o nosso trabalho recolhemos vários registos gráficos produzidos pelas crianças, nomeadamente desenhos, pois estas evidências constituíram o foco central da nossa pesquisa.

Segundo Máximo-Esteves (2008, p.92), “a análise de artefactos produzidos pelas crianças é indispensável quando o foco da investigação se centra na aprendizagem dos alunos. O corpus da análise é constituído pelos produtos elaborados por cada criança e previamente arquivados nos denominados portfólios”.

2.3.5- Registo áudio

Quando pretendemos utilizar o registo áudio, antes de tudo temos que pedir autorização aos entrevistados para a sua utilização, através deste, conseguimos ter o registo integral da conversa o que nos leva a uma melhor e mais profunda análise das sessões desenvolvidas e podemos desta forma tirar as conclusões mais importantes de forma a complementar o nosso estudo.

2.3.6- Questionários

O Inquérito por questionário “é uma técnica de investigação que, através de um conjunto de perguntas, visa suscitar uma série de discursos individuais, interpretá-los e depois generalizá-los a conjuntos mais vastos. Trata-se de uma técnica de observação não participante, uma vez que não exige a integração do investigador no meio, no grupo ou nos processos sociais estudados” (Dias, 1994, p.5).

Os inquéritos por questionário realizados aos encarregados de educação, (Apêndice C) permitiram-nos entender de uma melhor forma qual a importância que o desenho em suporte digital e o desenho em suporte analógico tinha na vida das nossas crianças. Os inquéritos utilizados foram elaborados, exclusivamente, para este estudo, procurámos que as questões fossem claras, simples e curtas de forma a não provocar dúvidas nos inqueridos.

2.3.7- Triangulação de dados

Através da recolha de dados realizada, tivemos a necessidade de recorrer à triangulação de dados, esta permite analisar, refletir e cruzar todos os dados, com o objetivo de se obter resultados e conclusões o mais fiáveis possível. A triangulação de dados é uma estratégia metodológica de investigação que tem como objetivo recolher dados de origens diferentes, com o intuito de serem estudados e comparados entre si e introduzindo validade nos dados obtidos. Na opinião de Denzin e Lincoln (2006, p. 19) a triangulação de dados “reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenómeno em questão”, consiste em usar diferentes fontes de dados sem se valer de métodos distintos. A triangulação de dados pode ser vista como uma abordagem para fundamentar o conhecimento obtido por meio dos métodos qualitativos e não deve ser compreendida simplesmente como uma ferramenta ou uma estratégia de validação, mas uma alternativa para validação que amplia o espaço, a profundidade e a coerência nas condutas metodológicas.

Durante a investigação apresentada neste relatório de estágio, recorreu-se à triangulação dos dados recolhidos através das notas de campo, dos questionários realizados aos encarregados de educação e as entrevistas semiestruturadas aplicadas às educadoras de infância do jardim de infância.

Capítulo V - Recolha, análise e interpretação dos dados

Este capítulo está relacionado com a recolha, análise e interpretação dos dados recolhidos ao longo de toda a PSEPE. No decorrer deste capítulo, serão apresentadas e analisadas as atividades que foram implementadas referentes à investigação. Serão ainda apresentadas e analisadas as entrevistas às educadoras de infância e os questionários aplicados aos encarregados de educação.

1- Descrição das Sessões de Intervenção

A investigação realizada durante a PSEPE teve como objetivo principal perceber como era possível, através da dinamização de atividades de expressão gráfica digital e analógica desenvolver e potencializar as competências expressivas mobilizando, paralelamente, o domínio de destrezas motoras e de diferentes suportes sensoriais. Optámos por realizar uma sessão introdutória e cinco sessões de intervenção. Devido às circunstâncias que estávamos a passar por causa da Covid-19 e por motivos de saúde da investigadora, devido a uma infeção nas últimas semanas de intervenção da PSEPE, tivemos necessidade de cancelar duas sessões de intervenção. Deste modo, apenas pudemos realizar a sessão introdutória e três sessões de intervenção.

Antes de procedermos às sessões de intervenção utilizando o programa de desenho *Paint*, achámos importante realizar uma sessão introdutória ao referido programa. Realizámos esta sessão devido ao fato das nossas crianças não estarem habituadas a desenhar no computador, pois apenas o utilizavam para jogar ou ver filmes pelo que sentimos ser importante explicar e demonstrar como funciona este programa, para que serve e o que poderíamos fazer nele.

A sessão introdutória foi realizada fora da PSEPE, num dia que não era destinado à realização da mesma. Optámos por realizar esta sessão porque tivemos necessidade de dar a conhecer o programa antes de o introduzir nas atividades da PSEPE, pois só desta forma, conseguiríamos motivar as crianças a utilizá-lo. Também foi realizada fora da PSEPE, pois assim não interferia com os conteúdos que a orientadora cooperante pretendia que fossem explorados naquela semana de prática.

Achámos importante referir que neste dia apenas 3 das 4 crianças escolhidas para estudo desta investigação, estavam presentes. Como já referido tantas vezes, a falta de assiduidade das crianças sempre foi um grande problema.

As sessões de intervenção foram realizadas durante as várias semanas da PSEPE e de acordo com o tema que estava a ser trabalhado em cada uma dessas semanas.

1.1- Calendarização das sessões

A tabela seguinte apresenta a calendarização das sessões desenvolvidas.

Tabela 3- Cronograma das sessões de intervenção

Sessão introdutória	20/11/2020
1º sessão de intervenção	25 /11/2020
2º sessão de intervenção	9 /12/2020
3º sessão de intervenção	15 /12/2020 e 3 /12/2020

1.2- Desenvolvimento das sessões

Sessão introdutória (20/11/2020)

A primeira sessão foi estruturada de forma a introduzir a importância do computador na sala de atividades e a iniciação ao programa *Paint*. Teve uma duração de cerca de 1 hora e onde participaram todas as crianças presentes, ou seja 9, como podemos observar através da Figura 72. Queremos reforçar que dessas 9 crianças apenas três delas faziam parte da amostra desta investigação no que se refere ao desenho com recurso ao suporte digital.

No que se refere ao programa, foi explicado como entrar no *Paint* e mostrada a representação icónica do mesmo recorrendo ao computador existente na sala de atividades. De seguida, explorou-se o programa de desenho mencionando as suas ferramentas e o seu funcionamento.

Começámos por demonstrar duas ferramentas básicas: o “lápiz” e a “borracha”. O tamanho da borracha que se está a utilizar, pode ser escolhido pela criança dependendo da área que quer eliminar. Estas são também as ferramentas que as crianças mais costumam utilizar quando desenhavam em papel.

As ferramentas introduzidas de seguida foram a caixa de cores, o pincel e a lata de tinta. A caixa de cores, como o nome diz, são as cores disponíveis quer para pintar, quer para desenhar. O pincel serve para pintar ou desenhar com a cor selecionada e pode ser alterado segundo a espessura que se pretende. A lata de tinta serve para colorir toda uma área que seja selecionada e que esteja fechada. Ainda se exploraram as funcionalidades da linha e da curva existente na caixa de ferramentas e a opção retângulo e polígono existentes também na mesma caixa. Para concluir, explicou-se e demonstrou-se como guardar o desenho realizado. No final de toda a exploração as crianças puderam explorar o programa sempre com o nosso acompanhamento.

No final desta sessão, as crianças estavam muito entusiasmadas por explorar o programa e diziam “agora sou eu”, “também quero experimentar”. Mas também havia algumas que diziam que preferiam ir fazer um desenho para a mesa de atividades. (Notas de campo, 20 de novembro de 2020).



Figura 72- Sessão introdutória do programa Paint

1º Sessão de intervenção (25/11/2020)

A primeira sessão de intervenção decorreu durante o período da manhã do dia 25 de novembro de 2020. Esta semana de intervenção tinha como tema central a Covid-19 e a cidadania. Após a realização das atividades de rotina diária, corrida de obstáculos e entoação de uma canção, procedeu-se à realização de um desenho livre sobre o modo como as crianças “viam” o vírus SARS-COV-2.

A sessão tinha como objetivo relembrar os conceitos introduzidos no dia anterior e desenvolver competências expressivas nas crianças através da realização de um desenho digital e de um desenho analógico sobre algo que nunca tinham visto nem sabiam muito bem o que seria, mas que tanto ouviam falar.

O desenho digital foi realizado por 3 das crianças que constituíam a nossa amostra. A quarta criança não realizou porque nesse dia não frequentou o jardim de infância. A atividade foi realizada por uma criança de cada vez e sempre com o auxílio do adulto, pois esta não se sentia confiante para realizar a atividade de forma autónoma.

Para realizar o desenho analógico, as crianças tinham ao seu dispor uma folha de papel *craft*, lápis de cor, lápis de carvão e borracha.

A criança **A** recorrendo ao suporte digital, desenhou o vírus com alguma dificuldade pois não conseguia controlar muito bem o rato e por vezes ainda apresentava algumas dúvidas nas ferramentas do programa Paint. Através das notas de campo retiradas nesse dia, podemos afirmar que a criança apagou e iniciou várias vezes o seu trabalho e apresentava-se bastante nervosa.

Em relação ao desenho recorrendo ao suporte analógico, a criança **A**, realizou a atividade com bastante rapidez e autonomia. Não estava nervosa e até demonstrava bastante alegria com o trabalho que estava a realizar. Conseguiu desenhar com mais pormenores desenvolvendo assim as suas competências expressivas, como podemos observar na Figura 73.

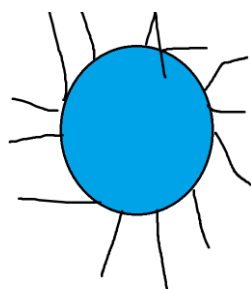
Desenho com suporte analógico**Desenho com suporte digital****Materiais / funções utilizadas**

Figura 73- Análise comparativa dos desenhos da criança A

A criança **B** conseguiu desenvolver competências expressivas com a realização do seu desenho em suporte analógico, estava bastante empenhada e ia comunicando com o adulto sobre o que estava a desenhar. Utilizou várias cores para poder dar alguma consistência ao seu desenho. No que se refere ao desenho digital, recorreu à forma circular existente no programa para realizar o corpo do vírus e foi introduzindo novos pormenores até a imagem final ficar bastante parecida com a que já tinha realizado na folha de papel, Figura 74. Apresentava alguma dificuldade em coordenar o rato e estava bastante nervosa.

Esta criança demorou muito mais tempo a realizar o desenho em suporte digital que no suporte analógico e foi necessário um grande incentivo por parte do adulto para que concluísse o desenho digital. A criança B não conseguia realizar a forma circular da forma que pretendia, apagou e recomeçou várias vezes o que a deixou bastante nervosa. Como a própria referia “não consigo fazer isto, está sempre mal. Não quero fazer mais”, (Notas de campo, 25 de novembro de 2020).

A investigadora teve que demonstrar que não era difícil realizar a função e que bastava fazer com calma. Após visualizar como se realizava a círculo através da função existente no Paint, a criança quis tentar novamente e com incentivo conseguiu realizar o que pretendia.

Desenho com suporte analógico



Desenho com suporte digital



Materiais / funções utilizadas



Figura 74- Análise comparativa dos desenhos da criança B

A criança C realizou os dois desenhos praticamente da mesma forma, não existindo grandes alterações de pormenores, Figura75. Em cada um dos suportes realizou um círculo pintado com dois olhos e várias pernas.

Quando utilizava o suporte digital, apresentava algum nervosismo e pediu ajuda para realizar os olhos do vírus, pois não conseguia utilizar a ferramenta do Paint. Quando questionámos a criança porque se sentia tão nervosa, a mesma respondeu “porque não costumo utilizar isto (o programa Paint). Não sei bem como fazer o círculo. Fica sempre num sítio que eu não quero, e eu queria fazer uns olhos”, (Notas de campo, 25 de novembro de 2020).

A investigadora explicou que primeiro tinha que escolher a função circular e que depois tinha que pensar qual o sítio onde queria fazer o olho, de seguida colocando o rato no sítio onde pretendia só tinha que movimentar o rato até o seu círculo ter o tamanho que pretendia. Depois a criança C resolveu tentar, os primeiros ainda não ficaram bem como pretendia, mas ao fim de experimentar várias vezes, conseguiu realizar os olhos da forma que pretendia. No final já referia que “afinal não é assim tão difícil, tenho é que fazer devagar e pensar onde quero colocar cada olho”, (Notas de campo, 25 de novembro de 2020).

Desenho com suporte analógico**Desenho com suporte digital****Materiais / funções utilizadas**

Figura 75- Análise comparativa dos desenhos da criança C

Esta primeira sessão de intervenção correu bem, as crianças estavam recetivas e mostravam bastante interesse e empenho na realização dos desenhos. No que se refere ao suporte analógico, todas as crianças realizaram sem demonstrar dificuldades e mostrando competências expressivas ao desenharem algo que nunca viram e que lhes era completamente desconhecido.

No que se refere ao desenho digital, as crianças estavam bastante nervosas, pois o Paint era um programa ainda muito desconhecido e quase nunca utilizado por nenhuma delas, a maioria das crianças só tinha ainda tido contacto com este programa na sessão introdutória o que fez com que a falta de prática fosse bastante visível. Se tivesse oportunidade de reformular esta sessão, teria dado mais tempo a cada criança para fazerem uma exploração livre do programa e teria também realizado e levado para a sala de atividades alguns pequenos vídeos de como se realiza algumas funções do Paint, nomeadamente o círculo.

Alguns dos links que poderíamos utilizar na sessão seguinte seria:

- ✓ [Desenhar Usando Microsoft Paint: Para Iniciantes - YouTube](#)
- ✓ [Aprendendo a usar o Paint Passo a Passo Parte 2 - 4 - YouTube](#)

2º Sessão de intervenção (09/12/2020)

A segunda sessão de intervenção decorreu no dia 9 de dezembro de 2020 e estava relacionada com o tema “O nosso Natal”. Nesta sessão as crianças já demonstravam

estar mais à vontade com a utilização do programa *Paint* e já não demonstraram tanto nervosismo.

Depois de realizadas as rotinas diárias e o acolhimento que era realizado todas as manhãs, procedeu-se à narração da história “O Natal especial da Família Neve”, de Stella Gurney.

Sinopse da história: Uma a uma, as luzes da casa da quinta vão-se apagando e a Família Neve é deixada sob a luz prateada da lua cheia. A Mamã Neve, o Papá Neve e o Filhote Neve dão o seu melhor para celebrar o Natal como a família que podem ver pelas janelas da casa da quinta - mas eles nem imaginam o quão especial o seu Natal será! Um livro recheado de ternura, polvilhado de imaginação, e com uma capa cartonada que lhe confere uma beleza especial.

Esta história seria o ponto de partida para a realização dos desenhos, quer o desenho digital, quer o desenho analógico. Após a leitura mantivemos um diálogo sobre a história e alguns fatores da mesma que achamos pertinentes. A primeira atividade foi a realização do desenho recorrendo a uma cartolina preta como suporte, foi explicado que cada criança iria desenhar naquele suporte e que apenas poderia utilizar lápis de cor branco. Todas as crianças realizaram a atividade ao mesmo tempo e à medida que iam acabando poderiam escolher um jogo que iriam realizar na sua mesa de atividades.

Quando alguma criança da nossa amostra acabava o desenho analógico, passava para o computador para realizar o desenho digital. Antes de iniciar, conversámos sobre o que iriam desenhar e relembávamos algumas das funções do *Paint*, porque tinha dado conta que na sessão anterior tinham manifestado alguma dificuldade em encontrar a ferramenta adequada. Para lembrar o programa e as funções utilizámos excertos de alguns vídeos existentes no *Youtube*. Esta introdução dos vídeos foi importante para as crianças, pois puderam lembrar ou conhecer as funções existentes no *Paint*. Esta metodologia ajudou a dar mais conhecimentos sobre esta aplicação informática, muito desconhecida para as crianças.

A criança **A** começou por realizar o desenho analógico, primeiro desenhou os bonecos de neve, de seguida a árvore de natal e por fim a mesa com a comida. À medida que ia fazendo o seu desenho, ia olhando para o livro com a história que se encontrava em cima da mesa. Sentiu necessidade de pintar as bolas que enfeitavam a árvore de natal, bem como a comida. Como apenas podiam desenhar com lápis de cor branco, a sua liberdade expressiva relativamente à cor ficou comprometida. A criança **A** estava bastante empenhada e mostrava-se contente com aquilo que estava a desenhar, não apresentou nenhuma dificuldade e quando concluiu o seu desenho teve necessidade de o mostrar para todos os colegas.

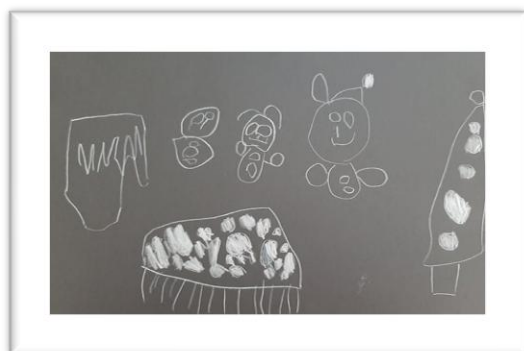
No que se refere ao desenho digital, a criança **A**, ao início, estava um pouco nervosa, pois dizia que não era capaz.

“Não quero fazer, não consigo, o rato anda sempre a fugir” (Notas de campo do dia 9/12/2020)

Depois de termos conversado com a criança e de termos explicado que ela era capaz, que agora já tinha mais prática em controlar o rato e que as funções existentes no Paint já eram melhor conhecidas por ela e que só tinha que se sentar junto do computador e experimentar, esta lá aceitou e iniciou o seu desenho. Começou por escolher o lápis e por desenhar o corpo do boneco de neve, depois mudou de cor e fez os botões do casaco, passou de novo para o lápis e desenhou a cara, no final desenhou e pintou o chapéu. Quando concluiu o boneco de neve, já estava mais calma e já dizia que era capaz, que afinal não era assim tão difícil, depois disse que ainda queria desenhar mais. “afinal sou capaz, e agora já sei escolher o lápis e a borracha para poder desenhar e apagar quando quero. Aqui posso escolher muitas cores, é fixe” (Notas de campo do dia 9/12/2020).

Como ainda queria acrescentar alguma coisa ao seu desenho, resolveu fazer uma árvore de natal, começou pelo tronco e depois a árvore e no final as bolas. Quando se enganava utilizava a borracha para apagar, mas por vezes não conseguia controlar bem o rato e apagava onde não queria. Quando tentava apagar, movia o rato demasiado rápido e com movimentos muito bruscos, o que fazia com que apagasse onde não queria. Após questionamento da parte da investigadora, a referida criança acabou mesmo por referir que só costuma utilizar “o rato do computador”, referindo-se ao rato já existente nos computadores portáteis, (Notas de campo do dia 9/12/2020).

Desenho com suporte analógico



Desenho com suporte digital



Materiais / funções utilizadas

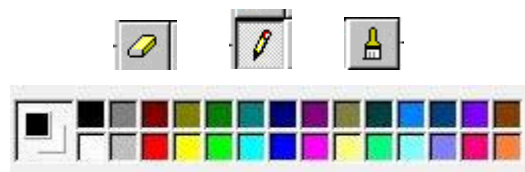


Figura 76- Análise comparativa dos desenhos da criança A

A criança **B** iniciou a atividade pela realização do desenho analógico, primeiro desenhou o sol, de seguida realizou os elementos da família Neve, ou seja, os 3 bonecos de neve e como ainda lhe restava bastante espaço livre na folha de papel referiu que ainda ia desenhar a árvore de natal e a comida. Apenas quis pintar a árvore de natal com as respetivas bolas, nos bonecos de neve desenhou a cara e colocou braços.

Após concluído o desenho, passou para o computador para realizar o desenho digital, começou por se sentar e abrir sozinha o Paint. Disse que queria experimentar a função de círculo e começou por fazer o corpo do boneco de neve, depois resolveu escolher a cor e cobrir completamente o seu corpo utilizando a função lata de tinta, com o lápis desenhou a boca e com o pincel realizou os olhos. Concluído este boneco, desenhou mais dois, para tal escolheu o pincel e fez o corpo, de seguida escolheu o lápis e desenhou a cara. A criança **B** estava bastante à vontade na realização das duas atividades e, à medida que as ia realizando, ia conversando com o adulto explicando o que estava a desenhar. Referiu que “gostei muito de usar isto (apontando para o ícone da lata de tinta), pois foi muito mais rápido de pintar e assim nem saí para fora das linhas e a minha folha também não se rasgou como às vezes acontece com as canetas de feltro”, (Notas de campo do dia 9/12/2020).

Como esta criança apresentava uma grande melhoria em relação à utilização do computador e do programa de desenho, questionámos para este fato, a criança referiu “andei a desenhar em casa. Como tinha feito o outro desenho e gostei, resolvi fazer mais destes desenhos na minha casa”, (Notas de campo do dia 9/12/2020). Esta atitude por parte da criança **B**, fez com que ela ganhasse mais confiança na utilização do Paint e também um maior gosto e à vontade para desenhar neste tipo de suporte. Ou seja, o treino e uma maior exposição ao software diminui a forma desmotivadora que a criança sente, provocando assim um aumento direto de uma maior confiança em relação ao programa e ao seu trabalho nele realizado.

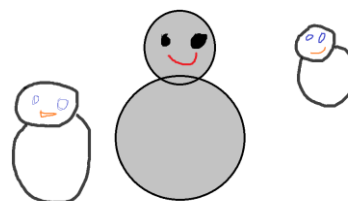
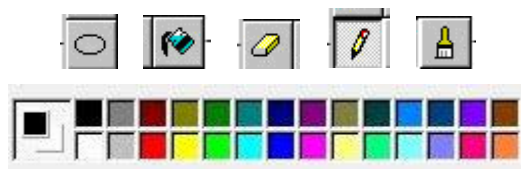
Desenho com suporte analógico**Desenho com suporte digital****Materiais / funções utilizadas**

Figura 77- Análise comparativa dos desenhos da criança B

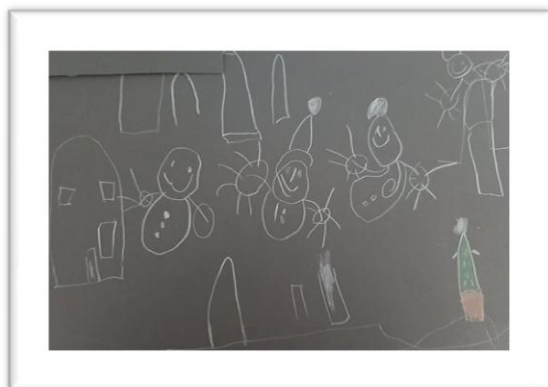
A criança **C**, no que se refere ao desenho digital, optou por utilizar a função círculo para realizar o corpo dos bonecos de neve, para colorir o seu corpo disse que queria utilizar a lata de tinta pois assim era mais rápido e não havia perigo de pintar fora das linhas. Como se pode verificar através da Figura 78, utilizou três cores diferentes para colorir o corpo dos seus bonecos e também utilizou várias cores para desenhar e pintar os botões e o rosto. No final disse que ainda faltava o chapéu e acabou mesmo por desenhar um gorro em cada um dos bonecos de neve.

Estava bastante empenhado a realizar a tarefa e mostrava-se bastante confiante com a utilização do programa Paint, pensamos que este motivo se deve ao fato de já ter percebido melhor o funcionamento do programa e as funções de cada ícone, os vídeos utilizados ajudaram bastante neste melhoramento, assim como a experiência e o fato de ter utilizado a aplicação durante mais tempo.

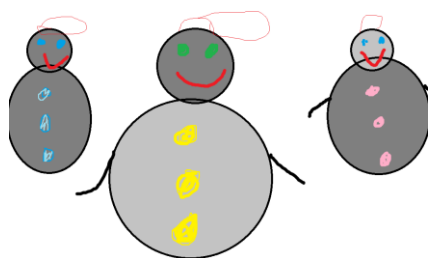
Quando realizava o desenho no formato analógico, a criança **C** apresentava muita tranquilidade e empenho. Desenhou a família Neve com bastantes pormenores, colocando um gorro e dedos em cada um dos bonecos, desenhou a árvore de natal, bem como a casa onde esta família vivia. Como podemos verificar, ambos os desenhos apresentam vários pormenores, demonstrando assim um desenvolvimento das competências expressivas através da realização destes pequenos pormenores. Quando terminou este desenho, pediu se podia fazer outro desenho sobre a história utilizando novamente o formato analógico. Ainda questionámos se não preferia

desenhar utilizando o computador, mas a criança referiu “no computador demoro mais tempo e não me apetece, quero antes fazer no papel, eu gosto de desenhar no computador, mas gosto mais de desenhar no papel”, (Notas de campo do dia 9/12/2020).

Desenho com suporte analógico



Desenho com suporte digital



Materiais / funções utilizadas

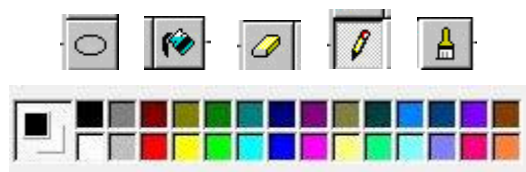


Figura 78- Análise comparativa dos desenhos da criança C

A criança **D** começou por realizar o desenho analógico, primeiro desenhou os três bonecos de neve, que representavam a Mamã Neve, o Papá Neve e o Filhote Neve, colocou-lhes mãos e dedos e ainda desenhou o cabelo no Papá Neve. De seguida desenhou a árvore de natal, colocou-lhe as bolas e pintou as mesmas. Depois desenhou e pintou “umas bolas”, que quando questionámos sobre o que era aquilo no seu desenho respondeu que eram enfeites de Natal, (Notas de campo do dia 9/12/2020).

Para concluir a sua atividade decidiu que também queria pintar o corpo dos bonecos de neve. À medida que ia fazendo o seu desenho, ia observando a capa do livro que se encontrava em cima da mesa. A criança **D** esteve sempre bastante empenhada e não apresentou nenhuma dificuldade.

Apos concluído o desenho analógico, a criança **D** passou para o computador para realizar o desenho digital. Referiu que estava um pouco nervosa e que tinha medo de não conseguir desenhar no computador, (Notas de campo do dia 9/12/2020). Para esta criança, esta seria a primeira vez que iria desenhar utilizando o Paint, apenas o

tinha feito na sessão introdutória, por esse motivo a criança **D** estava tão nervosa e com medo. Conversámos com a criança e referimos que com o passar do tempo e com a experiência esses medos iriam desaparecer, mostramos ainda um pequeno vídeo explicativo de como desenhar no Paint.

Conversámos com ela e explicamos que o *Paint* é como uma folha de papel, só tem de escolher “o lápis” com que quer desenhar e deixar a imaginação voar. Depois lá pediu ajuda para abrir o programa e começou a “deixar de lado” o seu medo e aceitar com mais calma e clareza a atividade que lhe foi proposta.

Escolheu o pincel e desenhou o boneco de neve, depois mudou de cor e fez os botões e os olhos, no final desenhou a boca e o nariz. Como se lembrou que na história os bonecos usavam um chapéu, resolveu pegar num pincel mais grosso e desenhar um gorro. Depois disse que queria pintar o boneco, então selecionou a cor que queria (cinzenta) e foi pintando o boneco alterando a espessura do pincel por iniciativa própria. Quando lhe perguntámos se já estava concluído, referiu que ainda queria fazer a neve, pois se eram bonecos de neve, tinha que haver neve. Então escolheu a função lápis e começou a desenhar a neve. No final da atividade, referiu que tinha gostado muito e que estava muito giro e ainda perguntou se, no dia seguinte, podia fazer outro desenho no computador, (Notas de campo do dia 9/12/2020).

Desenho com suporte analógico



Desenho com suporte digital



Materiais / funções utilizadas

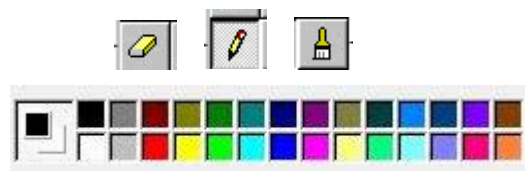


Figura 79- Análise comparativa dos desenhos da criança D

Esta segunda sessão de intervenção correu bastante melhor do que a primeira, pois quase todas as crianças já estavam mais à vontade com a utilização do programa, das funções de cada ícone e com a utilização do rato. Apenas uma das crianças apresentou um maior nervosismo no início da atividade, mas esta criança não tinha realizado o desenho digital na primeira sessão de intervenção. Pensamos que com o treino tudo se torna mais fácil, as crianças conseguem mais facilmente controlar o rato e também conhecer todas as ferramentas do Paint.

Existiu uma criança que referiu mesmo que em casa já tinha realizado alguns desenhos no suporte digital o que fez com que demonstrasse um maior à vontade na realização da atividade. E demonstrou também o quanto importante estava a ser esta investigação para as nossas crianças, pois deixaram de utilizar o computador apenas para jogar ou ver filmes e já o utilizavam de uma forma mais pedagógica.

Podemos referir que em termos de desenvolvimento de competências expressivas, pois em ambos os suportes as crianças quiseram realizar pequenos pormenores e acrescentar características importantes aos seus desenhos, relacionados com a leitura da história.

3º Sessão de intervenção (03/12/2020) e (15/12/2020)

A terceira sessão de intervenção decorreu em dois dias distintos, no dia 3 de dezembro realizámos as atividades relacionadas com o desenho analógico e no dia 15 de dezembro as atividades relacionadas com o desenho digital. Em ambos os dias o tema central era o mesmo, o nosso Natal.

Optámos por realizar esta terceira intervenção de uma forma um pouco diferente das duas primeiras. Nas sessões anteriores, ambos os desenhos eram realizados tendo por base a mesma história ou o mesmo elemento, na primeira sessão era a forma da COVID-19 e na segunda sessão era a história “O Natal especial da Família Neve”. Nesta terceira sessão quisemos dar um pouco mais de liberdade para cada criança desenvolver a sua imaginação, pois notamos que nas sessões anteriores eles “copiavam” um pouco no suporte digital, aquilo que tinham desenhado no suporte analógico. Esta modificação da nossa parte é uma consequência da opção metodológica introduzir reformulações e melhorias.

Nos dias 2 e 3 de dezembro exploramos várias atividades sempre relacionadas com o Natal, músicas, histórias, poemas, objetos representativos dessa quadra festiva, foram algumas dessas atividades. A atividade sobre a qual nos debruçámos estava relacionada com um poema de Natal. Após a exploração do poema por parte do adulto e com uma grande interação de todo o grupo, propusemos-lhes que fossem para o seu lugar nas mesas de atividades e realizassem um desenho que ilustrasse o poema que tinham acabado de aprender. Foi-lhes explicado que para a realização da atividade tinham ao seu dispor uma folha de papel com o poema, Figura 80 e vários materiais de desenho e pintura, nomeadamente, lápis de cor, lápis de cera, canetas de feltro

grossas e finas, canetas de gel e ainda lápis de carvão e borracha. Cada criança poderia escolher quais os materiais que pretendia utilizar na sua atividade.

“Eu queria ser Pai Natal”

Eu queria ser Pai Natal
E ter carro com renas
Para pousar nos telhados
Mesmo ao pé das antenas.

Descia com o meu saco
Ao longo da chaminé,
Carregado de brinquedos
E roupas, pé ante pé.

Em cada casa trocava
Um sonho por um presente
Que profissão mais bonita
Fazer a gente contente!

Luísa Ducla Soares

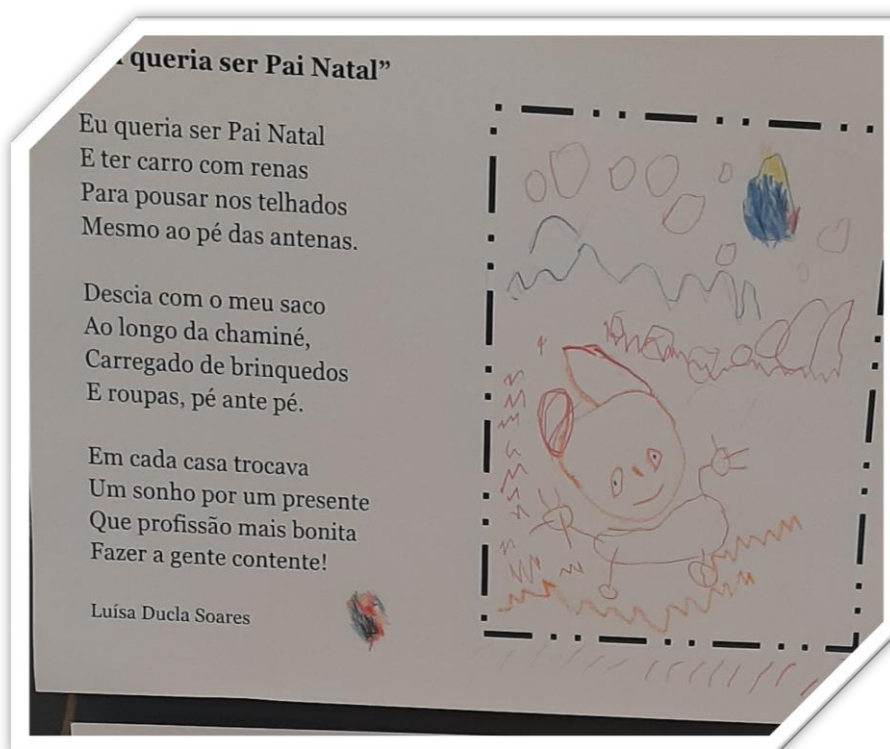


Figura 80- Poema utilizado na atividade

A criança A começou por pedir ao adulto que lhe voltasse a ler o poema, pois queria pensar melhor no que iria desenhar. De seguida começou por desenhar o pai natal, utilizando apenas o lápis de cor vermelho, depois desenhou vários brinquedos e, no final, a chaminé. Utilizou também o lápis de carvão para desenhar alguns brinquedos e quando se enganava pedia ajuda para apagar. Utilizou diversas cores de lápis de cor e desenhou vários elementos. Nós apenas conseguimos decifrar alguns elementos do desenho, os restantes, teve que ser a própria criança a dizer o que tinha desenhado.

A criança demonstrava estar bastante empenhada e concentrada, embora tivesse algumas dificuldades a desenhar, conseguiu ser bem expressiva e realizar diversos elementos representativos do poema.

Desenho com suporte analógico



Materiais utilizados

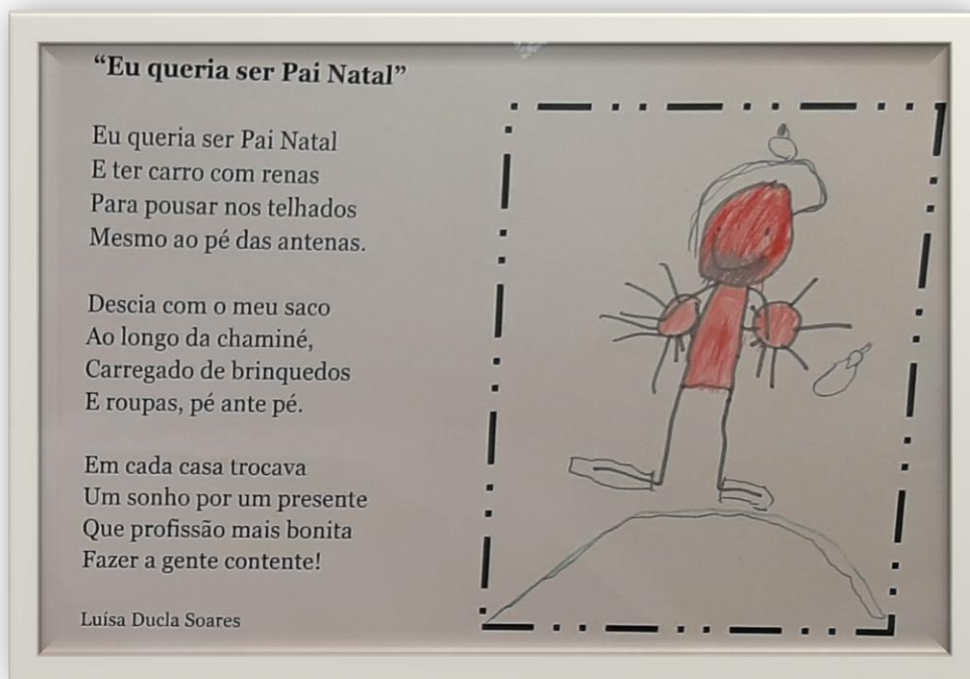


Figura 81- Análise do desenho da criança A

A criança **B** desenhou a chaminé e o pai natal utilizando o lápis de carvão, quando se enganava na realização de algum traço, apagava com o auxílio da borracha. Foi bastante representativo quando elaborou o pai natal, pois não se esqueceu de nenhuma parte constituinte do corpo humano, desenhou a cara com os olhos, nariz e boca e de seguida o tronco e os membros inferiores e superiores, nas mãos colocou dedos em número exagerado. Quando concluiu o processo de desenho, referiu que queria pintar o fato do pai natal, então, recorrendo ao lápis de cor vermelho, coloriu toda a roupa.

A criança **B** demonstrava bastante alegria, empenho e facilidade na realização da atividade, referiu várias vezes que gostava muito de desenhar e que em casa também costuma desenhar várias vezes, (Notas de campo do dia 3/12/2020). Através do seu desenho e da sua atitude, conseguimos perceber que esta criança expressou facilmente os seus sentimentos em relação a esta quadra festiva e as emoções que estava a vivenciar naquele momento.

Desenho com suporte analógico



Materiais utilizados



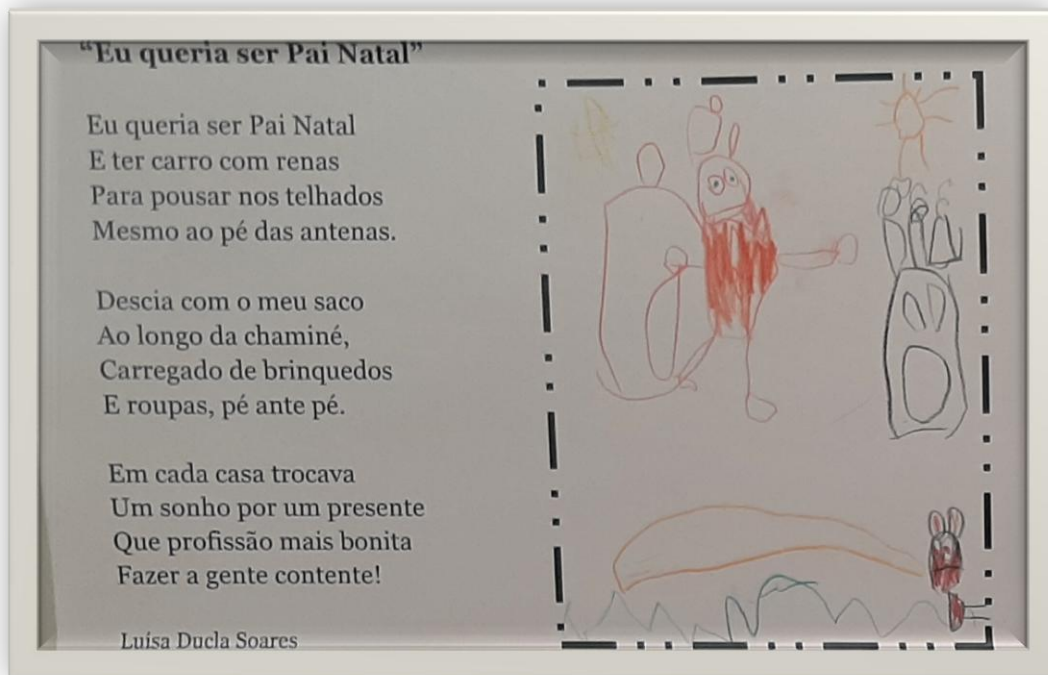
Figura 82- Análise do desenho da criança B

A criança **C** antes de iniciar a atividade, referiu tudo o que gostava de desenhar e no final questionou se nós concordávamos. Referimos-lhe que tudo o que tinha referenciado estava de acordo com o poema e que poderia ser feito, explicando também que aquele desenho era dela, que podia exprimir tudo o que estava a sentir, imaginar ou simplesmente lhe apetecia desenhar.

A criança começou por escolher o lápis de cor vermelho e desenhou o pai natal com o saco dos brinquedos, de seguida desenhou a casa com a chaminé no telhado e as antenas utilizando o lápis de cor preto e no final desenhou uma rena com um carro. Depois de concluído todos estes elementos, disse que faltava o sol e o chão, então com auxílio do lápis de cor laranja desenhou o sol e com o de cor preta desenhou o chão.

Como se pode verificar recorrendo à Figura 83, este desenho apresenta vários pormenores pois a criança quis representar vários elementos que estavam presentes no poema e conseguiu realizá-los. Estava muito empenhada e participativa e mostrava bastante autonomia a realizar toda a atividade.

Desenho com suporte analógico



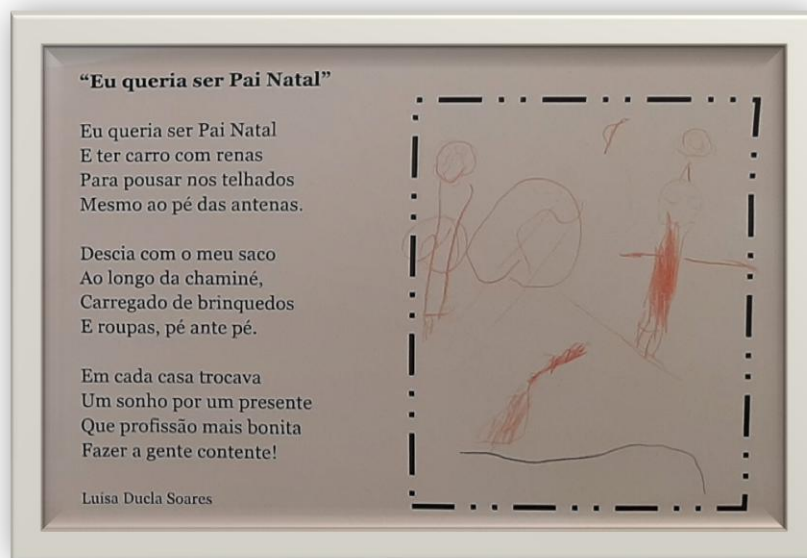
Materiais utilizados



Figura 83- Análise do desenho da criança C

A criança **D** começou a realizar o desenho utilizando lápis de carvão, fez alguns traços, mas acabou por os apagar. Depois, utilizando o lápis de cor vermelha, executou todo o seu desenho. Desenhou o pai natal com o saco dos brinquedos, depois uma rena com um trenó e no final desenhou alguns brinquedos. O seu desenho não apresentava diversidade de cores, mas a criança tentou representar vários elementos, demonstrando assim imaginação e empenho. A criança **D** apresentava alguma dificuldade a realizar o desenho e no início referiu mesmo que não sabia desenhar trenós nem renas. Após algum incentivo, por parte do adulto, lá começou a desenhar e no final já demonstrava mais confiança em si próprio e no trabalho que estava a realizar.

Desenho com suporte analógico



Materiais utilizados



Figura 84- Análise do desenho da criança D

A sessão de intervenção relacionada com o suporte digital, foi realizada, como já referido, o dia 15 de dezembro de 2020. Como referido, também, o tema que estávamos a tratar era o Natal. Nesta sessão de intervenção, começamos por explorar a história “Babushka”, de Sandra Ann Horn.

Sinopse da história: Na casa de Babushka não se vê um grão de pó ou vestígio de sujidade: as janelas cheiram a lavado, o chão, os castiçais e o peitoril da janela brilham de asseio. Mas Babushka está tão preocupada com o pó e a sujidade, que não se apercebe do que de maravilhoso acontece à sua volta: a nova estrela que brilha no céu, o anjo pairando no seu jardim, a excitante notícia trazida pelos três reis magos que a vão visitar.

É então que Babushka tem um estranho sonho em que um anjo lhe anuncia cantando que um menino nasceu numa manjedoura. Babushka fica horrorizada só de pensar que o pobre bebé possa estar cheio de frio naquele estábulo. Decidida a oferecer-lhe a sua ajuda, depois de os reis magos terem partido, põe-se também a caminho, levando consigo um xaile para aquecer o bebé e uma cesta cheia de presentes. Mas na viagem encontra a mais diversa gente e depressa aprende uma valiosa lição.

Esta história foi o ponto de partida para a nossa atividade, perguntámos a cada criança o que gostariam de desenhar, utilizando o suporte digital, relacionado com o

Natal. Depois de todos terem referido algo que gostassem de desenhar, todos foram para o lugar realizar um jogo relacionado com os sentimentos, as crianças constituintes da nossa amostra investigativa, foram para o computador realizar o desenho digital. Este desenho foi realizado por uma criança de cada vez. Nesta sessão de intervenção, todas as crianças da nossa amostra já se mostravam mais confiantes na utilização deste tipo de suporte, já todas queriam ser a primeira a ir realizar a atividade e não houve nenhuma que referisse que não o queria fazer.

A criança A referiu que queria desenhar uma bola para decorar a sua árvore de natal, começou por desenhar o contorno da bola utilizando o lápis verde, depois referiu que a queria colorir utilizando outro verde e a lata de tinta, pois assim era mais rápido de pintar. No final voltou a selecionar a função do lápis e disse que queria desenhar a argola e o fio com que iria segurar na árvore de natal. Após concluir o desenho pediu se o podia imprimir para levar para casa. Referi que de momento não podíamos imprimir no jardim de infância pois a impressora não estava ligada ao computador, mas que eu iria imprimir em casa e levava na próxima visita à instituição. (Notas de campo do dia 15/12/2020). Teria sido muito importante para a criança poder ver o seu desenho impresso, contudo, a investigadora não tinha disponível mais nenhuma impressora. E também não tinha conhecimento que a existente não estava em funcionamento. A única solução encontrada seria de imprimir fora da instituição e levar noutra dia de PSEPE. Esta alternativa não pode ser realizada, pois esta semana acabou mesmo por ser a última que tive em contexto de jardim de infância, na semana seguinte começaram as férias de Natal e logo no início do mês de janeiro a investigadora ficou doente e não pode comparecer à PSEPE e quando já estava recuperada os jardins de infância fecharam por indicação do Ministério da Educação.

Desenho com suporte digital



Funções utilizadas

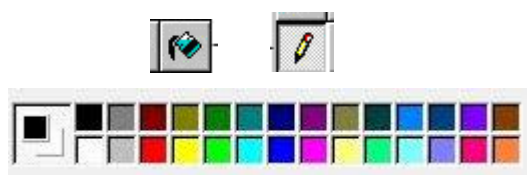


Figura 85- Análise do desenho da criança A

A criança **B** referiu que queria desenhar a sua árvore de natal, para tal começou por selecionar o lápis e desenhou o contorno da árvore, de seguida, selecionou a cor castanha e a função pincel e desenhou o tronco, utilizando a mesma função pintou o tronco da sua árvore de natal, para concluir selecionou a cor verde e pintou também os ramos da sua árvore. Sempre que se enganava a realizar algum traço, utilizava a borracha para apagar. No final referiu que tinha gostado muito de desenhar no computador pois podia apagar o desenho sempre que se enganava.

Desenho com suporte digital



Funções utilizadas

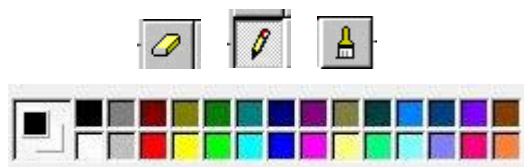


Figura 86- Análise do desenho da criança B

A criança **C** disse que também queria um pinheiro, selecionou a função pincel e a cor verde, e desenhou o seu pinheiro, depois selecionou o *spray* e com recurso a variados verdes foi colorindo o pinheiro. De seguida voltou a selecionar o pincel e desenhou o tronco, como tinha gostado da função *spray*, voltou a colorir o seu tronco utilizando esta função. Para concluir selecionou o lápis e a cor verde e desenhou “umas fitas” para enfeitar. Como havia algumas partes do desenho que tinham sido pintadas fora do contorno, utilizou a borracha para as tentar apagar, mas depressa desistiu, referindo que estava bonito assim. Esta criança estava bastante empenhada a realizar a atividade e mostrava-se bastante confiante.

Desenho com suporte digital



Funções utilizadas

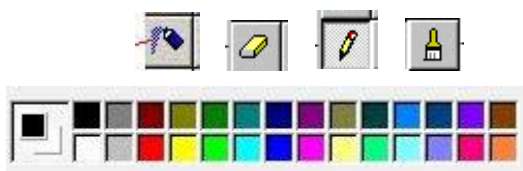


Figura 87- Análise do desenho da criança C

A criança **D** realizou também um efeito decorativo da árvore de natal, uma bola. Para tal, utilizou a função predefinida do *Paint* círculo, depois com a ajuda do spray pintou a bola toda ela de vermelho e no final ainda coloriu mais uma parte da bola utilizando a função pincel. Pensamos que a escolha da função spray ocorreu porque a criança em questão, viu a criança **C** utilizar esta função e gostou do seu efeito. Pois quando questionámos esta respondeu “ele usou e eu gostei, isto é fixe”, (Notas de campo do dia 15/12/2020).

Para fazer a argola utilizou o lápis e também a cor vermelha. Para apagar alguns traços que tinham saído para fora do traçado, utilizou a borracha. Esta criança apresentava alguma dificuldade ainda na utilização do rato, não conseguia pegar nele de uma forma correta e realizava movimentos muito bruscos e rápidos, mas com a ajuda do adulto, que demonstrou a correta forma de pagar no rato e explicou que deveria realizar movimentos ligeiros, conseguiu realizar a atividade com bastante confiança e otimismo.

Desenho com suporte digital



Figura 88- Análise do desenho da criança D

No final da terceira sessão de intervenção foi bastante notória a familiarização que cada criança já apresentava com o programa e com tudo o que podia desenhar nele. Foi também notório a importância que estas sessões tiveram para cada criança, pois consegui mudar a forma como elas utilizavam o computador e também ajudou numa melhor e mais correta utilização do rato.

Com o passar das sessões, cada criança demonstrava conhecer melhor o programa, já não perguntavam com tanta frequência para que servia cada ícone nem como se realizava alguma função que desejavam. O tempo que demoravam a realizar a atividade também foi diminuindo e no final o nervosismo deixou mesmo de existir.

Apenas uma criança por vezes ainda demonstrava alguma dificuldade em controlar o rato, mas como também era um pouco mais nova, que as restantes, o seu controle ocular manual ainda não estava tão desenvolvido.

Podemos referir que a implementação das atividades relacionadas com o desenho permitiu que as crianças desenvolvessem as suas competências sensoriais e expressivas bem como as suas destrezas motoras. As suas competências expressivas estiveram sempre presentes quer fosse quando dialogavam com o adulto sobre o que estavam a representar, quer na forma como exprimiam os sentimentos que estavam a viver, quer nas suas expressões faciais.

Esta investigação ainda deveria ter mais duas sessões de intervenção, mas por motivos de saúde da investigadora a PSEPE teve que ser concluída mais cedo. Nestas sessões as crianças teriam oportunidade de experimentar a impressão dos seus desenhos, bem como a forma de enviar os desenhos através do email.

Como já referido anteriormente a impressora existente no jardim de infância não estava a funcionar, numa quarta sessão de intervenção, a investigadora iria levar o seu computador e a sua impressora pessoal para a sala de atividades, para as crianças poderem realizar o seu desenho e logo de seguida poderem imprimir e explorar o seu desenho digital agora em suporte de papel. Achamos que teria sido muito importante para as crianças poderem desenhar e logo de seguida ver o seu desenho a ser impresso, contudo não conseguimos mesmo realizar esta sessão.

Numa quinta sessão de intervenção, o desenho realizado no suporte digital, seria enviado diretamente para o email do encarregado de educação. Esta função tão importante iria incentivar as crianças a utilizarem o computador, compreendendo de forma mais eficaz as suas múltiplas potencialidades, dinamizando, paralelamente, a relação entre o jardim de infância e os encarregados de educação.

2- Reações das crianças durante a implementação das atividades

No início do estudo as crianças quando se fazia referência à utilização do computador queriam sempre ir jogar ou até mesmo ouvir música, o desenho nunca era uma escolha para elas, o que fazia com que nós os tivéssemos que motivar bastante para essa funcionalidade

A este propósito, refiro alguns comentários das crianças: *“Eu não quero desenhar, quero antes ir fazer um jogo”* (Notas de campo, 25 de novembro de 2020) *“Podemos ir ouvir uma música”* (Notas de campo, 26 de novembro de 2020)

Com o passar das semanas de intervenção, esta atitude por parte das crianças foi-se modificando, quando falávamos em ir fazer um desenho, havia algumas crianças que se prontificavam logo para vir para o computador realizar a atividade que nós estávamos a propor. Conseguimos perceber que para algumas crianças o computador deixou de ser visto apenas como um instrumento que servia para jogar e passou a ser visto como um suporte para a realização de desenho. A este propósito, apresentamos uma nota de campo torna explícita a opinião de uma criança. *“Agora também já posso desenhar no computador (...) não é só numa folha de papel”* (Notas de campo, 15 de dezembro de 2020)

No que se refere ao suporte analógico, este era facilmente escolhido pelas crianças. Quando se pedia para realizarem um desenho recorrendo a este suporte, todas de imediato diziam que sim, por vezes havia crianças que se levantavam logo para ir buscar os seus lápis de cor ou de cera e uma folha de papel. Por vezes havia crianças que de uma forma espontânea e sem qualquer intenção nossa, pediam para ir fazer um desenho pois não lhe apetecia mais estar a brincar. O desenho em suporte

analógico era uma atividade muito escolhida por quase todas as crianças. Através da nota de campo, podemos realçar esta ideia, “*Rita, posso ir fazer um desenho, não me apetece mais brincar*” (Notas de campo, 11 de novembro de 2020)

Quando por vezes nós perguntávamos qual o jogo que pretendiam fazer, algumas crianças diziam logo “*posso ir fazer um desenho? Não quero nenhum jogo*” (Notas de campo, 10 de dezembro de 2020). Esta atitude por parte da criança, só veio reforçar o gosto que ela tinha por realizar atividades de desenho.

Queremos referir que as atividades orientadas foram desenvolvidas, quase sempre, de forma individual ou em pares, pois não existia material suficiente para todas as crianças, só existia um computador na sala. No que se refere ao desenho analógico também optamos por realizar de forma individual ou em pares, pois assim existia uma maior entrega por parte da criança na realização da atividade.

Esta preferência permitiu manter a organização do trabalho e possibilitou a prestação de uma maior atenção individual, de forma que houvesse diálogo entre a criança e o adulto que estava a supervisionar a sua atividade. Desta forma, também se conseguia uma explicação mais detalhada do que era pretendido. À medida que a criança terminava a sua atividade orientada tinha a possibilidade de escolher qual a atividade que pretendia fazer a seguir.

No final de cada sessão de intervenção, dialogávamos sempre com as crianças para saber a sua opinião, onde tinham sentido mais dificuldades e o que mais tinham gostado. No que se refere ao suporte digital, as crianças demonstraram que com o passar do tempo de sentiam mais à vontade em utilizar este suporte, gostaram muito de explorar o programa e no final referiram que iam começar a realizar mais desenhos no computador lá de casa. Assim, uma criança referiu, “*agora quando estiver em casa, vou fazer mais vezes desenhos no computador. Vou pedir à minha mãe para depois te enviar o meu desenho*”, (Notas de campo, 15 de dezembro de 2020). A investigadora deu o seu email à referida criança, mas o desenho nunca chegou ao seu email. Talvez por esquecimento, talvez por ter perdido o email ou simplesmente porque não voltou a desenhar utilizando o Paint. Mas como infelizmente estávamos a viver uma situação pandémica, eu não consegui voltar a falar com a criança em questão sobre o desenho que nunca cheguei a receber.

As crianças desta investigação, demonstraram que gostaram de desenhar utilizando este programa, mas quando no final lhe perguntávamos onde gostavam mais de desenhar, quase sempre a resposta foi a mesma, “*eu gostei de desenhar no computador, mas eu gosto mais de desenhar no papel e de jogar no computador*”, “*no computador é fixe, mas eu desenho melhor no papel*”, (Notas de campo, 15 de dezembro de 2020).

A preferência pelo desenho analógico pode ter como explicação o facto dessa experiência envolver dimensões sensoriais mais diversificadas, contudo o facto de não se sentirem ainda suficientemente competentes na realização do desenho em formato digital pode contribuir para a opinião manifestada pelas crianças.

3- Apresentação e análise da entrevista semiestruturada realizada à Orientadora Cooperante e as restantes educadoras de infância

O guião da entrevista semiestruturada, realizada à Orientadora Cooperante, e às restantes educadoras Apêndice C da sala do Jardim de Infância onde foi realizada a PSEPE, encontrava-se organizado de forma a conhecer a opinião das educadoras de infância sobre o desenho analógico e digital, aferir a importância atribuída à expressão gráfica, saber algumas atividades desenvolvidas no âmbito do suporte digital e analógico, conhecer alguns dos materiais que utilizam entre outras questões.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial e foram gravadas, possibilitando a sua transcrição na íntegra, tendo sido feita a análise de conteúdo das respostas. Queremos realçar que esta sala do jardim de infância integrava a educadora titular com as funções de orientadora cooperante que era a responsável pela planificação e execução de todas as atividades e por duas educadoras de apoio. As educadoras de apoio tinham a função de substituir a educadora titular quando esta não estava presente e de apoiar as crianças na realização das atividades que eram sempre propostas pela educadora titular.

Nos quadros seguintes estão apenas transcritos alguns excertos que considerámos mais importantes das entrevistas. No Apêndice D pode-se ler a transcrição integral da entrevista à orientadora cooperante e no Apêndices E a transcrição integral da entrevista à educadora de apoio A e no Apêndice F à educadora de apoio B.

3.1- Questões relacionadas com a caracterização pessoal e profissional

As questões colocadas tinham como objetivos conhecer o perfil geral e a experiência profissional das entrevistadas, estas questões estavam relacionadas com a idade, género, formação académica, o tempo de serviço e o tempo que já trabalhavam no já referido jardim de infância.

Através da questão relacionada com a idade, conseguimos perceber que as três inqueridas tinham entre 57 anos e 63 anos e todas eram do sexo feminino. As respostas dadas às questões relacionadas com a formação profissional estão registadas na Tabela 4.

Tabela 4- Tabela de análise de conteúdo relativa à questão colocado sobre a formação profissional colocada às Educadoras de Infância

Questão	Unidades de Registo		
	Orientadora Cooperante	Educadora Apoio A	Educadora Apoio B
Habilitações literárias	<i>Mestrado</i>	<i>Bacharelato</i>	<i>Licenciatura</i>
Tempo de serviço	35	37	31
Quantos anos a trabalhar naquela instituição	4	2	6

Através das respostas dadas, compreendemos que todas as entrevistadas têm cursos na área da educação, observámos que todas já contam com vários anos de experiência na área e que o número de anos a trabalhar naquele jardim de infância é bastante diferente.

3.2- Questões relacionadas com a opinião pessoal em relação à utilização das TIC na educação pré-escolar

Quadro 8- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “Na sua opinião, as TIC são uma mais-valia na educação pré-escolar?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Na sua opinião, as TIC são uma mais-valia na educação pré-escolar?	Orientadora Cooperante – <i>São uma mais-valia sim ...</i>
	Educadora Apoio A– <i>As TIC são para essas crianças uma mais valia</i>
	Educadora Apoio B– <i>Sim, são uma mais-valia....</i>

Todas as educadoras referiram que as TIC “São uma mais-valia sim...” na educação pré-escolar, contudo são necessários outros fatores estarem bem presentes, é necessário existirem meios e condições para utilizar as TIC. Para a orientadora cooperante existem outros recursos que na sua opinião são até mais importantes que as próprias TIC, talvez por isso este recurso é tão pouco utilizado por ela na sua sala de atividades.

Sabemos que o uso dessas tecnologias implica uma nova forma de pensar, agir e aprender. (Silva, 2018).

Na opinião de Gonçalves (2013, p. 15) “Crianças em idade pré-escolar estão na idade de adquirir e adotar novas ferramentas a fim de desenvolver a imaginação, criatividade, métodos de trabalho, vivenciando experiências tecnológicas e novos desafios, com a ajuda de um adulto”.

No que se refere ao desenvolvimento de competências e conhecimentos nas crianças utilizando as tecnologias de informação e comunicação, todas as educadoras responderam de forma positiva, o que vem reforçar a importância de desenvolver e promover as TIC no jardim de infância. Neste sentido, Moreno (2021, p. 15) refere

que “devido à evolução tecnológica é importante que as tecnologias digitais sejam integradas desde muito cedo no processo de ensino e aprendizagem ... as tecnologias proporcionam maior facilidade no acesso à informação, auxiliando na construção de conhecimento”

Quando falamos de autonomia no processo de aprendizagem, as TIC podem ser uma ajuda, contudo temos que pensar que todas as atividades que são propostas às nossas crianças, podem e devem proporcionar uma autonomia, pois todas devem poder escolher qual o caminho que pretendem percorrer e quando algo não corre tão bem como o esperado, devem conseguir ultrapassar esses obstáculos tirando algum proveito e aprendizagem dos mesmos.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p.53) defendem que “favorecer a autonomia da criança e do grupo assenta na aquisição do saber-fazer indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia, enquanto oportunidade de escolha e responsabilização”. Neste contexto, Godinho (2016, p.5) afirma que “A construção da autonomia assume um papel de responsabilidade na criança, é um processo de desenvolvimento pessoal e social partilhado entre o educador de infância, a criança e o grupo”.

3.3- Questões relacionadas com a opinião em relação às variáveis em estudo (Expressão gráfica com suporte analógico)

Quadro 9- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “o que pensa da expressão gráfico-plástica na educação de infância?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
O que pensa da expressão gráfico-plástica na educação de infância?	Orientadora Cooperante – <i>Muito importante</i>
	Educadora Apoio B - <i>São muito importantes</i>
	Educadora Apoio B - <i>... é através do desenho que ela está a fazer, que ela se exprime, que mostra o que gosta e não gosta ou dos sentimentos que tem...</i>

No que diz respeito à Expressão Plástica na educação de infância, todas as inqueridas estão de acordo, “... é muito importante,” é algo fundamental e que deve estar sempre presente. Através da expressão gráfica podemos perceber muito das nossas crianças e podemos também ajudar a vários níveis, quer a nível emocional, percebendo o que a criança esta a sentir, quer a nível da motricidade, pois conseguimos perceber as suas competências manipulativas, bem como a forma como concebe e imagina o mundo (dimensão cognitiva).

Através da resposta dada pela educadora apoio B “... através do desenho que ela está a fazer, que ela se exprime, que mostra o que gosta e não gosta ou dos sentimentos que tem...” conseguimos perceber que o desenho é um meio de comunicação indispensável para a criança, através deste podemos saber o que a criança sente e pensa, mesmo antes de ela conseguir falar. Ribeiro (2015, p. 16) diz-nos que: “O desenho é uma das primeiras formas de expressão do ser humano aparecendo antes da escrita, da leitura e até da fala ... o desenho da criança pode tornar-se um importante espelho sobre aquilo que são os pensamentos”.

Tal como afirma Sousa (2003b, p.199) “o desenho é função, sobretudo, do desenvolvimento das capacidades neuro motoras (os movimentos da ação de desenhar), e cognitivas (criatividade, raciocínio lógico) da criança, estando também bem presentes as dimensões emocionais-sentimentais (expressão artística) e socioculturais (materiais utilizados e relação social)”.

Quadro 10- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “quando elabora as planificações tem a preocupação de integrar o desenho como atividade?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Quando elabora as planificações tem a preocupação de integrar o desenho como atividade?	Educadora Cooperante – <i>Sim sempre. Sempre porque é muito importante para eles...</i>
	Educadora Apoio A – <i>... integro o desenho e integro as outras atividades plásticas como a pintura, as várias formas de pintar ...</i>
	Educadora Apoio B – <i>Sempre.</i>

Quando questionámos as educadoras de infância sobre a preocupação de integrar o desenho nas suas atividades, a resposta foi unanime. Todas as educadoras realizam a atividade de desenho diariamente. Contudo não podemos esquecer que todas as restantes atividades também são imprescindíveis para as crianças, assim como refere a educadora de apoio A, “...*integro o desenho e integro as outras atividades plásticas como a pintura, as várias formas de pintar ...*” Estas opiniões vão ao encontro do que é estabelecido nas OCEPE (1997, p. 61): “Não se pode, porém, esquecer que o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma atividade educativa.” (Silva, 1997, p.61).

Se as atividades de desenho são realizadas todos os dias, porque não aproveitar outro recurso tão fascinante como as TIC e realizar também um desenho neste suporte. Cabe à educadora de infância planificar atividades relacionadas com o desenho, mas utilizando outro tipo de suporte que não seja o analógico.

Quadro 11- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “recorre ao desenho como atividade orientada ou livre?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Recorre ao desenho como atividade orientada ou livre?	Orientadora Cooperante –... <i>sou capaz de contar uma história e pedir que me façam o desenho de modo a eu compreender o que ele conseguiu apreender dessa história</i>
	Educadora Apoio A - <i>Eu gosto mais que seja livre, mas também acho que deve ser feita a orientada.</i>
	Educadora Apoio B –... <i>passeio, o que eles mais gostaram dá perfeitamente para perceber através do desenho. O desenho livre também é extremamente importante para eles desenharem conforme lhes apetece, sem ser uma orientação.</i>

Tal como podemos verificar aquando da nossa prática supervisionada, na sala de atividades da orientadora cooperante, o ato de desenhar tanto é realizado de forma orientada, como de forma livre, contudo, é mais habitual realizar desenho orientado.

A Orientadora Cooperante refere que “... *sou capaz de contar uma história e pedir que me façam o desenho de modo a eu compreender o que ele conseguiu apreender dessa história...*”. Recorreu-se muitas vezes ao desenho como forma de saber quais os conhecimentos adquiridos após a audição de uma história, recorreu-se ao desenho como forma de exploração dos sentimentos vividos pelas crianças num determinado momento e ainda era habitual recorrer ao desenho como forma de registar uma temática importante. Também recorreremos ao desenho para registar o passeio que foi dado pelas ruas da nossa cidade. (Notas de campo, 24 de novembro de 2020)

Enfatiza esta opinião a Educadora de apoio B, quando referiu “... *passeio, o que eles mais gostaram dá perfeitamente para perceber através do desenho. O desenho livre também é extremamente importante para eles desenharem conforme lhes apetece, sem ser uma orientação ...*”

“A expressão plástica enquanto meio de representação e comunicação pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo. Recriar momentos de uma atividade, aspetos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projetos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo. Servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido.” (Silva, 1997, p.62)

A educadora de infância ao planificar atividades de desenho quer de forma livre quer de forma orientada, fomenta a exteriorização das vivências, perceções e sentimentos das crianças, mas também da forma de representação e comunicação.

Quadro 12- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “sente que as crianças se envolvem com as atividades relacionadas com o desenho?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Sente que as crianças se envolvem com as atividades relacionadas com o desenho?	Educadora Cooperante – <i>Sim, sim, sim</i>
	Educadora Apoio A– <i>... o desenho é sempre uma atividade que a maioria das crianças aceita de bom grado...</i>
	Educadora Apoio B – <i>Umas mais do que outras...</i>

Ao longo da nossa prática supervisionada pudemos verificar que as crianças realizavam com muita frequência desenhos, quer por vontade própria quer por iniciativa do adulto. Sempre que lhes era pedido para realizarem um desenho, verificámos que existia uma grande predisposição de todas as crianças para o realizar. A educadora de apoio A referiu que “...o desenho é sempre uma atividade que a maioria das crianças aceita de bom grado”. Mesmo aquelas crianças que apresentavam maior dificuldades na realização dos desenhos, ficavam muito satisfeitas quando conseguiam realizar a atividade ou quando o adulto ou outro colega elogiava o trabalho que tinham realizado.

Quadro 13- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “com que finalidade recorre ao desenho na sua sala de atividades?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Com que finalidade?	Orientadora Cooperante – <i>Tanto para ver a evolução deles, como eles procurarem desenvolver e apropriarem-se de várias noções...</i>
	Educadora Apoio A – <i>Há várias finalidades, se é um desenho orientado vou reclamar essas características ...</i> <i>... Se for um desenho livre tento motivar as crianças para a continuação do desenho ou para acrescentar mais alguma coisa ao seu desenho...</i>
	Educadora Apoio B – <i>Estimular a nível da criatividade, imaginação a nível do controle manual.</i>

Quando pedimos a uma criança para realizar um desenho, quer seja livre, quer seja orientado, há várias finalidades que podem estar por detrás dessa atividade. O desenho é uma atividade muito divertida é uma forma de comunicação. A orientadora cooperante reforçou esta ideia referindo que o desenho é utilizado. “*Tanto para ver a evolução deles, como eles procurarem desenvolver e apropriarem-se de várias noções*”

É uma forma da criança expressar os seus sentimentos, as suas ideias e as suas vontades. Quando uma criança desenha, ela cria pontes entre o seu mundo imaginário e o mundo que é real. Através do desenho é possível perceber, por exemplo, se a criança é tímida, se ela tem autoconfiança e também quais os seus interesses. A educadora de apoio B refere que o desenho é muito importante para “... *estimular a nível da criatividade, imaginação a nível do controle manual*”.

Segundo Lowenfeld (1977) o desenho é importante para o desenvolvimento da criança, pois através do desenho a criança desenvolve a capacidade de se expressar, de representar o que sente ou vê e ao mesmo tempo desenvolve igualmente a sua criatividade.

Quadro 14- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, a expressão gráfica desenvolve a criatividade nas suas crianças? Porquê?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Na sua opinião, a expressão gráfica desenvolve a criatividade nas suas crianças? Porquê?	Orientadora Cooperante – <i>...à medida que eles vão conseguindo fazer, eles conseguem ir mais longe... ...o desenho vai evoluindo e eles vão evoluindo...</i>
	Educadora Apoio A – <i>...quando a criança está a desenhar e se o adulto estiver perto dela pode questionar sobre o que representa aquele traço e aquilo que agora era um caminho pode depois passar a ser uma bruxa. E deste forma a criatividade da criança foi desenvolvida.</i>
	Educadora Apoio B – <i>Ajuda a desenvolver a criatividade, não quer dizer que seja o básico, o essencial, mas ajuda bastante.</i>

Todas as crianças são criativas, contudo o adulto tem que ajudar e dar ferramentas para que as crianças possam desenvolver essa sua criatividade. Quer seja através de um desenho, de uma pintura, uma música ou uma peça de teatro, a criança está a desenvolver a sua criatividade e imaginação. Homem, Gomes e Montalvão (2009), consideram que para as crianças se conseguirem desenvolver criativamente, é necessário que haja encorajamento por parte do adulto. Durante a nossa investigação, sempre tentamos incentivar todo o grupo a realizar atividades que desenvolvessem a sua imaginação e as suas competências expressivas, quer fosse com um desenho digital quer com um desenho analógico. Utilizamos vídeos, representações no quadro branco e por vezes realizamos desenhos no Paint para demonstrar como era divertido e motivador estas atividades.

Através da análise das respostas dadas pelas educadoras à pergunta “*Na sua opinião, a expressão gráfica desenvolve a criatividade nas suas crianças*” podemos constatar que todas responderam de forma positiva, a orientadora cooperante refere que “*...à medida que eles vão conseguindo fazer, eles conseguem ir mais longe... o desenho vai evoluindo e eles vão evoluindo...*”. Esta evolução leva a uma maior aquisição de conhecimentos e de capacidades, aumentando a sua criatividade e vontade de fazer.

É ao nível da expressão plástica que devemos organizar “experiências em torno da exploração e descoberta (criação), da utilização de técnicas (execução) e do contacto com diferentes formas de manifestações artísticas (apreciação)” (Godinho & Brito, 2010, p.11).

O domínio da expressão plástica é uma mais-valia para qualquer criança, pois permite que esta se torne mais criativa, imaginativa, curiosa e autónoma (González, 2009). Homem, Gomes e Montalvão (2009), dizem-nos também, que a creche e o jardim de infância são espaços importantes para desenvolver a criatividade das crianças, temos é que ajudar a criar condições para esse desenvolvimento.

Para Morais (2016, p. 11), citando Lowenfeld e Brittain (1977, p. 19), o mais importante no processo de desenvolvimento da criança, não é o produto final criado na expressão plástica, mas sim “o seu pensamento, os seus sentimentos, as suas perceções, em suma, as suas reações ao seu ambiente”.

Tendo em conta a opinião da educadora de apoio B “...quando a criança está a desenhar e se o adulto estiver perto dela pode questionar sobre o que representa aquele traço e aquilo que agora era um caminho pode depois passar a ser uma bruxa. E deste forma a criatividade da criança foi desenvolvida,” neste ponto queremos realçar a importância que o diálogo tem nestas crianças. Temos que manter constantemente um diálogo direto e simples, pois através deste conseguimos conhecer e perceber as nossas crianças, e quando estão a desenhar, elas estão a transportar para aquela folha de papel algo e através do diálogo podemos perceber a evolução da criatividade daquela criança. Sempre que alguma criança estava a desenhar, fosse em qualquer tipo de suporte, a investigadora estava constantemente em diálogo com a criança, questionando sobre o que estava a fazer, que ferramenta ou material iria utilizar, como se sentia, o que estava a desenhar, etc.

Como podemos constatar através das respostas dadas pelas inqueridas, APENDICE D, E e F, os tipos de suporte analógico utilizados no nosso jardim de infância são muito variados. Estes podem ser escolhidos pelas crianças ou pelo adulto. Quando o adulto realiza esta escolha, fá-lo de acordo com algum critério e tem que ter em conta alguns fatores para as suas escolhas.

De acordo com Silva, Marques, Mata, e Rosa, (2016, p. 49), a escolha dos materiais deve ser feita de entre um variado leque de possibilidades, e pensando sempre no resultado final e naquilo que pretendemos realizar, “papel de diferentes dimensões e texturas, tintas de várias cores, diferentes tipos de lápis (como pastel, carvão), barro, plasticina e outros materiais moldáveis”. Para além destes materiais, são destacados também os materiais de uso utilitário ou reutilizáveis como “tecidos, cartão, objetos naturais, papéis diversos, latas, fios, embalagens, algodão e elementos da natureza”.

Ao nosso redor há infinitos suportes que podemos utilizar, temos que ter imaginação e aproveitar tudo aquilo que está ao nosso alcance.

Tanto o tipo de suporte analógico utilizado, como os materiais utilizados para desenhar nesses mesmos suportes, têm que ser variados. As crianças são curiosas e gostam de experimentar coisas novas e diferentes, então, cabe ao educador de infância dar esses materiais e deixar as crianças explorarem de forma livre, mas sempre supervisionada.

O desenho não é apenas uma mera representação do real é também uma representação do “que se sente e se imagina, o que se sabe através da experimentação sensorial, não apenas da vista, mas também do tato, do cheiro, do paladar e do ouvido”, ou seja, é o reflexo do que se deseja “ver, tocar, cheirar, saborear e ouvir” (Gonçalves, 1991, p. 26).

Para Moreira (2008), toda a criança consegue desenhar tendo um instrumento que deixa uma marca: o pau na areia, a pedra na terra, o tijolo no cimento, o carvão nos muros, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança quando brinca vai deixando a sua marca, criando jogos, contando histórias.

No que se refere à expressão plástica, Silva, Marques, Mata, e Rosa, (2016, p.49) referem que a sua abordagem envolve o desenvolvimento articulado de estratégias que permitem que a criança se adapte a diferentes técnicas e materiais, através da exploração e experimentação das suas produções, permitindo desta forma criar, recriar ou reinventar. “A pintura, o desenho, as colagens são algumas das técnicas utilizadas na educação pré-escolar. No que se refere aos materiais, é importante que disponibilizemos diversos, para que as crianças possam desenvolver a imaginação e a criatividade”.

Quadro 15- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “quem escolhe os materiais”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Quem escolhe os materiais?	Orientadora Cooperante – <i>Normalmente deixo eles escolherem...</i>
	Educadora Apoio A – <i>Sempre gostei de dar alguma liberdade para eles escolherem os materiais...</i>
	Educadora Apoio B- <i>Muitas vezes é o adulto que escolhe... ... eles podem escolher qual querem para trabalhar</i>

Quando questionamos as educadoras sobre quem tinha a função de escolher os materiais utilizados pelas crianças e se o faziam segundo algum critério, as respostas foram quase todas iguais. Tanto pode ser a criança a escolher quais os materiais que quer utilizar, como pode ser o educador de infância a dar sugestão. Quando deixamos as crianças escolher, estamos a depositar neles confiança e a desenvolver uma autonomia. De acordo com Martins (2016, p. 3),

O conceito de autonomia surge articulado à liberdade de decisão, à determinação pessoal e a regras próprias. Por outras palavras, um ser autónomo é aquele que decide por si, obedece apenas aos seus princípios mediante escolhas pessoais ou elaboração de regras, mas também é aquele que tem a capacidade de agir por si.

Então quando deixamos as crianças escolherem por si os materiais a utilizar numa determinada atividade, estamos a deixar a criança ter liberdade de decisão, e ela decide segundo as suas escolhas pessoais ou segundo regras impostas por ela própria.

Quadro 16- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, o suporte analógico potencializa o desenvolvimento das suas crianças?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Na sua opinião, o suporte analógico potencializa o desenvolvimento das suas crianças?	Educadora Cooperante – <i>Sim, sim, sim ... sem dúvida</i>
	Educadora Apoio A- <i>... facto de o suporte ter um cheiro, uma textura, poder ser levado de um lado para o outro, de poder cair, ajuda a potencializar o desenvolvimento dos sentidos...</i>
	Educadora Apoio B- <i>Bastante</i>

Na educação pré-escolar todas as atividades que se realizam com as crianças, de alguma forma, potencializam o seu desenvolvimento. As crianças são uma esponja que absorve conhecimentos, o educador de infância tem a capacidade de ajudar as suas crianças a absorver tudo o que a rodeia.

Quando falamos em suporte analógico, este ajuda a desenvolver as crianças pois, como referiu a educadora de apoio A, o “*facto de o suporte ter um cheiro, uma textura, poder ser levado de um lado para o outro, ajuda a potencializar o desenvolvimento dos sentidos*”. Uma simples folha de papel ou de jornal não serve apenas como suporte para o desenho / escrita, este pode ser aproveitado para trabalhar muitas outras áreas e desenvolver muitas outras descobertas nas crianças.

3.4- Questões relacionadas com a opinião em relação às variáveis em estudo (Expressão gráfica com suporte digital)

Quando questionamos as entrevistadas sobre o uso do suporte digital na sua sala de atividades, conseguimos perceber que este não era muito utilizado. A orientadora cooperante referiu mesmo que não tem hábito utilizar este tipo de suporte.

Quadro 17- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “com que finalidade utiliza o computador?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Com que finalidade utiliza o computador?	Orientadora Cooperante – ... <i>com a finalidade de ir para a parte científica, ...</i> <i>... recorrer ao computador para eles poderem ver e aprender melhor,</i>
	Educadora Apoio A– ... <i>desenvolver a motricidade fina, habituarem-se ao movimento do rato e o desenvolvimento do oculo manual.</i>
	Educadora Apoio B– ... <i>muitas vezes é porque eles gostam de experimentar ...</i> <i>... como eles orientam o traço com o rato, outras vezes também tem a ver com o trabalho da cor...</i>

Quando questionámos as educadoras de infância sobre qual a finalidade com que utilizavam o suporte digital na sala de atividades, as respostas foram diferentes. A orientadora cooperante utiliza mais como um auxílio de aprendizagem. Ou seja, tem a função de lhe dar apoio nos conteúdos que está a ensinar, “*com a finalidade de ir para a parte científica ... recorrer ao computador para eles poderem ver e aprender melhor*”. O computador é uma mais-valia para ajudar a consolidar os conteúdos que estão a ser trabalhados é outra forma de ensinar.

A orientadora cooperante utiliza também esta suporte para ouvir canções, ver e ouvir histórias e desenvolver o vocabulário. Como a própria disse, “*o computador é um mundo fantástico e porque não recorrer a ele*”. Cada vez mais o computador é um grande auxiliar nos jardins de infância e nas escolas, então devemos aproveitar e tirar o maior proveito desta “caixinha mágica”.

A educadora de apoio B referiu que quando era educadora titular, as suas crianças utilizavam o computador como meio para realizar atividades de desenho, as crianças têm interesse em desenhar no computador pois este desperta muita curiosidade, “*muitas vezes é porque eles gostam de experimentar ... como eles orientam o traço com o rato, outras vezes também tem a ver com o trabalho da cor*”

A educadora de apoio A refere que o suporte digital é importante pois ajuda a “*desenvolver a motricidade fina, habituarem-se ao movimento do rato e o desenvolvimento do oculo manual*”. Para conseguir manusear corretamente o rato, as crianças necessitam de ter uma boa destreza e coordenação das mãos e dos olhos, a atividade de desenho requer que essa destreza já esteja bem definida.

Quadro 18- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “as suas crianças costumam utilizar o computador?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
As suas crianças costumam utilizar o computador?	<p>Orientadora Cooperante –... <i>o computador está mais adaptado para o serviço do educador do que propriamente para o serviço das crianças, ... formadoras do projeto “kidsmart” que é um projeto onde as crianças têm um computador na sala que está instalado de uma forma muito graciosa, porque o computador não se vê, só se vê o ecrã, o computador está tapado, tem um banquinho de plástico e onde eles podem interagir, aprendem as funções, aprendem a ir ao jogo...</i></p> <p><i>... foi uma prenda da Câmara Municipal de Castelo Branco oferecido o ano passado.</i></p> <p><i>... temos computador, mas não está adaptado aquilo que era necessário.</i></p>
	<p>Educadora Apoio A–... <i>o que mais gostavam era dos preenchimentos com a cor...</i></p>
	<p>Educadora Apoio B- <i>Não, as vezes utilizam, mas é muito raro.</i></p>

Quando colocámos a questão “As suas crianças costumam utilizar o computador?”, a educadora de apoio A respondeu tendo por base outras crianças com quem já tinha trabalhado em anos anteriores. Como neste ano letivo estava como educadora de apoio acabava por ajudar a orientadora cooperante nas atividades que esta proponha. A mesma educadora referiu que as suas crianças gostavam muito de utilizar o computador, gostavam de desenhar. Quando desenhavam, gostavam de “preenchimentos com a cor”, pois nos programas de desenho esta função é bastante rápida e o facto de ter um grande leque de cores é motivador para as crianças.

A orientadora cooperante referiu que as crianças não utilizam o computador de uma forma livre e que este está mais adaptado para ser utilizado pelo adulto e mais até para assuntos relacionados com os pais e a direção escolar. O computador que esta na sala de atividades é recente pois e não está preparado para ser utilizado de forma livre pelas crianças, “... temos computador, mas não está adaptado aquilo que era necessário...”. A mesma educadora referiu que foi uma das formadoras do projeto “Kidsmart”, este sim, estava preparado para ser utilizado de forma livre por todas as crianças.

Segundo a orientadora cooperante a Kidsmart é “...um projeto onde as crianças têm um computador na sala que está instalado de uma forma muito graciosa, porque o computador não se vê, só se vê o ecrã, o computador está tapado, tem um banquinho de plástico e onde eles podem interagir, aprendem as funções, aprendem a ir ao jogo...”, “as crianças tinham muito mais autonomia e o computador estava mais disponível para ser utilizado por elas”.

Kidsmart é um programa estabelecido entre a Companhia IBM Portuguesa SA e o Ministério da Educação, que tem como finalidade a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nos primeiros estádios da educação. Através da

interação com o computador as crianças podem resolver problemas, tomar decisões, consolidar as competências adquiridas noutras áreas e incorporar novas competências em resultado da exploração de diferentes aplicações e da colaboração com outras crianças.

Quadro 19- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “qual a finalidade com que utilizam o computador?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Qual a finalidade com que utilizam o computador?	Orientadora Cooperante – ... <i>para ver filmes, bonecos como eles dizem...</i>
	Educadora Apoio A – Não respondeu
	Educadora Apoio B – <i>Principalmente para fazerem alguns jogos</i>

As crianças deste jardim de infância não têm por hábito utilizar o computador a não ser para jogar e sempre com o apoio de uma das educadoras de infância presentes, algumas destas crianças nem computador têm em casa e como já foi referido, o que existe na sala de atividades também não é muito utilizado por eles.

Nestas idades as crianças veem o computador acima de tudo como um objeto atrativo e lúdico, manifestando uma preferência pela realização de atividades lúdicas (como os jogos), como referiu a educadora de apoio B, “... *principalmente para fazerem alguns jogos*” em detrimento de outras atividades mais relacionadas com a aquisição de competências ou conhecimentos. Estas crianças gostam das tecnologias (computador, tablets, telemóveis) para jogar ou ver filmes. Não demonstram muito interesse em utilizar o computador de outra forma a não ser “*para ver filmes, bonecos como eles dizem*”.

Quadro 20- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “qual a frequência com que as suas crianças utilizam o computador e porquê?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Qual a frequência com que as suas crianças utilizam o computador e porquê?	Educadora Cooperante – <i>Como já referido, fazemos de vez em quando um bocadinho...</i>
	Educadora Apoio A – ... <i>quando eu era educadora titular de um grupo, o computador era como um cantinho qualquer...</i>
	Educadora Apoio B – ... <i>facto de estarmos três educadoras deveríamos gerir as coisas de forma diferente e era possível fazê-lo mais vezes, mas depois tem a ver com a orientação do trabalho por parte da educadora que está com eles.</i>

Em relação à questão “*Com que frequência utilizam o computador e porquê*”, as respostas dadas vão ao encontro daquilo que já tinha sido falado, as crianças utilizam muito pouco este suporte e quando o fazem é para ver filmes.

A educadora de apoio B referiu que o facto de estares três educadoras naquele jardim de infância, uma titular e duas de apoio, deveria ser uma vantagem para a utilização das tecnologias, mas na realidade não é isso que acontece. Como a orientadora cooperante não tem por hábito utilizar as tecnologias na sua sala de atividades, as restantes educadoras também não o fazem acabando por dar seguimento ao estilo de trabalho utilizado pela educadora titular, “... *facto de estarmos três educadoras deveríamos gerir as coisas de forma diferente e era possível fazê-lo mais vezes, mas depois tem a ver com a orientação do trabalho por parte da educadora que está com eles...*”

A educadora de apoio A referiu que “*quando eu era educadora titular de um grupo, o computador era como um cantinho qualquer*”, mas com este grupo de crianças isso não era possível. Não era possível porque o computador não estava preparado para as crianças, não estava localizado num lugar acessível às crianças, estava protegido por palavra passe, não tinha instalado jogos educativos, não tinha acesso direto a sites educativos e as próprias crianças deste grupo não estavam abertas a utilizar o computador como uma forma de aprendizagem de conteúdos novos sem ser jogos, músicas e ver filmes e o facto de serem três educadoras e as duas de apoio darem continuidade ao trabalho da educadora titular também era uma desvantagem para a utilização deste meio de comunicação.

Quadro 21- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “Quais os programas que as crianças costumam utilizar?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Quais os programas que as crianças costumam utilizar?	Orientadora Cooperante - Google, Youtube.
	Educadora Apoio A- ... utilizavam o Paint... ... outros dias que eram os jogos...
	Educadora Apoio B- Programas de jogos

Quando questionamos as educadoras sobre “*Quais os programas que as crianças costumam utilizar*” as respostas foram todas muito parecidas com aquelas que já tinham vindo a ser dadas no decorrer da entrevista, programas de jogos, Youtube e Google.

A educadora de apoio A referiu que quando era educadora titular de um grupo, costumava utilizar o Paint para as suas crianças realizarem um desenho, mas que o mesmo era feito porque ela destinava que assim seria e não tanto por iniciativa das crianças. Também os programas de jogos eram utilizados pelas suas crianças.

Quadro 22- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, o suporte digital potencializa o desenvolvimento das suas crianças?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Na sua opinião, o suporte digital potencializa o desenvolvimento das suas crianças?	Orientadora Cooperante –... <i>contacto humano, porque o objetivo do jardim de infância é socializar e integrar e eu só posso fazer isso com o outro e no computador eu não tenho o outro...</i>
	... <i>está muito bem explicado e devíamos de nos apropriar dessas coisas para iremos mais longe...</i>
	Educadora Apoio A - <i>Potencializa, como qualquer outra atividade...</i>
	Educadora Apoio B – <i>Sim</i>

À questão “Na sua opinião, o suporte digital potencializa o desenvolvimento das suas crianças?”, todas as inqueridas responderam de forma positiva, mas realçaram que também é necessário “*contacto humano*”, mas sem nunca esquecer que “*o objetivo do jardim de infância é socializar e integrar e eu só posso fazer isso com o outro e no computador eu não tenho o outro*”. O suporte digital é uma ferramenta muito útil, pois dentro dele está todo um mundo, “*...está muito bem explicado e devíamos de nos apropriar dessas coisas para iremos mais longe*”, aproveitar toda a informação que o computador nos pode dar e transmiti-la às nossas crianças.

Quadro 23- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, acha que as suas crianças desenham no computador de forma espontânea?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Na sua opinião, acha que as suas crianças quando desenham no computador o fazem de forma espontânea?	Orientadora Cooperante – ... <i>espontânea porque não é algo habitual, ... temos uma atividade mais estruturada para o analógico do que propriamente para o digital...</i>
	Educadora Apoio A – <i>Não, eles espontaneamente querem o computador é para jogar...</i>
	Educadora Apoio B – <i>Se calhar se experimentarem mais vezes e se utilizarem mais vezes o computador, são capazes de escolher fazer um desenho, mas isso só pode acontecer se eles utilizarem o computador mais vezes...</i>

De acordo com a opinião da orientadora cooperante, as crianças pertencentes a esta sala deste jardim de infância não realizarão um desenho no computador de forma “*... espontânea porque não é algo habitual...*” como já referido, o computador serve para jogar. Como a orientadora cooperante refere as suas atividades são mais “*estruturada para este tipo de desenvolvimento (analógico) do que propriamente para o digital*”. Deveríamos ser nós os adultos a incentivar e motivar as nossas crianças a utilizar o suporte digital de forma mais educativa e não só apenas de forma lúdica.

Quadro 24- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, qual o motivo que pode levar as suas crianças a gostarem mais de desenhar no computador?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Na sua opinião, qual o motivo que pode levar as suas crianças a gostarem mais de desenhar no computador?	Orientadora Cooperante – <i>Porque demora menos tempo a colorir os desenhos.</i>
	Educadora Apoio A– <i>Porque usa o computador.</i>
	Educadora Apoio B – <i>Porque se pode enviar por email para quem quiser; mas também a nível do pintar. É mais rápido e torna-se mais fácil para eles e vêm de uma forma diferente aquilo que está a ser feito, não se cansam tanto por terem de estar ali a pintar com um lápis. Chegam e escolhem, mais grosso, mais fino e a beleza da cor também os atrai bastante, assim como as formas...</i>

À questão colocada “Na sua opinião, qual o motivo que pode levar as suas crianças a gostarem mais de desenhar no computador?”, as educadoras de infância responderam tendo em conta aquilo que conhecem das suas crianças e não aquilo que acontece na realidade, pois esta atividade é muito pouca utilizada.

Desta forma, responderam que o facto de demorar menos tempo a colorir o seu desenho poderá ser um fator positivo na realização de um desenho utilizando o suporte digital. O fato de ser realizado num computador poderá ser já motivador para as crianças. Outra educadora de apoio respondeu que o fato de poderem desenhar / pintar e facilmente apagar / modificar o que fizeram podia ser uma vantagem da utilização deste suporte. O fato de eu poder fazer e logo de seguida enviar por email para um familiar ou um amigo pode ser importante, pois aquilo que a criança fez agora, no instante seguinte pode estar no outro lado do mundo e ser partilhado com milhões de pessoas.

Quadro 25- Quadro de análise de conteúdo relativa à questão “na sua opinião, acha que estes recursos de trabalho resultam?”

Questão	Exemplos de Unidades de Registo
Na sua opinião, acha que estes dois recursos de trabalho resultam? Justifique a sua resposta	Orientadora Cooperante –... <i>um complementa o outro, são uma forma de complementaridade.</i>
	Educadora Apoio A– <i>Sim, resultam se forem os dois usados com alguma dosagem...</i>
	Educadora Apoio B– <i>Eu acho que sim, não pode ser só o digital a ser prioritário em relação ao analógico...</i>

Tanto o suporte analógico como o suporte digital têm características e funcionalidades muito próprias e importantes para o desenvolvimento das crianças, como refere a orientadora cooperante “... *um complementa o outro, são uma forma de complementaridade...*”, estes dois suportes, trabalhados da forma correta e em conjunto, podem ser uma mais-valia para desenvolver as crianças. Como tudo na vida, tem que ser feito de forma gradual e sempre sobre a orientação do adulto.

4- Apresentação e análise dos dados obtidos nos inquéritos por questionários realizados aos Encarregados de Educação

Neste ponto apresentamos os resultados obtidos no inquérito por questionário realizado aos encarregados de educação. A análise destes dados foi realizada tendo por base a estatística descritiva e a análise de conteúdo utilizada na organização das informações obtidas nas questões de resposta aberta.

O questionário foi enviado para todas as crianças pertencentes à sala do já referido jardim de infância, contudo apenas 13 responderam e devolveram o mesmo. Existiu um grande esforço por parte da investigadora para que todos os Encarregados de Educação devolvessem os referidos questionários, mas os mesmos não se mostraram interessados em devolver e assim participar.

O questionário tinha a função de nos ajudar a perceber quais os hábitos de expressão gráfica que os seus educandos praticavam em casa, tendo em conta o desenho em suporte digital e o desenho em suporte analógico.

O inquérito por questionário (Apêndice C) aplicado aos Encarregados de Educação era composto por uma parte inicial com um texto introdutório no qual a investigadora se apresentava e onde estavam explicitados os objetivos do mesmo e onde também apresentava os princípios éticos da investigação.

Relativamente à sua estrutura e às suas questões, o inquérito (Apêndice B) era composto por uma questão inicial sobre o perfil do educando e por dois grandes grupos de questões, 13 questões relacionadas com o desenho em suporte digital e 11 questões sobre o desenho em suporte analógico. Existiam questões de resposta fechada bem como questões de resposta aberta. Para obtermos informações relativas a estes documentos, todos os inquéritos por questionário foram analisados de forma individual.

4.1- Questões relacionadas com a caracterização pessoal do seu educando

O Grupo 4.1 diz respeito à caracterização pessoal de cada criança e através da análise deste grupo foi possível recolher informações acerca do nome e da idade de cada educando. Assim recorrendo aos dados do Gráfico 3 podemos afirmar que 6 crianças são do sexo feminino e 7 são do sexo masculino.



Gráfico 3- Sexo dos Educandos

Recorrendo ao Gráfico 4 podemos concluir que em relação às suas idades, 4 têm três anos, 2 têm quatro anos e 7 têm cinco anos.



Gráfico 4- Idade dos educandos

4.2- Questões relacionadas com o desenho em suporte digital

Quando queremos saber informações sobre os hábitos que as nossas crianças praticam em relação ao suporte digital quando estão em casa, a questão que no nosso entender deve ser logo colocada é se em casa possuem computador. Desta forma, 11 dos Encarregados de Educação responderam de forma positiva, dizendo que em casa possuem computador e 2 Encarregados de Educação responderam de forma negativa.

O fato de possuírem computador em casa não é sinónimo de que a criança o utilize, desta forma achámos importante questionar os Encarregados de Educação sobre quem utiliza o computador em casa.

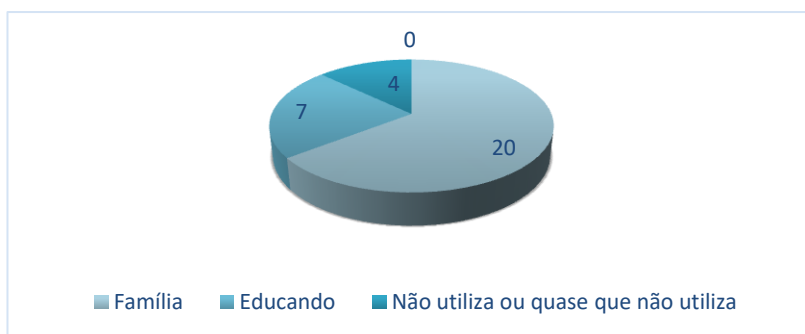


Gráfico 5- Dados sobre os utilizadores do computador em casa.

Desta forma, e após análise do Gráfico 5, podemos constatar que 23 % das nossas crianças, ou seja 7 utilizam o computador em casa, 13 % ou seja, 4 crianças ou não utilizam de todo ou praticamente não o fazem, 64% dos familiares (pai, mãe e irmão) utilizam o computador em casa. As duas crianças que não possuem computador não fazem parte desta amostra.

Das duas crianças que não têm computador em casa, uma não utiliza qualquer meio de comunicação digital (tablet, telemóvel) e desta forma o seu encarregado de educação não respondeu às restantes questões acerca do desenho em suporte digital; a outra criança diz que utiliza o telemóvel e o tablet e respondeu às questões sobre a utilização destes meios de comunicação.

Das crianças que têm computador em casa duas delas não o utilizam de nenhuma forma, apenas é utilizado pelos pais. Estas duas crianças, como não utilizam nem o computador, nem outro tipo de suporte digital, os seus encarregados de educação não responderam às restantes questões, desta forma, todas as restantes questões deste questionário, relativamente ao desenho em suporte digital, apenas foram respondidas por 10 Encarregados de Educação.

A questão que foi colocada de seguida fazia referência ao número de vezes por semana que cada educando utilizava o computador. Esta questão tinha vários intervalos de tempo e através da análise do Gráfico 6 podemos constatar que:

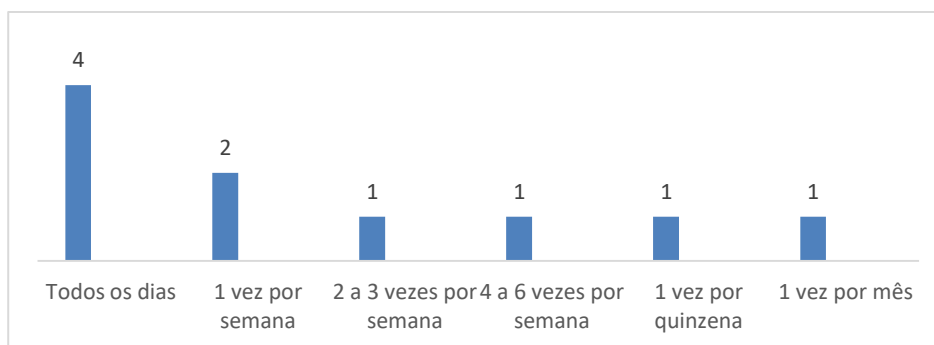


Gráfico 6- Dados sobre o número de vezes que utiliza o computador

Das 10 crianças, quatro delas utiliza o computador em casa todos os dias, duas crianças apenas o fazem uma vez por semana, uma criança utiliza de duas a três vezes por semana, a utilizar de quatro a seis vezes por semana há apenas uma criança. As restantes duas crianças que quase não utilizam o computador, uma delas apenas o faz uma vez por quinzena e a outra uma vez por mês. Podemos afirmar, de acordo com os dados, que a utilização diária pode ser considerada como uma espécie de ‘exceção’ dado que apenas 40 % o faz diariamente.

A quinta questão colocada aos Encarregados de Educação tinha como objetivo perceber se os inquiridos utilizavam o computador de forma autónoma ou com ajuda de terceiros. Após análise das respostas dadas, podemos verificar que apenas duas crianças utilizam o computador sozinhas. Três crianças utilizam acompanhadas e para realizar jogos e cinco crianças necessitam de ajuda na utilização do computador.

Através da análise dos inquéritos podemos perceber que a maioria das crianças que necessitam de ajuda para utilizar o computador, o fazem devido à sua idade, pois três das cinco crianças têm apenas três anos de idade. As crianças que utilizam o computador acompanhado e para realizar jogos, fazem-no com os seus irmãos. As crianças que por norma utilizam o computador de forma autónoma apresentam uma idade de cinco anos o que pode ser considerado um fator de maior confiança a nível da utilização das TIC.

Quando questionámos sobre o tipo de atividades que o educando costumava realizar no computador as respostas dos Encarregados de Educação foram variadas, desta forma, procedemos à realização do gráfico 5 para ser mais fácil a sua interpretação. Através deste podemos concluir 3 utilizam tanto para ver filmes como para realizar um desenho, apenas um inquerido utiliza para navegar na internet, 6 crianças dizem que o computador serve para ouvir música e 7 utiliza o computador para jogar.

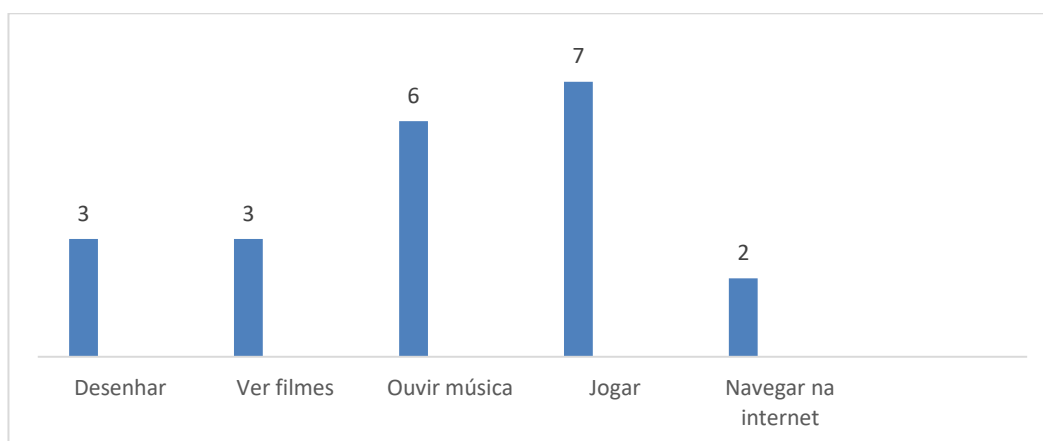


Gráfico 7- Atividades realizadas no computador

Dos três Encarregados de Educação que responderam que o seu educando costuma desenhar no computador, quando questionados sobre quais os programas que utilizavam para realizar esses desenhos, um não respondeu, outro respondeu *Word* e só o terceiro mencionou o programa de desenho *Paint*. Desta forma, podemos concluir que o programa *Paint* não é utilizado em casa por quase nenhuma criança, e esta criança que diz utilizar, apenas o faz porque no jardim de infância se trabalhou esse mesmo programa. O desenho digital não é utilizado por quase nenhuma criança deste jardim de infância.

De seguida quisemos saber se os inqueridos utilizavam o rato quando estão a manusear o computador, três responderam que sim, que utilizam o rato e sete responderam que não utilizam. Esta fator vai ao encontro das dificuldades que a investigadora sentiu nas sessões de intervenção, pois por vezes o manuseamento do rato foi um grande problema na execução das atividades.

Em relação à questão se o ecrã que utilizam é tátil oito responderam que não, e apenas duas crianças têm um suporte digital com ecrã tátil.

Como a maioria das crianças não realiza nenhum desenho gráfico, achamos importante questionar sobre quais os motivos que as leva a não realizar esse tipo de atividade. Nem todos os encarregados de educação responderam, mas de entre as respostas dadas podemos salientar algumas que achamos ser mais relevantes para a nossa investigação. Alguns encarregados de educação referiram que o seu educando sentiu dificuldades em manusear o rato e outras referiram que não conhecem as funções de cada ferramenta. Referiram ainda que nem sempre têm disponível uma ferramenta para imprimir o trabalho e a maior parte que não se sente à vontade para desenhar no computador. Esta constatação relaciona-se com o fato de ser difícil a realização do desenho digital, e o facto do desenho analógico ser mais fácil, mas a maioria referiu mesmo que para o seu educando o computador só serve mesmo para jogar. Esta afirmação dos encarregados de educação, veio reforçar a conclusão a que nós chegamos através desta investigação. Estas crianças consideram que o desenho em suporte analógico é mais fácil de realizar e preferem utilizar o computador para realizar jogos ou ver filmes.

A última questão colocada sobre o desenho com recurso ao suporte digital relacionava-se com as vantagens que os educandos associavam a esse suporte. As respostas mais dadas foram o fato de demorar menos tempo para colorir os desenhos e de ter um grande leque de cores disponíveis, estas vantagens já tinham sido referidas por algumas crianças durante as sessões de intervenção. Também referiram o fato de poderem apagar e começar de novo e um encarregado de educação referiu que o seu educando mencionou como vantagem o fato de estar a utilizar o computador.

4.3- Questões relacionadas com o desenho em suporte analógico

Após realizadas e analisadas todas as questões relacionadas com o desenho em suporte digital, procedemos à análise das questões referentes ao suporte analógico.

A primeira questão que colocámos aos Encarregados de Educação, foi se o seu educando gostava de desenhar utilizando uma folha de papel como suporte. Das 13 respostas que obtivemos, todas foram positivas, ou seja, todos os Encarregados de Educação referiram que os seus educandos gostam de desenhar utilizando o suporte analógico, contrariamente ao que tinha acontecido em relação ao suporte digital.

A questão que colocámos de seguida era sobre o número de vezes por semana que cada criança realizava um desenho. As respostas possíveis eram: todos os dias, 1 vez por semana, 4 a 6 vezes por semana, 2 a 3 vezes por semana, 1 vez por quinzena e ainda 1 vês por mês. Para uma melhor análise e interpretação das respostas realizámos o gráfico 6. Após análise do mesmo, podemos constatar que apenas uma

criança realiza um desenho todos os dias, quatro crianças realizam um desenho recorrendo a uma folha de papel 4 a 6 vezes por semana, cinco crianças fazem-no 2 a 3 vezes por semana e 1 vez por semana responderam três crianças.

Tendo em conta que as crianças gostavam tanto de desenhar, achamos importante questionar se o faziam de forma espontânea e por vontade própria. As respostas que obtivemos foram também elas todas positivas, ou seja, 100% respondeu que realizam o desenho por espontânea vontade.

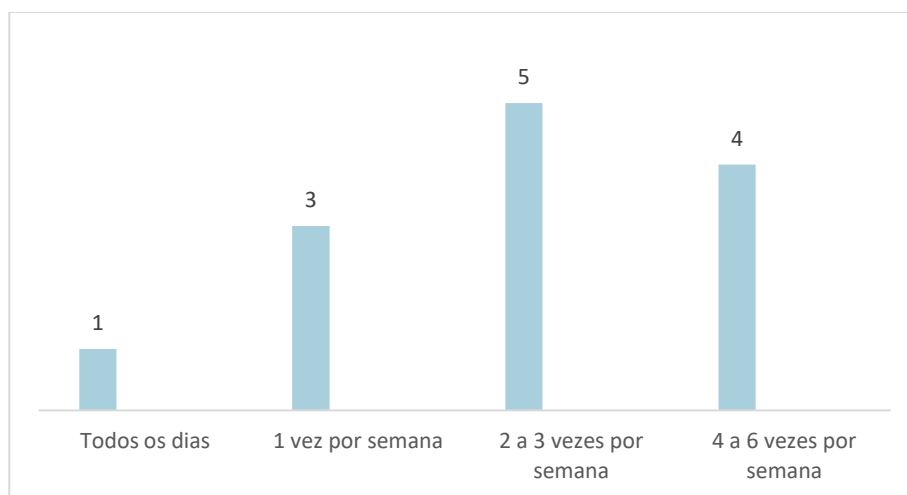


Gráfico 8- Quantidade de desenhos realizados

Os materiais que têm ao dispor para realizar o desenho, podem ser muito importantes para a motivação das crianças pois se não tiverem ao seu dispor material que permita desenhar, as crianças não vão demonstrar interesse em realiza-lo. Mas, por sua vez, se tiverem uma variedade de materiais para realizarem esta atividade, a motivação das crianças irá aumentar. A questão que colocámos de seguida era sobre os tipos de materiais que as crianças mais gostavam de utilizar para desenhar. Para ser mais fácil a interpretação dos resultados, realizámos o Gráfico 9.

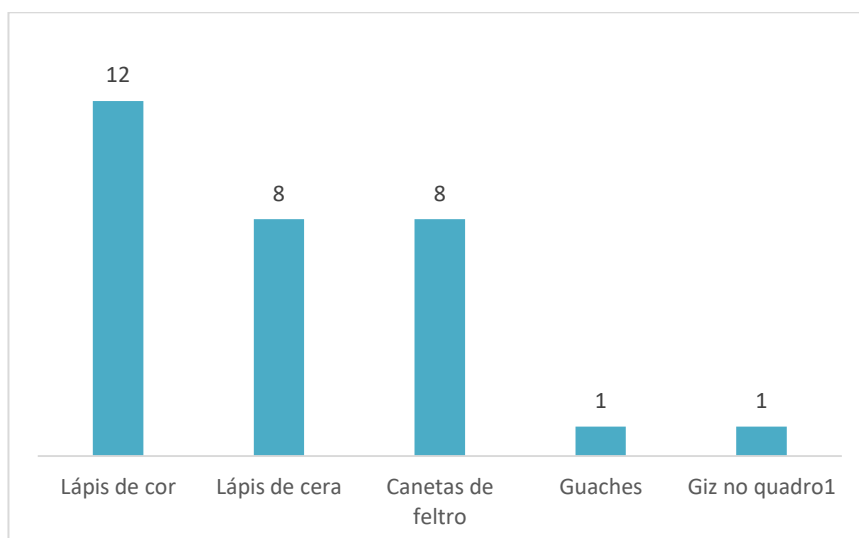


Gráfico 9- Material utilizado na realização dos desenhos

Através da análise do Gráfico 9 podemos constatar que a maioria das crianças utiliza lápis de cor na realização dos seus desenhos, as canetas de feltro e os lápis de cera são utilizados por igual número de crianças e, por fim, temos uma minoria de crianças que utiliza tinta de guache e giz para desenhar. Com a análise desta questão, podemos inferir que a maioria das crianças têm em casa à sua disposição lápis de cor, lápis de cera e ainda canetas de feltro, como material para realizar atividades de desenho.

O desenho é uma atividade de exteriorização de sentimentos, pensamentos, desejos, desta forma, achamos pertinente saber o que se desenha e porque se desenha. Neste sentido, questionámos os Encarregados de Educação se os seus educandos partilhavam com eles os desenhos que realizavam, todos responderam de forma positiva. Se existe esta partilha então é importante conversar sobre a mesma, questionámos se conversavam sobre os desenhos realizados e todos responderam que sim exceto um encarregado de educação que diz que nunca fala com o seu filho sobre os desenhos que realizou.

Os nossos Encarregados de Educação falam acerca dos desenhos realizados, mas será que percebem o que foi feito? Desta forma questionamos se compreendiam os desenhos realizados pelo seu educando e quase todos responderam que sim, houve apenas um encarregado de educação que respondeu que não percebe o que o seu filho desenha e um outro refere que compreende de acordo com aquilo que ele lhe vai explicando. Desta forma, podemos perceber que há uma interação importante entre a criança que desenha e o encarregado de educação que tenta conhecer e perceber aquilo que foi desenhado.

O desenho é considerado por todos os encarregados de educação como sendo uma atividade importante para o desenvolvimento dos seus educandos pois permite desenvolver a expressão e a criatividade e ainda desenvolve a capacidade de atenção e concentração.

As últimas questões do nosso questionário eram mais focadas na opinião dos encarregados de educação sobre o formato onde preferiam que a criança desenhasse e onde pensavam que o seu desempenho seria melhor. Todas as respostas foram iguais, todos os encarregados de educação preferem que os desenhos sejam realizados no papel e todos acreditam que o seu desempenho será melhor se for utilizado o papel como suporte em vez do computador. As justificações dadas encontram-se transcritas no Quadro 26.

Quadro 26- Análise de conteúdo relativa à questão, “prefere que o seu filho desenhe no papel ou no computador? Justifique a sua opinião”

Justificação dada pelos Encarregados de Educação à questão “Prefere que o seu filho desenhe no papel ou no computador?”	<i>Papel, acredito que ela desenvolve mais</i>
	<i>Papel, é muito novo para utilizar o computador</i>
	<i>Papel, ele ainda não utiliza o computador</i>
	<i>Papel, para desenvolver a capacidade de escrita</i>
	<i>No papel, é mais bonito, divertido e mais intuitivo</i>
	<i>Papel, porque não tem computador</i>
	<i>No papel, porque parece que ele se expressa melhor</i>
	<i>Papel, porque está mais à vontade</i>
	<i>Papel, porque aprende a pegar nos marcadores</i>
	<i>Papel, pois melhor expõe a sua imaginação</i>
	<i>Papel, menos horas ao computador</i>
	<i>Papel, porém, vou iniciar o uso do Paint</i>
	<i>Papel, porque ela gosta mais</i>

Podemos concluir, através destas respostas, que os nossos encarregados de educação acham que é através do papel que os seus educandos vão ganhar mais destreza manual e desenvolver mais facilmente capacidades que no futuro irão ajudar na escrita e correta pega da caneta. Eles referem também que as crianças já passam tanto tempo no computador a realizar jogos, que por vezes a forma que encontram deles deixarem este suporte é pedindo-lhes que realizem um desenho utilizando como base uma folha de papel.

Para os encarregados de educação, a criatividade e imaginação das crianças é mais desenvolvida quando recorrem ao suporte analógico.

Após a conclusão da análise dos inquéritos aos encarregados de educação, podemos concluir que todos preferem que o seu educando desenhe no suporte analógico, para eles, a folha de papel desenvolve muito mais capacidades nos seus educandos e é um meio onde os resultados finais são mais criativos e complexos.

O suporte digital, aparece mais como uma forma de manter os seus educandos ocupados e sem que tenham a necessidade de apoio e supervisão por parte do adulto. Estas crianças quando estão num computador, telemóvel ou tablet, fazem-no sozinhos, estando a maior parte das vezes o adulto ocupado a realizar outras atividades. O computador é simplesmente uma forma lúdica de ocupar o tempo destas crianças.

5- Triangulação dos dados obtidos

Através do cruzamento comparativo dos dados obtidos nas sessões de intervenção (observação participante, notas de campo e registos fotográficos), nos questionários aos encarregados de educação e nas entrevistas semiestruturadas às educadoras de infância foi-nos possível realizar uma triangulação de dados de forma a aferir com maior rigor a análise efetuada.

Através dos questionários realizados aos encarregados de educação bem como das entrevistas semiestruturadas realizadas às educadoras de infância, podemos concluir que o desenho analógico está bem presente no quotidiano das nossas crianças. É uma atividade utilizada diariamente e com diferentes finalidades. No que se refere ao desenho digital, podemos inferir que o mesmo não é muito utilizado no jardim de infância por parte das educadoras de infância e mesmo em casa, o computador é quase sempre utilizado para jogar e não para realizar este tipo de atividades. O principal enfoque na utilização do computador diz respeito aos jogos educativos, como referem os encarregados de educação.

A utilização do desenho digital nas sessões de intervenção veio comprovar que a utilização das TIC é um fator que motiva os alunos e enriquece o processo de ensino e aprendizagem, pois, as crianças que nunca tinham realizado este tipo de atividades, demonstraram com o passar do tempo um maior interesse e motivação para a sua realização, contudo, este tem que ser mais incentivado e demonstrado pelo adulto. Estas crianças gostaram de utilizar as TIC, mas só o fizeram porque o adulto os incentivava e os motivava, pois por iniciativa própria não era muito frequente a utilização do computador como suporte para desenhar.

Desse modo, inferimos que é importante utilizar as TIC em contexto de jardim de infância, sendo a sua utilização um fator positivo nas aprendizagem e motivação das crianças. Através das entrevistas realizadas às educadoras de infância, podemos perceber que há a preocupação das crianças dominarem diferentes softwares (Word, Paint), bem como conhecerem os diferentes aspetos práticos (saber o que é o ecrã, o rato, como se guarda um trabalho...), contudo não fazem parte dos objetivos traçados pelas educadoras de infância para o seu trabalho diário. Estas educadoras de infância sabem efetivamente a importância das TIC e em outros anos de escolaridade até as usavam com mais frequência, mas neste caso, e com estas crianças, o mesmo não acontecia. Na prática as TIC não eram tão utilizadas como deveriam, mas por opção das educadoras ou pelas próprias características do grupo, ou por falta de material, as mesmas não eram utilizadas.

Vivemos numa sociedade em que as tecnologias se encontram muito presentes no nosso dia-a-dia, seja em contexto pessoal, como em contexto profissional. Deste modo, também as TIC começaram a surgir em contexto escolar, de uma forma progressivamente mais ativa e mostrando um grande potencial no suporte das aprendizagens quando utilizadas nos jardins de infância servindo como um fator de

motivação para as crianças, além de os preparar, através da aquisição de competências digitais, para o seu futuro. Desta forma, cabe ao adulto utilizar estas ferramentas e motivar as crianças à sua correta utilização.

Através da triangulação dos dados obtidos podemos dizer que tanto o desenho digital como o desenho analógico são potenciadores de aprendizagens, permitindo o desenvolvimento de competências expressivas e criativas, mobilizando, paralelamente, o domínio de destrezas motoras e de diferentes suportes sensoriais.

Podemos assim concluir que após reflexão de todos os dados obtido, o desenho digital e o desenho analógico podem ser efetivamente um recurso educativo repleto de potencialidades para as crianças, desde que utilizado de forma recorrente. As crianças na nossa investigação, embora tenham gostado muito de desenhar utilizando o suporte digital, demonstraram sempre um maior à vontade e preferência pelo suporte analógico. Se questionadas sobre qual o suporte onde queriam desenhar, o analógico era sempre o mais escolhido.

Capítulo VI - Considerações finais

1- Considerações finais

Começamos por realçar que este foi um trabalho realizado com bastante entusiasmo e que envolveu pesquisas diversificadas. De acordo com o estudo realizado, revendo toda teoria de suporte e cruzando a mesma com toda a prática realizada durante o nosso estudo, podemos aferir que as crianças ganharam mais competências digitais através da realização da nossa investigação e sessões de intervenção.

Ao longo da realização das práticas e da investigação, sustentamo-nos em pesquisas bibliográficas, no sentido de dar corpo teórico/prático ao nosso trabalho. Nestas pesquisas foi possível adquirir conhecimentos que nos fizeram perceber a importância que o desenho da criança assume e o papel que desempenha no seu processo de desenvolvimento, quer seja realizado a nível digital, quer com suporte analógico.

Utilizando uma investigação-ação e tendo como base os diferentes instrumentos e técnicas de análise de dados, foi-nos possível verificar através da análise de dados que os objetivos que delineamos estavam de acordo com a questão problema que foi por nós levantada. A opção pela metodologia de investigação-ação constituiu uma experiência investigativa significativa, exigindo a mobilização de conhecimentos teóricos e competências práticas, articulando a planificação, a ação, a análise e reflexão do processo do agir pedagógico.

Tendo em conta a questão problema levantada, relembramos os objetivos:

- Promover a utilização das tecnologias digitais no âmbito da expressão gráfica numa sala de atividades de um Jardim de Infância com crianças de 5 /6 anos;
- Identificar as competências de expressão gráfica apresentadas pelas crianças no desenho digital e no analógico;
- Registrar a reação das crianças face à realização dos desenhos nos dois suportes;
- Identificar os elementos gráficos e narrativos nos desenhos analógicos e digitais; analisar as opções digitais utilizadas pelas crianças nos seus desenhos digitais;
- Observar quais as ferramentas mais utilizadas no desenho digital;
- Analisar as competências expressivas dos desenhos em suporte digital e em suporte analógico;
- Refletir sobre as potencialidades dos dois suportes para o desenvolvimento da criança.

Ao definirmos o primeiro objetivo, promover a utilização das tecnologias digitais no âmbito da expressão gráfica numa sala de atividades de um Jardim de Infância com crianças de 5 /6 anos, tínhamos como propósito promover a utilização das TIC de forma a potencializar as aprendizagens das crianças, nomeadamente no domínio das

destrezas expressivas, sensoriais e grafo motoras. As crianças da nossa amostra apresentavam idades entre os 4 e os 5 anos.

Este objetivo foi alcançado, pois no final da PSEPE as crianças já solicitavam o computador para realizar desenhos e não apenas para realizar jogos educativos, como pudemos verificar “andei a desenhar em casa. Como tinha feito o outro desenho e gostei, resolvi fazer mais destes desenhos na minha casa”, (Notas de campo do dia 9/12/2020). Outra reação que vem reforçar esta ideia foi quando outra criança questionou se podia fazer outro desenho no computador, (Notas de campo do dia 9/12/2020).

O fato da orientadora cooperante não ter por hábito a utilização das tecnologias na sua sala de atividades, foi um fator que trouxe alguns obstáculos iniciais à nossa investigação, pois estas crianças não estavam habituadas a utilizar o computador em sala de aula como uma forma de aprendizagem. Ao longo da implementação das atividades foi possível constatar um progressivo interesse do grupo de crianças na realização dos desenhos em formato digital, mantendo, ao mesmo tempo, a motivação na realização dos desenhos em formato analógico. Esta evolução teve também como suporte o facto de as crianças terem aprendido a dominar as ferramentas associadas ao programa *Paint*.

Todos estes contratempos foram ultrapassados e no final da nossa prática supervisionada as TIC já eram utilizadas de forma a desenvolver a aprendizagem e competências expressivas das crianças.

O segundo objetivo proposto por nós, identificar as competências de expressão gráfica apresentadas pelas crianças no desenho digital e no analógico foi atingido e pôde ser comprovado quando realizámos a interpretação dos desenhos realizados utilizando os dois suportes. As produções das crianças evidenciaram o desenvolvimento das suas competências gráficas através da utilização de diferentes materiais e ferramentas que dinamizaram a sua expressão grafo motora e expressiva.

O objetivo seguinte de registar a reação das crianças face à realização dos desenhos nos dois suportes foi registado através das notas de campo retiradas ao longo de toda a nossa prática supervisionada. No início era mais notório o pouco à vontade das crianças em relação ao desenho digital, com o passar das sessões de intervenção foi possível verificar que as crianças adquiriram mais confiança e à vontade com este tipo de suporte. As dificuldades que foram surgindo no decorrer da investigação, foram sempre ultrapassadas o que demonstra aquisição de conhecimentos por parte das crianças. Estes conhecimentos adquiridos dizem respeito ao *Paint* e a todas as suas funcionalidades, uma vez que era um programa totalmente novo para estas crianças. Também no manuseamento do rato existiram dificuldades que foram sendo colmatadas no decorrer das sessões.

Identificar os elementos gráficos e narrativos nos desenhos analógicos e digitais foi sempre possível quer através da nossa observação direta quer por questionamento às próprias crianças que sempre se mostraram bastante interessadas

e empenhadas em realizar as atividades propostas e a comentar as suas produções gráficas.

Os dois objetivos que se seguem, analisar as opções digitais utilizadas pelas crianças nos seus desenhos digitais e observar quais as ferramentas mais utilizadas no desenho digital pode ser verificado na descrição das sessões de intervenção, mas de uma forma geral, as principais função utilizadas foram a borracha para apagar pequenos erros que ocorriam, o lápis servia para desenhar, pincel utilizado para pintar, lata de tinta utilizado para colorir toda uma superfície e caixa de cores onde podiam selecionar qual a cor que pretendiam.

Para concluir, o último objetivo foi analisar as competências expressivas nos desenhos em suporte digital e em suporte analógico e refletir sobre as potencialidades dos dois suportes para o desenvolvimento da criança. As evidências produzidas pelas crianças permitiram aferir que as atividades implementadas promoveram as competências expressivas, mobilizando, paralelamente, o domínio de destrezas motoras e de diferentes suportes sensoriais.

Realçamos, ainda, o facto de a implementação da sessão introdutória ter desempenhado um papel central no desenrolar das sessões seguintes pelo facto de ter permitido a experimentação de uma nova ferramenta de suporte à realização do desenho, condição básica para as aprendizagens pretendidas.

O tempo de implementação da investigação foi insuficiente para analisar de uma forma mais rigorosa e contínua as evoluções pretendidas. Seria, também, interessante termos proposto atividades de desenho livre para observar a dimensão criativa das produções realizadas pelas crianças. Contudo, foi possível promover aprendizagens importantes, nomeadamente o domínio técnico do programa *Paint*, condição necessária para que a livre expressão das crianças se concretize.

As potencialidades de cada suporte foram realçadas durante toda a PSEPE e sempre que se realizava este tipo de atividades, no final as crianças demonstraram uma maior abertura para o desenho digital pois perceberam que este tinha muito mais potencialidades do que aqueles que eles conheciam. O fato de pedirem para enviar para os pais ou para imprimir, demonstrou a aquisição de algumas destas potencialidades, embora não desenvolvidas da forma desejada pela investigadora.

Os dados obtidos através das entrevistas semiestruturadas às três educadoras de infância do jardim de infância em questão permitiram compreender a forma como encaram as TIC e a utilização que é feita pelas mesmas durante a sua prática. Podemos também compreender a importância que cada uma dá ao desenho e qual a intenção com que realizam esta atividade tão enriquecedora para as crianças.

De acordo com os dados obtidos através dos inquéritos por questionário realizados aos encarregados de educação, podemos conhecer quais os hábitos que as nossas crianças têm na utilização do computador bem como conhecer um pouco mais

dos seus interesses quer nos desenhos digitais, quer nos desenhos analógicos quando estão fora do ambiente escolar, ou seja, nas suas casas.

Em relação à sessão introdutória e às três sessões de intervenção realizadas com as crianças, estas proporcionaram várias aprendizagens aos mesmos, de uma forma mais prática, lúdica, criativa e motivadora, tendo-se mostrado como uma mais-valia.

A Prática de Ensino Supervisionada visa proporcionar aos formandos oportunidades de realização de aprendizagens significativas e desenvolver competências que lhes possibilitem um desempenho profissional de qualidade. Pensamos também que o ambiente de aprendizagem era agradável e permitia aprendizagens enriquecedoras e houve sempre um à vontade e uma boa relação entre todos os participantes.

Ao longo da nossa prática consideramos essencial a importância de planificar, observar, refletir e avaliar, com o apoio fundamental da professora supervisora e da orientadora cooperante. Fomos percebendo que cada vez mais as crianças se sentiam à vontade connosco, demonstrando também, um maior empenho e entusiasmo na realização de tarefas, sobretudo quando se envolviam em atividades onde se recorria ao desenho digital. Pensamos também que o ambiente de aprendizagem era agradável e permitiu experiências enriquecedoras tendo-se verificado uma boa relação entre todos os participantes.

Como nem sempre tudo corre bem quando se fala de investigação, achamos importante referir alguns fatores de foram um pouco limitadores deste estudo, assim, a falta de assiduidade das crianças fez com que muitas vezes as atividades tivessem que ser ajustadas no próprio dia ou alteradas para outro dia. Outra das limitações foi o fato da investigadora ser principiante e inexperiente no processo investigativo, contudo, tentamos sempre ultrapassar as dificuldades que foram surgindo através da realização de reflexões.

Outra grande dificuldade diz respeito às medidas de contenção motivadas pela COVID-19 que fez com que o ensino terminasse mais cedo que o esperado e ainda o fato da própria investigadora ter ficado em isolamento. Esta fato fez com que duas das sessões de intervenção pensadas pela investigadora não se pudessem realizar. Desta forma, sentimos que o tempo foi escasso para desenvolver o estudo, de modo a torná-lo mais completo.

Tal como foi referido ao longo do relatório, a expressão gráfica constitui uma forma de expressão e comunicação para a criança, desta forma, é indiscutível a importância que a expressão gráfica apresenta no desenvolvimento harmonioso e integral de cada criança.

O desenho infantil é considerado pela generalidade dos autores referidos no enquadramento teórico como a atividade gráfico-plástica mais utilizada no período da infância, sendo uma expressão integrada do desenvolvimento motor, percetivo, cognitivo e emocional da criança.

O estudo implementado pretende ser um pequeno contributo ao desafio colocado pelas autoras das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar quando referem “As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação”

É importante referir que o presente relatório integra apenas uma breve referência à Prática de Ensino Supervisionada em 1º ciclo do Ensino Básico pois como a investigadora já possuía uma licenciatura em 1ª Ciclo do Ensino Básico apenas teve que rever alguns conteúdos e fazer sim a sua intervenção e estudo na vertente de jardim de infância.

2- Limitações da investigação

No decorrer da investigação surgiram algumas dificuldades e limitações para a realização da mesma que achamos ser importante referir. A maior dificuldade foi sem dúvida a curta duração da PSEPE. O facto de a investigadora ter ficado ausente durante duas semanas devido a problemas de saúde e o facto dos jardins de infância terem encerrado mais cedo, fez com que algumas das atividades inicialmente planeadas, não se pudessem realizar e desta forma duas funções importantes do *Paint* não puderem ser devidamente trabalhadas, o imprimir os desenhos e enviar por email.

Outra grande dificuldade foi, sem dúvida, a inexperiência da investigadora, contudo, essa inexperiência foi colmatada através da metodologia de trabalho utilizada. O facto de ser uma investigação-ação, fez com que conseguíssemos ir refletindo sobre as práticas educativas que estávamos a utilizar, aceitávamos as críticas que nos eram feitas de forma construtiva e fazíamos com que se tornassem num ponto de partida para uma melhor prática. O facto de algumas competências da investigadora não estarem ainda bem desenvolvidas, traduziram-se em alguns erros na construção dos questionários ou procedimentos metodológicos que foram sempre devidamente reformulados, orientados e corrigidos.

A assiduidade ou, neste caso, a falta de assiduidade das crianças foi uma grande limitação, o facto de nunca saber quantas crianças estariam presentes e se tínhamos um número suficiente de crianças para realizar as atividades que estavam planeadas foi um obstáculo que por vezes não foi fácil de contornar.

Queremos realçar um outro aspeto importante relacionado com os dados obtidos através dos questionários aos encarregados de educação, o número de participantes foi um pouco reduzido e muitos deles não responderam a todas as questões.

Apesar das limitações patentes, a investigação foi desenvolvida de modo positivo, pois foram cumpridos todos os objetivos que foram previamente pensados e delineados.

3- Sugestões para futuras investigações

Com base no estudo realizado e através dos resultados obtidos, atentamos que seria importante realizar outros estudos nesta área utilizando uma amostra com maior literacia informática e particularmente mais experiente em programas de desenho.

Uma possível sugestão seria a aplicação desta mesma investigação em mais do que um grupo de crianças com a mesma faixa etária, de modo que pudessemos comparar os resultados e verificar se os mesmos são ou não semelhantes e identificando as razões para as eventuais diferenças de resultados.

Também consideramos pertinente fazer uma análise do tipo de desenhos que os sujeitos fariam nos dois suportes, se lhes fosse dada a possibilidade de realizarem desenhos livres.

Se no futuro voltasse a realizar esta investigação certificava-me que haveria uma impressora disponível para poder imprimir os desenhos realizados e assim poder trabalhar mais esta funcionalidade do programa *Paint* tão importante, mas tão pouco trabalhada.

Também, logo nas primeiras sessões de intervenção, iria enviar os desenhos realizados no suporte digital por email para algum familiar da criança e assim demonstrar que aquele desenho que estava naquele computador facilmente e com muita rapidez podia viajar e ir até ao computador de outra pessoa.

Como sugestão, e de acordo com as experiências vivenciadas, as TIC deveriam ser mais utilizadas no Jardim de Infância de forma que, quer as crianças, quer as educadoras, pudessem explorar as suas múltiplas funcionalidades e oportunidades de aprendizagem.

Se pudessemos ter uma amostra de maiores dimensões e por um período mais alargado de tempo, poderia permitir uma maior clareza e certeza nos resultados obtidos.

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*: Universidade Aberta.
- Alexandroff, M. C. (2010). *Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. Construção psicopedagógica*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n17/v18n17a03.pdf>.
- Amante, L. (2003). *A integração das Novas Tecnologias no Pré-escolar: um estudo de caso*. (Tese de Doutoramento) Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/2488>
- Amante, L. (2004a). Explorando as novas tecnologias em contexto de educação pré-escolar: a actividade de escrita. *Análise Psicológica*, 1, XXII, pp. 139-154.A
- Amante, L. (2004b). As Tecnologias da informação e da Comunicação na Educação Pré-Escolar: excertos de um percurso. *Escola Moderna*, 25, MEM, 5-36.
- Amante, L. (2004d). Interação Social e Utilização do Computador no Pré-Escolar. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 38 – 1, 2 e 3, 425-450.
- Amante, L. (2007). As TIC na Escola e no Jardim de Infância: motivos e fatores para a sua integração. *Revista De Ciências da Educação*, 3, 51-64.
- Amante, L. (2011). *As tecnologias digitais na escola e na educação infantil*: Editora Melo.
- Amante, L. & Faria, Á. (2014). Escola e tecnologias digitais na infância. Em P. Torres, *Complexidade: Redes e conexões na produção do conhecimento* (pp. 255- 284). SENAR - Pr.
- Andrade, L. C. (2005). *O desenho como expressão no aprendizado infantil: caminhos e possibilidades*. (Dissertação), Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: o desenho como expressão no aprendizado infantil: caminhos e possibilidades - pdf free download (docplayer.com.br).
- Barros, P. E. (2000). *Da nascente à voz, Contributos para uma pedagogia da leitura*: Editorial Caminho.
- Bels, C. W. (2013). A função social e comunicativa da expressão gráfica infantil. *XV Seminário Internacional da Educação no Mercosul*, Disponível em: a função social e comunicativa da expressão gráfica infantil.pdf (unicruz.edu.br).
- Bombonato, G & Farago, A. (2016), As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, 3 (1), 171-195.
- Brito, R. (2010). As TIC em educação pré-escolar portuguesa: atitudes, meios e práticas de educadores e crianças. *António Osório; M. Pinto. 1ª Encontro @rcaComum* (pp. 3-11): Universidade do Minho.
- Brito, C. M. (2011). *O computador no pré-escolar. Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada II*: Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

- Brittain, W. L. & Lowenfeld (1977). *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*: Editora Mestre Jou.
- Campos, M. (2017). *Promoção de hábitos alimentares saudáveis na Educação Pré-Escolar - Uma estratégia de intervenção contextualizada e dirigida*. (Relatório de Estágio). Instituto Politécnico de Portalegre: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
- Carvalho, A. A. A. (2006). Indicadores de Qualidade de Sites Educativos. *Cadernos SACAUSEF – Sistema de Avaliação, Certificação e Apoio à Utilização de Software para a Educação e a Formação*, Número 2, Ministério da Educação, 55-78.
- Coelho, A., Vale, V., Bigotte, E., Figueiredo-Ferreira, A., Duque, I., & Pinho, L. (2015). Oferta educativa outdoor como complemento da Educação Pré-Escolar: Os benefícios do contacto com a natureza. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*. Vol. Extr., N.º 10, 111-117.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, J. (2009). *Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas*. Braga: Instituto de Educação, Universidade do Minho. 355 – 379. Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%
c3%a7%c3%a3o_Ac%
c3%a7%c3%a3o_Metodologias.PDF](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%c3%a7%c3%a3o_Ac%c3%a7%c3%a3o_Metodologias.PDF).
- Delgado, G. C. S. (2017). *Abordagens educativas na educação pré-escolar: utilização das TIC e de materiais manipuláveis na aprendizagem da matemática*. (Dissertação de Mestrado): Instituto Politécnico de Leiria. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.8/2849>.
- Denzin, K. & Lincoln, S. (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa*: Artmed
- Derdyk, E. (1989). *Formas de pensar o desenho*: Scipione.
- Dias, M. I. C. (1994). *O inquérito por questionário: Problemas teóricos e metodológicos*. (Relatório) Universidade do Porto, Faculdade de Letras.
- Dias, P. & Brito, R. (2020). *DigiKids 0-3 Uso de dispositivos com ecrã por crianças até aos 3 anos: As perspetivas e práticas de pais e educadores de infância*. Centro de Estudos em Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/31513>.
- Duarte, A. (2012). *O Contributo das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação Pré-Escolar*. (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Beja. Escola Superior de Educação. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/3958>
- Flores, P., & Peres, A. (2011). O retrato da integração das TIC no 1º ciclo: que perspetivas? *In VII Conferência Internacional de TIC na Educação*, pp. 401-410. Universidade do Minho.
- Ganhão, A. R. (2017). *Brincar sem teto: A Importância do Espaço Exterior na Creche e no Jardim de infância*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Setúbal. Escola Superior de Educação. Disponível em: [Tese-Final.pdf \(rcaap.pt\)](#).
- Godinho, A. F. F. (2016). *Desenvolver a autonomia das crianças em idade pré-escolar: os contributos das rotinas diárias*. Estudo de caso (Dissertação de mestrado). Instituto Superior de Educação e Ciências - Escola de Educação e Desenvolvimento Humano. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/19161>

- Godinho, J., & Brito, M. (2010). *As Artes no Jardim-de-Infância - Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Gonçalves, E. (1991). *A Arte descobre a criança*: Raiz Editora.
- Gonçalves, J. R. D. (2013). *As T.I.C. como recurso à inclusão de crianças com N.E.E.* (Dissertação de mestrado). Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/5334>
- González, F. B. (2009). La expresión plástica como fuente de creatividad. 1ºVolume, nº4. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 4-5.
- Homem, C., Gomes, B., & Montalvão, R. (2009). Workshop vivencial para pais e filhos - A importância da criatividade. *Cadernos de Educação de Infância*, (88), 41-46.
- Iavelberg, R. (2013). *O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores*: Zouk.
- Ilharco, F. (2008). A interculturalidade e as novas tecnologias. Em M. & Lages, *Portugal: percursos de interculturalidade* (Vol. V, pp. 141-184). Alto Comissariado para a Imigração das Minorias Étnicas.
- José Coelho, G. C. (2010). *Curso prático - essencial do Windows*. Universidade Aberta
- Lowenfeld, V. (1977). *A criança e sua arte*. 2ª edição: Mestre Jou.
- Luquet, G. (1969). *O desenho infantil*: Editora do Minho
- Martins, M. F. C. (2016). *A importância do desenvolvimento da autonomia na Educação Pré-Escolar como fator de sucesso à aprendizagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Educação e Ciências. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/20215>.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita*. Textos de Apoio para Educadores de Infância. DGIDC.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*: Porto Editora
- Melo, L. S. (S.D.) *O desenho infantil e suas etapas de evolução*. Disponível em: [tcc_2.pdf \(fslf.edu.br\)](http://tcc_2.pdf(fslf.edu.br)).
- Ministério da Educação. (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*: Departamento da Educação Básica – Núcleo da Educação Pré-escolar.
- Miranda, G. (2000). As crianças e os computadores. *Cadernos de Educação de Infância*, 56, 30-33.
- Molinari, I. C. (2013). A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. *Revista Científica*, Volume 7 (nº 1). Disponível em: <http://revistaunar.com.br/cientifica/volumes-publicados/volume-7-no1-2013>.
- Morais, M. S. G. (2016). *A importância da expressão plástica no desenvolvimento da criatividade das crianças em Educação Pré-Escolar*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Algarve. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.1/10044>

- Moreira, A. A. A. (1984). *O espaço do desenho: a educação do educador*: Loyola.
- Moreno, C. S. V. (2021). *As Tecnologias Digitais na Educação Pré-escolar em Cabo Verde*. (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Bragança. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/23858>.
- Parente, C. (2002). *Observar e escutar na creche: para aprender sobre a criança*. Universidade do Minho. Disponível em: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1839788>
- Passarinha, J. M. H. (2012). *O desenho como suporte de aprendizagem no contexto de jardim de infância*. (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Castelo Branco. Escola Superior de Educação
- Perregil, E. (2020). *A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na região autónoma da Madeira*. Universidade Aberta. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/10019>
- Piaget, J. (1969). *Seis estudos de Psicologia*. Forense.
- Piaget, J. (1971) *A formação do símbolo na criança*. Zahar.
- Pimentel, J. H. A. (2017). *A importância das histórias no Pré-Escolar*. (Dissertação de Mestrado), Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Coimbra. Disponível em: [Juliana_Pimentel.pdf \(rcaap.pt\)](#)
- Ribeiro, I. R. F. (2015), *O Desenho como Expressão de Sentimentos das Crianças*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Disponível em: [relatório- com anexos.pdf \(eseptf.pt\)](#)
- Santos, E. M. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coleção Nova Era. Educação e Sociedade. Quarteto Editora.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares no Pré-escolar (reformulação)*: Ministério da Educação.
- Silva, L. (2018). A importância do uso das TIC na educação. *Revista Científica Multidisciplinar*. Núcleo de conhecimento. Vol. 16. p. 49-59
- Silva, V. (2016). *A literatura infantil em sala de aula: verificando as formas de abordagens*. (Dissertação de mestrado). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Disponível em: [48584881.pdf \(core.ac.uk\)](#)
- Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância - Textos de Apoio para Educadores de Infância*: Ministério da Educação
- Sousa, A., B., (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. 1.º volume – Bases Psicopedagógicas. Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação* – 3.º Volume – Música e Artes Plásticas: Instituto Piaget.



- Souza, S. H. (2012). A Criança e a Expressão do Pensamento através do Grafismo. Revista *Thema*. 9(2). Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/135>
- Spodek, B. (2010). *Manual de investigação em educação de infância*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valente, L. (2011). Recursos Digitais para Utilização em Contexto Educativo: A Cana ou o Peixe? In P. Dias & A. J. Osório (Eds.), *Aprendizagem (In)Formal na Web Social* (p. 143-170). Centro de Competência da Universidade do Minho.

Legislação Consultada

- Despacho Conjunto n.º 268/97, de 25 de agosto.
- Direito das crianças. Disponível em: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textosinternacionais-dh/tidhuniversais/dc-declaracao-dc.html>
- Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar
- Lei-Quadro (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro)

Apêndices

Apêndice A- Planificação semanal da PSEPE

	<p>Nome: Rita Alexandra Dias Xavier Farromba Ribeiro Martins</p> <p>Data: De 9 a 11 de dezembro de 2020</p> <p>Idade das crianças: 3, 4 e 5 anos</p>	 <p>AFONSO DE PAIVA AGRUPAMENTO DE ESCOLAS CASTELO BRANCO</p> <p>Jardim Infância do Castelo</p>
---	---	---

Planificação Mensal de dezembro		
Tema/Projeto: O nosso Natal		
Formação Pessoal e Social	Construção da identidade e da autoestima	* Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultura
	Independência e autonomia	* Saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar; * Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros.
	Consciência de si como aprendiz	* Ser capaz de ensaiar diferentes estratégias para resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam. * Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem. * Cooperar com outros no processo de aprendizagem.
	Convivência democrática e cidadania	* Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social; * Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; * Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que rodeia a criança;
Expressão e Comunicação	Educação Física	* Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras; * Dominar movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como: trepar, correr, saltitar, deslizar, rodopiar, saltar a pés juntos ou num só pé, saltar sobre obstáculos, baloiçar, rastejar e rolar.

Educação Artística	Artes Visuais	<ul style="list-style-type: none"> * Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas; * Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa
	Jogo Dramático/Teatro	<ul style="list-style-type: none"> * Inventar e representar personagens e situações, por iniciativa própria e/ou a partir de diferentes propostas, diversificando as formas de concretização. <p>Apreciar espetáculos teatrais e outras práticas performativas</p>
	Música	<ul style="list-style-type: none"> * Identificar e descrever os sons que ouve. * Interpretar com intencionalidade expressiva-musical: cantos rítmicos, jogos e canções.
	Dança	<ul style="list-style-type: none"> * Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros. * Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações. * Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa. <p>Apreciar diferentes manifestações coreográficas usando linguagem específica e adequada</p>
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Comunicação oral	<ul style="list-style-type: none"> * Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; * Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente e de modo adequado à situação produção e funcionalidade.
	Consciência linguística -Consciência fonológica,	<ul style="list-style-type: none"> * Tomar consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras

	Matemática	Números e Operações	<ul style="list-style-type: none"> * Identificar quantidades através de diferentes formas de representação (contagens, desenhos, símbolos, escrita de números, estimativa, etc.). * Resolver problemas do quotidiano que envolvam pequenas quantidades, com recurso à adição e subtração.
		Geometria	<ul style="list-style-type: none"> * Localizar objetos num ambiente familiar, utilizando conceitos de orientação. * Identificar pontos de reconhecimento de locais e usar mapas simples. * Tomar o ponto de vista de outros, sendo capaz de dizer o que pode e não pode ser visto de uma determinada posição. * Reconhecer e operar com formas geométricas e figuras, descobrindo e referindo propriedades e identificando padrões, simetrias e projeções.
		Interesse e Curiosidade pela Matemática	<ul style="list-style-type: none"> * Sentir-se competente para lidar com noções matemáticas e resolver problemas
Conhecimento do Mundo	Introdução à Metodologia Científica		<ul style="list-style-type: none"> * Apropriar-se do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas: questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, experimentar e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-la
	Conhecimento do mundo social		<ul style="list-style-type: none"> * Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais.
	Conhecimento do mundo físico e natural		<ul style="list-style-type: none"> * Compreender e identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais. * Demonstrar cuidados com o seu corpo e com a sua segurança.
	Mundo Tecnológico e		<ul style="list-style-type: none"> * Reconhecer os recursos tecnológicos do seu ambiente e explicar as

	<p>Utilização das Tecnologias</p>		<p>suas funções e vantagens. * Utilizar diferentes suportes tecnológicos nas atividades do seu cotidiano, com cuidado e segurança</p>
--	-----------------------------------	--	---

Roteiro diário de atividades

<p style="text-align: center;">Atividades do dia 9 de dezembro de 2020</p>	
<p>Área de conteúdo, conteúdos e aprendizagens a promover</p>	<p>Atividades e materiais</p>
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Área da formação pessoal e social <ul style="list-style-type: none"> • Independência e autonomia <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer os diferentes momentos da rotina diária; ✓ Desenvolver a autonomia ✓ Adquirir a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros ❖ Área do conhecimento do mundo <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural <ul style="list-style-type: none"> ✓ Saber a importância da correta lavagem das mãos • Construção da identidade e da autoestima <ul style="list-style-type: none"> ✓ Verbalizar necessidades como ir à casa de banho, tenho fome ou sede 	<p>Rotinas diárias</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Atividades livres <ul style="list-style-type: none"> - Jogos diversos - Livros - Garagem / Carros ✓ Lanche da manhã <ul style="list-style-type: none"> - Bolachas - Água ✓ Higiene

<ul style="list-style-type: none"> ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> ● Números e Operações <ul style="list-style-type: none"> ✓ Contar o número de crianças ✓ Comparar o número de elementos de dois ou mais conjuntos ✓ Verificar que dois conjuntos têm o mesmo número de elementos ou determinar qual dos dois é mais numeroso; ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> ● Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Comunicação oral <ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreender as mensagens que lhe são dadas. ✓ Enriquecer o vocabulário <ul style="list-style-type: none"> - Vocabulário específico (neve; família; azevinho; enfeitar; lareira) ✓ Construir frases cada vez mais complexas. ✓ Comunicar eficazmente de modo adequado à situação ✓ Compreender que a leitura proporciona prazer a satisfação; ✓ Aperceber-se do sentido direcional da escrita 	<p>Acolhimento</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Preenchimento do placar das presenças. <ul style="list-style-type: none"> - Placar das presenças - Círculos verdes e vermelhos ✓ Contagem do número de crianças <p>Narração de uma história</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Análise da Capa, contracapa e guardas do livro “O Natal Especial da Família Neve” de Stella Gurney ✓ Leitura e exploração da história “O Natal Especial da Família Neve” de Stella Gurney ✓ Conversa sobre a história <ul style="list-style-type: none"> - livro
--	--

<ul style="list-style-type: none"> ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação artística – subdomínio da música <ul style="list-style-type: none"> ✓ Interpretar com intencionalidade expressiva – musical: canções. ✓ Cantar com controlo progressivo da melodia, da estrutura rítmica e da respiração. ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Comunicação oral <ul style="list-style-type: none"> ✓ Cantar, reproduzindo de forma cada vez mais correta as letras das canções ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação artística – subdomínio das artes visuais <ul style="list-style-type: none"> ✓ Utilizar diferentes materiais e meios de expressão ✓ Demonstrar prazer nas suas produções e progressos ✓ Desenvolver criatividade ✓ Desenvolver motricidade fina. 	<p>Canção</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Entoação da canção “Tenho uma boneca, assim, assim...” <ul style="list-style-type: none"> - Computador - Internet - Colunas <p>Construção plástica de postais de Natal</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Explorar os modelos de postais ✓ Escolher qual o modelo que cada criança quer fazer ✓ Realizar os postais <ul style="list-style-type: none"> - Cartolinas coloridas - Cola - Tesoura - Purpurinas - Feltro - Cotonetes <p>Desenho temático</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Realizar o desenho da história <ul style="list-style-type: none"> - Cartolina preta - Lápis de cor branco
---	--

<ul style="list-style-type: none"> ❖ Área da formação pessoal e social <ul style="list-style-type: none"> ✓ Dar a sua opinião, justificando-a, e aceitar também a do outro ✓ Desenvolver iniciativa e tomada de decisões em atividades ✓ Conhecer os materiais disponíveis, apropriando-se da sua utilização com cuidado e arrumando-os quando já não precisar ✓ Escolher as atividades que pretende realizar, adquirindo progressivamente maior autonomia na seleção dos recursos disponíveis para as levar a cabo, sem perturbar o grupo; ❖ Área da formação pessoal e social <ul style="list-style-type: none"> • Independência e autonomia <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer os diferentes momentos da rotina diária; ✓ Desenvolver a autonomia; ❖ Área do conhecimento do mundo <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural • Saber a importância da correta lavagem das mãos 	<p>Desenho temático digital</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Realizar um desenho sobre a história ou sobre algum elemento alusivo ao Natal utilizando o computador e o programa Paint <ul style="list-style-type: none"> - Computador - Programa Paint <p>Higiene e almoço</p>
--	---

Estratégias:

Rotinas diárias (Sala de atividades), (saber ouvir; saber falar)

- Receção das crianças
- Jogos livres nas mesas, estes jogos serão realizados enquanto todo o grupo não chega, para além dos jogos as crianças também podem escolher ver livros ou brincar na garagem.

- As crianças farão a arrumação dos jogos e brinquedos utilizados.
- Distribuir uma bolacha a cada criança, caso alguma queira, distribuirei outra bolacha.
- Distribuição por mim dos copos com água a cada criança
- As crianças que precisarem vão à casa de banho (as mais velhas vão sozinhas as mais pequenas com um adulto).

Acolhimento (saber ouvir; saber falar;),

- Ainda com todas as crianças sentadas nas mesas, farei uma atividade de acolhimento um pouco diferente
- Quando eu chamar uma criança e marcar a sua presença no placar das presenças, esta terá que trazer a sua cadeira e se sentar junto ao quadro de ardósia.
- Quando terminar as presenças, todas as crianças estão sentadas em semicírculo junto ao quadro
- Em conjunto vamos contar quantos círculos verdes temos no placar das presenças
- Escrever o algarismo no quadro
- Representar um círculo por cada criança
- Uma criança irá contar o número de crianças presentes
- Farei novamente a representação das crianças utilizando um círculo escrito com giz
- Farei a correspondência entre cada um dos conjuntos para o grupo verificar que temos o mesmo número de bolas (crianças), pois nenhuma bola ficou sem correspondência
- Conversas sobre o que temos andado a falar (natal, presépio, pinheiros, prendas)
- Explicar que agora vão ouvir uma história

História (Anexo 1)

ANTES DA LEITURA

- Análise da Capa, contracapa e guardas do livro “O Natal Especial da Família Neve” de Stella Gurney): - (saber ouvir; saber falar; leitura- ouvir ler, formular hipóteses e compreensão do texto)
- Exemplo de questões (saber ouvir; saber falar; leitura- formular hipóteses):
 - O que veem na capa/contracapa/ guardas do livro?
 - Do que falará esta história?
 - Qual será o título da história?

LEITURA (saber ouvir; leitura- ouvir ler e compreensão do texto)

- Ler de forma expressiva o livro
- Mostrar as imagens à medida que vou lendo o livro

DEPOIS DA LEITURA (saber ouvir; saber falar; leitura- formular hipóteses; vocabulário - desenvolvimento lexical)

- Exemplo de questões (saber ouvir; saber falar; leitura- formular hipóteses; vocabulário- desenvolvimento lexical):
 - Gostaram da história?
 - Como se chamava esta família?
 - O que aconteceu durante todo o dia?
 - O que as crianças penduravam junto à lareira?
- Explorar as palavras “neve; família; azevinho; enfeitar; lareira”
 - Contar o número de palmas (silabas) e escrever no quadro
 - Contar o número de letras de cada palavra e escrever no quadro
 - Qual é a palavra que tem menos letras? Porquê?
 - Existem palavras com o mesmo número de letras? Quais?
- Perguntar se havia alguma palavra que eles não conheciam
- Referir que vamos aprender / relembrar uma música que nos fala de uma coisa que muitas crianças pedem ao Pai Natal, uma boneca.

Canção (saber ouvir; saber falar;),

- Todos se colocam de pé
- Eu canto uma vez toda a música
- Coloco a música no computador e todos vão ouvir A Boneca | Jardim de Infância Vol. 1 - YouTube
- Coloco novamente a música e todos em conjunto vamos tentar cantar
- Vamos cantar baixinho

- Vamos cantar num tom mais forte
- Vamos cantar depressa
- Vamos cantar devagar

Postais de Natal (saber ouvir; saber falar; leitura-formulação de hipóteses)

- Explicarei que como está quase a chegar ao Natal, temos que fazer um postal de boas festas para enviar aos pais.
- Mostrarei cada um dos modelos de postais (anexo 2)
- Cada criança vai escolher qual quer realizar
- Orientarei cada criança para a mesa onde estão os materiais que necessita para realizar o seu postal
- No final mostrar aos colegas o postal realizado

Desenho temático (saber ouvir; saber falar;),

- À medida que vão terminando o seu postal, cada criança irá fazer o desenho da história que ouviram na manta
- Darei a cada criança uma cartolina preta e um lápis de cor branco
- Explicarei que farão o desenho utilizando apenas aquele lápis de cor
- Mostrar os trabalhos aos restantes colegas quando estes tiverem terminados
- Quando terminarem o desenho na folha de cartolina, as algumas crianças vão fazer o desenho no computador, pode ser o desenho da história ou de alguns elementos alusivos ao Natal

Higiene e almoço (saber ouvir)

- Irei com 2 ou 3 crianças até à casa de banho supervisionar a lavagem das mãos, as restantes ficam com a educadora cooperante
- À medida que lavam as mãos fazem comboio
- Quando todas tiverem terminado irão para o refeitório almoçar

Anexos

Anexo 1 –O Natal Especial da Família Neve



Anexo 2 –Modelos de postais



Atividades do dia 10 de dezembro de 2020	
Área de conteúdo, conteúdos e aprendizagens a promover	Atividades e materiais
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Área da formação pessoal e social <ul style="list-style-type: none"> • Independência e autonomia <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer os diferentes momentos da rotina diária; ✓ Desenvolver a autonomia; ❖ Área do conhecimento do mundo <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural <ul style="list-style-type: none"> ✓ Saber a importância da correta lavagem das mãos • Construção da identidade e da autoestima <ul style="list-style-type: none"> ✓ Verbalizar necessidades como ir à casa de banho, tenho fome ou sede ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Números e Operações <ul style="list-style-type: none"> ✓ Contar o número de crianças ✓ Comparar o número de elementos de dois ou mais conjuntos • Organização e tratamento de dados <ul style="list-style-type: none"> ✓ Utilizar gráficos para organizar informação recolhida e interpretá-los de modo a dar resposta às questões colocadas, identificando a categoria modal, como correspondendo à maior frequência. 	<p>Rotinas diárias</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Atividades livres <ul style="list-style-type: none"> - Jogos diversos - Livros - Garagem / Carros ✓ Lanche da manhã <ul style="list-style-type: none"> - Bolachas - Água ✓ Higiene <p>Acolhimento</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Preenchimento do placar das presenças. <ul style="list-style-type: none"> - Placar das presenças - Círculos verdes e vermelhos ✓ Contagem do número de crianças ✓ Gráfico de pontos meninos e meninas <p>O pinheiro e a pinha</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificar e explorar um pinheiro

<ul style="list-style-type: none"> ❖ Área do conhecimento do mundo <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer as características do pinheiro ✓ Conhecer as características da pinha ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação artística – subdomínio da música <ul style="list-style-type: none"> ✓ Interpretar com intencionalidade expressiva – musical: canções ✓ Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações ✓ Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Comunicação oral <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ouvir atentamente o poema, mostrando prazer e satisfação ✓ Alargar o vocabulário ✓ Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação ✓ Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade) 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificar as características daquela árvore ✓ Descobrir o cheiro do pinheiro <p>Canção</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Entoação e coreografia da canção “Pinheirinho, pinheirinho” Panda e Os Caricas - É Natal - YouTube <ul style="list-style-type: none"> - Computador - <u>Colunas</u> - <u>Internet</u> <p>Poema</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Aprendizagem e recitação da quadra de natal <ul style="list-style-type: none"> - Poema ✓ Exploração das palavras alegria e esperança <ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Giz
---	---

<ul style="list-style-type: none"> ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Geometria e Medida <ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver noções de orientação espacial na montagem da árvore ✓ Reconhecer e operar com a forma geométrica triângulo ✓ Descobrir e identificar o padrão na montagem da árvore ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação artística – subdomínio das artes visuais <ul style="list-style-type: none"> ✓ Contactar com diferentes formas de manifestação artística ✓ Utilizar diferentes materiais e meios de expressão ✓ Demonstrar prazer nas suas produções e progressos ✓ Desenvolver criatividade <ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver motricidade fina ❖ Área da formação pessoal e social <ul style="list-style-type: none"> • Independência e autonomia <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer os diferentes momentos da rotina diária; ✓ Desenvolver a autonomia; ❖ Área do conhecimento do mundo <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural <p>Saber a importância da correta lavagem das mãos</p> 	<p>Construção plástica Árvore de Natal coletiva</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Realização de uma árvore de natal do grupo <ul style="list-style-type: none"> - Triângulos verdes - Purpurinas - Vários enfeites - Cola - Tesoura <p>Pintura temática</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Pintar e carimbar a mão <ul style="list-style-type: none"> - Diferentes tons tinta verde - Pincel <p>Higiene e almoço</p>
--	---

Estratégias:

Rotinas diárias (Sala de atividades), (saber ouvir; saber falar)

- Receção das crianças
- Jogos livres nas mesas, estes jogos serão realizados enquanto todo o grupo não chega, para além dos jogos as crianças também podem escolher ver livros ou brincar na garagem.
- As crianças farão a arrumação dos jogos e brinquedos utilizados.
- Distribuir uma bolacha a cada criança, caso alguma queira, distribuirei outra bolacha.
- Distribuição por mim dos copos com água a cada criança
- As crianças que precisarem vão à casa de banho (as mais velhas vão sozinhas as mais pequenas com um adulto).

Acolhimento (saber ouvir; saber falar;),

- Como todo o grupo está sentado nas mesas de trabalho, eu irei até ao placar das presenças e começarei a fazer a chamada
- Quando eu disser o nome de um menino, este tem que dizer que está lá, levantar-se e trazer a sua cadeira para o pé do quadro e eu colocarei o círculo verde no seu nome
- Quando a chamada terminar, todos deverão estão sentados nas cadeiras em semicírculo e de frente para o quadro
- Contagem do número total de crianças presentes (eu e todas as crianças ao mesmo tempo)
- Farei no quadro um gráfico de pontos (anexo 1)
- Eu desenharei no quadro preto um gráfico de pontos com as opções de resposta menino e menina
- Cada criança terá que se levantar e vir fazer o seu ponto no sítio correto
- Perguntarei se há mais meninos ou meninas
- Explorar o gráfico

O pinheiro e a pinha (saber ouvir; saber falar; leitura-formulação de hipóteses)

- Após o acolhimento conversaremos sobre o pinheiro e a pinha (anexo 2)
- Mostrar um pinheiro e perguntar:
 - Quem conhece esta árvore?

- Quem já viu um pinheiro?
 - Como são as suas folhas?
 - Quem sobe o que é isto? (uma pinha)
 - Como se chama?
- Dar um pinheiro a cheirar a todas as crianças
 - Falar da textura das folhas
 - Explorar uma folha
 - Falar da textura da pinha
 - Explorar a pinha
 - Falar da textura do caule do pinheiro
 - Explorar o caule

Canção (saber ouvir; saber falar)

- Colocarei a música a dar no computador Pinheirinho, Pinheirinho Panda e Os Caricas - É Natal - YouTube
- Perguntarei quem conhece e quer cantar
- Todos em conjunto voltaremos a cantar a música
- Pedirei ideias para coreografar a música
- Cantaremos e dançaremos todos em conjunto

Poema (saber ouvir; saber falar; leitura-formulação de hipóteses; vocabulário- desenvolvimento lexical)

- Colocarei no quadro o poema (quadra) (anexo 3)
- Eu irei ler toda a quadra
- Eu irei ler a primeira frase e pedirei para repetirem
- Eu irei ler a segunda frase e pedirei para repetirem
- Eu irei ler a terceira frase e pedirei para repetirem
- Eu irei ler a última frase e pedirei para repetirem
- Dizer todos em conjunto toda a quadra

- Escreverei no quadro as palavras ALEGRIA e ESPERANÇA
- Todas as crianças têm que repetir as palavras
- De seguida repetir a palavra a bater palmas e têm que dizer quantas palmas bateram
- Eu rodearei as sílabas nas palavras
- Contar quantas letras têm cada palavra

Árvore de Natal coletiva (saber ouvir; saber falar;),

- Todos se sentarão nas suas mesas de trabalho
- Explicarei que vamos decorar um triângulo de papel
- Explicarei que quando juntarmos todos os triângulos iremos ter uma árvore de natal (anexo 4)
- À medida que vão terminando, as crianças irão realizar a atividade seguinte

Pintura temática (saber ouvir; saber falar;),

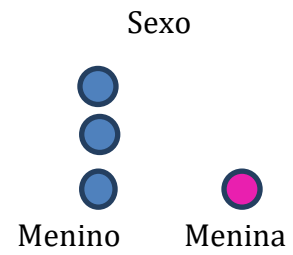
- Todas as crianças irão pintar a sua mão de verde
- Carimbar a mão numa folha de papel
- Repetir, mas agora com a outra mão

Higiene e almoço (saber ouvir)

- Irei com 2 ou 3 crianças até à casa de banho supervisionar a lavagem das mãos, as restantes ficam com a educadora cooperante
- À medida que lavam as mãos fazem comboio
- Quando todas tiverem terminado irão para o refeitório almoçar

Anexos

Anexo 1 –Gráfico de pontos



Anexo 2 –Pinheiro e pinha



Anexo 3 –Poema do natal

Natal é uma época bela
De alegria e esperança
Natal é quando sentimos
A alegria de uma criança

Anexo 4 –Exemplo da árvore natal coletiva



Atividades do dia 11 de dezembro de 2020	
Área de conteúdo, conteúdos e aprendizagens a promover	Atividades e materiais
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Área da formação pessoal e social <ul style="list-style-type: none"> • Independência e autonomia <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer os diferentes momentos da rotina diária; ✓ Desenvolver a autonomia; ❖ Área do conhecimento do mundo <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural <ul style="list-style-type: none"> ✓ Saber a importância da correta lavagem das mãos • Construção da identidade e da autoestima <ul style="list-style-type: none"> ✓ Verbalizar necessidades como ir à casa de banho, tenho fome ou sede ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Números e Operações <ul style="list-style-type: none"> ✓ Contar o número de crianças ✓ Classificar objetos de acordo com diferentes critérios (fazendo escolhas e explicando as suas decisões) • Domínio da educação artística – subdomínio das artes visuais <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer e identificar as cores 	<p>Rotinas diárias</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Atividades livres <ul style="list-style-type: none"> - Jogos diversos - Livros - Garagem / Carros ✓ Lanche da manhã <ul style="list-style-type: none"> - Bolachas - Água ✓ Higiene <p>Acolhimento</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Preenchimento do placar das presenças. <ul style="list-style-type: none"> - Placar das presenças - Círculos verdes e vermelhos ✓ Contagem do número de crianças ✓ Recolha dos lápis de cor <ul style="list-style-type: none"> - Lápis de cor

<ul style="list-style-type: none"> ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação artística – subdomínio da música <ul style="list-style-type: none"> ✓ Interpretar com intencionalidade expressiva – musical: canções ✓ Distingue auditivamente um repertório diversificado de canções conhecidas ✓ Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros ❖ Área da expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação artística – subdomínio das artes visuais <ul style="list-style-type: none"> ✓ Utilizar diferentes materiais e meios de expressão ✓ Demonstrar prazer nas suas produções e progressos ✓ Desenvolver criatividade ✓ Desenvolver motricidade fina. ❖ Área da formação pessoal e social <ul style="list-style-type: none"> ✓ Dar a sua opinião, justificando-a, e aceitar também a do outro ✓ Desenvolver iniciativa e tomada de decisões em atividades ✓ Conhecer os materiais disponíveis, 	<p>Entoações de canções</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Entoação da canção “Tenho uma boneca, assim, assim...” e da canção “Pinheirinho, pinheirinho” <p>Pai natal</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Construção de um pai natal <ul style="list-style-type: none"> - Tesoura - Cola - Moldes para recortar - Canetas de feltro <p>Pintura temática</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Pintura de um presépio <ul style="list-style-type: none"> - Folha com o presépio desenhado - Lápis de cor - Lápis de cera - Canetas de feltro
---	---

<p>apropriando-se da sua utilização com cuidado e arrumando-os quando já não precisar</p> <ul style="list-style-type: none">✓ Escolher as atividades que pretende realizar, adquirindo progressivamente maior autonomia na seleção dos recursos disponíveis para as levar a cabo, sem perturbar o grupo; <p>❖ Área da formação pessoal e social</p> <ul style="list-style-type: none">• Independência e autonomia<ul style="list-style-type: none">✓ Conhecer os diferentes momentos da rotina diária;✓ Desenvolver a autonomia; <p>❖ Área do conhecimento do mundo</p> <ul style="list-style-type: none">• Conhecimento do mundo físico e natural<ul style="list-style-type: none">✓ Saber a importância da correta lavagem das mãos	<p>Higiene e almoço</p>
--	--------------------------------

Estratégias:

Rotinas diárias (Sala de atividades), (saber ouvir; saber falar)

- Receção das crianças
- Jogos livres nas mesas, estes jogos serão realizados enquanto todo o grupo não chega, para além dos jogos as crianças também podem escolher ver livros ou brincar na garagem.
- As crianças farão a arrumação dos jogos e brinquedos utilizados.
- Distribuir uma bolacha a cada criança, caso alguma queira, distribuirei outra bolacha.
- Distribuição por mim dos copos com água a cada criança
- As crianças que precisarem vão à casa de banho (as mais velhas vão sozinhas as mais pequenas com um adulto).

Acolhimento (saber ouvir; saber falar; leitura-formulação de hipóteses),

- Todas as crianças se sentam numa cadeira de frente para o quadro
- Eu marcarei as presenças no placar, à medida que vou dizendo o nome das crianças todas as restantes batem palmas. (motivar para a presença no jardim de infância).
- Contagem do número total de crianças presentes (eu e todas as crianças ao mesmo tempo)
- Pedirei para cada criança se levantar e ir buscar um lápis de cor e colocar no chão em frente ao quadro (todos vão buscar)
- Cada criança terá que dizer se é fino ou grosso; curto ou comprido e qual a sua cor
- Todos em conjunto contar o número de lápis.
- Agrupar os lápis que têm a mesma cor (criança 3 anos)
- Perguntar qual é o conjunto que tem mais lápis
- Pedir para justificar
- Agrupar os lápis que têm a mesma espessura (criança 3 anos)
- Qual o conjunto que tem mais lápis
- Pedir para justificar
- Agrupar os lápis que têm o mesmo comprimento (criança 3 anos)
- Qual o conjunto que tem mais lápis
-

Canções (saber ouvir; saber falar)

- Perguntar quais as músicas que estivemos a contar nos dias anteriores
- Cantar novamente “Tenho uma boneca, assim, assim...”
- Cantar novamente “Pinheirinho, pinheirinho”
- Explicar que de seguida vão cantar as duas músicas e que enquanto o fazem eu estarei a gravar para depois poder fazer um vídeo para enviar aos pais no Natal

- Conversar sobre a próxima atividade que é a construção de um pai natal

Pai natal (saber ouvir; saber falar)

- Todos se sentam nas mesas de trabalho
- Enquanto uns estão a fazer o pai natal (anexo 1), outros estão a realizar a pintura temática
- Mostrarei o modelo do pai natal, para poderem ter uma ideia de como se faz
- Explicarei todos os passos que terão que dar para o poder realizar
- Distribuirei o material por cada criança
- Cada criança vai ter que recortar, colar e encracolar as peças do seu pai natal

Pintura temática (saber ouvir; saber falar)

- Darei a cada criança a imagem de um presépio (anexo 2)
- Cada criança terá que pintar o seu desenho
- Depois de pintados, serão recortados e construído um presépio

Higiene e almoço (saber ouvir)

- Irei com 2 ou 3 crianças até à casa de banho supervisionar a lavagem das mãos, as restantes ficam com a educadora cooperante
- À medida que lavam as mãos fazem comboio
- Quando todas tiverem terminado irão para o refeitório almoçar

Anexos

Anexo 1 -Pai Natal



Anexo 2 -Presépio



Apêndice B- Guião de Entrevista à Orientadora Cooperante e Educadoras de Apoio

Guião de entrevista às educadoras de infância

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, lecionado na Escola Superior de Educação em Castelo Branco, estou a desenvolver um relatório de estágio que integra uma investigação sobre a temática: “Expressão gráfica com suporte digital e analógico na educação pré-escolar: contributos para o desenvolvimento das competências gráficas e criativas na Educação Pré-escolar”. Sob orientação científica da professora Dr.ª Cristina Pereira e do professor Dr.º Henrique Gil.

Para o desenvolvimento desta investigação a sua colaboração também é essencial, caso aceite participar na mesma, consentirá uma entrevista em que terá de responder a diversas questões, que têm como objetivo saber a sua opinião sobre as variáveis “desenho no papel e desenho no computador” e reunir informação sobre o grupo de crianças de que é responsável.

Temas	Subtemas		
<i>Caracterização pessoal</i>		1) Idade: _____	
		2) Género: _____	
<i>Formação profissional:</i>		3) Habilitações Literárias: _____	
		4) Tempo de serviço: _____	
		5) Há quantos anos trabalha nesta Instituição?	
<i>Opinião em relação à utilização das TIC na educação pré-escolar</i>		6) Na sua opinião, as TIC são uma mais valia na educação pré-escolar?	
		7) Acha que as TIC podem ajudar a desenvolver competências e conhecimentos nas crianças?	
		8) Na sua opinião, as TIC promovem o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem?	
<i>Opinião em relação às variáveis em estudo</i>		<i>Expressão gráfica com suporte analógico</i>	9) O que pensa da expressão gráfico-plástica na educação de infância?
			10) Quando elabora as planificações tem a preocupação de integrar o desenho como atividade?
			11) Recorre ao desenho como atividade orientada ou livre?

		12) Sente que as crianças se envolvem com as atividades relacionadas com o desenho?
		13) Com que frequência recorre ao desenho na sua sala de atividades?
		14) Com que finalidade?
		15) Na sua opinião, a expressão gráfica desenvolve a criatividade nas suas crianças? Porquê?
		16) Quais os suportes analógicos que costuma utilizar?
		17) Quais os materiais que as suas crianças mais costumam utilizar?
		18) Quem escolhe esses materiais? E de acordo com que critério?
		19) Na sua opinião, o suporte analógico potencializa o desenvolvimento das suas crianças?
	<i>Expressão gráfica com suporte digital</i>	20) Costuma utilizar o computador na sua sala de atividades?
		21) Com que finalidade?
		22) As suas crianças costumam utilizar o computador?
		23) Qual a finalidade com que o fazem?
		24) Qual a frequência com que o fazem? Porquê?
		25) Quais os programas que as crianças costumam utilizar?
		26) Na sua opinião, o suporte digital potencializa o desenvolvimento das suas crianças?
		27) Na sua opinião, acha que as suas crianças quando desenham no computador o fazem de forma espontânea? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
		28) Na sua opinião, qual o motivo que pode levar as suas crianças a gostarem mais de desenhar no computador? <input type="checkbox"/> Porque é mais fácil <input type="checkbox"/> Porque demora menos tempo a colorir os desenhos

		<ul style="list-style-type: none"><input type="checkbox"/> Porque já tem formas pré-definidas<input type="checkbox"/> Porque pode fazer desenhos mais elaborados<input type="checkbox"/> Porque pode apagar e começar de novo<input type="checkbox"/> Porque tem muitas cores disponíveis<input type="checkbox"/> Porque pode modificar o tipo de lápis<input type="checkbox"/> Porque pode modificar a grossura do lápis<input type="checkbox"/> Porque tem disponível a opção de spray<input type="checkbox"/> Porque usa o computador<input type="checkbox"/> Porque é possível imprimir<input type="checkbox"/> Porque se pode enviar por email para quem quiser
		29) Na sua opinião, acha que estes dois recursos de trabalho resultam? Justifique a sua resposta

Apêndice C- Questionários aos Encarregados de Educação

Questionários aos Encarregados de Educação

O meu nome é Rita Martins, sou aluna da Escola Superior de Educação de Castelo Branco e encontro-me a frequentar o mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Nesse âmbito, estou a realizar um estudo cuja temática é “Expressão gráfica com suporte digital e analógico na educação pré-escolar: contributos para o desenvolvimento das competências gráficas e criativas na Educação Pré-escolar”, pelo que o seu contributo, na qualidade de encarregado de educação é uma mais valia para o meu estudo, desta forma, agradeço a sua disponibilidade para a realização deste meu questionário sobre os hábitos de expressão gráfica do seu educando. Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais e servirão apenas para tratamento de dados e para efeitos da investigação.

Nome da Criança: _____ Idade: _____

Desenho em suporte digital

1. **Tem computador em casa?** Sim Não
2. **Se tem computador em casa indique as pessoas que o utilizam:**
 Mãe Pai Irmãos Educando Outros. Quem? _____
3. **Se não tem computador em casa, o educando costuma usar algum?**
 Não Sim Se sim, onde? _____
4. **O seu educando costuma utilizar o computador.**
 Todos os dias 4 a 6 vezes por semana 2 a 3 vezes por semana
 1 vez por semana 1 vez por quinzena 1 vez por mês
5. **O seu educando costuma utilizar o computador?**
 Sozinho, porque já sabe utilizar o computador Com a ajuda de alguém
 Acompanhado para realizar jogos Outros. Especifique: _____
6. **Que tipo de atividades o seu educando costuma realizar no computador?**
 Desenhar Escrever Ouvir música Jogar Navegar na Internet
 Outras. Especifique: _____
7. **O seu educando costuma usar o rato?** Sim Não
8. **O computador que o seu educando utiliza tem ecrã tátil?** Sim Não

9. Se o seu educando costuma desenhar no computador indique, por favor, quais os programas que utiliza: _____

10. Quando o seu educando utiliza o computador para desenhar, quais são as principais dificuldades que poderão estar associadas?

- No manuseamento do rato
- Não saber as funções de cada atalho
- Porque nem sempre pode imprimir o trabalho
- Porque não se sente há vontade para desenhar no computador

11. Porque razão o seu educando não gosta de desenhar no computador? (selecione apenas as duas respostas mais importantes para ele).

- Porque é mais difícil
- Porque é mais complicado
- Porque para ele o computador é só para jogar
- Porque não está acostumado
- Porque não conhece nenhum programa de desenho

12. O seu educando, quando desenha no computador fá-lo de forma espontânea? Sim Não

13. Quando o seu educando utiliza o computador para desenhar, quais são as vantagens que ele verifica? (selecione apenas as três respostas mais importantes para ele).

- Porque é mais fácil
- Porque demora menos tempo a colorir os desenhos
- Porque já tem formas pré-definidas
- Porque pode fazer desenhos mais elaborados
- Porque pode apagar e começar de novo
- Porque tem muitas cores disponíveis
- Porque pode modificar o tipo de lápis
- Porque pode modificar a grossura do lápis
- Porque tem disponível a opção de spray
- Porque usa o computador
- Porque é possível imprimir
- Porque se pode enviar por email para quem quiser o que lhe permite partilhar o seu desenho.

Desenho em suporte analógico

14. O seu educando gosta de desenhar numa folha de papel? Sim Não

15. O seu educando costuma desenhar numa folha de papel?

- Todos os dias 4 a 6 vezes por semana 2 a 3 vezes por semana
 1 vez por semana 1 vez por quinzena 1 vez por mês

16. Fá-lo por espontânea vontade? Sim Não

17. Que tipo de material utiliza?

- Lápis de cor Lápis de cera Marcadores/ Canetas de feltro Aguarelas
 Outros materiais. Quais? _____

18. O seu educando costuma partilhar com os pais os desenhos que realiza?

- Sim Não

19. costuma conversar com o seu educando sobre os desenhos que ele realiza?

- Todos os desenhos 4 ou 6 desenhos por semana
 2 a 3 desenhos por semana Quase nunca Nunca

20. Compreende aquilo que o seu educando desenha? Sim Não

21. Pensa que é uma atividade importante para o seu desenvolvimento?

- Sim Não

Se respondeu “sim” indique as duas opções que considera mais importantes:

- O desenho permite desenvolver a expressão e a criatividade.
 O desenho desenvolve as competências grafo-motoras.
 O desenho promove a capacidade de a criança organizar o conceito de espaço.
 O desenho desenvolve a capacidade de atenção e concentração.

22. Prefere que o seu filho desenho no papel ou no computador?

Justifique a sua opinião. _____

23. Onde pensa que o seu educando tem um melhor desempenho a nível do desenho? No computador Na folha de papel

24. Apresente, por favor, as principais razões que sustentam a sua opinião.

Muito obrigada pela sua colaboração.

Apêndice D- Transcrição integral da entrevista semiestruturada realizada à Orientadora Cooperante

Entrevista semiestruturada realizada à Orientadora Cooperante

RM- Entrevistadora/ Investigadora / Rita Martins

EC- Entrevistada / Educadora cooperante

RM - Bom dia Educadora.

Antes de começar, quero agradecer-lhe o facto de poder, participar neste estudo, a nível pessoal, mas também com as suas crianças. Este relatório de estágio fala sobre a Expressão gráfica com suporte digital e analógico na Educação Pré-Escolar: Contributos para o desenvolvimento das competências gráficas e criativas. Com a aplicação desta investigação, comprometo-me a respeitar os princípios éticos da investigação, nomeadamente a confidencialidade e o anonimato.

RM- Idade

EC- 63 (ri-se, ainda sou uma menina).

RM- Género

EC- Feminino.

RM- Habilitações literárias?

EC- Mestrado, é o último que queres não é.

RM- Tempo de serviço?

EC- Trinta e quatro ou trinta e cinco, não sei.

RM- Há quantos anos trabalha nesta instituição?

EC- Há quatro.

RM- Na sua opinião, as TIC são uma mais-valia na educação pré-escolar?

EC- Ah, ah, Não.... Ou melhor, espera aí... sim, são uma mais-valia sim, não são é um recurso que eu diga que é indispensável, pronto. É um recurso como outro qualquer, não é nem mais nem menos, ou talvez outros estejam num nível superior a esse, para o pré-escolar, claro.

RM- Sempre para o pré-escolar. Acha que as TIC podem ajudar a desenvolver competências e conhecimentos nas crianças?

EC- Sim, isso sim.

RM- Na sua opinião, as TIC promovem o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem?

EC- Sim um pouco, tudo ajuda. E sobretudo se nós pensarmos que o futuro é mais digital que analógico ainda mais.

RM- Agora vou-lhe fazer algumas perguntas sobre a expressão gráfica com suporte analógico, portanto tudo o que seja papel. O que pensa da expressão gráfico-plástica na educação de infância?

EC- Muito importante

RM- Quando elabora as planificações tem a preocupação de integrar o desenho como atividade?

EC- Sim sempre. Sempre porque é muito importante para eles e isso é um dos pontos fundamentais para o desenvolvimento da motricidade fina.

RM- Recorre ao desenho como atividade orientada ou livre?

EC- Das duas formas, tanto faço livre como orientado ... sou capaz de contar uma história e pedir que me façam o desenho de modo a eu compreender o que ele conseguiu apreender dessa história ... posso levá-lo ao extremo, no sentido de dividir a folha e procurar até saber se ele é capaz de me fazer a ação da história em sentido qual é o começo, o meio e o fim. E pode ser livre, e muita vez é livre no sentido de exteriorizar as emoções, os sentimentos de uma forma livre e ver até que ponto ele conseguiu evoluir tanto na noção de espaço, como no desenvolvimento de objetos e de personagens. A evolução disso tudo.

RM- Sente que as crianças se envolvem com as atividades relacionadas com o desenho?

EC- Sim, sim, sim ... se eu tiver uma atividade, seja ela qual for, mas vamos imaginar ... vamos desenhar a mãe, vem aí o dia da mãe, todos eles vão ficar empolgados em querer desenhar a mãe o melhor possível, mesmo que as vezes não consigam ... nem que seja à base de riscos, mas para eles significa que a mãe está bonita, tem um penteado assim, ou de outra forma, portanto... sim, sim.

RM- Com que frequência recorre ao desenho na sua sala de atividades?

EC- Quase todos os dias.

RM- Com que finalidade?

EC- Com esse objetivo que acabei de dizer. Tanto para ver a evolução deles, como eles procurarem desenvolver e apropriarem-se de várias noções (noção do

corpo humano, noção de espaço), como também no sentido estético, pois também é importante, porque o desenho nem sempre é da mesma forma. Umás vezes eu recorro ao lápis de cera, lápis de carvão ou simplesmente a lápis de cor, mas também posso recorrer ainda a materiais diferentes ou a desenhar sobre materiais diferentes e isso é sempre um desenho no fundo, mas no fundo a atividade já não é igual.

RM- Na sua opinião, a expressão gráfica desenvolve a criatividade nas suas crianças? Porquê?

EC- Sim desenvolve a criatividade porque à medida que eles vão conseguindo fazer, eles conseguem ir mais longe naquilo que conseguem fazer ... como por exemplo a casinha, a casinha pode ser simplesmente um quadrado ou um círculo ... ter uma parte mais bicuda ou não para o telhado ... mas, evoluindo esse telhado pode terminar com telhas, pode terminar em prédios e sendo prédios ter muitas janelinhas, uma porta, significa que eles têm noção que um prédio tem vários andares ... portanto, o desenho vai evoluindo e eles vão evoluindo. Depois disso evolui sobretudo para padrões e quando uma criança consegue fazer um padrão de um prédio, do quintal ou do vestido de uma menina que desenhou ... isso significa uma evolução muito grande por parte da criança.

RM- Quais os suportes analógicos que costuma utilizar? Para além da folha de papel, que mais costuma utilizar para eles desenharem?

EC- Basicamente é vários tipos de papel, mas às vezes também tenho recorrido a lixa que tem uma textura bem diferente, no tecido, tem é que ser um tecido com goma, como pano cru ou assim que é mais fácil e basicamente são texturas assim deste âmbito... no jornal, papel de cenário que também tem uma textura diferente, plástico, cartão.

RM- Quais os materiais que as suas crianças mais costumam utilizar?

EC- Lápis de cor, lápis de cera, canetas, bicas de feltro grossas e finas, esses são aqueles que utilizo diariamente.

RM- Quem escolhe esses materiais? E de acordo com que critério?

EC- Normalmente deixo eles escolherem ... mas há as duas maneiras, normalmente há o dia livre que são eles que escolhem qual o lápis ou a caneta e eu vou ensinando... outras vezes sou eu que decido que aquilo só é com canetas de bico de feltro fina ou que é só com lápis de cor. Primeiro consoante a textura daquilo que eu estou a fazer se é numa folha de papel ou se é noutra material, como por exemplo a lixa, ou tecido ... pois mesmo que ele queira desenhar com aquilo, talvez aquilo não seja o mais apropriado e ele precisa compreender isso. Depois, também um pouquinho para lhes ensinar que há coisas que se adaptam mais a determinados suportes do que outros. Por exemplo um bico de feltro grosso terá que ser mais numa

folha de papel grossa ou numa cartolina, se for num papel de jornal, aquilo é tão fraquinho que irá passar para o outro lado. Outra coisa é se eles pegarem nos bicos de feltro e carregarem muito ... na escola primária eles vão ter que desenhar e o desenho é sempre o mais leve possível ... eles vão ter que adquirir essas noções e isso vai-lhes ser dado e apropriado a partir do momento em que eu demonstro muitas variedades tanto do suporte onde eles podem desenhar, como daquilo que serve para o fazer.

RM- Na sua opinião, o suporte analógico potencializa o desenvolvimento das suas crianças?

EC- Sim, sim, sim ... sem dúvida.

RM- Agora vou fazer-lhe algumas perguntas sobre a expressão gráfico com suporte digital. Costuma utilizar o computador na sua sala de atividades?

EC- Sim, mas não muito para coiso.... Mas vais perguntar a seguir...

RM- Com que finalidade utiliza o computador?

EC- Mais com a finalidade de ir para a parte científica, ou seja, eu estou a fazer uma experiência a nível da ciência (germinação do feijão, ciclo da água), depois eu vou recorrer ao computador para eles poderem ver e aprender melhor, pois por mais que agente explique, para ter uma opinião mais assertiva sobre a realidade, o computador é um mundo fantástico e porque não recorrer a ele. Para mostrar uma história, ouvir e ver uma canção e tentar que os miúdos gostem e as observem porque é outra maneira de ver a história e isso vai fomentar o desenvolvimento e a aprendizagem de novos vocábulos, ideias.

RM- As suas crianças costumam utilizar o computador?

EC- De uma forma livre como ainda têm uma idade que... é o computador não está adaptado, está mais adaptado para o serviço do educador do que propriamente para o serviço das crianças, a não ser, para ver uma história, ouvir uma canção. Eu já tive e até fui uma das formadoras do projeto "kidsmart" que é um projeto onde as crianças têm um computador na sala que está instalado de uma forma muito graciosa, porque o computador não se vê, só se vê o ecrã, o computador está tapado, tem um banquinho de plástico, é uma secretário onde eles podem interagir, aprendem as funções, aprendem a ir ao jogo ... e isso sim, está adaptado a eles e acho muito engraçado, assim como têm o cantinho da casinha das bonecas, ter o cantinho do computador. Isso seria muito interessante. Mas quando eu cheguei a esta instituição, nem computador tínhamos, este computador foi uma prenda da Câmara Municipal de Castelo Branco oferecido o ano passado. E tem a função de servir mais o jardim de infância naquilo que é necessário, no apoio do professor para envio de processos e falar com as famílias a nível de emails e a nível pedagógico mais a este nível (histórias, canções, pesquisas científicas), do que a nível das crianças. Se eu quiser desenhar com

eles, ou fazer uma pesquisa, o computador não está formatado para eles nem as condições de acesso são as melhores. Temos computador, mas não está adaptado aquilo que era necessário.

RM- Qual a finalidade com que utilizam o computador?

EC- De uma forma livre, eles pedem é para ver filmes, bonecos como eles dizem. Querem muitas vezes aquilo que os familiares incutem lá em casa. E como não é uma forma pedagógica, nós fazemos como um escape de vez em quando, um bocadinho porque isso é aquilo que eles fazem em casa, todos os dias sistematicamente. Mas também é isso que nos pedem aqui. De vez em quando, quando o pedem.

RM- Sim, mais à base dos filmes e das músicas. Qual a frequência com que o fazem? Porquê?

EC- Como já referido, fazemos de vez em quando um bocadinho, pois eles só querem ver bonecos e isso é o que fazem diariamente em casa.

RM- Quais os programas que as crianças costumam utilizar?

EC- Google, Youtube.

RM- Na sua opinião, o suporte digital potencializa o desenvolvimento das suas crianças?

EC- Sim, sim. O suporte digital fomenta o desenvolvimento da criança, porque está lá tudo, ou quase tudo, mas na parte pré escolar eu acho que precisa muito o desenvolvimento do tato, das emoções e tem que ser um contacto humano, porque o objetivo do jardim de infância é socializar e integrar e eu só posso fazer isso com o outro e no computador eu não tenho o outro ao meu lado, não existe, existe apenas como personagem mas que eles conhecem como uma forma de ficção e que nem sempre esse outro existe, esse outro é um boneco que pode morrer e aparece amanhã outra vez e eles têm que compreender que com os meninos não. Se eu magoar um amigo, ele fica triste e amanhã pode não brincar comigo. Tanto a nível de histórias, músicas, como a nível da ciência está muito bem explicado e devíamos de nos apropriar dessas coisas para iremos mais longe, mas de facto não é a mesma coisa, mas eu acho que deve ser QB.

RM- Na sua opinião, acha que as suas crianças quando desenham no computador o fazem de forma espontânea?

EC- Não o vão fazer de forma espontânea porque não é algo habitual, eu nunca perguntei às famílias se o fazem lá em casa, mas suponho que não seja habitual. É mais habitual deixá-los ver bonecos do que dizer vê lá se consegues fazer um desenho aqui. E nós também é um pouco assim, por vezes não temos o tempo suficiente e

temos uma atividade de fato, mais estruturada para o analógico do que propriamente para o digital. Eu acho que devíamos dar oportunidade às duas maneiras e ver isso (computador) como mais um recurso.

RM- Na sua opinião, qual o motivo que pode levar as suas crianças a gostarem mais de desenhar no computador?

EC- Porque demora menos tempo a colorir os desenhos.

RM- Para terminar, n a sua opinião, acha que estes dois recursos de trabalho resultam? Justifique a sua resposta.

EC- Sim, sim,

RM- Porquê?

EC- Porque um complementa o outro, são uma forma de complementaridade.

Apêndice E- Transcrição integral da entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Apoio A

Entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Apoio A

RM- Entrevistadora/ Investigadora / Rita Martins

EAA- Entrevistada / Educadora de Apoio

RM- Bom dia Educadora

Antes de começar, quero agradecer-lhe o facto de poder, participar neste estudo, a nível pessoal, mas também com as suas crianças. Este relatório de estágio fala sobre a Expressão gráfica com suporte digital e analógico na Educação Pré-Escolar: Contributos para o desenvolvimento das competências gráficas e criativas. Com a aplicação desta investigação, comprometo-me a respeitar os princípios éticos da investigação, nomeadamente a confidencialidade e o anonimato.

RM- Idade

EAA- Tenho 62 anos

RM- Género

EAA- Feminino

RM- Habilitações literárias?

EAA- Bacharelato

RM- Tempo de serviço?

EAA- 37 anos mais ou menos

RM- Há quantos anos trabalha nesta instituição?

EAA- Nesta instituição estive no ano de 2019/2010 e agora no ano de 2020/2021

RM- Na sua opinião, as TIC são uma mais-valia na educação pré-escolar?

EAA- São, são porque todas as crianças, sejam elas quais forem e eu trabalhei muito com crianças com Necessidades Educativas Especiais, é uma reação imediata e apelativo. As TIC são para essas crianças e são também para as outras e nós podemos verificar isso. É claro é que não podem estar sozinhas e não podem estar muitas horas nessas atividades, tem que haver sempre um equilíbrio entre essas atividades e as outras.

RM- Acha que as TIC podem ajudar a desenvolver competências e conhecimentos nas crianças?

EAA- Sim, eu acho que sim, pois claro.

RM- Na sua opinião, as TIC promovem o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem? Acha que as TIC podem fazer com que as crianças sejam mais autónomas a aprender.

EAA- Pode até certo ponto, mas não é só as TIC, as outras atividades também promovem a autonomia. Promove se calhar a autonomia na relação com as máquinas, se tiverem sozinhas tomam partido por isto ou aquilo, mas eu acho que primeiro têm que estar bem acompanhadas e só depois dar-lhes essa autonomia para elas descobrirem e fazerem outras aprendizagens

RM- O que pensa da expressão gráfico-plástica na educação de infância?

EAA- São muito importantes, desenvolvem não só a motricidade fina a nível motor, desenvolvem a imaginação, a criatividade, são relaxantes essas atividades. Se tiverem algum acompanhamento promovem até a linguagem porque às vezes as crianças não são capazes de se exprimir por palavras e conseguem exprimir-se através do grafismo. E depois se nós perguntarmos, estamos também a desenvolver a linguagem, o falar das emoções.

RM- Eu sei que a educadora A não faz as planificações, pois é uma educadora que dá mais apoio, mas quando tem de ficar a orientar o grupo e tem que fazer uma planificação, tem a preocupação de integrar o desenho como atividade?

EAA- Integro o desenho e integro as outras atividades plásticas como a pintura, as várias formas de pintar, (hesita), acho que são importantes e quando eu estava em atividade direta com as crianças, todos os dias havia desenho fosse ele qual fosse, ia explorando os vários materiais, tentava sempre fazer coisas diferentes. Acho que é muito importante para o desenvolvimento físico, motor para a criatividade, para tudo. É muito importante e realizavam sempre desenho e a maior parte das vezes livre

RM- Recorre ao desenho como atividade orientada ou livre?

EAA- Eu gosto mais que seja livre, mas também acho que deve ser feita a orientada.

RM- Sente que as crianças se envolvem com as atividades relacionadas com o desenho?

EAA- Sim, o desenho é sempre uma atividade que a maioria das crianças aceita de bom grado. Que desenvolve também conforme a motivação conforme a idade. Uma criança de 3 anos não faz um desenho como uma de 5 anos e às vezes também precisa de alguns incentivos “olha vêes tão giro” para assim poder continuar. Acho que é uma das atividades que as crianças aceitam sempre.

RM- Com que frequência recorre ao desenho na sua sala de atividades?

EAA- Todos os dias

RM- Com que finalidade?

EAA- Há várias finalidades, se é um desenho orientado vou reclamar essas características / regras que eu enunciei no início da atividade que estejam presentes no desenho. Se for um desenho livre tento motivar as crianças para a continuação do desenho ou para acrescentar mais alguma coisa ao seu desenho, mas deixo-as sempre sozinhas para que possam desenhar o que quiserem o que lhes vier à cabeça e uma coisa que nem gosto e que nem tenho muito hábito é de escrever nos desenhos das crianças, porque eu acho que estou a desrespeitar aquilo que elas lá têm. Gosto de respeitar aquilo que elas fizeram no seu desenho.

RM- Então na sua opinião não se deve escrever nos desenhos?

EAA- Em situações pontuais e a lápis para se poder apagar.

RM- Na sua opinião, a expressão gráfica desenvolve a criatividade nas suas crianças? Porquê?

EAA- Sim desenvolve, quando a criança está a desenhar e se o adulto estiver perto dela pode questionar sobre o que representa aquele traço e aquilo que agora era um caminho pode depois passar a ser uma bruxa. E deste forma a criatividade da criança foi desenvolvida.

RM- Quais os suportes analógicos que costuma utilizar? Para além da folha de papel, que mais costuma utilizar para eles desenharem?

EAA- Eu sempre achei o desenho muito importante. Ir para a rua e desenhar com um pau em terra, com giz no chão, pintura em muros, jornais, papéis amachucados, plástico.

RM- Quais os materiais que as suas crianças mais costumam utilizar?

EAA- As crianças gostam muito das canetas de feltro porque tem um traço muito definido e a cor é forte. Mas o facto de utilizarem as canetas de feltro ou de pintarem com as canetas de feltro, pode por vezes limitar a criatividade das crianças, pois as vezes essas formas que eles desenharam ao utilizarem as canetas de feltro podem romper a folha e dessa forma ser limitativo. Então podem desenhar com as canetas e depois pintar com lápis de cor ou com lápis de cera. Algumas crianças que eu tive gostavam mesmo era de desenhar com lápis de carvão e não gostam de cor.

RM- Quem escolhe esses materiais?

EAA- Sempre gostei de dar alguma liberdade para eles escolherem os materiais.

RM- Na sua opinião, o suporte analógico, suporte em papel, potencializa o desenvolvimento das suas crianças?

EAA- Ajuda. O facto de o suporte ter um cheiro, uma textura, poder ser levado de um lado para o outro, de poder cair, ajuda a potencializar o desenvolvimento dos sentidos, pois podemos cheirar, apalpar, sentir esse suporte.

RM- Agora vou fazer-lhe algumas perguntas sobre a expressão gráfico com suporte digital. Costuma utilizar o computador na sua sala de atividades?

EAA- Sim.

RM- Com que finalidade, com qual objetivo?

EAA- Desenvolver a motricidade fina, habituarem-se ao movimento do rato e o desenvolvimento do oculo manual da relação do olho com a mão, tinha mais esse objetivo.

RM- As suas crianças costumam utilizar o computador?

EAA- Sim. E era muito criativo, pois eles diziam que iam desenhar um cão, só que depois como não manipulavam o rato como pensavam, então surgiam outros riscos, outras coisas, que deixavam de ser o animal e passavam a ser outra coisa. O que não deixa de ser criativo também no sentido de ver outras coisas, outras paisagens e imaginar outras coisas. O que mais gostavam era dos preenchimentos com a cor, isso até podia não ser tanto criativo, o desenho em si era mais criativo, mas eles gostavam muito.

RM- Com que frequência é que eles costumavam utilizar o computador?

EAA- Quando eu era educadora titular de um grupo, o computador era um cantinho como outro qualquer. No princípio, não era uma atividade tão rotineira, as vezes até era como um prémio. Quem já fez isto, quem se portou bem, quem não bateu tinha a primazia da escolha e era um cantinho que era utilizado todos os dias, um dia se as regras não fossem cumpridas podia fechar, mas era um cantinho utilizado todos os dias.

RM- Quais os programas que as crianças costumavam utilizar?

EAA- As vezes eu destinava que hoje só faziam desenho no computador e utilizavam o Paint, na altura que eu trabalhei não havia internet na escola, portanto não havia a utilização da internet. Depois havia outros dias que eram os jogos que eu achava que de acordo com o tema que se estava a desenvolver. O que se utilizava mais era o Paint com crianças de 5 anos, as vezes havia um pequenito que ia até lá e que as vezes também mexia no rato e era assim que se fazia a aprendizagem.

RM- Na sua opinião, o suporte digital potencializa o desenvolvimento das suas crianças?

EAA- Potencializa, como qualquer outra atividade. Agora não pode é uma criança estar horas no computador ou num tablet, ou seja, no que for.

RM- Na sua opinião, acha que as suas crianças quando desenham no computador o fazem de forma espontânea?

EAA- Não, eles espontaneamente querem o computador é para jogar. Já aconteceu uma criança dizer que quer fazer as letras do nome dele, mas o habitual é jogar.

RM- Na sua opinião, qual o motivo que pode levar as suas crianças a gostarem mais de desenhar no computador?

EAA- Também depende do conhecimento que cada criança tem acerca do computador, do desenho, das potencialidades que o computador oferece e estas crianças eu não acho que tenham esses conhecimentos, mas o fato de ser computador já é aliciante.

RM- Para terminar, na sua opinião, acha que estes dois recursos o analógico e o digital de trabalho resultam? E porquê?

EAA- Sim, resultam se forem os dois usados com alguma dosagem. Nem só um, nem só outro. Os dois se complementariam e desenvolvem características nas crianças de forma diferente.

Apêndice F- Transcrição integral da entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Apoio B

Entrevista semiestruturada realizada à Educadora de Apoio B

RM- Entrevistadora/ Investigadora / Rita Martins

EAB- Entrevistada / Educadora de apoio

RM- Bom dia Educadora

Antes de começar, quero agradecer-lhe o facto de poder, participar neste estudo, a nível pessoal, mas também com as suas crianças. Este relatório de estágio fala sobre a Expressão gráfica com suporte digital e analógico na Educação Pré-Escolar: Contributos para o desenvolvimento das competências gráficas e criativas. Com a aplicação desta investigação, comprometo-me a respeitar os princípios éticos da investigação, nomeadamente a confidencialidade e o anonimato.

RM- Idade

EAB- 57 anos

RM- Género

EAB- Feminino

RM- Habilitações literárias?

EAB- Licenciatura em Educação de Infância

RM- Tempo de serviço?

EAB- 31

RM- Há quantos anos trabalha nesta instituição?

EAB- Aqui nesta, 6 anos

RM- Na sua opinião, as TIC são uma mais-valia na educação pré-escolar?

EAB- Sim, são uma mais-valia. É preciso é ter condições para se trabalhar com elas, eu acho que essa é a parte que falha sempre

RM- Acha que as TIC podem ajudar a desenvolver competências e conhecimentos nas crianças?

EAB- Sim completamente, acho que sim.

RM- Na sua opinião, as TIC promovem o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem?

EAB- Ajuda nessa autonomia.

RM- Agora vou-lhe fazer algumas perguntas sobre a expressão gráfica com suporte analógico, o que pensa da expressão gráfica na educação de infância?

EAB- É uma das coisas prioritárias e mais importantes para as crianças, pois é através do desenho que ela está a fazer, que ela se exprime, que mostra o que gosta e não gosta ou dos sentimentos que tem em relação a determinadas situações e é uma forma de nós também conseguirmos perceber o que está bem ou mal com a criança. E além disso a nível da psicomotricidade fina é essencial como aprender a pegar num lápis e eu acho que a forma que ela tem de se expressar a todos os níveis é através do desenho.

RM- Quando elabora as planificações tem a preocupação de integrar o desenho como atividade?

EAB- Sempre.

RM- Recorre ao desenho como atividade orientada ou livre?

EAB- Das duas maneiras. Orientada no sentido de eles poderem mostrar os conhecimentos que tiveram por exemplo em relação a uma história, se entenderam as personagens que entravam na história, como foi o desenrolar dessa história, o que aconteceu, o que foi mais importante. Ou até sobre um passeio, o que eles mais gostaram dá perfeitamente para perceber através do desenho. O desenho livre também é extremamente importante para eles desenharem como as vezes lhes apetece, sem ser uma orientação. As vezes se o desenho for livre, eles começam a rabiscar e a riscar, é uma forma de se expressarem sem ter que ser como a professora pediu ou como a história que se contou. Eu penso que o desenho livre também é extremamente importante.

RM- Sente que as crianças se envolvem com as atividades relacionadas com o desenho?

EAB- Umhas mais do que outras, não são todas iguais, há aquelas que se calhar têm uma capacidade de representar / desenhar graficamente e para elas torna-se mais fácil, aqueles que não conseguem ainda muito bem, não querem, preferem fazer outra coisa.

RM- Com que frequência recorre ao desenho na sua sala de atividades?

EAB- Quase todos os dias

RM- Com que finalidade?

EAB- Estimular a nível da criatividade, imaginação a nível do controle manual.

RM- Na sua opinião, a expressão gráfica desenvolve a criatividade nas suas crianças? Porquê?

EAB- Ajuda a desenvolver a criatividade, não quer dizer que seja o básico, o essencial, mas ajuda bastante. Eles podem fazer um jogo de movimento para o ginásio e esse se calhar ajuda ainda mais a desenvolver a criatividade em relação ao que eles gostam e imaginam.

RM- Quais os suportes analógicos que costuma utilizar?

EAB- Para além do papel, outros tipos de papeis como o jornal, manteiga, cartolinas, folhas das arvores. Às vezes também podemos fazer uma base na mesa com plasticina, onde depois eles podem desenhar, areia.

RM- Quais os materiais que as suas crianças mais costumam utilizar?

EAB- Lápis de cor, canetas de feltro, aguarelas, guache, já fizemos com a couve, com ervas verdes, com alguns frutos também.

RM- Quem escolhe esses materiais? E de acordo com que critério?

EAB- Muitas vezes é o adulto que escolhe, mas se estiver com eles em grupo e se houver vários materiais, eles podem escolher qual querem para trabalhar, também pode ser assim, mas geralmente é sempre o adulto que tem alguma influência no material que tem ali na mesa ou que vai preparar para depois trabalhar com eles.

RM- E quando escolhe o material, escolhe aquele material porquê?

EAB- Pode ter a ver com o tema de trabalho que se está a ter, por exemplo, pode ter a ver com algo que as crianças falaram e que foi importante e para experimentar vamos lá então ver como se faz. Pode ter a ver com várias situações e não ser só orientado pela educadora.

RM- Na sua opinião, o suporte analógico potencializa o desenvolvimento das suas crianças?

EAB- Bastante

RM- Agora vou fazer-lhe algumas perguntas sobre a expressão gráfico com suporte digital. Costuma utilizar o computador na sua sala de atividades?

EAB- As vezes.

RM- Com que finalidade utilizavam o computador?

EAB- Muitas vezes é porque eles gostam de experimentar e ver que desenhos é que dá para fazer, como eles orientam o traço com o rato, outras vezes também tem a ver com o trabalho da cor. As cores que eles podem escolher, outras vezes é eles próprios experimentarem à vontade sem ser com uma orientação específica.

RM- As suas crianças costumam utilizar o computador?

EAB- Não, as vezes utilizam, mas é muito raro.

RM- E quando utilizam o computador é para fazer o quê?

EAB- Principalmente para fazerem alguns jogos.

RM- Qual a frequência com que o fazem? Porquê?

EAB- Muito pouco. O facto de estarmos três educadoras deveríamos gerir as coisas de forma diferente e era possível fazê-lo mais vezes, mas depois tem a ver com a orientação do trabalho por parte da educadora que está com eles.

RM- Quais os programas que as crianças costumam utilizar?

EAB- Programas de jogos

RM- Na sua opinião, o suporte digital potencializa o desenvolvimento das suas crianças?

EAB- Sim.

RM- Na sua opinião, acha que as suas crianças quando desenham no computador o fazem de forma espontânea?

EAB- ... (hesita), se calhar se experimentarem mais vezes e se utilizarem mais vezes o computador, são capazes de escolher fazer um desenho, mas isso só pode acontecer se eles utilizarem o computador mais vezes. Porque uma coisa é eles estarem a desenhar, outra coisa é estarem a fazer um jogo e um jogo eles até podem gostar durante uma semana, mas depois talvez eles se saturem enquanto no desenho não, eles podem desenhar, podem apagar, podem voltar a fazer e podem experimentar. De certeza que se eles utilizassem mais, o desenho passaria a ser a preferência deles.

RM- Na sua opinião, qual o motivo que pode levar as suas crianças a gostarem mais de desenhar no computador?

EAB- Porque se pode enviar por email para quem quiser; mas também a nível do pintar. É mais rápido e torna-se mais fácil para eles e vêm de uma forma diferente

aquilo que está a ser feito, não se cansam tanto por terem de estar ali a pintar com um lápis. Chegam e escolhem, mais grosso, mais fino e a beleza da cor também os atrai bastante, assim como as formas. E se não gostam podem apagar e fazer novamente e isso estimula-os muito.

RM- Para terminar, na sua opinião, acha que estes dois recursos de trabalho resultam? Porquê?

EAB- Eu acho que sim, não pode ser só o digital a ser prioritário em relação ao analógico pois ambos têm objetivos comuns, mas também objetivos muitos diferentes. Eles têm que se complementar e o analógico é extremamente importante para a criança em todos os aspetos.